

SÉRIE SOOKIE STACKHOUSE • LIVRO 6

CHARLAINE HARRIS

Definitivamente Morto

Charlaine Harris

Definitivamente Morto

Série Sookie Stackhouse – Livro 6

Formatação ePub de LeYtor

Obviamente este livro foi terminado antes do furacão Katrina atingir a Costa do Golfo.
Desde que a maior parte do enredo se passa em Nova Orleans, eu debati comigo mesma se devia deixar Definitivamente Morto como estava,
ou incluir a catástrofe de Agosto e Setembro.
Depois de pensar muito, já que a visita de Sookie acontece no começo da primavera desse ano,
decidi deixar o livro como foi escrito originalmente.

Meu coração vai para o povo da bela cidade de Nova Orleans e para todas as pessoas das áreas costeiras do Mississipi, minha terra natal.
Meus pensamentos e orações estarão com vocês enquanto reconstroem seus lares e vidas.

Meu obrigado a várias pessoas: a professora de Latim e filha de Jerrilyn Farmer; Toni L.P. Kelner e Steve Kelner, amigos e conselheiros; Ivan Van Laningham, que possui tanto conhecimento quanto opiniões a respeito de vários assuntos; Dra. Stacy Clanton, sobre quem eu posso dizer o mesmo; Alexandre Dumas, autor do fabuloso Os Três Mosqueteiros, que todo mundo devia ler; Anne Rice, por 'vampirizar' Nova Orleans; e ao leitor no Uncle Hugo's que adivinhou antes a trama deste livro... tiro o chapéu para todos vocês!

Capítulo 1

EU ESTAVA PENDURADA nos braços de um dos homens mais bonitos que já vi, e ele me encarava nos olhos.

— Pense em... Brad Pitt – sussurrei. Os olhos castanho-escuros ainda me olhavam com interesse remoto.

Okay, eu estava na trilha errada.

Recordei o último amante de Claude, um leão-de-chácara num clube de strip-tease.

— Pense em Charles Bronson – sugeri. – Ou, hmm, Edward James Olmos. – Fui recompensada com o início de um brilho quente nos olhos de pestanas longas.

Num instante, você pensaria que Claude levantaria minha longa saia farfalhante e arrancaria o corpete decotado para me atacar até que eu suplicasse por misericórdia. Infelizmente para mim – e para todas as outras mulheres da Louisiana – Claude jogava em outro time. Loiras peitudas não eram o ideal de Claude, mas sujeitos durões e másculos, com talvez um pouco de barba por fazer, eram quem acendiam seu fogo.

— Maria-Star, vá até lá e puxe aquela mecha de cabelo para trás – Alfred Cumberland orientou por trás da câmera.

O fotógrafo era um negro corpulento com cabelos e bigodes grisalhos. Maria-Star Cooper deu um ligeiro passo em frente à câmera para arrumar a mecha de meus longos cabelos louros. Eu estava inclinada contra o braço direito de Claude, minha mão esquerda invisível (para a câmera, de qualquer forma) desesperadamente agarrada à parte de trás de sua jaqueta preta, meu braço direito levantado para descansar gentilmente sobre seu ombro esquerdo. Sua mão esquerda estava em minha cintura. Acho que a pose devia sugerir que ele estava me deitando no chão para seguir adiante comigo.

Claude usava a jaqueta com calças pretas, meias brancas e uma camisa branca folgada. Eu estava usando um vestido azul longo com uma saia ampla e anáguas. Como já mencionei, o vestido era sumário na parte de cima, com mangas curtas abaixadas nos ombros. Estava contente pela temperatura no estúdio estar moderadamente quente. O refletor (que aos meus olhos parecia um satélite) não era tão quente quanto eu tinha esperado.

Al Cumberland fotografava enquanto Claude ardia em chamas comigo. Eu fiz meu melhor para retribuir. Minha vida pessoal vinha sendo, por assim dizer, árida nas últimas semanas, então eu estava mais do que pronta para arder. De fato, eu estava pronta para explodir em chamas.

Maria-Star, que tinha uma linda pele morena e cabelos escuros cacheados, estava de pé, pronta com um enorme estojo de maquiagem, pentes e escovas para fazer reparos de último minuto. Quando Claude e eu chegamos ao estúdio, fiquei surpresa ao

descobrir que conhecia a jovem assistente do fotógrafo. Não via Maria-Star desde que o líder do bando de Shreveport havia sido escolhido semanas atrás. Não tive muita oportunidade de vê-la, já que a competição para líder foi assustadora e sangrenta. Hoje, eu tive o prazer de ver que Maria,Star tinha se recuperado totalmente após ter sido atropelada por um carro em Janeiro último.

Lobisomens se curavam rápido.

Maria-Star me reconheceu também, e fiquei aliviada quando ela retribuiu meu sorriso. Minha situação com o bando de Shreveport era, no mínimo, incerta. Sem ter exatamente me oferecido, eu sem querer tive uma participação na desastrosa disputa para o emprego de líder do bando. O filho de um dos competidores, Alcide Herveaux, que eu achava ser talvez mais do que um amigo, sentiu que eu o deixei na mão durante a competição; o novo líder, Patrick Furnan, sabia que eu possuía laços com a família Herveaux. Fiquei surpresa quando Maria-Star bateu papo comigo enquanto abotoava meu vestido e escovava meus cabelos. Ela aplicou mais maquiagem do que já usei na vida, mas quando olhei no espelho, tive que agradecer. Eu estava ótima, embora não me parecesse com Sookie Stackhouse.

Se Claude não fosse gay, ele teria ficado impressionado também. Ele é irmão de minha amiga Claudine, e trabalha como stripper na noite das mulheres no Hooligan’s, um clube da qual agora é o dono. Claude é simplesmente de dar água na boca; um metro e oitenta de altura, cabelos pretos ondulados e grandes olhos castanhos, um nariz perfeito e lábios cheios. Ele mantém os cabelos

compridos para esconder as orelhas; elas foram cirurgicamente alteradas para parecerem arredondadas como orelhas humanas, não ponttdas como no original. Se você estiver por dentro do mundo sobrenatural, vai conseguir ver a cirurgia na orelha, e saberá que Claude é uma fada. Não estou usando o termo pejorativo para sua orientação sexual. Quero dizer literalmente; Claude é uma fada.

— Agora o ventilador – Al instruiu Maria-Star e, depois de um pequeno reposicionamento, ela ligou o aparelho. Agora parecíamos estar parados num vendaval. Meu cabelo esvoaçou numa cortina loira, embora o rabo de cavalo preso de Claude permanecesse no lugar. Depois de algumas fotos para capturar aquela pose, Maria-Star soltou os cabelos de Claude e os ajeitou em seu ombro, para que soprassem para frente e formassem um pano de fundo para seu perfil perfeito.

— Maravilhoso – disse Al, tirando mais uma foto. Maria-Star moveu a máquina algumas vezes, fazendo o vento soprar em direções diferentes.

Finalmente, Al disse que eu podia me levantar. Eu me endireitei agradecida.

— Espero não ter forçado muito o seu braço – falei para Claude, que parecia calmo e controlado novamente.

— Não, sem problema. Vocês têm suco de fruta por aqui? – ele perguntou a Maria-Star. Claude não era o Sr. Boas Maneiras.

A bela Lobi apontou para uma pequena geladeira no canto do estúdio.

— Os copos estão em cima – disse a Claude. Ela o seguiu com os olhos e suspirou. As mulheres frequentemente faziam isso depois de realmente conversarem com Claude. Era um suspiro de “que pena”.

Após verificar para ter certeza de que seu chefe ainda estava entretido com o equipamento, Maria-Star me deu um sorriso brilhante.

Mesmo ela sendo uma Lobi, o que fazia seus pensamentos serem difíceis de ler, eu estava notando o fato de que ela queria me dizer algo... e não tinha certeza de como eu ia reagir.

Telepatia não é divertida. Sua opinião sobre si mesmo sofre quando se sabe o que os outros pensam de você. E telepatia quase a impossibilita de sair com caras normais. Pense só (E lembre-se, eu vou saber – se você é ou não).

— Alcide passou por maus bocados desde que o pai foi derrotado – Maria-Star disse, mantendo a voz baixa.

Claude estava ocupado se examinando num espelho enquanto bebia seu suco. Al Cumberland atendera uma chamada no celular e se retirara para o escritório para conversar.

— Tenho certeza que sim – falei. Já que o oponente de Jackson Herveaux o matou, era esperado que o filho de Jackson estivesse em seus altos e baixos. – Mandei um memorial para o ASPCA, e sei

que eles vão informar Alcide e Janice – respondi (Janice era a irmã mais nova de Alcide, o que a fazia uma não-Lobi. Me perguntei como Alcide explicou a morte do pai para a irmã). Em reconhecimento, recebi um cartão impresso de agradecimento, do tipo que se ganha em funerais caseiros, sem nenhuma nota pessoal escrita.

— Bom... – ela parecia incapaz de botar para fora o que quer que estivesse preso em sua garganta. Eu estava recebendo um brilho fugaz do teor. A dor me atravessou como uma faca, então a reprimi e me revesti de orgulho. Aprendi a fazer tudo isso muito cedo na vida.

Peguei um álbum de amostras do trabalho de Alfred e comecei a folheá-lo, mal olhando para as fotografias de noivas e noivos, bar mitzvahs, primeiras comunhões, bodas de casamento. Fechei o álbum e larguei-o. Eu estava tentando parecer casual, mas não acho que funcionou.

Com um brilhante sorriso que ecoava a expressão de Maria-Star, falei: — Alcide e eu não formávamos um casal de verdade, você sabe. – Posso ter tido desejos e esperanças, mas eles nunca tiveram chance de se realizar. O momento nunca pareceu apropriado.

Os olhos de Maria-Star, bem mais claros do que os de Claude, arregalaram-se de espanto. Ou era medo?

— Ouvi dizer que você conseguia fazer isso – ela disse. – Mas é difícil de acreditar.

— É – respondi fracamente. – Bem, fico feliz por você e Alcide estarem saindo e eu não tenho o direito de me importar, se for o caso. E não me importo. – Aquilo saiu meio distorcido (e não era completamente verdade), mas acho que Maria-Star entendeu a intenção: salvar meu orgulho.

Quando não tive notícias de Alcide nas semanas após a morte do pai, eu soube que quaisquer sentimentos que ele nutrisse por mim haviam se apagado. Foi um golpe, mas não fatal. Realisticamente, não esperei nada por parte de Alcide. Mas, maldição, eu gostava dele e é sempre doloroso quando se descobre que você foi substituída com aparente facilidade.

Afinal, antes da morte do pai, Alcide sugerira que fôssemos morar juntos.

Agora ele estava transando com esta jovem Lobi, talvez planejando ter filhotes com ela.

Reprimi aquela linha de pensamento imediatamente. Que vergonha!

Não havia necessidade de agir como uma cadela (o que, pensando bem, Maria-Star de fato era, pelo menos três noites por mês).

Dupla vergonha.

— Espero que sejam felizes – falei.

Sem palavras ela me passou outro álbum, apenas com “OLHOS”

estampado. Quando abri, eu percebi que os Olhos eram sobrenaturais. Eram fotografias de cerimônias que humanos nunca veriam... um casal vampiro vestido em trajes elaborados, posando diante de um Ankh gigante; um rapaz se transformando num urso, provavelmente pela primeira vez; a imagem de uma matilha de Lobis com todos os seus membros em forma de lobo. Al Cumberland, fotógrafo do estranho. Não era de se admirar que tivesse sido a primeira escolha de Claude para suas fotografias, que ele esperava o lançariam numa carreira de modelo.

— Próxima tomada – gritou Al, enquanto se lançava para fora do escritório, desligando o telefone. – Maria-Star, nós acabamos de ser agendados para um duplo casamento perto da propriedade da Srta.

Stackhouse. – Imaginei se ele foi contratado para um trabalho humano normal ou um evento sobrenatural, mas seria indelicado perguntar.

Claude e eu voltamos ao trabalho novamente. Seguindo as instruções de Al, eu puxei a saia para mostrar as pernas. Na época que meu vestido representava, eu não acho que as mulheres se bronzeavam ou raspavam as pernas, e eu era morena e macia como bunda de nenê. Mas e daí? Os caras provavelmente não andavam por aí com suas camisas desabotoadas também.

— Levante sua perna como se fosse envolvê-lo com ela – Alfred instruiu. – Agora, Claude, esta é sua chance de brilhar. Aja como se fosse arrancar suas calças a qualquer instante. Queremos que as leitoras ofeguem quando olharem para você!

O álbum de fotografias de Claude seria usado quando ele entrasse no concurso de Sr. Romance, organizado todo ano pela revista Romantic Times Bookclub.

Quando ele compartilhou sua ambição com Al (soube que eles se conheceram numa festa), Al aconselhou Claude a tirar algumas fotos com o tipo de mulher que frequentemente aparecia nas capas dos romances; disse que a aparência morena de Claude contrastaria melhor com uma loira de olhos azuis. Acontece que eu era a única loira peituda conhecida de Claude que estava disposta a fazer o trabalho de graça. Claro, Claude conhecia algumas strippers que fariam isso, mas elas esperavam ser pagas. Com sua diplomacia habitual, Claude me contou isso quando estávamos a caminho do estúdio fotográfico. Ele poderia ter guardado aqueles detalhes para si mesmo, o que me faria sentir melhor por ajudar o irmão de minha amiga— mas era bem típico de Claude compartilhar.

— Okay, Claude, agora tire a camisa – disse Alfred.

Claude estava acostumado com o fato de pedirem que tirasse suas roupas. Ele tinha peito largo, sem pelos, com uma musculatura imponente, então parecia ótimo de fato sem camisa. Eu não me impressionei. Talvez estivesse ficando imune.

— Saia, perna – Alfred me lembrou, e eu disse a mim mesma que aquilo era apenas um trabalho. Al e Maria-Star certamente eram profissionais e impessoais, e seria impossível se sentir afetada por Claude.

Mas eu não estava acostumada a levantar minha saia na frente das pessoas, e parecia bem pessoal para mim. Embora eu mostrasse as pernas quando usava shorts e nunca tivesse ficado embaraçada por isso, de algum modo aquela levantada estava carregada com um pouquinho mais de sexualidade.

Apertei os dentes e levantei o tecido, arrumando de vez em quando para que ficasse no lugar.

— Srta. Stackhouse, você tem que parecer estar desfrutando disso – respondeu Al. Ele me perscrutou por cima da câmera, a testa enrugada de um modo definitivamente infeliz.

Tentei não ficar aborrecida. Eu disse a Claude que lhe faria um favor, e favores deviam ser feitos com boa vontade. Levantei a perna para que minha coxa se alinhasse com o chão, e ajeitei os pés descalços no que eu esperava que fosse uma posição elegante. Coloquei ambas as mãos sobre os ombros nus de Claude e o encarei. A pele dele era quente e macia ao toque— nada erótico ou insinuante.

— Você parece entediada, Srta. Stackhouse – Alfred disse. – Deve parecer que quer devorá-lo. Maria-Star, faça-a parecer mais... mais.

Maria se aproximou rapidamente para abaixar as pequenas mangas bufantes do vestido. Ela se entusiasmou um pouco demais e eu fiquei feliz pelo corpete ser apertado. A questão era que Claude podia parecer lindo e nu o dia todo e, ainda assim, eu não o desejaria. Ele era rabugento e tinha péssimas maneiras. Mesmo se fosse hetero, não seria a manteiga do meu pão— após dez minutos de conversa.

Assim como Claude fez antes, eu tive que recorrer à fantasia.

Pensei no Vampiro Bill, meu primeiro amor em todos os sentidos.

Mas ao invés de luxúria, senti raiva. Bill estava saindo com outra mulher há várias semanas.

Certo, que tal Eric, chefe de Bill e antigo Viking? Eric o vampiro compartilhou de minha casa e minha cama por alguns dias em janeiro. Não, aquilo significava perigo. Eric conhecia um segredo que eu queria manter escondido pelo resto da vida; mas, desde que teve amnésia quando ficou em minha casa, ele não tinha consciência de que isso estava em algum lugar de sua memória.

Alguns outros rostos surgiram em minha mente— meu chefe, Sam Merlotte, dono do Bar Merlotte's. Não, de jeito nenhum, pensar em seu chefe pelado é ruim. Certo, Alcide Herveaux? Nem pensar, isso era um sinal de pare, especialmente agora que eu estava na companhia de sua atual namorada... Okay, meu material de fantasia já tinha acabado e eu teria que recorrer aos velhos favoritos da ficção. Mas estrelas de cinema pareciam sem graça se comparados

ao mundo sobrenatural que conheci desde que Bill entrou no Merlotte's.

A última experiência remotamente erótica que tive, francamente esquisita, envolvia minha perna sangrando sendo lambida. Aquilo foi...

inquietante. Mas mesmo sob essas circunstâncias, fez algo bem lá no fundo reagir. Lembrei de como a cabeça calva de Quinn se moveu enquanto ele limpava o arranhão de um modo bem pessoal, o aperto firme dos dedos grandes e quentes em minha perna...

— É isso aí – disse Alfred, começando a tirar as fotos. Claude colocou a mão sobre minha coxa quando sentiu meus músculos começarem a tremer pelo esforço de manter a pose. Mais uma vez, um homem havia tomado posse de minha perna. Claude apertou minha coxa o suficiente para dar algum apoio. Aquilo ajudou consideravelmente, mas não era nem um pouco erótico.

— Agora algumas poses na cama – Al disse, justo quando eu decidi que não conseguiria agüentar mais.

— Não – Claude e eu respondemos juntos.

— Mas é parte do pacote – falou Al. – Não precisam se despir, sabe.

Eu não faço esse tipo de foto. Minha mulher me mataria. Vocês só se deitam na cama como estão. Claude se apóia num cotovelo e olha para você, Srta. Stackhouse.

— Não – respondi com firmeza. – Tire algumas fotos dele sozinho de pé na água. Seria melhor.

Havia uma fonte falsa num canto e fotos de Claude, aparentemente nu e com água pingando do peito, seriam extremamente atraentes (para qualquer mulher que não o conhecesse de fato).

— O que você acha, Claude? – Al perguntou.

O narcisismo de Claude falou mais alto.

— Acho que seria ótimo, Al – disse, tentando não soar entusiasmado demais. Corri para o vestiário, louca para arrancar o traje e vestir meus velhos jeans. Procurei um relógio. Eu estava escalada para trabalhar às cinco e meia e tinha que dirigir de volta para Bon Temps a fim de pegar meu uniforme antes de ir para o Merlotte's.

— Obrigado, Sookie – Claude gritou.

— Certo, Claude. Boa sorte com o contrato de modelo. – Mas ele já estava se admirando no espelho.

Maria-Star me viu saindo.

— Tchau, Sookie. Foi bom vê-la novamente.

— Você também – menti. Mesmo através da mente caótica e enevoada de uma Lobi, podia ver que Maria-Star não entendia por que eu desistiria de Alcide. Afinal, o Lobi era bonitão de um modo

rústico, uma companhia divertida, e um heterossexual convicto de sangue quente. Além disso, agora ele possuía sua própria empresa de vistoria e era bem sucedido pelos próprios méritos.

A resposta pipocou em minha cabeça e eu falei sem pensar.

— Alguém ainda está procurando por Debbie Pelt? – perguntei, do mesmo modo como se cutuca um dente cariado. Debbie foi namorada de altos e baixos de Alcide por um longo tempo. De mão cheia.

— Não as mesmas pessoas – respondeu Maria-Star. Sua expressão se anuviou. Maria-Star não gostava de pensar em Debbie tanto quanto eu, embora sem dúvida fosse por razões diferentes. – Os detetives que a família Pelt contratou desistiram, disseram que estariam roubando da família se continuassem. Foi o que eu ouvi. A polícia não afirmou exatamente, mas chegaram a um beco sem saída também. Eu encontrei os Pelts só uma vez, quando vieram a Shreveport logo depois que Debbie desapareceu. É um casal bem selvagem.

Pisquei. Aquela era uma afirmação bem drástica, vinda de uma Lobi.

— Sandra, a filha deles, é a pior. Ela era louca por Debbie e, pelo bem dela, ainda estão consultando pessoal, gente de fora. Quanto a mim, acho que Debbie foi seqüestrada. Ou talvez tenha se matado. Quando Alcide a renegou, talvez tenha perdido a cabeça.

— Talvez – murmurei, sem convicção.

— Ele está melhor sem ela. Espero que continue desaparecida – disse Maria-Star.

Minha opinião teria sido igual, mas ao contrário de Maria-Star, eu sabia exatamente o que havia acontecido com Debbie; foi a razão para que eu e Alcide nos separássemos.

— Espero que ele nunca mais a veja de novo – Maria-Star disse, o rosto bonito e sombrio mostrando um pouco de seu próprio lado selvagem.

Alcide podia estar saindo com Maria-Star, mas não confiava nela totalmente. Ele sabia com certeza que nunca mais veria Debbie novamente.

E aquilo era culpa minha, certo?

Eu a matei a tiros.

Eu meio que fiquei em paz com o ato, mas a verdade nua e crua continuava surgindo de volta. Não há como você matar alguém e conseguir sair da experiência sem mudar. As conseqü.ncias alteram sua vida.

Dois padres entram num bar.

Soa como a abertura de um milhão de piadas. Mas estes padres não têm um canguru com eles, e não há um rabino sentado no bar, tampouco uma loura. Já vi um bocado de louras, um canguru no zoológico e nenhum rabino. Mas já vi estes dois padres várias

vezes antes. Eles têm um compromisso marcado para jantarem juntos toda semana.

Padre Dan Riordan, barbeado e corado, era o padre católico que vinha à pequena igreja de Bon Temps uma vez por semana aos sábados para celebrar a missa, e Padre Kempton Littrell, pálido e barbudo, era o padre episcopal que ministrava a Sagrada Eucaristia na minúscula igreja episcopal em Clarice a cada duas semanas.

— Olá, Sookie – Padre Riordan disse. Ele era irlandês; irlandês de verdade, não apenas um descendente. Eu adorava ouvi-lo falar. Ele usava óculos de lentes grossas e aros pretos e estava na casa dos quarenta.

— Boa noite, Padre. E olá, Padre Littrell. O que posso servir para vocês?

— Eu gostaria de um scotch com gelo, Srta. Sookie. E você, Kempton?

— Ah, eu só quero uma cerveja. E uma cesta de tiras de frango, por favor. – O sacerdote episcopal usava óculos de aros dourados e era mais jovem que o Padre Riordan. Ele possuía um coração consciencioso.

— Claro. – Eu sorri para os dois. Já que conseguia ouvir seus pensamentos, eu sabia que ambos eram genuinamente bons homens e aquilo me deixava feliz. É sempre desconcertante ouvir o teor da mente dos sacerdotes e descobrir que não são melhores que você, não só isso, eles não estão tentando ser.

Como já estava escuro lá fora, eu não fiquei surpresa quando Bill Compton entrou. Não podia dizer o mesmo quanto aos padres. As igrejas da América ainda não aceitavam a realidade dos vampiros. Chamar suas políticas de confusas era o mínimo. A Igreja Católica estava, nesse momento, realizando uma convocação para decidir se a igreja declararia todos os vampiros condenados e um anátema aos católicos, ou os aceitaria no rebanho como potenciais convertidos. A Igreja Episcopal votara contra aceitar vampiros como sacerdotes, embora eles pudessem fazer a comunhão— mas uma fatia substancial do clero dissera que isto aconteceria sobre seus cadáveres. Infelizmente, a maioria deles não compreendia o quanto isso era possível.

Ambos os padres observaram descontentes enquanto Bill me dava um rápido beijo no rosto e sentava-se em sua mesa favorita. Bill mal lhes lançou um olhar, mas desdobrou seu jornal e começou a ler. Ele sempre parecia sério, como se estivesse estudando as páginas financeiras ou notícias do Iraque; mas eu sabia que ele lia a coluna de aconselhamento primeiro e então os quadrinhos, apesar de frequentemente não entender as piadas. Bill estava sozinho, o que era uma boa mudança. Normalmente ele trazia a adorável Selah Pumphrey. Eu a detestava. Já que Bill foi meu primeiro amor e o primeiro amante, talvez nunca o superasse por completo.

Talvez ele não quisesse que eu fizesse isso. Ele parecia arrastar Selah para o Merlotte’s a cada encontro que tinham. Eu imaginava que ele estava a esfregando em minha cara. Não é exatamente o que alguém faz se não se importa mais, não é?

Sem ele ter que pedir, levei sua bebida favorita, TrueBlood tipo O.

Coloquei-a habilmente na frente dele sobre um guardanapo e me virei para deixá-lo quando uma mão fria tocou meu braço. Seu toque sempre me afetava; talvez sempre fosse assim. Bill sempre deixou claro que eu o excitava e, após uma vida toda sem relacionamentos ou sexo, comecei a me orgulhar quando ele mostrava que me considerava atraente. Outros homens começaram a olhar para mim como se eu tivesse me tornado mais interessante também. Agora eu sabia por que as pessoas pensavam tanto em sexo; Bill me dera uma educação esmerada.

— Sookie, fique um instante. – Encarei os olhos castanhos, que pareciam ainda mais escuros no rosto branco de Bill. Seus cabelos eram castanhos também, macios e lustrosos. Ele era esbelto e tinha ombros largos, os braços duros musculosos, como os do fazendeiro que foi. – Como tem passado?

— Estou bem – respondi, tentando não soar surpresa. Não era sempre que Bill passava o tempo batendo papo; aquele não era seu ponto forte. Mesmo quando fomos um casal, ele não era o que se chamaria de conversador. E até um vampiro pode ser um workaholic; Bill tornara-se um aficionado por computador. – As coisas estão bem para você?

— Sim. Quando você vai à Nova Orleans para reclamar sua herança?

Agora eu fiquei realmente atordoada (Isso é possível porque eu não consigo ler a mente dos vampiros. É por isso que gosto tanto deles. É maravilhoso estar com alguém que é um mistério para mim). Minha prima foi assassinada há quase seis semanas atrás em Nova Orleans, e Bill estava comigo quando o emissário da Rainha da Louisiana veio me contar... e entregar o assassino para que eu o julgasse.

— Acho que vou ver o apartamento de Hadley talvez no mês que vem. Ainda não falei com Sam sobre tirar alguns dias de licença.

— Sinto muito que tenha perdido sua prima. Você está de luto?

Eu não via Hadley há anos e teria sido mais estranho ainda vê-la depois que se tornou uma vampira. Mas sendo uma pessoa com poucos relacionamentos vivos, eu detestava perder mesmo um.

— Um pouco – respondi.

— Você não sabe quando pode ir?

— Eu não decidi. Lembra-se do advogado dela, Sr. Cataliades? Ele disse que me contaria quando o testamento fosse lido. Ele prometeu manter o lugar intacto para mim e, quando o conselheiro da rainha lhe diz que o lugar ficará intacto, você tem que acreditar que permanecerá intocado. Eu realmente não estou muito interessada, para dizer a verdade.

— Eu posso ir com você quando for à Nova Orleans, se não se importar de ter uma companhia para a viagem.

— Céus – falei, com um traço de sarcasmo. – Selah não vai se importar? Ou você vai trazê-la também?

Aquela seria uma viagem alegre.

— Não. – E ele se fechou. Não se conseguia arrancar nada de Bill quando ele fechava a boca daquele jeito, eu sabia por experiência. Tudo bem, me chame de confusa.

— Eu te aviso – respondi, tentando entendê-lo. Embora fosse doloroso estar na companhia de Bill, eu confiava nele. Bill nunca me causaria dano. E não deixaria ninguém fazer isso tampouco. Mas existe mais de um tipo de dano.

— Sookie – Padre Littrell me chamou e eu corri para atendê-lo.

Olhei para trás e vi Bill sorrindo, um pequeno sorriso com um bocado de satisfação por trás. Eu não tinha certeza do que aquilo significava, mas gostava de ver Bill sorrir. Talvez estivesse esperançoso em reviver nosso relacionamento?

— Não tínhamos certeza se você queria ser interrompida ou não – disse Padre Littrell. Eu olhei para ele confusa.

— Ficamos um pouco preocupados ao vê-la socializando com o vampiro por tanto tempo e tão decididamente – disse Padre Riordan. – O filho do inferno estava tentando enfeitiçá-la? – De repente, o sotaque irlandês não soou nem um pouco charmoso. Olhei para o Padre Riordan zombeteiramente.

— Está brincando, certo? Você sabe que Bill e eu namoramos por um bom tempo. Obviamente, você não sabe muito a respeito de filhos do inferno se acredita que Bill se parece com um – Eu tinha visto coisas muito mais sombrias do que Bill em nossa tranqüila cidade de Bon Temps.

Algumas delas foram humanas. – Padre Riordan, eu entendo minha própria vida. Eu entendo a natureza dos vampiros melhor do que você jamais o fará.

Padre Littrell, – falei. – o senhor quer mostarda de mel ou ketchup com suas tiras de frango?

O Padre Littrell escolheu mostarda com uma expressão aturdida. Eu me afastei, tentando desanuviar o pequeno incidente, imaginando o que os dois padres fariam se soubessem o que aconteceu neste bar há alguns meses atrás, quando a clientela se juntou para me livrar de alguém que estava tentando me matar. Já que esse alguém foi um vampiro, eles provavelmente aprovariam.

Antes de ir embora, Padre Riordan aproximou-se para “ter uma palavra” comigo.

— Sookie, eu sei que você não está muito feliz comigo no momento, mas preciso lhe pedir algo em nome de alguém. Se a deixei menos disposta a ouvir por causa de meu comportamento, por favor, ignore isso e dê a essas pessoas a mesma consideração que lhe seria dada.

Suspirei. Pelo menos o Padre Riordan tentava ser um bom homem.

Assenti relutantemente.

— Boa garota. Uma família em Jackson me contatou...

Todos os meus alarmes começaram a soar. Debbie Pelt era de Jackson.

— A família Pelt, sei que já ouviu falar deles. Ainda estão buscando notícias da filha que desapareceu em janeiro. Debbie era o nome dela. Eles me ligaram porque o padre deles me conhece, sabe que eu sirvo a congregação de Bon Temps. Os Pelts gostariam de vê-la, Sookie. Eles querem conversar com todos que viram a filha deles na noite em que desapareceu e temem que, se aparecerem em sua porta, você pode não querer vê-los. Temem que esteja zangada porque os detetives particulares que contrataram a entrevistaram, a polícia falou com você, e talvez você possa estar indignada a respeito de tudo isso.

— Eu não quero vê-los – respondi. – Padre Riordan, eu contei tudo que sabia – Isso era verdade. Só não contei à polícia ou aos Pelts. – Não quero mais falar a respeito de Debbie. – Isso também era verdade, realmente verdade. – Diga-lhes que, com todo respeito, não há mais nada a contar.

— Farei isso – ele respondeu. – Mas eu tenho que dizer, Sookie, estou desapontado.

— Bem, acho que foi uma noite ruim, afinal – falei. – Perder sua boa opinião e tudo mais.

Ele partiu sem outra palavra, o que era exatamente o que eu queria.

Capítulo 2

ESTAVA QUASE NA HORA de fechar, na noite seguinte, quando outra coisa estranha aconteceu. Assim que Sam nos deu o sinal para começar a dizer aos clientes que aquele seria o último drinque, alguém que achei que nunca mais veria de novo entrou no Merlotte's.

Ele se movia silenciosamente para um homem tão grande. Parou na entrada, procurando por uma mesa livre, e eu o notei porque o rápido brilho da lâmpada fraca no balcão reluziu em sua cabeça raspada. Ele era bem alto, robusto, com um nariz orgulhoso e grandes dentes brancos. Tinha lábios cheios e pele cor de oliva, e vestia uma espécie de jaqueta esporte acobreada sobre a camisa preta e calça social. Ele teria parecido mais natural com botas de motoqueiro, mas usava mocassins polidos.

— Quinn – disse Sam, discretamente. Suas mãos se imobilizaram, embora estivesse no meio do processo de misturar um Tom Collins. – O que ele está fazendo aqui?

— Eu não sabia que você o conhecia – falei, sentindo meu rosto corar ao perceber que estive pensando naquele homem careca justo no dia anterior. Foi ele quem limpou o sangue de minha perna com a língua— uma experiência interessante.

— Todos em meu mundo conhecem Quinn – disse Sam, o rosto neutro. – Mas estou surpreso que você o conheça, já que não é uma

metamorfa. – Ao contrário de Quinn, Sam não era um homem grande; mas era bem forte, como metamorfos tendem a ser, e os cabelos encaracolados vermelho-dourados emolduravam sua cabeça de um modo angelical.

— Eu encontrei Quinn na disputa para líder de bando – falei. – Ele era o, hã, mestre de cerimônias.

Naturalmente, Sam e eu conversamos sobre a troca de liderança no bando de Shreveport. A cidade não era tão longe de Bon Temps e o que os Lobis faziam era bem importante, se você fosse algum tipo de metamorfo.

Um verdadeiro metamorfo, como Sam, pode se transformar em qualquer coisa, embora cada metamorfo tenha um animal favorito. E para confundir a questão, todos aqueles que podem se transformar de humano para animal se chamam metamorfos, apesar de poucos possuírem a versatilidade de Sam. Metamorfos que podem se transformar em apenas um animal são lobi-animais: lobi-tigres (como Quinn), lobi-ursos, lobisomens.

Os lobos são os únicos que se chamam simplesmente de Lobis, e se consideram superiores em coragem e cultura a qualquer outro metamorfo.

Lobis também são o mais numeroso subgrupo de metamorfos embora, se comparados ao total da população vampira, possa haver bem pouco deles. Existem várias razões para isso. A taxa de natalidade dos Lobis é baixa, a mortalidade infantil é maior do que da população humana em geral, e somente o primeiro recém-

nascido de um casal de Lobis puros torna-se um verdadeiro Lobi. Isso acontece durante a adolescência— como se a adolescência já não fosse ruim o bastante.

Metamorfos são muito discretos. É um hábito difícil de quebrar, mesmo perto de uma humana solidária e estranha como eu. Os metamorfos não vieram a público ainda, e eu estou aprendendo a respeito do mundo deles pouco a pouco. Até Sam possui vários segredos que desconheço, e eu o considero um amigo. Sam se transforma num collie e frequentemente me visita nessa forma (às vezes, ele dorme no tapete ao lado de minha cama).

Eu tinha visto Quinn apenas em sua forma humana. Não mencionei Quinn quando contei a Sam sobre a luta entre Jackson Herveaux e Patrick Furnan pela liderança do bando de Shreveport. Sam estava franzindo o cenho para mim agora, descontente por eu ter ocultado o fato, mas não fiz de propósito. Olhei para Quinn. Ele levantou o nariz um pouquinho. Estava experimentando o ar, seguindo um cheiro. Quem ele estava rastreando?

Quando Quinn infalivelmente foi para uma mesa em minha seção, apesar das várias mesas próximas e vazias na seção onde Arlene trabalhava, eu soube que ele estava rastreando a mim.

Certo, sentimentos contraditórios a respeito.

Olhei furtivamente para Sam para ver a reação dele. Confiava nele há cinco anos agora, e ele nunca me deixou na mão.

Agora Sam assentiu para mim. Mas ele não parecia feliz. — Vá ver o que ele quer – disse, a voz tão baixa que era quase um resmungo.

Fiquei cada vez mais nervosa ao me aproximar do novo freguês.

Podia sentir minhas bochechas avermelhando. Por que eu estava ficando tão atrapalhada?

— Olá, Sr. Quinn – falei. Seria estúpido fingir que não o reconheci. – Em que posso servi-lo? Receio que estejamos prestes a fechar, mas tenho tempo para lhe servir uma cerveja ou um drinque.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, como se estivesse me inalando.

— Eu a reconheceria num quarto escuro – disse, sorrindo para mim.

Era um sorriso largo e bonito. Desviei o olhar em outra direção, reprimindo o sorriso involuntário que se formou em meus lábios. Eu estava agindo meio... timidamente.

Nunca fui tímida. Ou talvez acanhada seja um termo melhor, e era um do qual não gostava.

— Acho que devia agradecer – arrisquei cautelosamente. – É um elogio?

— Pretendia ser. Quem é o cachorro atrás do balcão que está me lançando um olhar de “se afaste”? – Ele quis dizer cachorro literalmente, não de forma pejorativa.

— É meu chefe, Sam Merlotte.

— Ele está interessado em você.

— Imagino que sim. Trabalho com ele há cinco anos.

— Hmmm. Que tal uma cerveja?

— Claro. Que tipo?

— Bud.

— É pra já – disse e me virei. Eu sabia que ele ficou me observando ir até o balcão porque podia sentir seu olhar. E sabia, por sua mente, embora fosse a mente quase resguardada de um metamorfo, que ele me observava com admiração.

— O que ele quer? – Sam parecia quase... eriçado. Se ele estivesse na forma de cachorro, os pelos de suas costas estariam de pé.

— Uma Bud – respondi.

Sam me lançou um olhar carrancudo. — Não foi o que eu quis dizer, e você sabe disso.

Dei de ombros. Eu não tinha ideia do que Quinn queria.

Sam depositou a caneca cheia sobre o balcão quase em cima dos meus dedos, me fazendo pular. Lancei-lhe um olhar fixo para ter certeza de que ele notara meu desagrado e então levei a cerveja para Quinn. Quinn me deu o valor da cerveja e uma boa gorjeta— não ridiculamente grande, o que faria me sentir comprada— que guardei no bolso. Comecei a fazer as rondas de minhas outras mesas.

— Está visitando alguém nessa área? – perguntei a Quinn ao passar por ele, depois de limpar outra mesa. A maioria dos clientes estava pagando a conta e saindo do Merlotte's. Existia outro bar distante que ficava aberto até mais tarde e Sam fingia não saber a respeito, mas os fregueses regulares iam para casa e direto para a cama. Se um bar podia ser do tipo familiar, o Merlotte's era um.

— Sim – ele disse. – Você.

Aquilo me deixou sem saída em termos de conversa. Continuei em frente, descarregando os copos de minha bandeja tão distraidamente que quase derrubei um. Não conseguia lembrar da ultima vez em que me senti tão atrapalhada.

— Negócios ou pessoal? – perguntei, na vez seguinte.

— Ambos – ele respondeu.

Um pouco do prazer desapareceu quando ouvi a parte sobre negócios, mas chamou minha atenção... o que era uma coisa boa. Era necessário ter todos os sentidos aguçados quando se lidava com os sobres. Seres sobrenaturais possuíam metas e desejos que

pessoas normais não compreendiam. Eu sabia disso, já que vinha sendo o repositório humano relutante das metas e desejos de pessoas “normais” durante a vida toda.

Quando Quinn se tornou uma das poucas pessoas no bar— além das outras garçonetes e Sam— ele se levantou e me fitou em expectativa. Eu me aproximei, sorrindo brilhantemente, o que faço quando estou tensa. Fiquei interessada ao descobrir que Quinn estava quase tão nervoso quanto eu.

Pude sentir a tensão em seu padrão cerebral.

— Te vejo em sua casa, se você concordar – Ele me fitou sério. – Se isso a deixa nervosa, podemos nos encontrar em outro lugar. Mas quero falar com você esta noite, a menos que esteja exausta.

Aquela foi uma colocação suficientemente educada. Arlene e Danielle tentavam arduamente não encarar— bom, elas tentavam encarar quando Quinn não estava olhando— mas Sam virou as costas para fuçar algo atrás do balcão, ignorando o outro metamorfo. Ele estava se comportando muito mal.

Rapidamente, processei o pedido de Quinn. Se ele viesse até a minha casa, eu estaria à sua mercê. Eu morava num lugar isolado. O vizinho mais próximo era meu ex, Bill, e ele morava do outro lado do cemitério. Por outro lado, se Quinn e eu estivéssemos nos encontrando regularmente, eu o teria levado para minha casa sem pensar duas vezes. Pelo que podia perceber de seus pensamentos, ele não desejava me fazer mal.

— Tudo bem – respondi finalmente. Ele relaxou e deu seu enorme sorriso novamente.

Levei seu copo vazio embora e tomei consciência de que três pares de olhos me observavam desaprovadoramente. Sam estava descontente, e Danielle e Arlene não conseguiam entender por que alguém iria preferir a mim ao invés delas, apesar de Quinn ter lançado um olhar experiente para as duas garçonetes. Quinn soltou um resmungo de indiferença que seria óbvio até para a humana mais simplória.

— Acabo em um minuto – falei.

— Sem pressa.

Terminei de encher as pequenas vasilhas de porcelana em cada mesa com pacotes de açúcar e adoçante. Certifiquei-me de que os portaguardanapos estavam cheios e verifiquei os saleiros e pimenteiras. Acabei rápido. Peguei minha bolsa no escritório de Sam e gritei-lhe uma despedida.

Quinn embarcou numa picape verde-escura para me seguir. Sob as luzes do estacionamento, a picape parecia novinha em folha, com pneus e calotas brilhantes, cabine estendida e traseira coberta. Eu apostaria um bom dinheiro que ela era cheia de opcionais. A picape de Quinn era o veículo mais luxuoso que já vi há tempos.

Meu irmão, Jason, teria babado; e ele tinha ondas pink com azulmarinho pintadas na lateral da própria caminhonete. Dirigi em direção sul pela Rodovia Hummingbird e virei à esquerda em minha

entrada. Após seguir a estrada por dois acres de floresta, alcancei a clareira onde ficava nossa velha casa de família. Eu tinha deixado as luzes de fora acesas antes de sair, e havia uma lâmpada de segurança no poste elétrico que era automático, então o local estava bem iluminado. Estacionei nos fundos da casa e Quinn parou o carro bem ao meu lado.

Ele saiu da picape e olhou ao redor. A luz de segurança mostrou-lhe um quintal limpo. A garagem estava em excelentes condições e eu tinha pintado recentemente o galpão de ferramentas nos fundos. Havia um tanque de propano que nenhum paisagismo podia disfarçar, mas minha avó tinha plantado alguns vasos de flores para acrescentar aos que minha família cultivou durante os cento e cinqüenta anos estabelecidos ali.

Eu morava naquele terreno, nesta casa, desde os sete anos e adorava.

Não existe nada de especial a respeito de meu lar. Começou como uma fazenda de família e foi alargada e remodelada ao longo dos anos. Eu a deixava limpa e tentava manter o quintal aparado. Grandes reparos estavam além de minhas habilidades, mas Jason me ajudava de vez em quando. Ele não ficou feliz quando Vovó me deixou a casa e o terreno, mas se mudou para a casa de nossos pais quando completou 21 anos, e eu nunca o cobrei pela minha metade daquela propriedade. O testamento de Vovó pareceu justo para mim. Levou um tempo para Jason admitir que ela fizera a coisa certa.

Nos tornamos próximos nos últimos meses.

Destranquei a porta dos fundos e levei Quinn até a cozinha. Ele olhou ao redor curiosamente enquanto eu pendurava minha jaqueta numa das cadeiras sob a mesa no meio da cozinha onde fazia todas as minhas refeições.

— Isso não está terminado – Quinn disse.

Os armários descansavam no chão, prontos para serem montados.

Depois disso, todo o aposento teria que ser pintado e as prateleiras instaladas. Então eu poderia relaxar.

— Minha velha cozinha se incendiou algumas semanas atrás – falei.

– O empreiteiro teve um cancelamento e a reconstruiu em tempo recorde, mas quando os armários não chegaram a tempo, ele colocou sua equipe em outro serviço. Agora que os armários chegaram, eles devem estar quase terminando por lá. Acho que voltarão em breve. – Nesse meio tempo, pelo menos eu estava contente por ter voltado para minha própria casa. Sam foi extremamente gentil ao me deixar morar em um dos apartamentos de aluguel (e céus, eu adorei o piso uniforme, o encanamento novo e os vizinhos), mas não havia nada como o lar.

O fogão novo estava ali então eu podia cozinhar, e tinha colocado uma tábua em cima dos armários para poder usar como balcão enquanto cozinhava. A nova geladeira cintilava e zumbia silenciosamente, bem diferente daquela que Vovó teve por trinta

anos. A novidade da cozinha me afetava toda vez que eu atravessava a varanda dos fundos— agora maior e fechada— para destrancar a porta nova e mais pesada, com seu olho mágico e tranca.

— Aqui é onde a casa velha começa – eu disse, indo da cozinha para o vestíbulo. Só algumas tábuas tiveram que ser substituídas no chão do resto da casa; tudo estava recentemente limpo e pintado. As paredes e o teto não apenas ficaram manchados de fuligem, como eu tive que fazer desaparecer o cheiro de queimado. Substitui algumas cortinas, joguei fora um tapete ou dois e limpei, limpei, limpei. Este projeto ocupou cada momento extra acordada que tive por algum tempo.

— Um bom trabalho – Quinn comentou, estudando como as duas partes foram unidas.

— Venha para a sala de estar – falei, satisfeita. Eu gostava de mostrar a casa para as pessoas agora que sabia que o estofamento estava limpo, não havia traços de poeira e os vidros das janelas simplesmente brilhavam. As cortinas da sala tinham sido substituídas, algo que eu queria fazer há pelo menos um ano.

Deus abençoe o seguro, e Deus abençoe o dinheiro que ganhei ao esconder Eric de um inimigo. Fiz um rombo nas economias, mas tive quando precisei, e isto era algo pela qual estava grata.

A lareira estava pronta para ser acesa, mas estava quente demais para justificar o fogo. Quinn sentou-se numa poltrona e eu me sentei à sua frente.

— Posso lhe servir uma bebida— cerveja, café ou um chá gelado? – perguntei consciente de meu papel como anfitriã.

— Não, obrigado – disse. Ele sorriu para mim. – Eu queria vê-la novamente, desde que a conheci em Shreveport.

Eu tentei sustentar o olhar. O impulso de baixar a cabeça para os meus pés ou minhas mãos era quase irresistível. Os olhos dele realmente eram profundos, de uma cor púrpura escuro, recordei. — Foi um dia difícil para os Herveauxes – falei.

— Você saiu com Alcide por um tempo – ele observou num tom de voz neutro.

Pensei em várias respostas possíveis e me decidi por, — Eu não o vejo desde a disputa para líder do bando.

Ele deu um largo sorriso.

— Então ele não é fixo?

Eu sacudi a cabeça.

— Você está livre?

— Sim.

— Não estou pisando nos pés de ninguém?

Eu tentei sorrir, mas meu esforço não foi feliz. — Não foi o que eu disse. – Haviam pés. E não ficariam satisfeitos. Mas eles não tinham o direito de ficar no caminho.

— Acho que posso lidar com alguns ex-namorados descontentes.

Então, você vai sair comigo?

Fitei-o por alguns instantes, considerando as opções. Percebi apenas esperança em seu cérebro: não vi engano ou egoísmo. Quando examinei minhas reservas, elas se dissolveram em nada.

— Sim – respondi. – Eu vou.

O belo sorriso branco me fez sorrir em retribuição e, dessa vez, foi genuíno.

— Pronto – disse. – Já negociamos a parte do prazer. Agora aos negócios, que não estão relacionados.

— Okay – falei, afastando o sorriso. Esperei ter a chance de adiar para mais tarde, mas quaisquer negócios que ele pudesse ter comigo seria relacionado aos sobres, portanto motivo de ansiedade.

— Você ouviu falar sobre a conferência regional?

A conferência vampira: os reis e rainhas de um grupo de estados se reuniriam para discutir... assuntos vampiros.

— Eric disse algo a respeito.

— Ele já contratou você para o trabalho?

— Ele mencionou que poderia precisar de mim.

— Porque a Rainha da Louisiana soube que eu estava na área e me pediu que solicitasse seus serviços. Acho que a ordem dela cancelaria a de Eric.

— Você terá que perguntar a Eric sobre isso.

— Acho que você terá que dizer. Os desejos da rainha são ordens para Eric.

Senti meu rosto cair. Eu não queria dizer nada a Eric, o xerife da Área Cinco da Louisiana. Os sentimentos de Eric por mim eram confusos.

Eu posso assegurar que vampiros não gostam de se sentir confusos. O xerife perdeu a memória durante o curto período que passou escondido em minha casa. Essa perda de memória tinha deixado Eric maluco; ele gostava de estar no controle e isso significava ter conhecimento de suas próprias ações a cada segundo da noite.

Então ele esperou até poder atuar em meu favor e, como pagamento por isso, exigiu meu relato do que se passou enquanto esteve comigo.

Talvez eu tenha levado a franqueza longe demais. Eric não se mostrou exatamente surpreso por termos feito sexo; mas ficou estupefato quando lhe contei que ele se ofereceu para desistir de sua posição tão arduamente conquistada na hierarquia vampírica para vir morar comigo. Se você conhecesse Eric, saberia que isso era intolerável para ele.

Ele não falava mais comigo. Ele me olhava como se estivesse tentando ressuscitar suas próprias memórias daquela época, quando nos encontrávamos, para provar que eu estava errada. Deixava-me triste ver que o relacionamento que tivemos— não a felicidade secreta dos poucos dias que ele passou comigo, mas o relacionamento entre um homem e uma mulher que tinham pouco em comum, a não ser senso de humor— parecia não existir mais. Eu sabia que era meu dever contar a ele que sua rainha o suplantava, mas com certeza não queria.

— O sorriso desapareceu completamente – observou Quinn. Ele mesmo parecia sério.

— Bem, Eric é... – Eu não sabia como terminar a sentença. – Ele é um cara complicado – falei pouco convincente.

— O que devemos fazer em nosso primeiro encontro? – Quinn perguntou. Então ele era bom em mudar de assunto.

— Podíamos ir ao cinema – eu disse, deixando a bola rolar.

— Podíamos. Mais tarde, podíamos jantar em Shreveport. Talvez o Ralph & Kacoo's – sugeriu.

— Ouvi dizer que a lagosta com calda é boa – respondi, mantendo a conversa rolando.

— E quem não gosta de lagosta com calda? Ou podíamos ir ao boliche. Meu tio-avô foi um ávido jogador de boliche. Eu podia ver seus pés, nos sapatos para boliche, bem ali na minha frente. Estremeci.

— Não sei jogar.

— Poderíamos ir a um jogo de hóquei.

— Isso parece divertido.

— Poderíamos cozinhar juntos em sua cozinha, e então assistirmos um filme em DVD.

— Melhor deixar esse na reserva. – Aquilo soava um pouco pessoal demais para um primeiro encontro, não que eu tenha tido muita experiência com primeiros encontros. Mas sei que proximidade com um quarto nunca é uma boa ideia a menos que você tenha certeza que não vai se importar se os acontecimentos da noite a levarem nessa direção.

— Podíamos ir assistir ao “The Producers”. Estará em cartaz no Strand.

— Sério? – Okay, agora eu estava entusiasmada. O Teatro Strand, em Shreveport, abrigava produções itinerantes que iam de peças teatrais a balés. Eu nunca vi uma peça de verdade antes. Aquilo não seria muito caro? Com certeza ele não teria sugerido se não pudesse pagar. – Podemos?

Ele concordou, satisfeito com minha reação. — Posso fazer as reservas para este fim de semana. Que tal sua escala de trabalho?

— Estou livre na sexta-feira à noite – respondi, feliz. – E, hmm, ficarei feliz em pagar meu ingresso.

— Eu a convidei. Eu pago – Quinn respondeu com firmeza. Pude ler em seus pensamentos que ele ficou surpreso por eu ter oferecido. E comovido. Hmmm. Não gostei disso. – Tudo bem, então. Está combinado.

Quando eu pegar meu laptop, vou pedir os ingressos online. Sei que sobraram bons lugares, porque estive verificando nossas opções antes de aparecer.

Naturalmente, comecei a pensar nas roupas apropriadas. Mas decidi guardar aquilo para mais tarde.

— Quinn, onde você mora de verdade?

— Tenho uma casa nos arredores de Memphis.

— Ah – respondi, achando que era uma longa distância para um relacionamento amoroso.

— Sou sócio de uma empresa chamada Eventos Especiais. Somos uma espécie de filial secreta da Eventos [Extremamente] Elegantes. Você já viu o logotipo, eu acho. E[E]E? – Ele formou os parênteses com os dedos. Eu assenti. A E[E]E organizava vários eventos elegantes nacionalmente. – Existem quatro parceiros que trabalham em tempo integral na Eventos Especiais, e cada um de nós emprega gente em tempo integral ou meio período. Já que viajamos bastante, temos lugares que usamos em todo o país; alguns são apenas quartos na casa de amigos ou associados, e outros são apartamentos de verdade. O lugar onde eu fico nesta

área é em Shreveport, a casa de hóspedes nos fundos da mansão de um metamorfo.

Aprendi um bocado sobre ele em apenas dois minutos.

— Então você organiza eventos no mundo sobrenatural, como a competição para líder de bando. – Aquilo parecia um emprego perigoso e que requeria um bocado de parafernália especializada. – Mas o que mais há para se fazer? Uma disputa de líder pode surgir só de vez em quando.

Quanto você tem que viajar? Que outros eventos especiais você planeja?

— Normalmente eu cuido da região sudeste, Geórgia até o Texas – Ele inclinou-se sobre a poltrona, as mãos grandes descansando nos joelhos.

– Sul do Tennessee até a Flórida. Nesses estados, se você quer organizar uma luta para líder do bando, um rito de ascensão para um feiticeiro ou uma bruxa, ou um casamento vampiro hierárquico— e quer fazer direito, com todos os detalhes— você me chama.

Lembrei-me das extraordinárias fotografias no álbum de Alfred Cumberland. — Então há trabalho suficiente para mantê-lo ocupado?

— Ah, sim – ele disse. – É claro, alguns eventos são sazonais.

Vampiros se casam no inverno, já que as noites são mais longas. Eu fiz um casamento hierárquico em Nova Orleans, em janeiro do ano passado. E então, algumas das ocasiões são ligadas ao calendário Wicca. Ou a puberdade.

Eu não conseguia nem imaginar as cerimônias que ele organizava, mas uma descrição teria que esperar por outra ocasião.

— E você tem três parceiros que fazem isso em tempo integral também? Desculpe. Parece que estou te interrogando. Mas é um jeito tão interessante de se ganhar a vida.

— Fico contente que pense assim. Você tem que conhecer muitas pessoas especializadas e ter cabeça para detalhes e organização.

— Você tem que ser muito, muito persistente – murmurei, acrescentando meu próprio pensamento.

Ele deu um pequeno sorriso. — Sem problema.

É, parece que tenacidade não era um problema para Quinn.

— E você tem que ser bom em avaliar as pessoas, para poder conduzir os clientes na direção certa, deixá-los felizes com o trabalho que realizou – ele concluiu.

— Pode me contar algumas histórias? Ou existe alguma cláusula de sigilo entre cliente e fornecedor?

— Os clientes assinam um contrato, mas nenhum deles exigiu uma cláusula confidencial – disse. – Na Eventos Especiais, você não tem muita chance de falar a respeito do que faz, obviamente, já que a maioria dos clientes viaja na superfície do mundo normal. Na realidade é um alívio poder falar sobre isso. Normalmente eu tenho que dizer a uma garota que sou um consultor, ou algo do gênero.

— É um alívio para mim também, poder conversar sem me preocupar se estou revelando segredos.

— Então é uma sorte termos nos encontrado, hein? – De novo, o sorriso luminoso. – É melhor eu deixá-la descansar, já que você acabou de sair do trabalho.

Quinn levantou e se espreguiçou, alcançando sua altura máxima. Era um gesto impressionante para alguém tão musculoso como ele. Era provável que soubesse o quanto parecia maravilhoso quando se espreguiçava. Eu desviei o olhar para esconder meu sorriso. Eu não me importava nem um pouco se ele quisesse me impressionar. Ele pegou minha mão e me fez ficar de pé num movimento fácil. Pude sentir sua atenção centrada em mim. A mão dele era quente e áspera. Ele poderia quebrar meus ossos com um aperto.

Mulheres comuns não meditavam sobre com que rapidez sua companhia podia matá-la, mas eu nunca seria uma mulher comum. Percebi isso no momento em que me tornei velha o bastante para compreender que nem todas as crianças podiam entender o que os membros de sua família pensavam a seu respeito. Nem toda garotinha sabia quando seus professores gostavam dela, ou

sentiam desprezo, ou comparavam-na ao irmão (Jason possuía um charme fácil mesmo naquela época). Nem toda garotinha tinha um tio engraçado que tentava pegá-la sozinha em todas as reuniões de família.

Então eu deixei Quinn segurar minha mão, encarei seus olhos púrpuros redondos e, por um instante, permiti que a admiração dele me inundasse como um banho de aprovação.

Sim, eu sabia que ele era um tigre. E não quero dizer na cama, embora estivesse disposta a acreditar que fosse feroz e poderoso ali também.

Quando ele me deu um beijo de boa noite, seus lábios acariciaram minha bochecha, e eu sorri.

Eu gosto de um homem que sabe quando apressar as coisas... e quando não.

Capítulo 3

RECEBI UM TELEFONEMA na noite seguinte, no Merlotte's.

Claro, não é bom receber telefonemas no trabalho; Sam não gosta, a não ser que seja algum tipo de emergência familiar. Já que recebia poucos telefonemas, comparado às outras garçonetes— de fato, eu podia contar nos dedos de uma mão o número de chamadas— tentei não me sentir culpada enquanto gesticulava para Sam, informando que atenderia ao telefone em seu escritório.

— Alô – respondi cautelosamente.

— Sookie – disse uma voz familiar.

— Ah, Pam. Oi. – Fiquei aliviada, mas só por um segundo. Pam era a segunda no comando de Eric, e era sua filha no sentido vampírico.

— O chefe quer vê-la – ela disse. – Estou ligando do escritório dele.

O escritório de Eric, nos fundos de seu clube, Fangtasia, era à prova de som. Eu mal conseguia ouvir a KDED, a estação de rádio totalmente vampira, tocando ao fundo a versão de Clapton para "After Midnight".

— Bem, la-de-da. Ele é arrogante demais para dar seus próprios telefonemas?

— Sim – Pam disse. Essa Pam— literal— combinava com ela.

— O que significa isso?

— Estou seguindo as instruções dele – disse. – Ele me diz para ligar para a telepata, eu ligo. Você é convocada.

— Pam, eu preciso de uma explicação melhor do que essa.

Particularmente, não quero ver Eric.

— Você está sendo recalcitrante?

Oh-oh. Eu não vi isso no meu calendário com a Palavra do Dia ainda.

— Não tenho certeza se estou entendendo. – É melhor seguir em frente e confessar ignorância do que tentar fingir uma saída.

Pam suspirou uma rajada de ar sofrida.

— Você está pulando nas tamancas – ela esclareceu, o sotaque inglês se acentuando. – E não devia. Eric a trata muito bem – Ela soou levemente incrédula.

— Eu não vou faltar ao trabalho ou usar meu tempo livre para dirigir até Shreveport porque o Sr. Todo-poderoso quer que eu pule conforme sua música – protestei— razoavelmente, eu pensei. – Ele pode mover seu traseiro até aqui se quer me dizer algo. Ou pode pegar o telefone ele mesmo.

– Pronto.

— Se ele quisesse pegar o telefone ‘ele mesmo’, como você diz, já o teria feito. Esteja aqui na sexta-feira, às oito da noite, ele me ordenou.

— Desculpe, não vai dar.

Um silêncio significativo.

— Você não virá?

— Não posso. Eu tenho um encontro – falei, tentando reprimir qualquer traço de convencimento em minha voz.

Houve outro silêncio. Então Pam deu uma risadinha. — Oh, essa é boa – disse, mudando abruptamente para o sotaque americano. – Oh, eu vou adorar dizer isso a ele.

Sua reação me deixou preocupada. — Hmm, Pam – comecei, imaginando se devia ir com calma. – Escute...

— Ah, não – ela disse, quase rindo em voz alta, o que não era típico.

— Diga-lhe que agradeço pelas amostras do calendário – falei.

Eric, sempre pensando em modos de tornar o Fangtasia mais lucrativo, surgira com a ideia de um calendário de vampiros para vender na lojinha de presentes. O próprio Eric foi o Sr. Janeiro. Ele posara com uma cama e um longo roupão branco felpudo. Eric e a cama foram dispostos num fundo cinza pálido com brilhantes flocos de neve gigantes. Ele não vestia o roupão; ah, não. Não estava

vestindo nada. Tinha um joelho dobrado sobre a cama desfeita e o outro pé no chão, olhando diretamente para a câmera, insinuante (Ele podia ter ensinado a Claude algumas lições).

Os cabelos louros caíam despenteados sobre seus ombros, e a mão direita segurava o roupão jogado na cama, de modo que a brancura felpuda só estava levantada o suficiente para cobrir seu equipamento. Seu corpo estava virado levemente para ostentar a curva de seu traseiro classe-A.

Uma suave trilha de pelos dourados escuros descia pelo umbigo.

Praticamente gritava, “Arma oculta!”

Acontece que eu sabia que a pistola de Eric era mais uma Magnum .357 do que uma espoleta. Eu nunca cheguei a olhar além de Janeiro.

— Oh, pode deixar que eu aviso – disse Pam. – Eric disse que muitas pessoas não gostariam se eu estivesse no calendário feito para as mulheres...

então estou naquele para homens. Você gostaria que eu lhe mandasse uma cópia de minha foto também?

— Isso me surpreende – falei. – De verdade. Quero dizer, que você não se importe de posar. – Era difícil imaginar a participação dela num projeto que favoreceria os gostos humanos.

— Eric me diz para posar, eu poso – ela disse sucinta.

Apesar de Eric ter considerável poder sobre Pam, já que era seu criador, eu tinha que dizer que nunca soube de Eric pedindo para Pam fazer algo que ela não estivesse pronta para fazer. Ou ele a conhecia bem (o que, é óbvio, era o caso) ou Pam estava disposta a fazer qualquer coisa.

— Eu tenho um chicote em minha foto – Pam disse. – O fotógrafo diz que venderá milhões. – Ela tinha gostos bem diversos na área do sexo.

Após um longo momento enquanto contemplava a imagem mental que construí, respondi: — Tenho certeza que vai, Pam. Mas eu dispenso.

— Todos nós ganhamos uma porcentagem, aqueles que concordam em posar.

— Mas Eric vai ganhar uma porcentagem maior do que o resto.

— Bom, ele é o xerife – Pam disse com razão.

— Certo. Bom, tchau. – Comecei a desligar.

— Espere, o que eu digo a Eric?

— Apenas conte a verdade.

— Você sabe que ele vai ficar zangado – Pam não soava nem um pouco assustada. De fato, parecia alegre.

— Bom, isso é problema dele – falei, talvez soando um pouco infantil, e dessa vez eu desliguei. Um Eric zangado com certeza

seria problema meu também.

Tive a sensação desagradável de que dei um passo sério ao dizer não para Eric. Eu não tinha ideia do que aconteceria agora. Quando conheci o xerife da Área Cinco, eu estava namorando Bill. Eric quis usar meu talento incomum. Ele simplesmente ameaçou machucar Bill para me obrigar.

Quando terminei com Bill, Eric perdeu quaisquer meios de coação até que precisei de um favor dele, e então dei a ele a munição mais potente de todas— o conhecimento de que atirei em Debbie Pelt. Não importava que ele tivesse escondido o corpo e o carro e não pudesse se lembrar de onde; a acusação seria suficiente para arruinar o resto de minha vida, mesmo se nunca fosse provado. Mesmo se eu conseguisse negar.

Enquanto cumpria minhas obrigações no bar pelo resto daquela noite, eu me descobri imaginando se Eric realmente revelaria meu segredo. Se Eric contasse à polícia o que eu fiz, ele teria de admitir que teve uma participação, não teria?

Fui abalroada pelo detetive Andy Bellefleur a caminho do balcão.

Conheci Andy e sua irmã Portia pela vida toda. Eles eram alguns anos mais velhos do que eu, mas freqüentamos as mesmas escolas, crescemos na mesma cidade. Como eu, eles foram criados em grande parte pela avó. O detetive e eu tivemos nossos altos e baixos. Andy estava namorando uma jovem professora, Halleigh Robinson, há alguns meses.

Esta noite, ele tinha um segredo a compartilhar comigo e um favor para pedir.

— Escute, ela vai pedir a cesta de frango – ele disse, sem preâmbulos.

Olhei para a mesa deles, para me certificar de que Halleigh estava sentada de costas para mim. Estava. – Quando trouxer a comida para a mesa, certifique-se que isto esteja nela, escondida. – Ele enfiou uma caixinha de veludo na minha mão. Havia uma nota de dez dólares junto.

— Claro, Andy, sem problema – respondi, sorrindo.— Obrigado, Sookie – ele disse, e pra variar retribuiu, um simples, descomplicado e aterrorizado sorriso.

Andy acertou em cheio. Halleigh pediu a cesta de frango quando fui até a mesa deles.

— Prepare-os extra fritos – eu disse para a nova cozinheira, quando solicitei o pedido. Queria bastante camuflagem. A cozinheira se virou na grelha e me fuzilou com o olhar.

Nós tivemos uma variedade de cozinheiros de todas as idades, cores, gêneros e preferências sexuais. Tivemos até mesmo um vampiro, uma vez.

Nossa atual cozinheira era uma senhora negra de meia-idade chamada Callie Collins. Callie era pesada, tão pesada que eu não sabia como ela conseguia suportar as horas que passava de pé na cozinha quente.

— Extra fritos? – disse Callie, como se nunca tivesse ouvido falar de tal coisa. – Oh-oh. As pessoas pedem extra frito quando pagam por isso, não porque são seus amigos.

Pode ser que Callie fosse tão afiada, porque era velha o bastante para lembrar dos velhos tempos ruins quando negros e brancos tinham escolas, salas de espera e bebedouros diferentes. Eu não lembrava de nada disso e não estava a fim de levar a bagagem de Callie em conta toda vez que falava com ela.

— Eles pagaram extra – menti, não querendo dar uma explicação através do balcão de pedidos onde qualquer um estava perto o suficiente para ouvir. Ao invés disso, coloquei um dólar de minha gorjeta na registradora, para compensar o dinheiro.

Apesar de nossas diferenças, eu queria bem a Andy e sua professora.

Alguém que seria nora-neta de Caroline Bellefleur merecia um momento romântico.

Quando Callie avisou que a cesta estava pronta, trotei para pegá-la.

Esconder a caixinha debaixo das tiras de frango foi mais difícil do que imaginei, e exigiu um pouco de reorganização furtiva. Imaginei se Andy se deu conta de que o veludo ficaria engordurado e salgado. Ah bom, o gesto romântico não era meu, era dele.

Levei a bandeja até a mesa com alegre antecipação. De fato, Andy teve que me avisar (com um olhar severo) para que eu

mostrasse uma expressão mais neutra enquanto servia a comida. Andy já tinha uma cerveja na frente dele e ela bebia uma taça de vinho branco. Halleigh não era uma grande bebedora, sendo professora de uma escola primária. Eu me virei assim que a comida foi posta na mesa, esquecendo até mesmo de perguntar se precisavam de mais alguma coisa, como uma boa garçonete faria.

Permanecer imparcial depois disso estava além de minhas forças.

Apesar de tentar não ser óbvia, observei o casal tanto quanto pude. Andy estava ansioso, e eu podia ouvir seu cérebro simplesmente agitado. Ele realmente não tinha certeza se seria aceito, e sua mente percorria uma lista de coisas às quais ela poderia se opor: o fato de Andy ser quase dez anos mais velho, sua profissão de risco...

Eu soube o momento em que ela avistou a caixa. Talvez não fosse legal de minha parte bisbilhotar mentalmente num momento tão especial, mas para dizer a verdade, eu nem pensei nisso na hora. Apesar de normalmente me manter bem protegida, eu costumo mergulhar na cabeça das pessoas se vejo algo interessante. Também costumo acreditar que minha habilidade é uma desvantagem, não o contrário, então acho que me sinto no direito de ter um pouco de diversão de vez em quando.

Eu estava de costas para eles, limpando uma mesa, o que devia ser trabalho do assistente de cozinha. Então estava perto o suficiente para ouvir.

Ela congelou por um instante.

— Tem uma caixa na minha comida – ela disse finalmente, mantendo a voz bem baixa porque achava que aborreceria Sam se fizesse uma cena.

— Eu sei – ele disse. – É minha.

Então ela soube; tudo em seu cérebro começou a acelerar, e os pensamentos praticamente se atropelaram na pressa.

— Oh, Andy – ela sussurrou. Ela devia ter aberto a caixa. Fiz o possível para não me virar e olhar também.

— Você gosta?

— Sim, é lindo.

— Vai usar?

Houve silêncio. A mente dela estava tão confusa. Metade dizia “Viva!” e a outra metade estava perturbada.

— Sim, com uma condição – disse lentamente.

Pude sentir o choque dele. O que quer que Andy tenha esperado, não era isso.— Que seria? – ele perguntou, subitamente soando mais como um tira do que um namorado.

— Temos que viver em nossa própria casa.

— O quê? – Ela surpreendera Andy de novo.

— Eu sempre achei que você ficaria na casa de sua família, com sua avó e sua irmã, mesmo depois que se casasse. É uma casa antiga maravilhosa, e sua avó e Portia são ótimas mulheres.

Aquilo foi diplomático. Bom para Halleigh.

— Mas eu gostaria de ter meu próprio lar – disse ela gentilmente, ganhando minha admiração.

Então eu tive que realmente mover o traseiro; tinha mesas para atender. Mas, enquanto reabastecia canecas de cerveja, tirava pratos vazios e levava mais dinheiro para Sam na caixa registradora, me enchi de respeito pela postura de Halleigh, já que a mansão Bellefleur era a residência dos sonhos de Bon Temps. A maioria das moças daria um dedo ou dois pela chance de morar lá, especialmente depois que a velha mansão foi totalmente remodelada e renovada com o afluxo de dinheiro de um misterioso estranho. Aquele estranho de fato era Bill, que descobriu que os Bellefleurs eram seus descendentes. Ele sabia que eles não aceitariam dinheiro de um vampiro, então arranjou como ardil um “misterioso legado”, e Caroline Bellefleur começou a gastar na mansão com tanto entusiasmo quanto Andy comia seu cheeseburger.

Andy me procurou alguns minutos mais tarde. Ele me pegou a caminho da mesa de Sid Matt Lancaster, então o advogado idoso teria que esperar mais um pouco por seu hambúrguer com fritas.

— Sookie, eu tenho que saber – ele disse com urgência, mas em tom baixo.

— O que, Andy? – Fiquei alarmada com sua intensidade.

— Ela me ama? – Havia um traço de humilhação em sua mente, por realmente ter perguntado. Andy era orgulhoso e queria algum tipo de garantia de que Halleigh não queria seu sobrenome ou a casa da família da mesma forma como ele descobriu que outras mulheres queriam. Bem, ele descobrira sobre a casa. Halleigh não a queria e ele se mudaria para alguma casinha humilde com ela, se realmente o amasse.

Ninguém nunca exigiu isso de mim antes. Após tantos anos querendo que as pessoas acreditassem em mim, entendessem meu estranho talento, descobri que não gostava de ser levada a sério, afinal. Mas Andy estava esperando por uma resposta e eu não podia negar. Ele era um dos homens mais persistentes que já conheci.

— Ela te ama tanto quanto você a ama – respondi, e ele soltou meu braço. Continuei em direção à mesa de Sid Matt. Quando olhei de volta, ele ainda estava me encarando.

“Tome essa, Andy Bellefleur”, pensei. Então me senti um pouco envergonhada. Mas ele não devia ter perguntado se não queria saber a resposta.

Havia algo na floresta perto de minha casa.

Aprontei-me para ir para a cama assim que cheguei em casa, porque um de meus momentos favoritos a cada vinte e quatro horas é quando visto minha camisola. Ela era quente o bastante para não

precisar de um roupão, então eu estava perambulando no meu velho traje azul comprido. Pensava em fechar a janela da cozinha, já que as noites de março estavam ficando meio frias. Eu estava ouvindo os sons da noite enquanto lavava os pratos; os sapos e insetos enchiam o ar com suas melodias.

De repente, os ruídos que faziam a noite parecer tão amigável e ocupada pararam, interrompidas no meio. Eu congelei com as mãos mergulhadas na água quente com sabão. Perscrutar a escuridão não ajudou nem um pouco, e percebi o quanto eu devia estar visível, parada diante da janela aberta com as cortinas voando. O quintal estava sendo iluminado pela lâmpada de segurança, mas além das árvores que contornavam a clareira, a floresta estava escura e imóvel.

Algo estava lá fora. Fechei os olhos e tentei alcançá-lo com meu cérebro, encontrando algum tipo de atividade. Mas não era claro o suficiente para definir.

Pensei em ligar para Bill, mas já o tinha chamado antes quando fiquei preocupada com minha segurança. Não podia deixar isso se tornar um hábito. Ei, talvez o observador na floresta fosse o próprio Bill? Às vezes ele perambulava pelos arredores à noite e vinha me checar de vez em quando. Fitei o telefone na parede sobre o balcão por um longo tempo (bom, onde o balcão estaria quando fosse montado).

Meu telefone novo era sem fio. Eu podia agarrá-lo, voltar para o meu quarto e ligar para Bill num instante, já que ele estava no discador automático. Se ele atendesse ao telefone, eu saberia que,

o que quer que fosse que estivesse na floresta, era algo com o qual precisava me preocupar.

Mas se estivesse em casa, ele viria correndo para cá. Ele entenderia meu telefonema assim: “Oh, Bill, por favor, venha me salvar! Não consigo pensar em nada a fazer, exceto chamar um vampiro grande e forte para vir em meu resgate!”

Forcei-me a admitir que realmente sabia que não era Bill, o que estava na floresta. Eu havia percebido um sinal cerebral de algum tipo. Se o bisbilhoteiro fosse um vampiro, eu não teria sentido nada. Tinha recebido a centelha de um sinal do cérebro de um vampiro apenas duas vezes, e fora como uma descarga elétrica se apagando.

E bem ao lado daquele telefone ficava a porta dos fundos— que não estava trancada.

Nada no planeta teria me feito ficar junto da pia depois que me ocorreu que a porta estava aberta. Simplesmente corri até lá. Entrei na varanda, deslizei a corrente da tranca na porta de vidro e voltei correndo para a cozinha, trancando a grande porta de madeira na qual acrescentei uma corrente e outra tranca.

Inclinei-me contra a porta após tê-la seguramente trancado. Melhor do que ninguém, eu sabia da futilidade de portas e trancas. Para um vampiro, a barreira física não era nada— mas um vampiro tinha que ser convidado. Para um Lobi, portas tinham mais sentido, mas ainda não era um problema; com sua incrível força, Lobis

podiam entrar onde bem entendessem. O mesmo se podia dizer de outros metamorfos.

Por que eu simplesmente não deixava a casa aberta?

Contudo, eu me senti muito melhor com duas portas trancadas entre mim e a coisa na floresta. Sabia que a porta da frente estava trancada a chave e acorrentada, já que não era aberta há dias. Eu não recebia assim tantas visitas, e normalmente entrava e saía pelos fundos.

Arrastei-me até a janela, que fechei e tranquei. Puxei as cortinas também. Fiz todo o possível para incrementar minha segurança. Voltei aos pratos. Eu estava com um círculo molhado na frente da camisola porque tive que me inclinar contra a beirada da pia para amparar minhas pernas trêmulas. Mas forcei-me a continuar até todos os pratos estarem seguros na secadora e a pia ficar limpa.

Ouvi atentamente depois disso. A floresta ainda estava silenciosa.

Não importa o quanto tenha ouvido com cada sentido à minha disposição, o sinal fraco não afetou meu cérebro novamente. Havia desaparecido.

Sentei-me na cozinha por um momento, o cérebro ainda engrenado, mas então me forcei a seguir a rotina habitual. Meu ritmo cardíaco voltara ao normal na hora em que escovei os dentes e, assim que subi na cama, já tinha quase me convencido de que

nada havia acontecido lá fora na escuridão silenciosa. Mas sou cuidadosa a respeito de ser honesta por dentro. Eu sabia que alguma criatura estivera na floresta; e aquela criatura foi algo maior e mais assustador do que um simples guaxinim.

Logo depois de desligar o abajur em minha cabeceira, ouvi os insetos e sapos reiniciarem sua cantoria. Finalmente, quando continuou ininterruptamente, eu dormi.

Capítulo 4

DISQUEI O NÚMERO do telefone celular de meu irmão, quando levantei na manhã seguinte. Não tive uma noite muito boa, mas pelo menos consegui dormir um pouco. Jason atendeu no segundo toque. Ele soou um pouco preocupado quando disse, — Alô?

— Oi, mano. Como vai?

— Escute, eu preciso falar com você. Não posso agora. Estarei aí, provavelmente dentro de algumas horas. – Ele desligou sem se despedir e soava bem preocupado a respeito de alguma coisa. Ótimo. Eu precisava de outra complicação.

Dei uma olhada no relógio. Algumas horas seria tempo suficiente para me arrumar e ir até a cidade fazer compras. Jason chegaria perto do meio-dia e, se eu o conhecia, estaria esperando almoço. Amarrei o cabelo num rabo de cavalo, dando duas voltas no elástico e fazendo uma espécie de topete. Eu possuía um ventilador antigo girando sobre a cabeça. Embora tentasse não admitir para mim mesma, eu achava esse estilo de cabelo bufante divertido e meio que bonitinho.

Era uma daquelas manhãs frescas de março, do tipo que prometia uma tarde morna. O céu se mostrava tão brilhante e ensolarado que meu ânimo se elevou, e eu dirigi até Bon Temps

com o vidro aberto, cantarolando a plenos pulmões com o rádio. Eu cantaria até com Weird Al Yankovic nessa manhã.

Passei pelas florestas, por uma casa ocasional e um pasto cheio de vacas (e um par de búfalos; nunca se sabe o que as pessoas criam). O radialista tocou “Blue Hawaii”, um clássico dos anos 50, e eu imaginei onde Bubba estaria— não meu próprio irmão, mas o vampiro agora conhecido apenas como Bubba. Eu não o via há três ou quatro semanas.

Talvez os vampiros da Louisiana o tivessem mandado para outro esconderijo, ou talvez estivesse apenas perambulando, como fazia de vez em quando. Era quando se via longos artigos naqueles jornais que colocavam nos balcões dos supermercados.

Apesar de estar curtindo um instante de felicidade, alegria e contentamento, eu tive uma daqueles pensamentos extraviados que se tem em momentos estranhos. Pensei, como seria bom se Eric estivesse aqui comigo no carro. Ele pareceria ótimo com o vento soprando nos cabelos, e desfrutaria do momento. Bom, claro, isso antes de virar uma torrada.

Mas percebi que pensei em Eric porque era o tipo de dia que você gostaria de compartilhar com alguém com quem se importa, a pessoa cuja companhia você mais gosta. E este seria Eric, enquanto esteve enfeitiçado por uma bruxa: o Eric que não foi endurecido por séculos de política vampírica, o Eric que não desprezava os humanos e seus assuntos, o Eric que não estava encarregado de tantos negócios financeiros e era o responsável

pelas vidas e lucros de vários humanos e vampiros. Em outras palavras, Eric como nunca seria novamente.

Ding-dong, a bruxa estava morta, e Eric teve sua personalidade restabelecida como era agora. O Eric restabelecido era cauteloso, gostava e ao mesmo tempo não confiava em mim (ou em seus sentimentos) nem um pouco.

Suspirei pesadamente e a canção morreu em meus lábios. Havia quase se apagado em meu coração até que falei a mim mesma para parar de agir como uma idiota melancólica. Eu era jovem, saudável. O dia estava lindo. E eu tinha um encontro de verdade na sexta à noite. Prometi a mim mesma um grande presente. Ao invés de ir direto para o mercado, fui ao Tara's Togs, que tinha como dona e administradora minha amiga Tara Thornton.

Fazia algum tempo que eu não via Tara. Ela tirara férias para visitar uma tia no sul do Texas e, desde que voltou, esteve trabalhando longas horas na loja. Pelo menos foi o que ela disse quando telefonei para agradecê-la pelo carro. Quando minha cozinha foi incendiada, meu carro queimou junto e Tara me emprestou seu antigo carro, um velho Malibu de dois anos. Ela adquirira um carro novinho (não importa como) e não se importara de vender o Malibu.

Para o meu espanto, há cerca de um mês atrás, Tara me enviou os documentos e a nota de compra com uma carta dizendo que o carro agora era meu. Eu liguei para protestar, mas ela me botou contra a parede e, no fim, parecia não haver nada a fazer, exceto aceitar o presente graciosamente.

Ela me deu o carro como pagamento, quando a livrei de uma situação terrível. Mas para ajudá-la, eu fiquei em dívida com Eric. Não me importei. Tara vinha sendo minha amiga a vida toda. Agora ela estava segura, se fosse esperta o bastante para ficar longe do mundo sobrenatural.

Apesar de me sentir grata e aliviada por ter o carro mais novo que já possuí, eu ficaria mais feliz ainda se tivesse de volta a amizade interrompida. Eu tinha me afastado, achando que a recordava de muitas coisas ruins. Mas estava disposta a tentar ultrapassar essa barreira. Talvez Tara já tenha tido tempo suficiente.

O Tara's Togs ficava num centro comercial ao sul de Bon Temps.

Havia outro carro estacionado em frente à loja. Decidi que poderia ser bom ter um terceiro grupo ali; iria despersonalizar o encontro.

Tara estava atendendo Portia, a irmã de Andy Bellefleur, quando entrei, então comecei a vasculhar os cabides com manequim dez, e depois os de manequim oito. Portia estava sentada à mesa Isabelle, o que era extremamente interessante. Tara é a representante local da Isabelle's Noivas, uma empresa nacional que produz catálogos que se tornaram a bíblia de todas as coisas relacionadas a casamento. Você pode experimentar modelos de vestidos de damas de honra no posto de venda local, para que possa pedir o tamanho certo, e cada modelo possui umas vinte cores. Os vestidos de casamento são tão populares quanto. O Isabelle's tinha vinte e cinco modelos. A empresa também oferecia

convites de chá de panela, enfeites, ligas, lembrancinhas e qualquer tipo de parafernália que puder imaginar. Contudo, o Isabelle's era um fenômeno bem classe-média, e Portia definitivamente era uma mulher da classe alta.

Já que ela vivia com a avó e o irmão na mansão Bellefleur em Magnolia Street, Portia cresceu numa espécie de esplendor gótico decadente. Agora que a mansão estava restaurada e a avó recebia mais visitas, Portia parecia notavelmente mais feliz quando eu a via na cidade.

Ela não vinha tanto ao Merlotte's, mas passava mais tempo com as outras pessoas quando estava no bar, e sorria ocasionalmente. Uma mulher simples com pouco mais de trinta anos, o grande atrativo de Portia eram os cabelos castanhos fartos e brilhantes.

Portia estava pensando casamento, e Tara pensava dinheiro.

— Eu tenho que conversar com Halleigh de novo, mas acho que vamos precisar de quatrocentos convites – Portia dizia, e achei que meu queixo ia cair.

— Tudo bem, Portia, se você não se importar em pagar a taxa extra pela pressa, podemos consegui-las em dez dias.

— Ah, que bom! – Portia estava definitivamente satisfeita. – É claro, Halleigh e eu usaremos vestidos diferentes, mas pensamos em tentar escolher o mesmo vestido para as damas de honra. Talvez em cores diferentes. O que você acha?

Eu achei que ia sufocar com minha própria curiosidade. Portia ia se casar também? Com aquele contador magrelo que estava namorando, o cara de Clarice? Tara percebeu um relance de meu rosto junto à estante de vestidos. Portia olhava o catálogo, então Tara piscou para mim. Ela estava definitivamente satisfeita por ter uma cliente rica, e nós estávamos definitivamente bem uma com a outra. O alívio me inundou.

— Acho que o mesmo estilo em cores diferentes— cores coordenadas, é claro— seria realmente original – disse Tara. – Quantas damas de honra vocês terão?

— Cinco cada uma – Portia disse com a atenção na página à sua frente. – Posso levar uma cópia do catálogo para casa? Assim, Halleigh e eu podemos olhar esta noite.

— Eu só tenho uma cópia extra; sabe, uma das maneiras da Isabelle's fazer dinheiro é cobrar um braço e uma perna pelo bendito catálogo – Tara disse com um sorriso charmoso. Tara pode ser charmosa quando precisa. – Vou deixar que leve para casa se você me prometer, de coração, que trará de volta amanhã!

Portia fez um gesto infantil e enfiou o grosso catálogo debaixo do braço. Ela estava usando um de seus "conjuntos de advogada", saia e casaco de tweed marrom e uma blusa de seda por baixo. Vestia meia-calça bege e sapatos de salto baixo, e carregava uma bolsa combinando. Cha-to.

Portia estava animada e seu cérebro voava com imagens felizes. Ela sabia que pareceria um pouco velha como noiva,

especialmente se comparada a Halleigh; mas por Deus, ela finalmente seria uma noiva.

Portia teria sua chance de diversão, presentes, atenção e roupas, isso sem falar a confirmação de ter o próprio marido. Ela levantou os olhos do catálogo e me viu espiando entre os cabides. Sua felicidade era profunda o suficiente para abranger até a mim.

— Oi, Sookie! – disse ela, praticamente radiante. – Andy me contou que grande ajuda você deu, arranjando a pequena surpresa para Halleigh.

Eu realmente agradeço.

— Foi divertido – falei, com minha própria versão de sorriso gracioso. – É verdade que as felicitações são merecidas para você também?

– Eu sei, você não deve parabenizar a noiva, só o noivo, mas não acho que Portia se importaria.

Com certeza, ela não se importou.

— Bom, eu vou me casar – confessou. – E decidimos ter uma dupla cerimônia, com Andy e Halleigh. A recepção será em nossa casa.

Claro. Para que ter uma mansão, se não pode ter a recepção lá?

— Terá um bocado de trabalho, organizar um casamento em— quando? – indaguei, tentando parecer solidária e interessada.

— Abril. Nem me diga – disse Portia, rindo. – Vovó já está meiodoida.

Ela ligou para todos os bufês que conhece, tentando agendar alguém para o segundo fim de semana, e finalmente conseguiu a Eventos [Extremamente] Elegantes porque eles tiveram um cancelamento. Além disso, o cara que dirige a Floresta Esculpida, em Shreveport, virá vê-la esta tarde.

Floresta Esculpida era o premiado centro de paisagismo e reflorestamento da área, isso se você acreditasse em seus anúncios onipresentes. Contratar a Floresta Esculpida e a Eventos [Extremamente]

Elegantes significava que este casamento duplo seria o evento social do ano em Bon Temps.

— Estamos pensando num casamento ao ar livre na casa, com tendas no jardim – Portia disse. – No caso de chuva, teremos que mudar para a igreja e ter a recepção no prédio comunitário de Renard Parish. Mas vamos manter os dedos cruzados.

— Parece maravilhoso – Eu realmente não conseguia pensar em nada mais para dizer. – Como vai conseguir se manter trabalhando, com todo esse negócio de casamento acontecendo?

— Eu dou um jeito.

Imaginei qual era a pressa. Por que os felizes casais não esperavam até o verão, quando Halleigh não estaria trabalhando? Por que não esperar para que Portia pudesse limpar a agenda para um casamento apropriado e lua de mel? E o homem com quem ela estava se casando, não era um contador? Certamente um casamento durante a época do imposto de renda era o pior momento possível...

Talvez Portia estivesse grávida. Mas se ela era do tipo família, não estava pensando a respeito, e eu dificilmente acharia que seria diferente.

Céus, se eu algum dia descobrisse estar grávida, ficaria tão feliz! Isso se o sujeito me amasse e se casasse comigo, claro— porque eu não era durona o bastante para criar sozinha um filho, e minha avó estaria rolando no túmulo se eu fosse mãe solteira. Pensamento moderno nessa questão atravessou minha avó completamente, sem nem mesmo despentear seus cabelos na passagem.

Enquanto todos esses pensamentos zumbiam em minha cabeça, levei um minuto para processar as palavras de Portia.

— Então tente manter o segundo sábado de Abril livre – ela disse com algo próximo a um sorriso charmoso que só Portia Bellefleur conseguia dar.

Prometi que o faria, tentando não tropeçar em minha própria língua com o espanto. Ela devia estar mesmo doente de febre de

casamento. Por que a minha presença seria desejada no casamento? Eu não era tão amiga de nenhum dos Bellefleur.

— Pedimos a Sam para cuidar do bar na recepção – ela continuou, e meu mundo se alinhou num padrão mais familiar. Ela me queria lá para ajudar Sam.

— Um casamento à tarde? – perguntei. Às vezes Sam fazia alguns serviços extras de bar, mas sábado normalmente era o dia mais atarefado no Merlotte's.

— Não, noite – ela disse – mas já conversei com Sam esta manhã, e ele concordou.

— Okay – respondi.

Ela entendeu algo mais em meu tom de voz, e ruborizou.

— Glen tem alguns clientes que quer convidar – disse, apesar de eu não ter pedido explicações. – Eles só podem vir à noite. – Glen Vick era o contador. Fiquei contente por lembrar do sobrenome. Então tudo se encaixou e compreendi o embaraço de Portia. Ela quis dizer que os clientes de Glen eram vampiros. Ora, ora, ora. Sorri.

— Tenho certeza de que será um casamento adorável, e estarei ansiosa para ir – respondi. – Já que você foi tão gentil em me convidar. – Eu interpretei mal deliberadamente e, como previ, ela ruborizou ainda mais.

Então uma ideia relacionada me ocorreu, uma tão importante que ignorei as regras pessoais.

— Portia, – falei devagar, querendo ter certeza que ela ia me entender – você devia convidar Bill Compton.

Agora Portia detestava Bill— não gostava de nenhum vampiro — mas quando esteve tentando resolver um de seus problemas, saiu com ele por um breve período. O que foi esquisito, porque logo depois Bill descobriu que Portia na verdade era sua tatara-tatara-tatara-tatara-neta ou algo assim.

Bill a acompanhou em seu pretenso interesse por ele. Na época, queria descobrir qual era o objetivo dela. Ele percebeu que Portia tinha arrepios perto dele. Mas quando descobriu que os Bellefleurs eram seus únicos parentes sobreviventes, ele anonimamente lhes deu uma estonteante soma em dinheiro.

Pude “ouvir” que Portia achava que eu estava propositadamente a recordando das poucas vezes em que saiu com Bill. Ela não queria ser lembrada do fato e estava zangada por eu ter feito isso.

— Por que está sugerindo isso? – ela perguntou friamente, e eu lhe dei algum crédito por simplesmente não ter saído da loja. Tara se mostrava ocupada junto à mesa Isabelle, mas eu sabia que ela podia ouvir nossa conversa. Nada de errado nisso.

Eu estava tendo um feroz debate interno. Finalmente, o que Bill queria prevaleceu sobre o que eu queria para ele.

— Por nada – respondi relutante. – Seu casamento, sua lista.

Portia me olhava como se estivesse realmente me enxergando pela primeira vez. — Você ainda está saindo com ele? – perguntou.

— Não, ele está saindo com Selah Pumphrey – falei, mantendo a voz calma e vazia.

Portia me lançou um olhar ilegível. Sem outra palavra, ela foi embora.— O que foi tudo isso? – Tara perguntou.

Eu não podia explicar, então mudei o tópico para algo mais próximo ao coração varejista de Tara.

— Estou encantada por você estar faturando nos negócios – falei.

— Então somos duas. Se não estivesse fazendo tudo com tanta pressa, pode apostar que Portia Bellefleur jamais aceitaria algo do Isabelle's – disse Tara, franca. – Ela iria dirigindo até Shreveport um milhão de vezes para tratar disso, se tivesse tempo. Halleigh só está acompanhando o despertar de Portia, pobrezinha. Ela virá esta tarde e eu vou lhe mostrar as mesmas coisas que mostrei à Portia, e ela terá que aceitar. Mas tudo bem por mim. Elas estão pegando o pacote completo, porque o sistema Isabelle pode entregar tudo a tempo. Convites, cartões de agradecimento, vestidos, ligas, lembrancinhas, até os vestidos das "mães das noivas"— Miss Caroline e a mãe de Halleigh vão comprar um— estão pegando tudo daqui, seja do meu estoque ou do catálogo Isabelle's. – Ela me olhou de alto a baixo. – A propósito, o que a traz aqui?

— Preciso de uma roupa para usar no teatro em Shreveport num encontro – respondi. – E tenho que ir ao mercado, voltar para casa e fazer o almoço de Jason. Então, você tem algo para me mostrar?

O sorriso de Tara tornou-se predatório.

— Oh – disse – só umas coisinhas.

Capítulo 5

FIQUEI CONTENTE POR JASON ter se atrasado um pouco. O bacon ficou pronto e eu estava colocando os hambúrgueres na frigideira, quando ele chegou. Já tinha aberto o pacote de pão, coloquei dois no prato de Jason, e levei um saco de batatas fritas para a mesa. Enchi um copo de chá e o depositei no lugar onde ele sentava.

Jason entrou sem bater, como sempre. Ele não mudara tanto, pelo menos aos meus olhos, desde que se tornara um lobi-pantera. Ainda era loiro e atraente, quero dizer atraente do jeito antigo; ele tinha boa aparência, mas também era o tipo de homem para quem todos olham quando entra numa sala. Além disso, possuía um ar perigoso. Mas desde a mudança, ele começou a agir como uma pessoa melhor. Eu não me decidi pela razão ainda. Talvez ser um animal selvagem uma vez por mês tenha satisfeito algum desejo que ele não sabia que tinha.

Já que foi mordido e não nasceu assim, ele não mudava completamente; tornava-se uma espécie de híbrido. No começo, ele ficou desapontado com isso. Mas superou. Ele vinha saindo com uma pura lobipantera chamada Crystal há vários meses agora. Crystal vivia numa pequena comunidade há algumas milhas no interior— e deixe-me dizer, no interior em Bon Temps, Louisiana, é realmente interior.

Fizemos uma pequena prece e começamos a comer. Jason não comeu com sua habitual voracidade. Já que o hambúrguer parecia bom para mim, imaginei que tivesse algo importante em mente. Eu não conseguia ler seu cérebro. Desde que meu irmão se tornou um Lobi, seus pensamentos não eram claros para mim. Em grande parte, isso era um alívio.

Após duas mordidas, Jason largou o hambúrguer e a postura de seu corpo mudou. Ele estava pronto para falar.

— Eu tenho que te contar uma coisa – disse. – Crystal não quer que eu conte a ninguém, mas eu realmente estou preocupado com ela. Ontem, Crystal... ela teve um aborto.

Fechei os olhos por alguns segundos. Tive uns vinte pensamentos nesse espaço de tempo, e não consegui completar nenhum. — Sinto muito – falei. – Crystal está bem?

Jason olhou para mim sobre o prato de comida que esquecera por completo. — Ela não quer ir ao médico.

Fitei-o sem expressão.

— Mas ela tem que ir – respondi racionalizando. – Ela precisa de uma curetagem. – Eu não tinha certeza do que era uma curetagem, mas sabia que, após um aborto, você ia para o hospital e era o que faziam lá.

Arlene, minha amiga e colega de trabalho, fez uma curetagem depois que abortou e ela me contou a respeito várias vezes. Várias vezes. – Eles vão...

– comecei, mas Jason me interrompeu no meio.

— Ei, eu não preciso saber – disse, parecendo muito desconfortável.

– Só sei que, já que Crystal é uma lobi-pantera, ela não quer ir ao hospital.

Ela teve que ir quando se cortou com uma lâmina, assim como Calvin teve que ir quando levou um tiro, mas ambos se curam tão rápido que houve comentários na sala dos médicos, ela ouviu. Então agora não quer ir. Ela está em minha casa, mas... não está melhorando. Está ficando pior, não melhor.

— Oh-oh – falei. – Então o que está acontecendo?

— Ela está sangrando demais e suas pernas não se mexem direito – Ele engoliu. – Ela mal consegue ficar de pé, muito menos andar.

— Você ligou para o Calvin? – perguntei. Calvin Norris, tio de Crystal, é o líder da pequena comunidade de panteras de Hotshot.

— Ela não quer contar a Calvin. Tem medo que ele me mate por engravidá-la. Também não quer que eu conte a você, mas eu tenho que conseguir ajuda.

Apesar de sua mãe não estar viva, Crystal tinha parentes mulheres em abundância em Hotshot. Eu nunca tive um bebê, nunca nem mesmo fiquei grávida e não era uma metamorfa.

Qualquer uma delas saberia mais a respeito da situação do que eu. Disse isso a Jason.

— Eu não quero que ela precise ficar sentada para voltarmos a Hotshot, especialmente na minha caminhonete. – Meu irmão parecia teimoso como uma mula. Por um terrível minuto, pensei que a grande preocupação de Jason era que Crystal sangrasse em seu estofamento. Eu estava prestes a pular em sua garganta, quando ele acrescentou: – O amortecedor precisa ser trocado, e eu estou com medo que as sacudidas da caminhonete naquela estrada ruim possam fazer Crystal piorar.

Então uma parenta dela podia vir vê-la. Mas eu soube, antes mesmo de falar, que Jason encontraria uma razão para vetar isso também. Ele tinha algum tipo de plano. — Está bem. O que eu posso fazer?

— Você não me contou, daquela vez em que tinha se machucado, que havia uma espécie de médica especial que os vampiros chamaram para ver suas costas?

Eu não gostava de pensar naquela noite. Minhas costas ainda tinham as cicatrizes do ataque. O veneno das garras de uma bacante quase me matou.

— Sim – respondi lentamente. – Dra. Ludwig.

Médica de tudo que era misterioso e estranho, a própria Dra. Ludwig era uma esquisitice. Ela era extremamente baixa— muito, muito baixa. E suas feições não eram exatamente normais,

tampouco. Seria uma surpresa total para mim se a Dra. Ludwig fosse humana. Eu a vi uma segunda vez na competição para líder de bando. Em ambas as ocasiões, eu estava em Shreveport; então havia boas chances de que a Dra. Ludwig de fato morasse lá. Já que eu não queria deixar passar o óbvio, peguei uma lista telefônica de Shreveport numa gaveta embaixo do telefone. Havia uma Dra.

Amy Ludwig na lista. Amy? Engoli a explosão de risos.

Eu estava bem nervosa a respeito de procurar a Dra. Ludwig por conta própria, mas quando vi o quanto Jason estava preocupado, não pude reclamar só por causa de um mísero telefonema.

O telefone tocou quatro vezes. A secretária eletrônica atendeu. Uma voz mecânica disse: — Você ligou para o número da Dra. Amy Ludwig. A Dra. Ludwig não está aceitando novos pacientes, com ou sem seguro. A Dra. Ludwig não quer amostras farmacêuticas e não precisa de seguros de qualquer espécie. Ela não está interessada em investir seu dinheiro ou fazer caridade para quem não escolheu pessoalmente. – Houve um longo silêncio, durante a qual a maioria dos interlocutores provavelmente teria desligado.

Eu não o fiz. Após um momento, ouvi outro estalo na linha.

— Alô? – perguntou uma vozinha brusca.

— Dra. Ludwig? – perguntei cautelosamente.

— Sim? Eu não aceito novos pacientes, você sabe! Ocupada demais!

– Ela soava impaciente e cautelosa.

— Eu sou Sookie Stackhouse. Esta é a Dra. Ludwig que me tratou no escritório de Eric no Fangtasia?

— Você é a jovem envenenada pelas garras da bacante?

— Sim. Eu a vi novamente há algumas semanas atrás, lembra-se?

— E onde foi isso? – Ela se lembrava muito bem, mas queria outra prova de minha identidade.

— Um edifício vazio num parque industrial.

— E quem estava comandando o show por lá?

— Um sujeito enorme e careca chamado Quinn.

— Oh, tudo bem – Ela suspirou. – O que você quer? Estou um bocado ocupada.

— Eu tenho uma paciente para você. Por favor, venha vê-la.

— Traga-a para mim.

— Ela está doente demais para viajar.

Ouvi a doutora murmurar consigo mesma, mas não consegui decifrar as palavras.

— Puff – a doutora disse. – Oh, muito bem, Srta. Stackhouse. Digame qual é o problema.

Eu expliquei o melhor que pude. Jason perambulava pela cozinha, porque estava preocupado demais para ficar sentado.

— Idiotas. Tolos – disse a Dra. Ludwig. – Diga-me como chegar à sua casa. Então pode me levar até onde a garota está.

— Eu posso ter que sair para trabalhar antes que você consiga chegar – falei, depois de olhar o relógio e calcular quanto tempo a doutora demoraria a vir de Shreveport. – Meu irmão estará aqui esperando.

— Ele é a parte responsável?

Eu não sabia se ela estava falando a respeito da conta por seus serviços ou a gravidez. De uma forma ou de outra, respondi que Jason definitivamente era a parte responsável.

— Ela está vindo – disse ao meu irmão, após dar o endereço à doutora e desligar. – Eu não sei quanto ela cobra, mas respondi que você pagaria.

— Claro, claro. Como vou saber quem é ela?

— Você não poderá confundi-la com ninguém que conheça. Disse que tem motorista. Ela não é alta o suficiente para enxergar sobre o volante, então eu devia ter imaginado.

Lavei os pratos enquanto Jason se mostrava inquieto. Ele ligou para Crystal, checando, e pareceu satisfeito com o que ouviu. Finalmente, pedi que ele saísse e destruísse velhos vespeiros no

galpão. Ele parecia não conseguir se acalmar, então era melhor se fazer útil.

Pensei na situação enquanto cuidava da lavanderia e vestia meu uniforme de garçonete (calças pretas, camiseta branca com Merlotte's bordado no peito esquerdo, Adidas preto). Eu não estava feliz. Estava preocupada com Crystal— e não gostava dela. Sentia muito por ela ter perdido o bebê porque sei que é uma experiência triste, mas estava contente porque realmente não queria que Jason se casasse com a garota, e eu tinha certeza que ele teria feito isso se a gravidez tivesse continuado. Saí procurando por algo que me fizesse sentir melhor. Abri o armário para olhar o traje novo, aquele que comprei no Tara's Togs para usar em meu encontro. Mas não consegui desfrutar nem mesmo disso.

Finalmente, eu fiz o que estava planejando antes de ouvir as notícias de Jason: peguei um livro e me sentei na varanda da frente, lendo algumas linhas de vez em quando, admirando a pereira no quintal que estava coberta de flores brancas e abelhas zumbindo.

O sol estava radiante, os narcisos floresciam, e eu tinha um encontro na sexta-feira. E já tinha feito minha boa ação do dia ao ligar para a Dra.

Ludwig. O nó de preocupação em meu estômago cedeu um pouco.

De tempos em tempos, pude ouvir os sons vagos ecoando do quintal dos fundos; Jason encontrara algo para mantê-lo ocupado após ter lidado com os ninhos. Talvez estivesse arrancando ervas-

daninhas do canteiro de flores. Me iluminei. Aquilo seria ótimo, já que eu não possuía o entusiasmo de minha avó por jardinagem. Eu admirava os resultados, mas não gostava de todo o processo como ela.

Após verificar meu relógio repetidamente, fiquei aliviada em ver o grande Cadillac pérola estacionar diante da casa. Havia uma pequena figura no banco do passageiro. A porta do motorista se abriu e uma Lobi chamada Amanda desembarcou. Eu e ela tivemos nossas diferenças, mas nos separamos em bons termos. Estava aliviada por ver alguém que conhecia.

Amanda, que parecia exatamente como uma mãe esportista de classe-média, estava na casa dos trinta. O cabelo ruivo parecia natural, ao contrário do de minha amiga Arlene.

— Sookie, oi – ela disse. – Quando a doutora me contou para onde estávamos indo, fiquei aliviada, já que sabia como chegar aqui.

— Você não é a motorista habitual? Ei, gostei do corte de cabelo, a propósito.

— Ah, obrigada. – O cabelo de Amanda estava recentemente curto, cortado num estilo descuidado e quase juvenil que curiosamente combinava com ela. Eu disse curiosamente, porque o corpo de Amanda era definitivamente feminino. – Ainda não me acostumei – admitiu, percorrendo o pescoço com a mão. – Na verdade é meu filho mais velho quem normalmente conduz a Dra.

Ludwig, mas ele está na escola hoje, é claro. É sua cunhada que está doente?

— A noiva de meu irmão – respondi, tentando não fazer uma careta.

– Crystal. Ela é uma pantera.

Amanda pareceu quase respeitosa. Lobis frequentemente tinham apenas desprezo por outros metamorfos, mas algo tão formidável como uma pantera chamaria atenção.

— Ouvi falar que havia um grupo de panteras em algum lugar por aqui. Nunca encontrei um antes.

— Eu tenho que ir trabalhar, mas meu irmão irá levá-las até a casa dele.

— Então você não é muito chegada à noiva de seu irmão?

Fiquei sobressaltada com a insinuação de que eu estava pouco preocupada com o bem-estar de Crystal. Talvez eu devesse correr até a cabeceira da cama dela e deixar Jason aqui para conduzir a médica? De repente, vi meus momentos de paz como uma insensível desconsideração por Crystal. Mas agora não era hora de chafurdar em culpa.

— Sinceramente – respondi – não, não sou tão chegada assim. Mas Jason parece achar que não há nada que eu possa fazer por ela, e minha presença não seria exatamente calmante, já que ela não gosta de mim tanto quanto eu gosto dela.

Amanda deu de ombros. — Okay, onde ele está?

Jason surgiu de um canto da casa nesse instante, para o meu alívio.

— Ah, ótimo – disse. – Você é a médica?

— Não – respondeu Amanda. – A doutora está no carro. Sou a motorista de hoje.

— Vou levá-las até lá. Estive ao telefone com Crystal e ela não está melhorando nem um pouco.

Senti outra onda de remorso.

— Me ligue no trabalho, Jason, e avise sobre como ela está indo, okay? Posso ir depois do trabalho e passar a noite, se precisar de mim.

— Obrigado, mana. – Ele me deu um rápido abraço e pareceu embaraçado. – Uh, eu estou feliz por não ter mantido segredo como Crystal quis. Ela achou que você não a ajudaria.

— Eu gostaria de pensar que pelo menos fui uma pessoa boa o bastante para ajudar alguém que precisava, não importa se somos ou não chegadas. – Certamente Crystal não imaginou que eu ficaria indiferente ou mesmo satisfeita por ela estar doente?

Desalentada, observei os dois veículos tão diferentes descerem pela estrada a caminho da Rodovia Hummingbird. Tranquei a casa e subi em meu próprio carro num humor não tão feliz.

Continuando com o tema de um dia memorável, ao entrar pela porta dos fundos do Merlotte's naquela tarde, Sam me chamou em seu escritório.

Fui até lá para ver o que ele queria, sabendo de antemão que algumas pessoas esperavam por mim.

Para o meu desânimo, descobri que o Padre Riordan tinha me emboscado.

Havia quatro pessoas no escritório de Sam, além do meu chefe. Sam estava infeliz, mas tentava manter uma postura simpática. Um pouco para minha surpresa, Padre Riordan não estava contente com as pessoas que o acompanhavam, tampouco. Eu suspeitava que sabia quem eram. Merda.

Não só Padre Riordan tinha os Pelts na cola, como havia uma moça de cerca de dezessete anos, que devia ser a irmã de Debbie, Sandra.

Os três recém-chegados me olharam atentamente. O casal Pelt era alto e esbelto. Ele usava óculos e estava ficando calvo, com orelhas que sobressaíam de sua cabeça como asas de um jarro. Ela era atraente, apesar de um pouco exagerada. Estava vestindo um conjunto Donna Karan e carregava uma bolsa com o famoso logotipo. Saltos altos, também. Sandra Pelt era mais casual, com os jeans e camiseta adaptando-se firmemente à silhueta magra.

Eu mal ouvi Padre Riordan apresentar os Pelts formalmente; estava tão dominada pela irritação, por eles se intrometerem em

minha vida a tal ponto. Eu tinha dito a Padre Riordan que não queria encontrá-los, e ainda assim ali estavam. Os Pelts mais velhos me devoraram com seus olhos ávidos. Selvagens, Maria-Star os denominara. Desesperados, foi a palavra que me veio à cabeça.

Sandra era um tipo totalmente diferente: já que era a segunda filha, ela não era— não podia ser— uma metamorfa como os familiares, mas também não era uma humana normal. Algo percebido por meu cérebro me fez parar. Sandra Pelt era uma metamorfa de algum tipo. Ouvi que os Pelts eram descritos como pessoas muito mais envolvidas com a filha caçula do que com Debbie. Agora, recebendo pedaços de informação deles, eu vi por que. Sandra Pelt podia ser menor de idade, mas era formidável. Ela era uma Lobi pura.

Mas não podia ser, a menos que...

Okay. Debbie Pelt, lobi-raposa, fora adotada. Eu sabia que os Lobis eram propensos a problemas de fertilidade, e assumi que os Pelts tinham desistido de ter os próprios lobinhos e adotado um bebê que pelo menos era algum tipo de metamorfo, se não fosse de sua própria raça. Mesmo uma raposa puro-sangue deve ter sido preferível a um simples humano. Então os Pelts adotaram outra filha, uma Lobi.

— Sookie – Padre Riordan disse, a voz irlandesa charmosa, mas infeliz – Barbara e Gordon apareceram em minha porta hoje. Quando lhes contei que você disse tudo que queria dizer a respeito do desaparecimento de Debbie, eles não se contentaram com isso. Insistiram para que os trouxessem até aqui.

Minha intensa raiva pelo padre diminuiu um pouco. Mas outra emoção tomou o lugar. Eu estava ansiosa o suficiente com o encontro para sentir o sorriso nervoso surgir em meu rosto. Sorri para os Pelts, pegando o rescaldo da desaprovação deles.

— Sinto muito pela situação de vocês – falei. – Sinto que tenham sido deixados se perguntando o que aconteceu a Debbie. Mas eu não sei mais o que posso lhes dizer.

Uma lágrima correu pelo rosto de Barbara Pelt e eu abri minha bolsa para pegar um lenço. Entreguei-o para a mulher, que enxugou a face.

— Ela achou que você estava roubando Alcide dela – Barbara disse.

Não se deve falar mal dos mortos, mas no caso de Debbie Pelt isso era simplesmente impossível.

— Sra. Pelt, eu vou ser franca – disse. Só não franca demais. – Debbie estava noiva de outra pessoa na época de seu desaparecimento, um homem chamado Clausen, se me lembro corretamente. – Barbara Pelt concordou, relutante. – Esse noivado deixou Alcide perfeitamente livre para sair com quem ele quisesse e nós passamos algum tempo juntos, brevemente – Nenhuma mentira aqui. – Não temos nos visto há semanas e ele está saindo com alguém agora. Então Debbie realmente se enganou ao pensar assim.

Sandra Pelt mordeu o lábio inferior. Ela era magra, com pele clara e cabelos castanho-escuros. Usava pouca maquiagem, e seus dentes eram deslumbrantemente brancos e uniformes. Os brincos de argolas podiam proporcionar um poleiro para um periquito; eram grandes assim. Ela possuía corpo estreito e roupas caras: topo da cadeia da moda. Sua expressão era zangada. Ela não gostava do que eu estava dizendo nem um pouco. Era uma adolescente e havia fortes ondas de emoção naquela garota.

Lembrei de como foi minha vida quando tinha a idade de Sandra, e senti pena dela.

— Já que conheceu a ambos – Barbara Pelt disse cuidadosamente, não admitindo minhas palavras – você deve ter sabido que eles tinham— têm— uma forte relação de amor e ódio, não importa o que Debbie tenha feito.

— Oh, isso é verdade – respondi, e talvez não tenha soado tão respeitosa. Se havia alguém para quem eu fiz um grande favor ao matar Debbie Pelt, essa pessoa foi Alcide Herveaux. Do contrário, ele e la Pelt teriam se dilacerado por anos, se não pelo resto de suas vidas.

Sam virou-se quando o telefone tocou, mas vislumbrei um sorriso em seu rosto.

— Nós sentimos que deve haver algo que sabe, algo bem pequeno, que nos ajudaria a descobrir o que aconteceu a nossa filha. Se— se ela encontrou o fim, queremos que seu assassino vá à justiça.

Olhei para os Pelts por um longo momento. Pude ouvir a voz de Sam ao fundo, enquanto ele reagia com alarme a algo que estava ouvindo no telefone.

— Sr. e Sra. Pelt, Sandra – falei. – Eu conversei com a polícia quando Debbie desapareceu. Cooperei totalmente com eles. Falei com seus detetives particulares quando eles vieram aqui, para o meu local de trabalho, assim como vocês fizeram. Eu os deixei entrar em minha casa. Respondi suas perguntas. – Só não sinceramente (eu sei, a edificação toda era uma mentira, mas eu estava fazendo o melhor que podia). – Eu realmente sinto muito por sua perda e simpatizo com sua ansiedade em descobrir o que aconteceu a Debbie – continuei, falando lentamente para poder escolher as palavras. Respirei fundo. – Mas isso tem que terminar. Já basta. Não posso dizer mais nada além do que já foi dito.

Para minha surpresa, Sam passou por mim e foi para o bar, se movendo rápido. Ele não disse uma palavra para ninguém na sala. Padre Riordan seguiu-o com o olhar, aturdido. Fiquei ainda mais ansiosa para que os Pelts fossem embora. Algo estava acontecendo.

— Eu entendo o que está dizendo – Gordon Pelt disse rigidamente.

Era a primeira vez que o homem falava. Ele não soava feliz por estar ali, nem por fazer o que estava fazendo. – Percebo que não lidamos com isso da melhor forma, mas tenho certeza que nos perdoará quando pensar no que temos passado.

— Oh, é claro – falei, e se aquilo não era totalmente verdade, também não era mentira, tampouco. Fechei a bolsa e guardei-a na gaveta da escrivaninha de Sam onde todas as funcionárias mantinham as bolsas, apressando-me para o bar.

Senti a perturbação me inundar. Algo estava errado; quase todos os cérebros no bar transmitiam um sinal combinado de agitação com ansiedade beirando ao pânico.

— O que foi? – perguntei a Sam, aproximando-me por trás do balcão.

— Acabei de dizer a Holly que a escola ligou. O garotinho de Holly desapareceu.

Senti o arrepio surgir na base da minha espinha e subir. — O que aconteceu?

— A mãe de Danielle normalmente pega Cody na escola quando vai buscar a filhinha de Danielle, Ashley.

Danielle Gray e Holly Cleary foram melhores amigas durante todo o colegial e a amizade continuou apesar do fracasso de seus casamentos. Elas gostavam de trabalhar no mesmo turno. A mãe de Danielle, Mary Jane Jasper, vinha sendo uma mão na roda para Danielle, e de vez em quando sua generosidade se estendia para incluir Holly. Ashley devia ter uns oito anos, e o filho de Danielle, Mark Robert, devia ter quatro agora. O filho único de Holly, Cody, tinha seis. Ele estava na primeira série.

— A escola deixou alguém pegar Cody? – Ouvi falar que os professores ficavam alertas, sobre cônjuges desautorizados buscando seus filhos.

— Ninguém sabe o que aconteceu com o garoto. A professora encarregada, Halleigh Robinson, estava parada do lado de fora observando as crianças entrarem nos carros. Ela diz que Cody de repente se lembrou que deixou um desenho para a mãe na carteira e voltou correndo à escola para pegar. Ela não lembra de tê-lo visto saindo, mas não conseguiu encontrá-lo quando foi verificar.

— Então a Sra. Jasper estava lá esperando por Cody?

— Sim, ela foi a única que sobrou, sentada no carro com os netos.

— Isso é bem assustador. Imagino que David não saiba de nada? – David, o ex de Holly, morava em Springhill e tinha voltado a se casar.

Registrei a partida dos Pelts; uma irritação a menos.

— Aparentemente não. Holly ligou para ele no trabalho, e ele estava lá e ficou a tarde toda, não há dúvida quanto a isso. Ele ligou para a nova esposa, e ela tinha acabado de voltar depois de buscar os próprios filhos na escola de Springhill. A polícia local foi até a casa deles para fazer uma busca, só para ter certeza. Agora David está vindo para cá.

Holly estava sentada em uma das mesas e, apesar do rosto estar seco, seus olhos tinham a expressão de alguém que viu o

Inferno. Danielle encontrava-se agachada no chão ao lado dela, segurando-lhe a mão e conversando com Holly urgente e calmamente. Alcee Beck, um dos detetives locais, estava sentado na mesma mesa. Havia um bloco de notas e caneta na frente dele, e ele falava ao celular.

— Eles fizeram uma busca na escola?

— Sim, Andy está lá agora. E Kevin e Kenya. – Kevin e Kenya eram dois patrulheiros uniformizados. – Bud Dearborn está ao telefone arranjando um alerta vermelho.

Pensei em como Halleigh devia estar se sentindo agora; ela só tinha vinte e três anos, e este era seu primeiro emprego como professora. Ela não fizera nada de errado, ao menos isso eu podia dizer— mas quando uma criança desaparecia, ninguém escapava da culpa.

Tentei pensar em como poderia ajudar. Essa era uma oportunidade única para minha pequena anomalia trabalhar pelo bem maior. Mantive a boca fechada durante anos sobre esse tipo de coisa. As pessoas não queriam estar perto de alguém que podia fazer o que eu fazia.

Eu sobrevivi mantendo a boca fechada, porque era fácil para os humanos ao meu redor esquecerem ou não acreditarem quando a evidência de meu estranho talento não era esfregada em seus rostos.

Você ia querer estar perto de uma mulher que sabe que você está enganando seu cônjuge e com quem? Se você fosse um cara, ia querer estar perto de uma mulher que sabe que você quer secretamente usar roupa de baixo rendada? Você ia querer andar com uma garota que sabe seus mais secretos julgamentos sobre outras pessoas e todos os seus defeitos ocultos?

Não, eu acho que não.

Mas se uma criança está envolvida, como pode se conter? Olhei para Sam, e ele retribuiu, triste.

— É difícil, não é, cher? – disse. – O que vai fazer?

— O que eu tiver que fazer. Mas tenho que fazer agora – respondi.

Ele assentiu. — Vá para a escola – ele disse, e eu saí.

Capítulo 6

EU NÃO SABIA como faria isso. Não sabia quem reconheceria que eu podia ajudar. Havia uma multidão na escola primária, é claro. Um grupo de cerca de trinta adultos estava parado na rua diante da calçada da escola, e Bud Dearborn, o xerife, conversava com Andy no gramado. A Escola Primária Betty Ford foi a mesma escola que eu freqüentei. O prédio tinha sido quase novo então, uma estrutura de tijolos simples com uma entrada principal contendo os escritórios, jardim de infância, classes da primeira série e refeitório. Havia uma ala à direita para a segunda série, e outra à esquerda para a terceira. Um pequeno ginásio ficava atrás da escola com um parquinho ligado por uma calçada coberta. Era usado para as sessões de exercício das crianças nos dias de chuva.

É claro que havia mastros na frente da escola, uma para a bandeira americana e outra para a bandeira da Louisiana. Eu adorava passar por aqui quando elas tremulavam na brisa num dia como hoje. Adorava pensar em todas as criancinhas ali dentro, ocupadas sendo crianças. Mas as bandeiras tinham sido tiradas hoje, e somente as cordas se moviam com o vento forte.

A grama verde da escola estava salpicada com ocasionais papéis de bala ou folhas de caderno amassadas.

A zeladora da escola, Madelyn Pepper (sempre chamada “Miss Maddy”), encontrava-se sentada numa cadeira de plástico do lado de fora da porta principal, com seu carrinho ao lado. Miss Maddy era

zeladora há anos. Miss Maddy era uma mulher bem lenta mentalmente, mas era uma trabalhadora esforçada e absolutamente confiável. Ela parecia a mesma de quando freqüentei a escola: alta, robusta, branca e com longos cabelos tingidos de louro. Estava fumando um cigarro. A diretora, Sra. Garfield, tivera uma longa discussão com Miss Maddy durante anos a respeito de seu hábito, uma batalha que Miss Maddy sempre vencia. Ela fumava do lado de fora, mas fumava.

Hoje, a Sra. Garfield estava completamente indiferente ao mau hábito de Miss Maddy. A Sra. Garfield, esposa de um pastor metodista episcopal, vestia um terninho mostarda, meia-calça simples e sapatos pretos.

Ela estava tão tensa quanto Miss Maddy, e muito menos cuidadosa em demonstrar. Abri caminho através da pequena multidão, incerta sobre como agir e fazer o que era preciso.

Andy me avistou primeiro e tocou no ombro de Bud Dearborn. Bud tinha um celular no ouvido e virou-se para me olhar. Assenti para ambos. O xerife Dearborn não era meu amigo. Ele foi amigo de meu pai, mas nunca teve tempo para mim. Para o xerife, as pessoas se dividiam em duas categorias: aqueles que infringiam a lei e podiam ser presas, e as pessoas que não infringiam e não podiam ser presas. E a maioria delas eram pessoas que só não tinham sido flagradas infringindo a lei ainda; era nisso que Bud acreditava. Eu me encaixava em algum lugar no meio. Ele tinha certeza que eu era culpada de algo, mas não conseguia descobrir o motivo.

Andy não gostava de mim, tampouco, mas era um crente. Ele virou a cabeça para a esquerda quase imperceptivelmente. Não pude ver o rosto de Bud Dearborn claramente, mas seus ombros se enrijeceram de raiva, e ele inclinou-se um pouco para frente, toda sua postura corporal dizendo que estava furioso com seu detetive.

Abri caminho através do nó de cidadãos ansiosos e curiosos, e escapei para a ala da terceira série nos fundos da escola. O playground, do tamanho da metade de um campo de futebol, era cercado e o portão normalmente ficava trancado com uma corrente e cadeado. Tinha sido aberto, provavelmente para a conveniência dos investigadores. Avistei Kevin Pryor, um jovem e magro patrulheiro que sempre vencia a corrida de quatro quilômetros no Festival das Azaléias, inclinado sobre um bueiro do outro lado da rua. O mato no fosso estava alto, e as calças do uniforme escuro estavam empoeiradas de amarelo. Sua parceira, Kenya, que era tão rechonchuda quanto Kevin era magro, estava do outro lado do quarteirão, e observei sua cabeça se mover de um lado para o outro enquanto perscrutava os quintais adjacentes.

A escola tomava um quarteirão inteiro no meio de uma área residencial. Todas as casas ao redor eram lares modestos em terrenos modestos, o tipo de vizinhança que possuía cestas de basquete e bicicletas, cães latindo, e garagens iluminadas por giz na calçada.

Hoje, cada superfície estava empoeirada de pó amarelo claro; era o início da época do pólen. Se você lavasse o carro na cidade em sua garagem, haveria um anel amarelo sobre o escoadouro. As

barrigas dos gatos estariam tingidas de amarelo e cães grandes teriam patas amarelas.

Todas as pessoas com quem falasse teriam olhos vermelhos e carregariam uma caixa de lenços.

Notei vários lenços jogados ao redor do playground. Havia marcas de grama e lama seca nas áreas onde as crianças se reuniam com freqü.ncia.

Um grande mapa dos Estados Unidos foi pintado no chão de concreto do lado de fora da porta da escola. O nome de cada estado estava pintado clara e cuidadosamente. A Louisiana era o único estado pintado em vermelho vivo, e um pelicano preenchia seu contorno. A palavra Louisiana era comprida demais para competir com o pelicano e fora pintada na calçada bem onde o golfo do México devia estar.

Andy surgiu pela porta traseira, o rosto duro e composto. Ele parecia dez anos mais velho.

— Como está Halleigh? – perguntei.

— Ela está na escola, debulhando-se em lágrimas – ele disse. – Temos que encontrar esse garoto.

— O que Bud disse? – perguntei. Entrei pelo portão.

— Não pergunte – disse. – Se existe qualquer coisa que você possa fazer por nós, precisamos de toda ajuda possível.

— Vocês estão sem pessoal.

— Assim como vocês.

— Onde estão as pessoas que estiveram na escola quando ele sumiu?

— Estão todas aqui, exceto pela diretora e a zeladora.

— Eu as vi do lado de fora.

— Irei buscá-las. Todas as professoras estão no refeitório. Há um pequeno palco num canto. Sente-se lá, atrás da cortina. Veja se consegue pegar alguma coisa.

— Está bem – Eu não tinha uma ideia melhor.

Andy partiu para buscar a diretora e a zeladora na frente da escola.

Eu pisei na entrada do corredor da terceira série. Havia desenhos brilhantes decorando as paredes do lado de fora de cada classe. Fitei os desenhos de pessoas rudimentares fazendo piqueniques e pescando, e lágrimas arderam em meus olhos.

Pela primeira vez, eu desejei ser médium ao invés de telepata. Então poderia visualizar o que acontecera a Cody, ao invés de ter que esperar alguém pensar a respeito. Eu nunca conheci um verdadeiro médium, mas compreendia que era um talento muito incerto para ter, um que às vezes não era específico o bastante, e específico demais em outras. Minha pequena peculiaridade era

muito mais confiável, e eu me fiz acreditar que podia ajudar esta criança.

Ao seguir para o refeitório, o cheiro da escola evocou uma torrente de memórias. A maioria delas era dolorosa, algumas agradáveis. Quando pequena, eu não tinha controle sobre minha telepatia e nem ideia do que havia de errado comigo. Meus pais tinham me levado a uma instituição de saúde mental para tentar descobrir, o que logo me separou dos outros. Mas a maioria dos professores foi gentil. Eles compreendiam que eu estava dando o meu melhor para aprender— que de algum modo ficava distraída constantemente, mas não era por escolha própria. Inalar o cheiro de giz, desinfetante, papel e livros trouxe tudo de volta.

Lembrei de todos os corredores e entradas como se tivesse acabado de sair. As paredes eram de cor pêssego agora, ao invés do branco apagado da qual me recordava, e o carpete era uma espécie de cinza granulado no lugar do linóleo marrom; mas a estrutura da escola permaneceu imutável.

Sem hesitação, deslizei por uma porta lateral até o pequeno palco que ficava nos fundos do refeitório. Se eu estava me lembrando corretamente, o espaço na verdade era chamado de “sala multiuso”. A área de serviço podia ser fechada com portas corrediças e as mesas de piquenique que se alinhavam na sala podiam ser dobradas e empurradas para um canto. Agora as mesas ocupavam o local em fileiras ordenadas, e as pessoas sentadas ali eram todas adultas, com exceção dos filhos de algumas professoras

que estiveram nas salas de aula com suas mães quando o alarme foi dado.

Encontrei uma pequena cadeira de plástico e sentei atrás das cortinas à esquerda do palco. Fechei os olhos e comecei a me concentrar. Perdi consciência do meu corpo enquanto afastava todos os estímulos e começava a deixar minha mente vagar solta.

É minha culpa, minha culpa, minha culpa! Por que não percebi que ele não tinha voltado? Ou ele passou por mim? Ele pode ter entrado num carro sem eu ter notado?

Pobre Halleigh. Ela estava sentada sozinha e a pilha de lenços ao lado mostrava como estava passando o tempo de espera. Ela era completamente inocente da situação, então segui em frente com minha sondagem.

Oh meu Deus, obrigada Deus por não ser meu filho que está desaparecido...

...ir para casa e comer alguns biscoitos...

Não posso ir ao mercado e pegar carne para hambúrguer, talvez eu possa ligar para Ralph e ele possa ir ao Sonic... mas nós comemos fast food ontem à noite, não é bom...

A mãe dele é garçonete, quantos vagabundos ela conhece?

Provavelmente um deles...

E continuou assim, uma ladainha de pensamentos inofensivos. As crianças pensavam em lanches e televisão, e também estavam assustadas.

Os adultos, na maioria, estavam ainda mais assustados pelos próprios filhos e preocupavam-se com o efeito que o desaparecimento de Cody teria sobre suas famílias e suas classes.

Andy Bellefleur disse: — O xerife Dearborn estará aqui num minuto, e então nos dividiremos em dois grupos.

As professoras relaxaram. Aquelas instruções eram familiares, já que as davam frequentemente.

— Faremos perguntas a todos, um de cada vez, e então poderão ir.

Sei que todos vocês estão preocupados e temos patrulheiros fazendo uma busca na área, mas talvez possamos conseguir informações que nos ajudarão a encontrar Cody.

A Sra. Garfield entrou. Pude sentir sua ansiedade adiantando-se como uma nuvem escura, cheia de trovões. Miss Maddy estava bem atrás dela. Ouvi o som das rodas de seu carrinho de limpeza, carregado com a lata de lixo alinhada e produtos de limpeza. Todos os cheiros a cercando eram familiares. É claro, ela começou a limpar logo depois do fim das aulas.

Ela estaria numa das salas e provavelmente não teria visto nada. A Sra.

Garfield devia estar no escritório. O diretor na minha época, Sr. Hefferman, ficou do lado de fora com a professora encarregada, até todas as crianças irem embora, para que os pais tivessem chance de conversar com ele se tivessem perguntas a respeito do progresso dos filhos... ou falta dele.

Eu não saí de trás da cortina empoeirada para olhar, mas pude seguir o progresso das duas facilmente. A Sra. Garfield era uma bola de tensão tão densa que carregava o ar ao redor, e Miss Maddy estava igualmente cercada pelo cheiro de todos os produtos de limpeza e sons do carrinho. Ela sentia-se miserável também e, acima de tudo, queria voltar à rotina. Maddy Pepper podia ser uma mulher de inteligência limitada, mas amava o emprego porque era boa no que fazia.

Eu descobri um bocado de coisas enquanto fiquei sentada ali.

Descobri que uma das professoras era lésbica, apesar de ser casada e ter três filhos. Descobri que outra professora estava grávida, mas não contara a ninguém ainda. Descobri que a maioria das mulheres (não havia professores homens na escola primária) estava estressada pelas múltiplas obrigações com suas famílias, empregos e igrejas. A professora de Cody estava bem infeliz, porque ela gostava do garotinho, apesar de achar a mãe dele esquisita. Ela acreditava que Holly se esforçava para ser uma boa mãe, e aquilo compensava seu desgosto pelos adornos bárbaros de Holly.

Mas nada que eu tenha descoberto ajudou a descobrir o paradeiro de Cody até que me aventurei pela cabeça de Maddy

Pepper.

Quando Kenya veio atrás de mim, eu estava curvada com a mão na boca, tentando gritar silenciosamente. Eu não era capaz de levantar para procurar por Andy ou outra pessoa. Eu sabia onde estava o garoto.

— Ele me mandou vir aqui para descobrir o que você sabe – Kenya sussurrou. Ela estava massivamente descontente com sua missão e, apesar de sempre me achar legal, não pensava que eu poderia fazer algo para ajudar a polícia. Ela achava que Andy era um tolo por arriscar a carreira me pedindo para sentar ali, escondida.

Então apanhei algo mais, algo vago e fraco.

Levantei-me de repente e agarrei o ombro de Kenya. — Procure dentro da lata de lixo, aquele no carrinho de limpeza, agora! – falei com a voz baixa, mas (eu esperava) urgente o bastante para aturdir Kenya. – Ele está na lata, ainda está vivo!

Kenya não era impetuosa o suficiente para surgir de trás da cortina, pular do palco e correr até o carrinho da zeladora. Ela me lançou um olhar muito, muito severo. Saí de trás da cortina para observar enquanto Kenya descia a escadinha na frente do palco e aproximava-se de onde Maddy Pepper estava sentada, batendo os dedos contra a perna.

Miss Maddy queria um cigarro. Então percebeu que Kenya se aproximava dela e um alarme surdo soou em seu cérebro. Quando

a zeladora viu Kenya de fato tocando a margem da enorme lata de lixo, ela pulou de pé e gritou: — Não era minha intenção! Não era minha intenção!

Todos na sala se viraram com a comoção, e seus rostos demonstraram expressões idênticas de horror. Andy se aproximou a passos largos, o rosto severo. Kenya estava inclinada sobre a lata, vasculhando, lançando uma tempestade de lenços usados por sobre o ombro. Ela imobilizou-se por um segundo quando encontrou o que procurava. Ela inclinou-se, perigosamente prestes a cair dentro da lata.

— Ele está vivo – gritou para Andy. – Chame o 911!

— Ela estava lavando o chão quando ele voltou correndo à escola para pegar o desenho – Andy disse. Estávamos sentados sozinhos no refeitório. – Não sei se voce pôde ouvir tudo isso, havia tanto barulho na sala.

Eu assenti. Pude ouvir os pensamentos dela enquanto falava. Todos aqueles anos no emprego, ela nunca teve problemas com um aluno que não fossem facilmente resolvidos com algumas palavras duras por parte dela.

Então, hoje, Cody viera correndo para a sala de aula, com pólen nos sapatos e na calça, deixando uma trilha no chão recém-limpo de Maddy.

Ela gritara com ele, e ele ficou tão aturdido que escorregou no piso molhado. O garotinho caíra de costas e bateu a cabeça no

chão. O corredor possuía carpetes para reduzir o barulho, mas as salas de aula não, e a cabeça dele batera no linóleo.

Maddy achou que o tinha matado, e apressadamente escondeu o corpo no recipiente mais próximo. Ela se dera conta de que perderia o emprego se a criança estivesse morta e, num impulso, tentara escondê-lo.

Ela não tinha um plano e nem ideia do que aconteceria. Não sabia como se livraria do corpo e não levou em conta o quanto se sentiria miserável sobre a coisa toda, quanto se sentiria culpada.

Para manter minha participação em sigilo, que a polícia e eu concordamos ser absolutamente a melhor opção, Andy sugeriu a Kenya que ela subitamente percebeu que o único lugar na escola que não foi vasculhado era a lata de lixo de Maddy Pepper.

— Foi exatamente o que eu pensei – Kenya disse. – Que devia procurar, pelo menos dar uma olhada para ver se um seqüestrador não teria jogado algo lá dentro. – O rosto redondo de Kenya era ilegível. Kevin fitou-a, as sobrancelhas quase unidas, sentindo algo sobre a superfície da conversa. Kevin não era tolo, especialmente no que dizia respeito à Kenya.

Os pensamentos de Andy eram claros para mim. — Nunca mais me peça para fazer isso novamente – falei.

Ele assentiu em concordância, mas estava mentindo. Ele antevia uma série de casos resolvidos, malfeitores presos, e o quanto Bon Temps ficaria segura quando eu lhe contasse quem

eram todos os criminosos e ele encontrasse um modo de acusá-los por algo.

— Eu não vou fazer isso – respondi. – Não vou ajudá-lo o tempo todo. Você é um detetive. Tem que descobrir as coisas de modo legal, para que possa construir um caso para o tribunal. Se você me usar o tempo todo, ficará descuidado. Os casos serão arruinados. Você terá uma reputação ruim – falei desesperadamente, impotente. Eu não achava que minhas palavras teriam qualquer efeito.

— Ela não é uma Bola 8 Mágica – Kevin disse.

Kenya pareceu surpresa e Andy ficou mais do que surpreso; ele achou isso quase uma heresia. Kevin era um patrulheiro; Andy era um detetive. E Kevin era um homem quieto que ouvia todos os seus colegas, mas não oferecia comentários próprios com freqü.ncia. Ele foi notoriamente criado pela mãe; talvez tenha aprendido desde bebê a não oferecer opiniões.

— Você não pode sacudi-la e vir com a resposta certa – Kevin continuou. – Tem que descobrir as respostas por conta própria. Não é certo apoderar-se da vida de Sookie para que você possa fazer melhor o seu trabalho.

— Certo – disse Andy, não convencido. – Mas acho que qualquer cidadão iria querer sua cidade livre de ladrões, estupradores e assassinos.

— E que tal adúlteros e pessoas que pegam cópias extras dos distribuidores de jornal? Devo desmascará-los também? Que tal crianças que trapaceiam nos exames?

— Sookie, você sabe o que eu quis dizer – ele disse, pálido e furioso.

— É, eu sei o que quis dizer. Esqueça. Eu o ajudei a salvar a vida daquela criança. Não me faça nem mesmo pensar em me arrepender.

Fui embora do mesmo modo que cheguei, pelo portão dos fundos e pela lateral do terreno escolar, onde deixei meu carro. Dirigi de volta para o trabalho cuidadosamente, porque ainda estava tremendo com a intensidade das emoções que fluíram através da escola esta tarde.

No bar, descobri que Holly e Danielle haviam partido— Holly para o hospital para ficar com o filho, e Danielle para levá-la até lá, porque estava nervosa demais.

— A polícia teria levado Holly de bom grado – disse Sam. – Mas sei que Holly não tem ninguém aqui a não ser Danielle, então achei melhor deixar Danielle ir também.

— Claro, isso me deixa atendendo sozinha – respondi acidamente, achando que estava sendo duplamente punida por ter ajudado Holly.

Ele sorriu para mim e, por um segundo, não pude evitar retribuir o sorriso.

— Liguei para Tanya Grissom. Ela disse que teria prazer em ajudar, só que como funcionária em tempo integral.

Tanya Grissom acabara de se mudar para Bon Temps e viera direto ao Merlotte's para pedir emprego. Trabalhara como garçonete durante a faculdade, ela disse a Sam. E conseguira cerca de duzentos dólares por noite em gorjetas. Não ia acontecer em Bon Temps e eu lhe disse isso com franqueza.

— Você ligou para Arlene e Charlsie primeiro?

Percebi que ultrapassei meus limites, porque eu era apenas a garçonete, não a dona. Não cabia a mim lembrar Sam que ele devia ligar para as funcionárias com mais tempo antes de chamar a novata. A recémchegada definitivamente era uma metamorfa, e eu temia que Sam fosse parcial a favor dela. Sam não pareceu irritado, apenas direto.

— Sim, liguei para elas primeiro. Arlene disse que tinha um encontro e Charlsie estava cuidando do neto. Ela tem dado algumas indiretas de que não vai trabalhar mais. Acho que vai cuidar do bebê em tempo integral quando a nora voltar ao trabalho.

— Oh – falei, desconcertada. Eu teria que me acostumar com alguém novo.

Claro, garçonetes vêm e vão, e eu já tinha visto algumas passarem pela porta dos funcionários do Merlotte's em meus— céus, agora cinco— anos trabalhando para Sam. O Merlotte's ficava aberto até a meia-noite durante a semana, e até uma nas sextas e

sábados. Sam tentara abrir no domingo por um tempo, mas não compensava. Então agora o Merlotte's fechava aos domingos, a menos que fosse alugada para uma festa privada.

Sam tentava alternar nossos turnos para que todas tivessem a chance de trabalhar nos turnos da noite mais lucrativos, então alguns dias eu trabalhava das onze às cinco (ou seis e trinta, se ficássemos extra ocupados), e às vezes das cinco até a hora de fechar. Ele fez experiências com horários e dias até que todos nós concordamos com o que funcionava melhor. Ele esperava um pouco de flexibilidade de nossa parte e, em retorno, era bom a respeito de nos deixar sair para funerais, casamentos e outros eventos.

Eu tive alguns outros empregos antes de começar a trabalhar para Sam. Ele era, de longe, a pessoa mais fácil com quem já trabalhei. Ele se tornou mais do que meu empregador em algum lugar ao longo do caminho; ele era meu amigo. Quando descobri que era um metamorfo, isso não me aborreceu nem um pouco. Ouvi rumores na comunidade metamorfa que os Lobis estavam pensando em se revelar publicamente, do modo como os vampiros fizeram. Eu me preocupava com Sam. Me preocupava se as pessoas em Bon Temps o aceitariam. Eles sentiriam que ele os enganou durante todos esses anos, ou deixariam passar?

Desde que os vampiros fizeram sua revelação cuidadosamente orquestrada, a vida como conhecíamos mudou, em todo o mundo. Alguns países, após o choque inicial, cederam e começaram a trabalhar para incluir os vampiros na vida preponderante; outros

declararam vampiros inumanos e incitaram seus cidadãos a matá-los no ato (mais fácil falar do que fazer).

— Com certeza Tanya está bem – respondi, mas soei incerta, até mesmo para meus próprios ouvidos.

Agindo num impulso— só posso imaginar que a maré de emoções que experimentei nesse dia tenha algo a ver com isso— me atirei sobre Sam e dei-lhe um abraço. Senti cheiro de pele limpa, cabelos, o leve perfume doce de sua loção pós-barba, uma sugestão de vinho, um traço de cerveja...

o cheiro de Sam. Enchi meus pulmões como se fosse oxigênio.

Surpreso, Sam retribuiu meu abraço e, por um segundo, o calor de seu gesto quase me deixou flutuando de prazer. Então nos separamos porque, apesar de tudo, aquele era o nosso local de trabalho e havia alguns clientes ao redor. Tanya entrou, então foi bom termos nos endireitado. Eu não queria que ela pensasse que isso era rotina.

Tanya era mais baixa do que o meu um metro e setenta, uma mulher de boa aparência na casa dos vinte e poucos anos. Seu cabelo era curto, liso e brilhante, um castanho médio que quase combinava com os olhos. Tinha boca pequena, nariz arredondado e um belo corpo. Eu absolutamente não tinha razão para desgostar dela, mas não fiquei feliz por vê-la. Me senti envergonhada. Eu devia dar uma chance justa a Tanya para que mostrasse seu verdadeiro caráter.

Mas eu descobriria mais cedo ou mais tarde. Você não pode esconder o que realmente é, não de mim— não se é uma pessoa humana normal. Eu tento não ouvir, mas não consigo bloquear tudo. Quando namorei Bill, ele me ajudou a aprender como fechar a mente. Desde então, a vida tem sido mais fácil— mais agradável e relaxante.

Tanya era uma mulher sorridente, isso eu não podia negar. Ela sorriu para Sam, sorriu para mim e sorriu para os clientes. Não era um sorriso ansioso como o meu, o sorriso que dizia “Estou ouvindo um clamor em minha cabeça e estou tentando parecer normal por fora”; o sorriso de Tanya era mais do tipo “Sou realmente bonita e alegre e vou conquistar todo mundo”. Antes de pegar uma bandeja e começar a trabalhar, Tanya fez uma série de perguntas sensíveis, e pude perceber que ela possuía experiência.

— Qual é o problema? – Sam indagou.

— Nada – respondi. – Eu só...

— Ela parece bem legal – ele disse. – Você acha que há algo de errado com ela?

— Nada que eu saiba – falei, tentando soar entusiasmada e brincalhona. Eu sabia que estava dando o sorriso nervoso. – Escute, Jane Bodehouse está pedindo outra rodada. Vamos ter que chamar o filho dela de novo.

Tanya virou-se e olhou para mim nesse instante, como se sentisse meus olhos em suas costas. Seu próprio sorriso tinha

desaparecido, substituído por um olhar tão neutro que fez minha avaliação de sua capacidade para ação de verdade ser instantaneamente atualizada.

Ficamos paradas por um momento, nos avaliando fixamente, e então ela sorriu para mim e seguiu para a próxima mesa, perguntando ao homem ali se ele estava pronto para outra cerveja.

De repente, eu pensei, Imagino se Tanya está interessada em Sam.

Não gostei do modo como me senti quando pensei a respeito. Decidi que o dia foi exaustivo o suficiente sem criar uma nova preocupação.

E sem nenhum telefonema de Jason.

Depois do trabalho, eu fui para casa com a cabeça cheia: Padre Riordan, os Pelts, Cody, o aborto de Crystal.

Entrei na estrada de cascalho através da floresta e, quando segui pela clareira para estacionar nos fundos da casa, o isolamento me atingiu novamente. Morar na cidade por algumas semanas fez a casa parecer ainda mais adorável e, apesar de adorar estar de volta ao velho lugar, ela não parecia a mesma de antes do incêndio.

Eu raramente fiquei preocupada por viver sozinha nesse local isolado, mas nos últimos meses minha vulnerabilidade ficou impressa em mim.

Algumas vezes foi por pouco, e houve intrusos esperando por mim na casa em duas ocasiões quando cheguei. Agora eu tinha instalado algumas boas fechaduras nas portas, tinha olhos mágicos na frente e atrás, e meu irmão me deu sua espingarda Benelli para prevenir.

Eu tinha algumas luzes nos cantos da casa, mas não gostava de deixá-las acesas a noite toda. Estava pensando em comprar uma daquelas luzes com detector de movimento. A desvantagem era que, já que eu vivia numa enorme clareira no meio da floresta, frequentemente havia roedores cruzando meu quintal à noite, e a luz se acenderia quando algum pequeno gambá perambulasse pela grama.

A segunda questão a respeito da luz se acender era... E daí?

O tipo de coisa da qual eu estava com medo não se intimidaria com a luz. Eu só seria capaz de vê-la melhor antes que ela me devorasse. Além disso, não havia vizinhos para serem alertados ou acordados pela luz.

Estranho, refleti, mas eu raramente tive momentos de medo quando minha avó estava viva. Ela foi uma senhorinha durona para uma mulher com mais de setenta, mas não podia me defender nem de uma pulga. De algum modo, o simples fato de não estar sozinha me fazia sentir mais segura. Depois de pensar tanto no perigo, eu estava tensa quando saí do carro.

Passei por uma caminhonete estacionada em frente, destranquei a porta dos fundos e atravessei a casa para abrir a

porta da frente com a miserável sensação de que estava prestes a passar por uma cena. O silencioso interlúdio em minha varanda, observando as abelhas na pereira parecia ter acontecido há semanas, ao invés de horas.

Calvin Norris, líder da comunidade de lobi-panteras em Hotshot, saiu da caminhonete e aproximou-se das escadas. Ele era um homem barbado na casa dos quarenta, e um homem sério cujas responsabilidades pesavam em cheio sobre seus ombros. Evidentemente, Calvin havia acabado de sair do trabalho. Ele estava vestindo a camisa azul e jeans que todos os chefes de pessoal da Norcross usavam.

— Sookie – ele disse, acenando para mim.

— Por favor, entre – respondi, embora estivesse relutante. Contudo, Calvin sempre foi cortês comigo e tinha ajudado a resgatar meu irmão alguns meses atrás, quando Jason foi seqüestrado. Ao menos, eu lhe devia a cortesia.

— Minha sobrinha me ligou quando o perigo passou – ele disse pesadamente, sentando-se no sofá depois que acenei com a mão para lhe mostrar que era bem-vindo para ficar. – Acho que você lhe salvou a vida.

— Fico realmente contente por ouvir que Crystal está melhor. Tudo que fiz foi dar um telefonema. – Sentei em minha velha poltrona favorita e percebi que estava morta de cansaço. Forcei os ombros para trás. – A Dra.

Ludwig conseguiu deter o sangramento?

Calvin assentiu. Ele me fitou atentamente, os estranhos olhos solenes.

— Ela vai ficar bem. Nossas mulheres abortam muito. É por isso que esperávamos que... Bem.

Eu recuei com o fardo das esperanças de Calvin, de que me tornasse sua companheira, descansando pesadamente em meus ombros. Não tinha certeza do por que me sentia culpada; por causa de seu desapontamento, eu acho. Afinal, dificilmente era minha culpa que a ideia tivesse pouco apelo para mim.

— Acho que Jason e Crystal vão se amarrar – Calvin disse, direto. – Tenho que admitir, eu não sou louco por seu irmão. Mas também não sou eu quem vai casar com ele.

Não fiquei surpresa. Não sabia se este casamento foi ideia de Jason, Calvin ou Crystal. Jason certamente não esteve pensando em casamento esta manhã, a menos que tenha sido algo que esqueceu de mencionar durante a agitação da preocupação com Crystal.

— Bem, para ser honesta, eu não sou louca por Crystal. Mas não estou me casando com ela tampouco – Respirei fundo. – Farei o melhor que puder para ajudá-los, se eles decidirem... fazer isso. Jason é tudo que eu tenho, como você sabe.

— Sookie – ele disse, e sua voz ficou subitamente bem menos segura.

– Eu quero conversar sobre outra coisa também.

Claro que ele queria. De jeito nenhum eu ia me esquivar desse tiro.

— Sei que algo que lhe foi dito, quando você veio à minha casa, fez com que se afastasse. Eu gostaria de saber o que foi. Não posso consertar se não souber o que está quebrado.

Respirei fundo enquanto considerava minhas próximas palavras muito cuidadosamente. — Calvin, eu sei que Terry é sua filha.

Quando fui ver Calvin, na época em que ele saiu do hospital após ter levado um tiro, eu conheci Terry e sua mãe, Mary Elizabeth, na casa dele.

Apesar de elas claramente não morarem lá, era igualmente claro que tratavam o lugar como uma extensão da própria casa. Então Terry me perguntou se eu me casaria com seu pai.

— Sim – disse Calvin. – Eu teria lhe contado se você me perguntasse.

— Você tem outros filhos?

— Sim. Tenho outros três filhos.

— De mães diferentes?

— De três mães diferentes.

Eu estivera certa. — Por quê? – perguntei para ter certeza.

— Porque eu sou puro-sangue – ele disse, como se fosse algo evidente. – Já que apenas o primeiro filho de um casal puro-sangue se transforma numa pantera totalmente, nós temos que trocar.

Eu estava profundamente feliz por nunca ter considerado seriamente casar com Calvin, porque se tivesse, eu teria vomitado ali mesmo. O que eu suspeitava, após testemunhar o ritual de sucessão para líder do bando, era verdade.— Então não é o primeiro filho concebido de uma mulher que garante um metamorfo puro-sangue... é seu primeiro filho com um homem específico.

— Correto – Calvin pareceu surpreso por eu não ter sabido. – O primeiro filho de qualquer casal puro-sangue é o legítimo. Então se nossa população fica pequena demais, um macho puro-sangue tem que acasalar com tantas fêmeas puros-sangues quanto puder para aumentar o bando.

— Okay – Esperei um minuto para me recompor. – Você acha que eu aceitaria que engravidasse outras mulheres se fôssemos casados?

— Não, eu não esperaria isso de uma forasteira – ele respondeu, na mesma voz direta. – Acho que é hora de me estabelecer com uma única mulher. Eu cumpri meu dever como líder.

Eu tentei não revirar os olhos. Se tivesse sido outra pessoa, eu teria zombado, mas Calvin era um homem honrado e não merecia essa reação.

— Agora eu quero uma companheira pela vida toda, e seria bom para o bando se pudesse trazer sangue novo para a comunidade. Ficou claro que reproduzimos entre nós por tempo demais. Meus olhos mal parecem humanos e Crystal demora uma eternidade para mudar. Temos que acrescentar algo novo ao nosso caldo genético, como dizem os cientistas.

Se você e eu tivéssemos um filho, que era o que eu estava desejando, esse bebê nunca seria um legítimo Lobi; mas ele ou ela poderia acrescentar à comunidade, trazer sangue novo e novas habilidades.

— Por que você me escolheu?

Ele respondeu quase timidamente, — Gosto de você. E você é realmente bonita. – Ele sorriu então, uma expressão rara e doce. – Eu a observei no bar durante anos. Você é gentil com todos, trabalha duro e não tem ninguém para tomar conta de você como merece. E sabe a nosso respeito; não seria nenhum grande choque.

— As outras espécies de metamorfos fazem a mesma coisa? – perguntei isso tão baixo que mal pude me ouvir.

Olhei para minhas mãos, cerradas em meu colo, mal conseguindo respirar enquanto esperava para ouvir a resposta. Os olhos verdes de Alcide encheram meus pensamentos.

— Quando o bando começa a ficar pequeno, é dever deles – disse lentamente. – No que está pensando, Sookie?

— Quando fui à competição de líder do bando de Shreveport, aquele que venceu— Patrick Furnan— fez sexo com uma jovem Lobi fêmea, apesar de ser casado. Eu comecei a imaginar.

— Eu alguma vez tive chance com você? – Calvin perguntou. Ele parecia ter tirado suas próprias conclusões.

Calvin não podia ser culpado por querer preservar seu modo de vida.

Se eu achava os meios desagradáveis, o problema era meu.

— Você definitivamente me interessou – respondi. – Mas sou apenas humana demais para pensar em ter os filhos de meu marido por perto. Eu ficaria por demais... me incomodaria o tempo todo, saber que meu marido fez sexo com quase todas as mulheres que eu veria no dia a dia. – Pensando a respeito, Jason se adaptaria bem à comunidade de Hotshot.

Parei por um segundo, mas ele permaneceu em silêncio. – Espero que meu irmão seja bem-vindo à sua comunidade, apesar de minha resposta.

— Eu não sei se ele compreende o que fazemos – Calvin disse. – Mas Crystal já abortou antes, de um puro-sangue. Agora ela abortou esse bebê do seu irmão. Estou achando que talvez isso signifique que é melhor Crystal não tentar mais ter um lobi-pantera. Ela pode não ser capaz de ter um filho de seu irmão. Você se sente obrigada a falar a respeito com ele?

— Não caberia a mim discutir isso com Jason... mas Crystal. – Encontrei os olhos de Calvin. Abri a boca para comentar que, se tudo que Jason queria eram bebês, ele não devia se casar; mas então reconheci que era um assunto sensível então parei enquanto podia.

Calvin apertou minha mão de modo estranho e formal quando partiu.

Acredito que isso tenha marcado o fim de sua corte. Eu nunca me senti profundamente atraída por Calvin Norris, nem pensei seriamente a respeito de aceitar sua oferta. Mas seria menos do que honesta se eu não admitisse que fantasiei com um marido firme com bom emprego e benefícios, um marido que viria direto para casa após o trabalho e consertaria coisas quebradas nos dias de folga. Existiam homens que faziam isso, homens que não mudavam para outra coisa a não ser sua própria maneira, homens que estavam vivos durante vinte e quatro horas por dia. Sabia disso por ler tantas mentes no bar.

Receava que, o que realmente me atingiu a respeito da confissão de Calvin— ou explicação— seria o que isso me revelaria sobre Alcide. Alcide acendera meu afeto, e desejo. Pensar nele me fazia imaginar como seria estar casada com ele, de um modo bem pessoal, ao contrário da especulação impessoal a respeito do seguro de vida que Calvin havia inspirado.

Eu já tinha abandonado completamente a esperança secreta que Alcide havia inspirado em mim, após ter sido forçada a atirar em sua exnoiva; mas algo se apegou ao pensamento, algo que eu

mantinha secreto até para mim, mesmo depois de descobrir que ele estava saindo com Maria-

Star.

Tão recentemente quanto neste dia, diante dos Pelts, eu tinha solidamente negado que Alcide possuía qualquer interesse por mim. Mas algo solitário por dentro alimentou a esperança.

Fiquei em pé lentamente, sentindo-me duas vezes mais velha do que minha idade real, e fui para a cozinha procurar algo na geladeira para o jantar. Eu não estava com fome, mas jantaria insensatamente tarde se não preparasse alguma coisa agora, pensei severamente.

Mas nunca cozinhei a refeição para mim naquela noite.

Ao invés disso, inclinei-me contra a geladeira e chorei.

Capítulo 7

O DIA SEGUINTE era sexta-feira; não apenas era meu dia de folga como também tinha um encontro, então praticamente era um marco. Eu me recusei a arruiná-lo fazendo faxina. Apesar de ainda estar frio para tal coisa, fiz uma das minhas coisas favoritas: coloquei um biquíni, passei óleo e fui deitar no sol na espreguiçadeira dobrável que comprei no Wal-Mart no fim do verão anterior. Levei um livro, o rádio e um chapéu para o quintal, onde havia poucas árvores e plantas que encorajassem os insetos que mordiam.

Eu li, cantei junto com as músicas no rádio e pintei as unhas dos pés e das mãos. Embora estivesse arrepiada no começo, me aqueci rapidamente com o sol, e não havia nenhuma brisa gelada para sentir frio. Sei que banho de sol é ruim e faz mal, vou me arrepender mais tarde, etc., etc., mas é um dos poucos prazeres grátis disponíveis para mim.

Ninguém veio para uma visita, não ouvi o telefone e, já que o sol estava lá fora, os vampiros não apareceriam. Tive um momento agradável sozinha. Perto da uma da tarde, decidi ir até a cidade atrás de algumas compras e um novo sutiã, e parei na caixa de correspondência na Rodovia Hummingbird para verificar se o entregador do correio já tinha passado.

Sim. Minha conta da TV a cabo e a conta de luz estavam na caixa, o que me botou para baixo. Mas, escondido atrás de uma

propaganda da Sears, havia um convite para o chá de panela de Halleigh. Bom... nossa.

Fiquei surpresa, mas feliz. Claro, eu morei ao lado de Halleigh num dos apartamentos duplex de Sam por algumas semanas, enquanto minha casa estava sendo reconstruída após o incêndio, e nos víamos pelo menos uma vez por dia durante aquela época. Então não era uma completa forçada de barra, ela me colocar em sua lista de convidadas. Além disso, talvez ela estivesse aliviada pela situação de Cody ter sido resolvida tão rapidamente?

Eu não recebia muitos convites, então receber um fez bem ao coração. Três outras professoras estavam oferecendo o chá e o convite pedia presentes para cozinha. Que oportuno, já que eu estava a caminho do Hipermercado Wal-Mart em Clarice.

Após pensar muito, comprei uma caçarola. Aquilo era sempre prático (também comprei suco de fruta, queijo cheddar, bacon, papel de presente e um belo sutiã azul com calcinhas combinando, mas não era a questão).

Depois que voltei para casa e descarreguei minhas compras, embrulhei a caixa com a caçarola num papel prateado e coloquei uma enorme fita branca. Escrevi a data e o horário do chá de panela em meu calendário e coloquei o convite em cima do presente. Já havia resolvido a questão do chá.

Num acesso de virtude exacerbado, limpei minha geladeira nova por dentro e por fora, depois de fazer um lanche. Lavei uma pilha de roupas na lavadora nova, desejando pela centésima vez

que meus armários estivessem no lugar, já que estava cansada de procurar por coisas na bagunça do chão.

Andei pela casa para me certificar de que estava em ordem, já que Quinn vinha me buscar. Impedindo-me de pensar, troquei os lençóis e limpei o banheiro— não que eu tivesse a intenção de cair na cama com Quinn, mas é melhor estar preparada do que o contrário, certo? Além disso, me fazia sentir bem, saber que tudo estava limpo e arrumado. Toalhas limpas em ambos os banheiros, uma fina poeira na sala de estar e no quarto, uma rápida passada de aspirador.

Antes de entrar no chuveiro, eu até mesmo varri a varanda, apesar de saber que estaria coberta de novo com uma camada amarela antes de eu voltar do encontro. Deixei o sol secar meu cabelo, provavelmente enchendo-o de pólen também. Apliquei minha maquiagem com cuidado; eu não usava muito, mas era divertido usar para algo mais interessante do que o trabalho. Um pouco de sombra nos olhos, um bocado de rímel, algum pó compacto e batom. Então vesti meu novo lingerie de encontro. Me senti especial ao senti-lo sobre a pele: renda azul-escura. Olhei no espelho de corpo inteiro para verificar o efeito. Me congratulei. Você tem que se alegrar por si mesma, certo?

O traje que comprei no Tara’s Togs era azul royal, feito com malha pesada e tinha um belo caimento. Vesti a calça e a blusa. Esta era sem mangas e justa, envolvendo meus peitos. Experimentei a profundidade do decote, finalmente escolhendo um

grau revelador que com certeza ficava entre a linha do sexy e barato.

Tirei minha manta preta do armário, aquela que Alcide me deu para substituir o que Debbie Pelt destruiu. Eu precisaria dela mais tarde naquela noite. Calcei minhas sandálias pretas. Experimentei algumas joias, finalmente me decidindo por uma simples corrente de ouro (foi de minha avó) e brincos de bolinha. Hah!

Houve uma batida na porta da frente e eu olhei para o relógio, um pouco surpresa por Quinn estar quinze minutos adiantado. Eu também não tinha ouvido sua caminhonete. Abri a porta para descobrir que não era Quinn, mas Eric, quem estava parado lá.

Tenho certeza que ele apreciou meu ofego de surpresa.

Nunca abra a porta sem verificar. Nunca assuma que sabe quem está do outro lado. Foi por isso que arrumei os olhos mágicos! Estúpida. Eric devia ter flutuado, já que não vi um carro em lugar algum.

— Posso entrar? – Eric perguntou educadamente. Ele me olhou de alto a baixo. Após apreciar a vista, ele se deu conta de que aquilo não foi planejado com ele em mente. Não estava feliz. – Imagino que esteja esperando companhia?

— Para falar a verdade, eu estou. De fato, prefiro que você fique aí desse lado da porta – respondi. Dei um passo para trás para que ele não pudesse me alcançar.

— Você disse a Pam que não queria vir a Shreveport – ele disse. Ah, sim, ele estava zangado. – Então, aqui estou para descobrir por que você não respondeu ao meu chamado. – Normalmente seu sotaque era bem leve, mas notei que estava mais pronunciado esta noite.

— Eu não tinha tempo – falei. – Estou saindo esta noite.

— Foi o que eu percebi – disse, mais baixo. – Com quem vai sair?

— Isso realmente é da sua conta? – Encontrei seus olhos, desafiadora.

— É claro que sim – disse.

Fiquei desconcertada. — E isso seria por que...? – recuperei-me um pouco.

— Você devia ser minha. Eu dormi com você, cuidei de você, eu... a ajudei financeiramente.

— Você pagou dinheiro que me devia, por serviços prestados – respondi. – Você pode ter dormido comigo, mas não recentemente, e não mostrou sinais de querer fazer isso novamente. Se você está cuidando de mim, está demonstrando de um modo bem estranho. Eu nunca ouvi dizer que “total evasão, exceto ordens vindas de puxa-sacos” era um modo válido de mostrar cuidado. – Isso era uma afirmação confusa, certo, mas eu sabia que ele tinha entendido.

— Você está chamando Pam de puxa-saco? – Ele tinha a sombra de um sorriso nos lábios. Então voltou a ficar zangado. Pude perceber porque ele começou a soltar suas contrações. – Eu não tenho que andar ao seu redor para mostrar. Eu sou o xerife. Você... você é meu s.qüito.

Eu sabia que minha boca estava aberta, mas não pude evitar.

“Comendo mosca”, como minha avó dizia, e eu senti como se estivesse comendo um bocado delas. — Seu s.qüito? – consegui balbuciar. – Bem, dane-se você e seu s.qüito. Você não me diz o que fazer!

— Você é obrigada a ir comigo para a conferência – Eric disse, a boca tensa e os olhos faiscantes. – Foi por isso que a chamei para vir a Shreveport, para conversar a respeito dos horários e arranjos da viagem.

— Eu não sou obrigada a ir para lugar nenhum com você. Você foi suplantado, meu chapa.

— Meu chapa? Chapa!

E teria degenerado dali por diante, se Quinn não tivesse aparecido.

Ao invés de chegar em sua caminhonete, Quinn estava num Lincoln Continental. Senti um momento de puro prazer esnobe ao pensar em viajar nele. Eu havia escolhido as calças em parte porque achei que subiria numa picape, mas mesmo assim estava feliz por deslizar num carro luxuoso.

Quinn atravessou o gramado e subiu a varanda numa velocidade controlada. Ele não parecia apressado, mas subitamente estava lá, e eu sorri.

Ele estava maravilhoso. Vestia um terno cinza escuro, camisa lilás escura e uma gravata que misturava as duas cores num padrão elegante. Ele estava usando um brinco, uma simples argola de ouro.

Eric mostrava as presas.

— Olá, Eric – disse Quinn, calmamente. Sua voz profunda ribombou em minha espinha. – Sookie, você parece boa o bastante para comer. – Ele sorriu para mim, e os tremores ao longo de minha espinha se espalharam para outra área completamente. Eu nunca teria acreditado que poderia achar outro homem tão atraente na presença de Eric. Eu estava errada ao pensar assim.

— Você parece ótimo também – falei, tentando não sorrir como uma idiota. Não era legal babar.

Eric disse, — O que você andou dizendo para Sookie, Quinn?

Os dois homens altos se encararam. Eu não acreditava ser a fonte da animosidade. Eu era um sintoma, não a doença. Havia algo debaixo daquilo.

— Eu disse a Sookie que a rainha solicitou a presença dela na conferência como parte de seu grupo, e que o chamado da rainha se sobrepõe ao seu – Quinn respondeu terminantemente.

— Desde quando a rainha dá ordens através de um metamorfo? – Eric disse com o desprezo carregado na voz.

— Desde que este metamorfo executou um valioso serviço para ela no ramo dos negócios – Quinn respondeu, sem hesitação. – O Sr.

Cataliades sugeriu à Sua Majestade que eu poderia ser útil numa posição diplomática e meus sócios ficaram felizes em me dar tempo extra para executar quaisquer deveres com as quais ela possa me incumbir.

Eu não tinha certeza de que estava compreendendo, mas entendi o essencial. Eric estava inflamado, para dar bom uso à expressão no meu calendário com a Palavra do Dia. De fato, seus olhos estavam quase lançando faíscas, de tão furioso. — Esta mulher foi minha, e ela será minha – disse, num tom tão definitivo que eu pensei em verificar meu traseiro, procurando pela marca de ferro quente.

Quinn transferiu seu olhar para mim. — Docinho, você é dele ou não? – perguntou.

— Não – respondi.

— Então, vamos embora apreciar o show – Quinn disse. Ele não parecia estar com medo, ou mesmo preocupado. Esta era sua reação verdadeira ou estava representando uma fachada? De qualquer forma, era bem impressionante.

Eu tive que passar por Eric a caminho do carro de Quinn. Olhei para ele porque não pude evitar. Estar perto quando ele estava assim tão zangado não era algo seguro, e eu precisava ser cautelosa. Eric raramente era sobrepujado em questões sérias, e minha anexação pela Rainha da Louisiana— sua rainha— era uma questão séria. Meu encontro com Quinn também estava entalado em sua garganta. Eric simplesmente teria que engolir.

Então ambos estávamos no carro, os cintos de segurança presos, e Quinn manobrou numa marcha a ré habilidosa para apontar o Lincoln na direção da Rodovia Hummingbird. Eu respirei, lenta e cuidadosamente.

Levei alguns instantes para me acalmar novamente. Minhas mãos relaxaram gradualmente. Percebi que o silêncio estava aumentando. Deime uma sacudida mental.

— Você vai ao teatro com tanta freqü.ncia quanto viaja? – perguntei convencionalmente.

Ele riu e o som profundo, rico, encheu o carro. — Sim – disse. – Eu vou ao cinema, teatro e qualquer evento esportivo que esteja acontecendo.

Gosto de ver as pessoas fazendo coisas. Não assisto muito à televisão.

Gosto de sair do meu quarto de hotel ou apartamento e ver coisas acontecerem, ou fazê-las acontecerem eu mesmo.

— Então, você dança?

Ele me lançou um rápido olhar.

— Danço.

Eu sorri. — Eu gosto de dançar. – E era até boa dançando, não que tenha tido muitas chances de praticar. – Não sou boa em cantar – admiti – mas eu gosto muito, muito mesmo, de dançar.

— Soa promissor.

Achei que teríamos que ver como esta noite se desenrolaria antes de fazer quaisquer planos para dançar, mas pelo menos sabíamos que havia algo que ambos gostavam.

— Eu gosto de filmes – falei. – Mas não acho que tenha visto algum jogo ao vivo, além dos jogos no colegial. Mas nesses, eu vou. Futebol, basquete, beisebol... vou a todos, quando o trabalho me permite.

— Você praticou algum esporte na escola? – Quinn perguntou.

Confessei que joguei softball e ele me contou que jogou basquete, o que, considerando sua altura, não foi nenhuma surpresa.

Quinn era fácil de se conversar. Ele ouvia quando eu falava. Dirigia bem; pelo menos ele não praguejava para os outros motoristas como Jason fazia. Meu irmão tendia a ficar do lado impaciente da estrada.

Eu estava esperando que algo desse errado. Esperava por aquele momento— você sabe do que estou falando— o momento em que seu encontro de repente confessa algo que você não consegue engolir: ele se revela racista ou homofóbico, admite que nunca se casaria com alguém que não fosse batista (sulista, morena, corredora de maratona, o que for), conta sobre os filhos que teve com as primeiras três esposas, descobre seu gosto por ser algemado, ou relata suas experiências de juventude explodindo sapos ou torturando gatos. Depois disso, não importa o quanto tenha se divertido, você sabe que não irá a lugar algum. E eu nem precisava esperar que o sujeito me contasse essas coisas verbalmente; podia ler direto de sua cabeça antes mesmo que saíssemos.

Nunca popular com caras normais, eu. Admitindo ou não, eles não suportariam a ideia de sair com uma garota que sabia exatamente quantas vezes eles pularam a cerca, tiveram pensamentos libidinosos com outra mulher ou imaginaram como sua professora era sem roupas.

Quinn deu a volta no carro e abriu a porta para mim quando estacionamos do outro lado da rua, no Strand, e pegou minha mão ao atravessarmos. Eu apreciei a cortesia.

Havia um bocado de pessoas entrando no teatro, e todas pareciam estar olhando para Quinn. Claro, um sujeito careca, alto como Quinn recebe alguns olhares. Eu tentava não pensar em sua mão; era bem grande, muito quente e seca.

— Estão todos olhando para você – ele disse, enquanto tirava os ingressos do bolso, e eu cerrei os lábios para não rir.

— Ah, eu acho que não – falei.

— Para que mais estariam olhando?

— Você – respondi, espantada.

Ele riu alto, aquele riso profundo que me fazia vibrar por dentro.

Nós tínhamos lugares muito bons, no meio da plateia e de frente para o palco. Quinn ocupou seu assento, sem dúvida, e imaginei se as pessoas atrás dele podiam enxergar. Verifiquei meu programa com alguma curiosidade, descobri que não reconhecia o nome de nenhum dos atores na produção e decidi que não me importava. Levantei os olhos para encontrar Quinn me encarando. Senti o rosto enrubescer. Dobrei minha manta preta e coloquei-a sobre os joelhos, com um abrupto desejo de puxar meu decote para cima e esconder cada centímetro do colo.

— Definitivamente olhando para você – ele disse, e sorriu. Eu inclinei a cabeça, lisonjeada, mas embaraçada.

Muitas pessoas já viram The Producers. Não preciso descrever o enredo, exceto para dizer que é sobre pessoas crédulas e malandros adoráveis, e é muito engraçado. Eu adorei cada minuto. Era maravilhoso assistir pessoas atuando bem na minha frente com tal nível profissional. A estrela convidada, que algumas pessoas mais velhas na plateia pareceram reconhecer, atuou no papel principal com incrível confiança.

Quinn riu também e, após o intervalo, pegou minha mão de novo.

Meus dedos se fecharam ao redor dos dele com naturalidade, e não me senti embaraçada com o contato.

De repente, uma hora se passou e a peça terminou. Levantamo-nos junto com todo mundo, apesar de que levaria um tempo para o teatro esvaziar. Quinn pegou meu manto e segurou-o para mim, e eu me enrolei nele. Ele estava pesaroso por eu me cobrir— descobri isso diretamente de seu cérebro.

— Obrigada – falei, cutucando sua manga para ter certeza de que ele estava me olhando. Eu queria que soubesse o quanto aquilo significou. – Foi simplesmente maravilhoso.

— Eu gostei também. Você quer ir comer alguma coisa?

— Okay – respondi, após um momento.

— Você teve que pensar a respeito?

Na verdade, tive uma espécie de flash sobre vários itens diferentes.

Se os enumerasse, eu teria dito algo como, Ele deve estar se divertindo ou não ia sugerir que prolongássemos a noite. Eu tenho que levantar para trabalhar amanhã, mas não quero perder essa oportunidade. Se formos jantar, tenho que ser cuidadosa para não derrubar nada na minha roupa nova. Tudo bem gastar mais dinheiro dele, já que os ingressos custaram tanto?

— Ah, eu estava considerando as calorias – respondi, dando um tapinha no traseiro.

— Não há nada de errado com você, na frente ou atrás – Quinn disse, e a calidez em seus olhos me fez sentir calor.

Eu sabia que tinha mais curvas do que o ideal. Certa vez, ouvi Holly comentando com Danielle que qualquer número acima de manequim oito era simplesmente nojento. Já que um dia na qual conseguia entrar num manequim oito era um dia feliz, me senti bem infeliz por três minutos. Eu teria relatado essa conversa para Quinn se não tivesse certeza de que soaria como se eu estivesse buscando um elogio.

— Deixe o restaurante por minha conta – eu disse.

— Com todo o respeito por seu orgulho, não, não deixo. – Quinn me olhou direto nos olhos para ter certeza de que eu sabia que falava a sério.

Havíamos chegado à calçada, então. Surpresa com sua veemência, eu não soube como reagir. Por um lado, eu estava aliviada, já que tinha que ser cautelosa com meu dinheiro. Por outro, sabia que era certo oferecer e teria me sentido bem se ele tivesse dito que tudo bem.

— Você sabe que eu não estou tentando insultá-lo, certo? – falei.

— Sei que está sendo igualitária.

Olhei-o em dúvida, mas ele estava sério.

Quinn disse, — Eu acredito em absoluto que você é tão boa quanto eu em todos os sentidos. Mas eu a convidei, e estou fornecendo o apoio financeiro para nosso encontro.

— E se eu o convidasse para sair?

Ele pareceu infeliz. — Então eu teria que me sentar e deixá-la cuidar da noite – disse. Ele respondeu relutantemente, mas o fez. Eu desviei o olhar e sorri.

Os carros deixavam o estacionamento em ritmo constante. Já que estávamos deixando o teatro devagar, o carro de Quinn parecia solitário na segunda fileira.

De repente, meu alarme mental soou. Em algum lugar por perto, havia um bocado de hostilidade e intenção maldosa. Havíamos deixado a calçada para atravessar a rua até o estacionamento. Agarrei o braço de Quinn e então soltei para que pudéssemos ficar de prontidão.

— Algo está errado – falei.

Sem questionar, Quinn começou a perscrutar a área. Ele desabotoou o casaco com a mão esquerda para que pudesse se movimentar sem impedimento. Seus dedos se curvaram em punhos. Já que era um homem com um poderoso instinto protetor, ele se posicionou na minha frente.

Então, obviamente, fomos atacados por trás.

Capítulo 8

NUM BORRÃO OU MOVIMENTO que meus olhos não conseguiram reconhecer claramente, uma besta me jogou contra Quinn, que cambaleou um passo à frente. Eu estava no chão, debaixo da criatura ofegante, metade homem, metade lobo, no momento em que Quinn se virou, e quando ele o fez, outro Lobi surgiu aparentemente do nada, para pular nas costas de Quinn.

A criatura em cima de mim era um meio Lobi recente, tão jovem que só podia ter sido mordido nas últimas três semanas. Ele estava em tal frenesi que me atacou antes de ter acabado a transformação parcial que um Lobi mordido podia alcançar. Seu rosto ainda estava alongando num focinho, mesmo enquanto tentava me estrangular. Ele nunca teria a bela forma de lobo como os Lobis puros-sangues. Era “mordido, não nascido”, como os Lobis diziam. Ele ainda tinha braços e pernas, possuía o corpo coberto de pelos e cabeça de lobo. Mas era tão selvagem quanto um purosangue.

Eu engalfinhei suas mãos, que apertavam meu pescoço com ferocidade. Eu não estava usando minha corrente de prata esta noite. Tinha decidido que seria deselegante, já que meu encontro era com um metamorfo. Ser deselegante podia ter salvado minha vida, pensei fugazmente, embora fosse o último pensamento coerente que tive por alguns instantes.

O Lobi cavalgava meu corpo e eu levantei o joelho num ângulo agudo, tentando lhe dar uma boa joelhada para que afrouxasse o

aperto.

Houve guinchos de alarme dos poucos transeuntes restantes, e um guincho mais alto e penetrante vindo do agressor de Quinn, que vi voar pelo ar como se fosse lançado por um canhão. Então uma mão enorme agarrou meu assaltante pelo pescoço e levantou-o. Infelizmente, o metade-monstro, com as mãos ao redor de minha garganta, não me soltou. Eu comecei a levantar da calçada também, a garganta ficando mais e mais fechada pelo aperto dele.

Quinn deve ter visto minha situação desesperadora, porque atingiu o Lobi em cima de mim com a mão livre, um tapa que lhe sacudiu a cabeça e simplesmente o nocauteou num instante, porque ele soltou meu pescoço.

Então Quinn agarrou o jovem Lobi pelos ombros e arremessou-o para o lado. O garoto aterrissou na calçada e não se mexeu.

— Sookie – disse Quinn, mal parecendo estar sem fôlego. Quem estava sem fôlego era eu, lutando para forçar minha garganta a abrir e poder engolir algum oxigênio. Pude ouvir as sirenes da polícia e me senti profundamente grata. Quinn deslizou um braço sob meus ombros e me ajudou a levantar. Finalmente respirei, e o ar era maravilhoso, arrebatador.

– Você está conseguindo respirar? – ele perguntou. Recompus-me o suficiente para assentir. – Algum osso quebrado na garganta? – Tentei levantar a mão até meu pescoço, mas ela não estava cooperando naquele exato momento.

Seu rosto preencheu meu campo de visão e, sob a luz fraca de um poste, pude ver que sua expressão era carregada. — Eu vou matá-los, se eles a machucaram – ele rosnou, o que era então uma ótima notícia.

— Mordido – eu chiei e ele pareceu horrorizado, verificando com as mãos e os olhos pela marca de mordida.

— Eu não – elaborei. – Eles. Lobis não nascidos. – Aspirei um bocado de ar. – E talvez drogados – disse.

Entendimento surgiu em seus olhos. Era a única explicação para um comportamento tão insano. Um patrulheiro negro e robusto apressou-se em minha direção.

— Precisamos de uma ambulância no Strand – ele dizia para alguém em seu ombro. Não, era um pequeno rádio-transmissor. Eu sacudi a cabeça.

– Precisa de uma ambulância, madame – ele insistiu. – A garota ali disse que o homem a derrubou e tentou estrangulá-la.

— Estou bem – respondi com a voz rouca e minha garganta inegavelmente dolorida.

— Senhor, está com essa moça? – o patrulheiro perguntou a Quinn.

Quando se virou, a luz incidiu sobre seu nome na lapela; dizia Boling.

— Sim, estou.

— Você... hã, arrancou esses vagabundos de cima dela?

— Sim.

O parceiro de Boling, uma versão branca do próprio, aproximou-se de nós então. Ele olhou para Quinn com alguma reserva. Esteve examinando nossos agressores, que tinham mudado completamente para forma humana antes de a polícia ter chegado. Obviamente, eles estavam nus.

— Um está com a perna quebrada – ele nos contou. – O outro está reclamando que teve o ombro deslocado.

Boling deu de ombros. — Conseguiram o que estavam pedindo.

Pode ter sido minha imaginação, mas ele também pareceu um pouco mais cauteloso ao olhar para o meu acompanhante.

— Eles conseguiram mais do que esperavam – seu parceiro disse, neutro. – Senhor, conhece algum dos garotos?

Quinn virou a cabeça na direção dos adolescentes, que estavam sendo examinados por um patrulheiro de outro carro, um homem mais jovem com aparência atlética. Os garotos estavam inclinados um contra o outro, parecendo aturdidos.

— Eu nunca os vi antes – Quinn disse. – Você, docinho? – Ele olhou para mim, questionador. Eu sacudi a cabeça. Estava me

sentindo bem o suficiente apesar da distinta desvantagem, estando no chão. Eu queria me levantar e informei meu acompanhante.

Antes que os policiais pudessem dizer novamente que eu esperasse pela ambulância, Quinn conseguiu me levantar com a menor dor possível.

Olhei para o meu belo traje novo. Estava realmente sujo.

— Como está atrás? – perguntei a Quinn, e consegui ouvir até o medo em minha voz. Virei as costas para Quinn e fitei-o ansiosamente por sobre o ombro. Ele pareceu um pouco aturdido, mas examinou minha traseira obedientemente.

— Não está rasgado – relatou. – Pode ter uma mancha ou duas onde o tecido arranhou um pouco contra a calçada.

Eu explodi em lágrimas. Provavelmente teria começado a chorar não importa a razão, porque estava tendo uma poderosa reação à adrenalina que inundou meu corpo quando fomos atacados, mas o momento foi perfeito. A polícia tornou-se mais prestativa quanto mais eu chorava e, como um bônus extra, Quinn me puxou para os seus braços onde descansei a bochecha contra seu peito. Ouvi as batidas de seu coração quando parei de soluçar.

Livrei-me da reação nervosa ao ataque e desarmei a polícia ao mesmo tempo, apesar de saber que eles ainda se perguntavam a respeito de Quinn e sua força.

Outro policial chamou de seu lugar ao lado de um dos agressores, aquele que Quinn havia arremessado. Nossos dois

patrulheiros foram responder ao chamado e ficamos sozinhos por um tempo.

— Esperto – Quinn murmurou em meu ouvido.

— Hmmm – respondi, aconchegando-me contra ele. Quinn apertou os braços ao meu redor.

— Se você chegar mais perto, vamos ter que pedir licença e arranjar um quarto – ele sussurrou.

— Desculpe. – Eu me afastei um pouco e levantei os olhos para ele.

– Quem você acha que os contratou?

Ele pode ter ficado surpreso por eu ter descoberto isso, mas não podia dizer por seu cérebro. A reação química que abasteceu minhas lágrimas tornou seu sinal mental mais complicado.

— Eu definitivamente vou descobrir – ele disse. – Como está sua garganta?

— Dói – admiti com a voz rouca. – Mas sei que realmente não há nada de errado com ela. E eu não tenho seguro-saúde. Então não quero ir para o hospital. Seria perda de tempo e dinheiro.

— Então nós não vamos. – Ele se inclinou e beijou minha bochecha.

Virei o rosto para ele e o próximo beijo pousou no lugar exato. Após um gentil segundo, aquilo se inflamou para algo mais intenso.

Ambos estávamos sentindo as conseqü.ncias da injeção de adrenalina.

O som de alguém pigarreando me trouxe de volta à realidade com tanta eficácia quanto se o oficial Boling tivesse jogado um balde de água fria em nós. Eu me soltei e enterrei o rosto no peito de Quinn novamente.

Sabia que não poderia me mexer por um minuto ou dois, já que a excitação dele estava pressionada contra mim.

Apesar de aquela não ser a melhor circunstância para uma avaliação, eu tinha certeza que Quinn era proporcional. Tive que resistir à tentação de me esfregar contra seu corpo. Sabia que tornaria as coisas piores para ele, de um ponto de vista público— mas eu estava num humor melhor do que antes, e acho que estava me sentindo travessa. E excitada. Muito excitada.

Atravessarmos aquela provação juntos provavelmente acelerou nosso relacionamento ao equivalente a quatro encontros.

— Você tem outras perguntas para nós, oficial? – Quinn indagou numa voz que não era perfeitamente calma.

— Sim, senhor, se você e a senhorita vierem conosco à delegacia, precisamos pegar suas declarações. O detetive Coughlin fará isso enquanto levamos os prisioneiros para o hospital.

— Tudo bem. Tem que ser esta noite? Minha amiga precisa descansar. Está exausta. Foi uma experiência e tanto para ela.

— Não vai demorar – o policial disse, mentindo. – Têm certeza de que nunca viram esses dois marginais antes? Porque pareceu um ataque realmente pessoal, se não se importam que eu diga.

— Nenhum de nós os conhece.

— E a senhorita ainda recusa atenção médica?

Eu concordei.

— Bem, tudo bem então, caras. Espero que não tenham mais problemas.

— Obrigada por virem tão rápido – falei e virei um pouco a cabeça para encontrar os olhos do oficial Boling. Ele me fitou de modo aflito, e pude ouvir em sua cabeça que estava preocupado por minha segurança com um homem violento como Quinn, um homem que conseguia jogar dois garotos a vários metros no ar. Ele não percebeu, e eu esperava que nunca o fizesse, que o ataque foi pessoal. Não foi um assalto ao acaso.

Fomos para a delegacia num carro da polícia. Eu não tinha certeza do que eles estavam pensando, mas o parceiro de Boling nos disse que seríamos levados de volta ao carro de Quinn, então seguimos em frente com o programado. Talvez não quisessem que tivéssemos a chance de conversar sozinhos. Eu não sei por que; acho que a única coisa que pode ter levantado suspeitas era o tamanho de Quinn e sua habilidade em se defender dos agressores.

Nos breves segundos que tivemos a sós, antes de o policial embarcar no assento do motorista, eu disse a Quinn, — Se você

pensar para mim, eu serei capaz de ouvi-lo— se precisa que eu saiba de algo com urgência.

— Útil – ele comentou.

A violência pareceu ter relaxado algo dentro dele. Ele esfregou o polegar contra a palma da minha mão. Estava pensando que gostaria de ter trinta minutos numa cama comigo, agora mesmo, ou mesmo quinze; diabos, até dez, no banco de trás de um carro, seria fantástico.

Eu tentei não rir, mas não pude evitar, e quando se deu conta de que eu li aquilo tudo claramente, ele sacudiu a cabeça com um sorriso pesaroso.

Temos que ir a um lugar depois disso, ele pensou deliberadamente.

Eu esperava que ele não estivesse querendo dizer que ia alugar um quarto ou me levar ao seu lugar para sexo, porque não importava o quanto eu o achasse atraente, não faria isso esta noite. Mas seu cérebro não estava focado em luxúria, e percebi que seu propósito era algo diferente. Eu assenti.

Então não fique cansada demais, ele pensou. Eu assenti novamente.

Como evitaria a exaustão, eu não tinha certeza, mas tentaria guardar um pouco de energia.

A delegacia de polícia era aquilo que eu esperava. Apesar de ter muito mais a dizer sobre Shreveport, a cidade possuía sua porção considerável de crimes. Nós não chamamos muita atenção, até que os policiais que estiveram na cena se juntaram aos outros no prédio, então houve alguns olhares furtivos para Quinn, algumas avaliações.

Ele tinha uma aparência formidável o bastante para que eles lhe creditassem força fora do comum, como fonte da derrota dos dois ladrões.

Mas havia suficiente estranheza sobre o incidente, muitos toques peculiares nos relatos das testemunhas oculares... então meus olhos pegaram um rosto grisalho familiar. Oh-oh.

— Detetive Coughlin – falei, lembrando agora por que o nome tinha soado familiar.

— Srta. Stackhouse – ele respondeu, com tanto entusiasmo quanto eu demonstrei. – O que houve?

— Fomos assaltados – expliquei.

— Da última vez em que a vi, você estava noiva de Alcide Herveaux e encontrou um dos cadáveres mais nauseantes que já vi – ele disse facilmente.

Sua barriga parecia ter ficado ainda maior nos últimos meses, desde que o conheci numa cena de crime aqui em Shreveport. Como muitos homens com uma barriga desproporcional, ele usava as calças caqui abotoadas abaixo do sobrepeso, por assim dizer. Já

que sua camisa possuía listras azuis e brancas, o efeito era o de uma barraca pendurada sobre um monte de terra.

Eu apenas concordei. Realmente não havia nada a dizer.

— O Sr. Herveaux está indo bem após a perda do pai?

O corpo de Jackson Herveaux tinha sido encontrado meio submerso no açude de uma velha fazenda pertencente à família. Apesar dos jornais terem especulado sobre alguns dos ferimentos, era óbvio que animais selvagens tinham mastigado alguns ossos.

A teoria era de que o velho Herveaux havia caído no açude e quebrado a perna quando bateu no fundo. Ele conseguiu atingir a margem e se arrastou, mas naquele momento, acabou desmaiando. Já que ninguém sabia que estava na fazenda, ninguém apareceu para resgatá-lo, continuava a teoria, e ele morreu sozinho. Na verdade, uma enorme plateia havia testemunhado o falecimento de Jackson, entre eles o homem ao meu lado.

— Eu não falei com Alcide, desde que o pai foi encontrado – respondi sinceramente.

— Meu bom Deus, tenho certeza de que não foi bom – disse o detetive Coughlin, fingindo não ter visto meu acompanhante. – Com certeza vocês dois formavam um belo par.

— Sookie é linda, não importa com quem esteja – disse Quinn.

Eu sorri para ele e Quinn retribuiu. Com certeza, ele estava fazendo todas as jogadas certas.

— Então, se vier comigo por um momento, Srta. Stackhouse, vamos esclarecer a história toda e poderá ir embora.

Quinn apertou minha mão. Ele estava me avisando. Espera aí, quem é o leitor de mentes por aqui? Eu retribuí o aperto. Estava perfeitamente consciente de que o detetive Coughlin pensava que eu devia ser culpada de algo, e ele faria seu melhor para descobrir o motivo. Mas, na realidade, eu não era culpada. Nós fomos os alvos, percebi isso nas mentes dos nossos agressores. Mas por quê?

O detetive Coughlin me guiou até sua mesa numa sala cheia de escrivaninhas, e pescou um formulário da gaveta. A atividade da sala continuava; algumas das mesas estavam desocupadas e tinham aquele ar de “fechado para noite”, mas outros mostravam sinais de trabalho em progresso. Havia algumas pessoas entrando e saindo da sala e, a duas mesas de distância, um jovem detetive de cabelos louro-brancos curtos teclava atarefadamente em seu computador.

Eu estava sendo muito cuidadosa e abri minha mente, portanto sabia que ele estava olhando para mim quando eu olhava em outra direção, e sabia que foi colocado lá pelo detetive Coughlin, ou pelo menos recebeu uma dica para dar uma boa olhada em mim enquanto estivesse na sala.

Olhei diretamente em seus olhos. O choque do reconhecimento foi mútuo. Eu o tinha visto na disputa para líder do bando.

Ele era um Lobi. Agiu como o assistente de Patrick Furnan no duelo.

Eu o peguei trapaceando. Maria-Star me contou que sua punição foi ter a cabeça raspada. Apesar de seu candidato ter vencido, essa punição foi certeira, e seu cabelo estava apenas começando a crescer. Ele me odiava com a paixão dos culpados. E meio que se levantou da cadeira, seu primeiro instinto lhe dizendo para vir até mim e arrebentar minha cara, mas quando se deu conta do fato de que alguém já tentara fazer isso, ele sorriu afetadamente.

— Aquele é seu parceiro? – perguntei ao detetive Coughlin.

— O quê? – Ele estava perscrutando o computador através dos óculos de leitura, e olhou para o rapaz, então para mim. – É, é o meu novo parceiro. O cara com quem eu estava da última vez, na cena do crime onde a vi, se aposentou no mês passado.

— Qual é o nome dele? Seu novo parceiro?

— Por que, vai atrás dele depois? Você não parece se fixar num único homem, ou parece, Srta. Stackhouse?

Se fosse uma vampira, eu poderia tê-lo feito me responder e, se fosse realmente habilidosa, ele nem saberia que tinha respondido.

— É mais como se eles não se fixassem em mim, detetive Coughlin – respondi, e ele me lançou um olhar curioso. Ele acenou para o detetive louro.

— É Cal. Cal Myers. – Ele pareceu ter encontrado o formulário correto, porque começou a me fazer falar sobre o incidente novamente, e eu respondi suas perguntas com genuína indiferença. No momento, eu tinha muito pouco a esconder.

— Eu imagino – falei, quando concluímos – se eles estavam drogados.

— Entende sobre drogas, Srta. Stackhouse? – Seus olhinhos pousaram em mim novamente.

— Não em primeira mão, claro, mas de vez em quando alguns vão ao bar e parecem ter tomado algo que não deviam. Esses rapazes definitivamente pareciam... influenciados por algo.

— Bom, o hospital vai tirar o sangue deles, e então saberemos.

— Eu vou ter que voltar?

— Para testemunhar contra eles? Claro.

De jeito nenhum. — Okay – respondi, tão neutra e firmemente quanto possível. – Nós terminamos aqui?

— Eu acho que sim. – Ele encontrou meus olhos, seus próprios olhinhos castanhos cheios de suspeita. Não havia razão para eu me ressentir; ele estava absolutamente certo, havia algo de suspeito sobre mim, algo que ele não sabia.

Coughlin estava se esforçando para ser um bom policial. De repente, senti pena por ele, vagando através de um mundo da qual só conhecia a metade.

— Não confie em seu parceiro – sussurrei, e esperei que ele explodisse e chamasse Cal Myers para me ridicularizar. Mas algo em meus olhos ou minha voz deteve esse impulso. Minhas palavras

iam de encontro a um aviso que esteve soando furtivamente em seu cérebro, talvez desde o momento em que ele conheceu o Lobi.

Ele não disse nada, nem uma palavra. Sua mente estava cheia de medo e ódio... mas ele acreditou que eu estava lhe dizendo a verdade. Após um segundo, eu me levantei e deixei a sala dos investigadores. Para meu total alívio, Quinn esperava por mim no saguão.

Um patrulheiro— não Boling— nos levou de volta ao carro de Quinn, e ficamos em silêncio durante a viagem. O veículo de Quinn encontrava-se no solitário esplendor do estacionamento diante do Strand, que estava fechado e escuro.

Ele tirou as chaves e apertou um botão no chaveiro para abrir as portas, e entramos cansados, lentamente.

— Onde estamos indo? – perguntei.

— Ao Pelo do Cachorro – ele disse.

Capítulo 9

O PELO DO CACHORRO ficava na Kings Highway, não muito distante do Centenary College. Era um velho armazém de alvenaria. As enormes janelas defronte à rua eram cobertas por cortinas opacas creme, notei, ao virarmos à esquerda do prédio para entrarmos por um beco que levava a um estacionamento nos fundos.

Estacionamos no lote pequeno e abandonado. Apesar de maliluminado, pude notar que o chão estava coberto de latas vazias, vidros quebrados, camisinhas usadas e coisas piores. Havia várias motocicletas, alguns poucos veículos compactos caros, e uma ou duas Suburbans. A porta dos fundos possuía um letreiro que dizia PROIBIDA A ENTRADA— SOMENTE FUNCIONÁRIOS.

Embora meus pés definitivamente começassem a protestar por causa dos saltos altos com os quais não estavam acostumados, tivemos que caminhar cuidadosamente através do beco até a porta da frente. O frio descendo pela minha espinha se intensificou quanto mais chegávamos perto da porta. Então foi como se eu tivesse batido contra uma parede, a magia me agarrou de repente. Eu parei no ato. Lutei para seguir em frente, mas não conseguia me mexer. Eu sentia a mágica. O Pelo do Cachorro havia sido enfeitiçado. Alguém pagou a um bruxo muito bom uma bela soma em dinheiro para envolver a porta com um feitiço para repelir.

Eu lutei para resistir à compulsão de dar as costas e ir embora em outra direção, qualquer outra direção. Quinn deu alguns passos à frente e se virou, olhando-me com alguma surpresa, até que percebeu o que estava acontecendo.

— Eu esqueci – disse, aquela mesma surpresa soando em sua voz. – Realmente esqueci que você é humana.

— Isto soa como um elogio – falei com algum esforço. Mesmo com a noite fria, minha testa estava molhada de suor. Meu pé direito se moveu alguns milímetros.

— Aqui – ele disse, me envolvendo de modo semelhante a Rhett carregando Scarlett O'Hara. Assim que sua aura se enrolou ao meu redor, a compulsão desagradável de ir embora diminuiu. Soltei um profundo suspiro de alívio.

A magia não conseguia mais me reconhecer como humana, pelo menos não decisivamente. Embora o bar ainda parecesse pouco atraente e levemente repelente, eu podia entrar sem querer ficar doente. Talvez fosse efeito retardado do feitiço, mas depois que nós entramos, o bar ainda parecia pouco atraente e repelente.

Eu não diria que todas as conversas cessaram quando entramos, mas houve uma definitiva calmaria no barulho que enchia o bar. Uma jukebox tocava "Bad Moon Rising", que era como o hino nacional dos Lobis, e a multicolorida coleção de Lobis e metamorfos pareceu se reorientar.

— Humanos não são permitidos neste lugar! – Uma moça saltou do balcão num movimento muscular e se aproximou. Ela usava meias arrastão, botas de salto alto, um espartilho de couro vermelho— bom, um espartilho que desejava ser feito de couro vermelho, provavelmente era mais parecido com napa— e uma tira preta de tecido que eu imaginei que ela chamava de saia. Era como se ela tivesse puxado um tubinho até em cima, e então abaixado. Era tão apertado que achei que enrolaria para cima imediatamente, como uma persiana.

Ela não gostou do meu sorriso, entendendo-o corretamente como um comentário sobre seu conjunto.

— Tire seu traseiro humano daqui – ela disse, rosnando. Infelizmente, não soou tão intimidante, já que ela não tinha qualquer prática em estabelecer ameaça, e eu senti meu sorriso aumentar. A adolescente malvestida tinha o controle de impulso fraco dos Lobis muito jovens, e levantou o punho para me socar.

Então Quinn grunhiu.

O som veio do fundo de seu estômago e era estrondoso, o som profundo penetrando em cada canto do bar. O bartender, um tipo motoqueiro com barba, cabelo consideravelmente comprido e tatuagens que cobriam os braços nus, estendeu as mãos para baixo do balcão. Eu sabia que ele estava puxando uma espingarda.

Não pela primeira vez, imaginei se não devia começar a andar armada aonde quer que eu fosse. Em minha vida cumpridora das leis, eu nunca vi a necessidade até alguns meses atrás. A jukebox

então parou de tocar e o silêncio do bar se tornou tão ensurdecedor quanto o barulho de antes.

— Por favor, não pegue a arma – falei, sorrindo brilhantemente para o bartender. Pude sentir o estiramento dos lábios, aquele sorriso radiante demais que me fazia parecer meio louca. – Viemos em paz – acrescentei, num impulso maluco, mostrando as mãos vazias.

Um metamorfo sentado no balcão riu um latido agudo de diversão aturdida. A tensão começou a partir uma noz. A moça baixou a mão e deu um passo para trás. Seu olhar deslizou de Quinn para mim e vice-versa. As mãos do bartender estavam à vista agora.

— Olá, Sookie – disse uma voz familiar. Amanda, a Lobi ruiva que conduzira a Dra. Ludwig no dia anterior, encontrava-se sentada numa mesa em um canto escuro (na verdade, o lugar parecia cheio de cantos escuros).

Com Amanda, havia um homem robusto de trinta e poucos anos.

Ambos estavam com drinques e tigelas de salgadinhos. Possuíam companhia à mesa, um casal sentado de costas para mim. Quando se viraram, eu reconheci Alcide e Maria-Star. Eles se viraram cautelosamente, como se qualquer movimento súbito pudesse desencadear violência. O cérebro de Maria-Star era uma mistura colorida de ansiedade, orgulho e tensão. Já Alcide era contraditório. Ele não sabia como se sentir.

Então éramos dois.

— Oi, Amanda – eu disse, minha voz tão alegre quanto o sorriso.

Aquilo não serviria para o silêncio acumulado.

— Estou honrada por ter o legendário Quinn em meu bar – Amanda disse, e eu percebi que, quaisquer que fossem seus outros empregos, ela era dona do Pelo do Cachorro. – Vocês dois saíram para uma noite na cidade ou existe alguma razão especial para a visita?

Já que não tinha ideia do por que estávamos ali, eu tive que me virar para Quinn por uma resposta, o que não me fez parecer muito bem, em minha opinião.

— Existe uma razão muito boa, embora tenha desejado visitar seu bar há tempos – Quinn disse num estilo cortês e formal que surgiu do nada.

Amanda inclinou a cabeça, o que pareceu ser um sinal para Quinn continuar.

— Esta noite, minha companhia e eu fomos atacados num local público, com civis ao redor.

Ninguém pareceu realmente aborrecido ou espantado com isso. De fato, Srta. Desafio-da-Moda encolheu os ombros nus e magros.

— Fomos atacados por Lobis – disse Quinn.

Agora conseguimos uma grande reação. Cabeças e mãos se mexeram, e então ficaram imóveis. Alcide levantou-se parcialmente e então sentou de novo.

— Lobis do bando Presas Longas? – Amanda perguntou. Sua voz era incrédula.

Quinn deu de ombros.

— O ataque foi para matar, então eu não parei para fazer perguntas.

Ambos eram Lobis jovens mordidos e, pelo comportamento, eles estavam drogados.

Mais reações chocadas. Estávamos criando sensação.

— Você se machucou? – Alcide me perguntou, como se Quinn não estivesse ali.

Inclinei a cabeça para trás para que meu pescoço ficasse visível. Eu não estava mais sorrindo. Por agora, os hematomas deixados pelas mãos do garoto estariam bem escuros. E eu estava pensando muito.

— Como amiga do bando, eu não esperava que algo me acontecesse aqui em Shreveport – falei. Achava que minha posição como amiga do bando não havia mudado com o novo regime ou, pelo menos, esperava que não. De qualquer forma, era meu ás na manga, e eu o joguei.

— O Coronel Flood disse que Sookie era uma amiga do bando – Amanda disse inesperadamente.

Os Lobis trocaram olhares, e o momento pareceu se equilibrar na balança.— O que aconteceu com os filhotes? – perguntou o motoqueiro no balcão.— Estão vivos – Quinn disse, dando-lhes primeiro as notícias importantes. Houve a sensação geral de que o bar todo suspirou; de alívio ou pesar, eu não saberia dizer. – A polícia está com eles – continuou. – Já que os filhotes nos atacaram na frente de humanos, não houve como não envolver a polícia.

Nós havíamos conversado a respeito de Cal Myers a caminho do bar.

Quinn apenas vislumbrara o Lobi tira, mas certamente o reconheceria pelo que era. Eu imaginei se minha companhia agora levantaria a questão da presença de Cal Myers na delegacia, mas Quinn não disse nada.

E, sinceramente, por que comentar sobre algo que os Lobis já sabiam com certeza? O bando se uniria contra forasteiros, não importa o quanto estivessem divididos entre si. Envolvimento policial em assuntos dos Lobis era indesejável, óbvio. Embora a presença de Cal Myers na força ajudasse, qualquer exame minucioso levantaria a possibilidade dos humanos descobrirem a existência de criaturas que preferiam anonimato. Eu não sabia como eles voaram (se arrastaram ou penderam) sob o radar durante todo esse tempo. Tinha a convicção de que o custo em vidas humanas foi considerável.

Alcide disse, — Você devia levar Sookie para casa. Ela está cansada.

Quinn colocou um braço ao meu redor e me puxou contra si. — Quando recebermos a garantia de que o bando vai investigar a fundo esse ataque não provocado, vamos partir.

Hábil discurso. Quinn parecia ser um mestre em se expressar diplomática e seguramente. Ele era meio arrebatador, sinceramente. O poder fluía dele num curso constante, e sua presença física era inegável.

— Comunicaremos tudo isso ao líder do bando – Amanda dizia. – Ele investigará, tenho certeza. Alguém deve ter contratado esses filhotes.

— Alguém os transformou para começo de conversa – disse Quinn. – A não ser que seu bando tenha se degradado a ponto de morderem marginais de rua, e mandá-los para fazer o trabalho sujo?

Okay, atmosfera hostil agora. Olhei para o meu enorme acompanhante e descobri que faltava pouco para Quinn perder a calma.

— Obrigada a todos – falei para Amanda, meu sorriso brilhante surgindo nos cantos da boca novamente. – Alcide, Maria-Star, bom vê-los.

Vamos embora agora. Longa viagem de volta à Bon Temps. – Dei um pequeno aceno para Bartender-Motoqueiro e Garota-Arrastão. Ele assentiu e ela fez uma careta. Provavelmente não

estaria interessada em se tornar minha melhor amiga. Soltei-me do braço de Quinn e peguei sua mão. – Vamos, Quinn. Vamos pegar a estrada.

Por um pequeno instante ruim, os olhos dele não me reconheceram.

Então se desanuviaram, e ele relaxou. — Claro, docinho.

Ele disse adeus aos Lobis, viramos as costas e saímos. Apesar de a pequena plateia incluir Alcide, em quem eu confiava de muitas formas, foi um momento desconfortável para mim. Eu não conseguia sentir medo ou ansiedade vindo de Quinn. Ou ele possuía incrível foco e controle, ou realmente não estava com medo de um bar cheio de lobisomens, o que era admirável e tudo mais, mas meio... irreal.

A resposta correta era “incrível foco e controle”. Descobri quando chegamos ao estacionamento mal-iluminado. Movendo-me mais rápido do que pude perceber, me vi contra o carro e a boca dele estava sobre a minha.

Após um segundo aturdido, eu estava no mesmo ritmo. Perigo compartilhado faz isso, e era a segunda vez— em nosso primeiro encontro— que nos vimos ameaçados. Isso era um mau presságio?

Descartei esse pensamento racional quando os lábios e dentes de Quinn desceram para encontrar aquele ponto vulnerável e sensível onde o pescoço se liga à curva do ombro. Fiz um ruído incoerente porque, junto com o tesão que sempre sentia quando era

beijada ali, senti inegável dor dos machucados ao redor do pescoço. Era uma combinação desconfortável.

— Desculpe, desculpe – ele murmurou contra minha pele, seus lábios nunca parando o assalto. Eu sabia que, se baixasse minha mão, seria capaz de tocá-lo intimamente. Não estou dizendo que não era tentador. Mas estava aprendendo um pouco de cautela ao continuar... Provavelmente não muito, refleti com o fio de pensamento que não estava ficando mais e mais envolvido com o calor que surgiu em meu feixe de nervos mais abaixo, aquele que encontrou o calor gerado pelos lábios de Quinn. Oh, céus. Oh, oh, oh.

Eu me movi contra ele. Era um reflexo, okay? Mas um erro, porque a mão dele deslizou para baixo de meu seio e seu polegar começou a acariciar. Eu estremeci e me contorci. Ele estava meio sem fôlego também.

Era como pular na frente de um carro que já estava acelerando pela estrada escura.

— Okay – murmurei, afastando-me um pouco. – Okay, vamos parar isso agora.

— Hmmm – ele disse em meu ouvido, sua língua lambendo. Eu me contorci.— Não vou fazer isso – falei, tentando soar categórica. Então minha resolução aumentou. – Quinn! Eu não vou fazer sexo com você nesse estacionamento asqueroso!

— Nem mesmo só um pouquinho de sexo?

— Não. Definitivamente não!

— Sua boca (aqui, ele beijou) está dizendo uma coisa, mas seu corpo (ele beijou meu ombro) diz outra.

— Escute minha boca, garoto.

— Garoto?

— Tá legal. Quinn.

Ele suspirou e se recompôs. — Tudo bem – disse. Seu sorriso era pesaroso. – Desculpe. Eu não planejei pular em você assim.

— Ir a um lugar onde você não é exatamente bem-vindo e sair ileso, diversão e tanto – falei.

Ele respirou fundo. — Certo – disse.

— Eu gosto muito de você – falei. Pude ler a mente dele muito claramente, nesse instante. Ele gostava de mim também; agora mesmo, gostava um bocado. Queria gostar de mim contra a parede. Afastei o pensamento. – Mas tive algumas experiências que foram avisos para que eu desacelerasse. Eu não fui devagar com você esta noite. Mesmo com as, hã, circunstâncias especiais.

De repente, eu estava pronta para me sentar no carro. Minhas costas doíam e eu sentia uma leve cãibra. Preocupei-me por um segundo, então pensei em meu ciclo mensal. Certamente era o suficiente para me esgotar, coroando uma excitante e dolorida noite.

Quinn me observava. Estava se perguntando a meu respeito. Eu não sabia dizer exatamente com o que estava preocupado, mas de repente, ele perguntou, — Qual dos dois era o alvo do ataque no teatro?

Okay, sua mente definitivamente não estava focada em sexo agora.

Bom. — Você acha que era só um de nós?

Aquilo o fez se deter. — Eu achei que sim – respondeu.

— Nós também temos que nos perguntar quem os contratou. Acho que foram pagos de alguma forma— com drogas, dinheiro, ou ambos. Acha que eles vão falar?

— Eu não acho que eles vão sobreviver à noite na cadeia.

Capítulo 10

ELES NEM MESMO surgiram na manchete. Estavam na seção local do jornal de Shreveport, no fim da contracapa. HOMICÍDIOS NA PRISÃO, dizia o título. Eu suspirei.

Dois adolescentes esperando transporte para as celas do Instituto Correcional Juvenil foram mortos na noite passada, após a meia-noite.

O jornal era entregue toda manhã na caixa especial em minha entrada, bem ao lado da caixa de correspondências. Mas estava escurecendo na hora em que vi o artigo, enquanto me encontrava sentada no carro, prestes a manobrar na Rodovia Hummingbird e ir para o trabalho. Não tinha me aventurado hoje, até agora. Sono, lavanderia e um pouco de jardinagem ocuparam meu dia. Nenhum telefonema e nenhuma visita, como dizia o anúncio. Achei que Quinn poderia ligar, só para verificar meus ferimentos...

mas não.

Os dois adolescentes, levados à delegacia de polícia e acusados de assalto e agressão, foram colocados em uma das celas para esperar pelo ônibus matinal que os levaria ao Instituto Correcional. A cela para agressores juvenis ficava fora da vista da carceragem dos adultos, e os dois eram apenas adolescentes encarcerados durante a noite. Em algum momento, ambos foram estrangulados por uma pessoa ou pessoas desconhecidas. Nenhum

outro prisioneiro foi ferido, e todos negaram ter visto qualquer atividade suspeita. Os dois jovens possuíam extensas fichas criminais. “Eles tiveram vários encontros com a polícia”, dizia uma fonte próxima à investigação.

“Vamos verificar minuciosamente”, disse o detetive Dan Coughlin, que atendeu a ocorrência original e estava encabeçando a investigação do incidente no qual os jovens foram apreendidos. “Eles foram presos após serem acusados de atacar um casal de maneira bizarra, e suas mortes são igualmente estranhas”. Seu parceiro, Cal Myers, acrescentou, “A justiça será feita”.

Achei isso especialmente agourento.

Largando o jornal no assento ao meu lado, peguei meu maço de correspondência e acrescentei à pequena pilha. Verificaria depois do trabalho no Merlotte’s.

Eu estava num humor pensativo quando cheguei ao bar. Preocupada com o destino dos dois assaltantes da noite anterior, eu mal recuei quando descobri que trabalharia com a nova funcionária de Sam. Tanya estava tão radiante e eficiente quanto a achei antes. Sam ficou feliz com ela; de fato, na segunda vez em que ele me contou como estava satisfeito, eu lhe respondi um pouco rudemente que já tinha ouvido.

Fiquei feliz por ver Bill entrar e se sentar numa mesa em minha seção. Eu queria uma desculpa para me afastar, antes que tivesse que responder à pergunta se formando na cabeça de Sam: Por que você não gosta de Tanya?

Eu não espero gostar de todos que conheço, mais do que esperaria que qualquer um gostasse de mim. Mas normalmente tenho uma base para desgostar de um indivíduo, e é mais do que uma desconfiança não específica e vaga aversão. Apesar de Tanya ser uma espécie de metamorfa, eu devia ser capaz de lê-la e descobrir o suficiente tanto para confirmar quanto refutar minha suspeita instintiva. Mas eu não conseguia ler Tanya.

Pegava uma palavra aqui e ali, como uma estação de rádio que some. Você acharia que eu ficaria feliz por descobrir alguém de minha própria idade e sexo que talvez pudesse se tornar uma amiga. Ao invés disso, eu fiquei perturbada quando me dei conta que ela era um livro fechado.

Estranhamente, Sam não disse uma palavra a respeito da natureza essencial dela. Ele não disse, “Oh, ela é uma lobi-toupeira” ou “Ela é uma metamorfa pura como eu”, ou algo assim.

Eu estava numa índole agitada quando fui pegar o pedido de Bill.

Meu mal-humor se complicou ao ver Selah Pumphrey parada na porta perscrutando a aglomeração, provavelmente tentando localizar Bill. Falei alguns palavrões para mim, virei nos calcanhares e me afastei. Muito pouco profissional. Selah me encarava quando olhei para a mesa deles após um tempo. Arlene foi pegar o pedido.

Eu simplesmente ouvi Selah; estava sendo rude. Ela estava imaginando por que Bill sempre queria encontrá-la aqui, quando os nativos eram tão obviamente hostis. Não conseguia acreditar que

um homem perspicaz e sofisticado como Bill pudesse ter namorado uma garçonete. E pelo que ouvira, eu nem mesmo fui para a faculdade e, além disso, minha avó tinha sido assassinada. Isso me tornava ralé, eu acho.

Eu tento aceitar coisas assim como um pequeno aborrecimento.

Afinal, podia ter me protegido muito bem desses pensamentos. Pessoas que bisbilhotam raramente ouvem coisas boas a seu respeito, certo? Um velho ditado, mas verdadeiro. Disse a mim mesma (umas seis vezes seguidas) que não tinha por que ouvi-la, que seria uma reação drástica demais ir até lá e estapeá-la ou arrancar-lhe os cabelos. Mas a raiva me inflamou e parecia que eu não conseguia controlá-la. Coloquei três cervejas na mesa de Catfish, Dago e Hoyt com força desnecessária. Eles me olharam simultaneamente, aturdidos.

— Fizemos algo errado, Sook? – perguntou Catfish. – Ou é só aquele período do mês?

— Vocês não fizeram nada – respondi. E não era minha época do mês— oh. Sim, era. Eu tive o aviso com a dor nas costas, o peso em meu estômago e os dedos inchados. Minha amiguinha veio me visitar e eu tive a sensação ao perceber o que estava contribuindo para minha irritação geral.

Olhei para Bill e o peguei me encarando, com as narinas infladas. Ele podia sentir o cheiro de sangue. Uma onda de embaraço agudo me inundou, deixando meu rosto vermelho. Por um

segundo, eu vislumbrei a fome nua em seu rosto, então ele rearranjou as feições numa expressão neutra.

Se ele não estava choramingando por amor não correspondido em minha porta, pelo menos estava sofrendo um pouquinho. Um minúsculo sorriso satisfeito enfeitava meus lábios quando me olhei no espelho atrás do balcão.Uma segunda vampira entrou uma hora mais tarde. Ela olhou para Bill durante um segundo, assentiu para ele e então se sentou numa mesa na seção de Arlene. Arlene apressou-se para pegar a ordem da vampira. Elas conversaram por um minuto, mas eu estava ocupada demais para verificar.

Além disso, tinha acabado de ouvir a vampira filtrada através de Arlene, já que vampiros são silenciosos como um túmulo (ha-ha) para mim. No momento seguinte, Arlene atravessou o bar até onde eu estava.

— A garota morta quer falar com você – ela disse, não moderando a voz nem um pouco, e cabeças se viraram em nossa direção. Arlene não é chegada em sutileza— ou tato, quanto a isso.

Depois que me certifiquei que meus fregueses estavam felizes, fui até a mesa da vampira. — O que posso fazer por você? – perguntei na voz mais baixa que pude. Eu sabia que ela podia me ouvir; suas audições são fenomenais, e a visão não fica atrás em acuidade.

— Você é Sookie Stackhouse? – perguntou a vampira. Ela era muito alta, pouco menos de um metro e oitenta e tinha alguma mistura racial que foi extremamente feliz. Sua pele possuía uma cor

dourada e o cabelo era grosso, denso e escuro. Ela o usava espigado e seus braços eram cobertos de joias. Suas roupas, em contraste, eram simples: vestia uma blusa branca bem austera de mangas longas, com calças e sandálias pretas.

— Sim – falei. – Posso ajudá-la? – Ela me olhava com uma expressão que eu só pude identificar como duvidosa.

— Pam me mandou até aqui – ela disse. – Meu nome é Felicia. – Sua voz era tão melódica e exótica quanto sua aparência. Fazia você pensar em drinques de rum e praias.

— Como vai, Felicia? – falei educadamente. – Espero que Pam esteja bem.

Já que vampiros não tinham saúde variável, isso foi uma surpresa para Felicia. — Ela parece bem – a vampira respondeu, incerta. – Ela me mandou até aqui para me identificar para você.

— Okay, eu a conheço agora – falei, tão confusa quanto Felicia.

— Ela disse que você tinha o hábito de matar os atendentes de bar do Fangtasia – Felicia disse, os olhos adoráveis arregalados de assombro. – Disse que eu devia vir para lhe implorar misericórdia. Mas você parece ser só uma humana para mim.

Essa Pam.

— Ela só estava brincando com você – falei tão gentilmente quanto possível. Não achei Felicia a faca mais afiada do faqueiro. Superaudição e força não era igual a superinteligência. – Pam e eu

somos amigas, algo assim, e ela gosta de me embaraçar. Acho que gosta de fazer o mesmo com você, Felicia. Eu não tenho intenção de machucar ninguém. – Felicia pareceu cética. – É verdade, tenho um histórico ruim com os bartenders do Fangtasia, mas é só, hã, coincidência – balbuciei. – E sou, de verdade, apenas uma humana.

Após meditar sobre aquilo por um momento, Felicia pareceu aliviada, o que a deixou ainda mais bonita. Pam frequentemente tinha múltiplas razões para fazer algo, e me descobri imaginando se ela mandou Felicia para que eu pudesse observar seus atrativos— o que, claro, seria óbvio para Eric. Pam devia estar tentando provocar confusão. Ela detestava uma vida enfadonha.

— Volte para Shreveport e divirta-se com seu chefe – falei, tentando soar gentil.

— Eric? – disse a adorável vampira. Ela pareceu aturdida. – Ele é bom para trabalhar junto, mas eu não sou amante de homens.

Olhei para as mesas ao redor, não apenas checando para ver se alguém precisava urgentemente de um drinque, mas para ver quem estava prestando atenção naquela linha de diálogo. A língua de Hoyt praticamente estava pendurada e Catfish parecia ter sido surpreendido por um holofote.

Dago estava alegremente chocado. — Então, Felicia, como você acabou parando em Shreveport, se não se importa de eu perguntar? – Voltei minha atenção para a nova vampira.

— Oh, minha amiga Indira me pediu para vir. Ela disse que a escravidão com Eric não é tão ruim. – Felicia deu de ombros, para mostrar como era “não tão ruim”. – Ele não exige serviços sexuais se a mulher não está a fim, e pede em retorno apenas algumas horas no bar e tarefas especiais de vez em quando.

— Então ele tem a reputação de ser um bom chefe?

— Oh, sim – Felicia parecia quase surpresa. – Ele não é bonzinho, claro. – Bonzinho não é uma palavra que se pode usar na mesma frase com Eric. – E você não pode provocá-lo. Ele não perdoa isso – ela continuou, pensativamente. – Mas com tanto que você cumpra suas obrigações, ele fará o mesmo por você.

Eu concordei. Isso combinava mais ou menos com minha impressão de Eric, e eu o conhecia muito bem em alguns aspectos... apesar de nem tanto em outros.

— Isso é bem melhor do que no Arkansas – Felicia disse.

— Por que você deixou o Arkansas? – perguntei, porque não pude evitar. Felicia era a vampira mais simples que já conheci.

— Peter Threadgill – ela disse. – O rei. Ele acabou de se casar com nossa rainha.

Sophie-Anne Leclerq da Louisiana não era, de jeito nenhum, minha rainha, mas por curiosidade, eu quis continuar a conversa.

— Qual é o problema com Peter Threadgill?

Era uma questão delicada para Felicia. Ela meditou. — Ele guarda rancores – disse, franzindo o cenho. – Nunca está satisfeito com o que tem.

Não é suficiente ele ser o mais velho, mais forte vampiro no estado. Mesmo quando se tornou rei— e ele tramou durante anos para conseguir isso— ainda não ficou contente. Havia algo de errado com o estado, entende?

— Tipo “Qualquer estado que me tenha como rei não é um bom estado para ser rei”?

— Exatamente – Felicia disse, como se eu fosse muito esperta para pensar em tal frase. – Ele negociou com a Louisiana durante meses e meses, e até Flor de Jade ficou cansada de ouvir sobre a rainha. Então ela finalmente concordou com a aliança. Após uma semana de celebração, o rei ficou rabugento de novo. De repente, isso não era bom o bastante. Ela tinha que amá-lo. Tinha que desistir de tudo por ele. – Felicia sacudiu a cabeça aos caprichos da realeza.

— Então não foi um casamento por amor?

— Essa é a última razão pela qual reis e rainhas vampiros se casam – disse Felicia. – Agora ele está visitando a rainha em Nova Orleans, e eu estou contente por estar do outro lado do estado.

Eu não entendi o conceito de visita de um casal casado, mas tinha certeza que, mais cedo ou mais tarde, entenderia. Eu ficaria

interessada em ouvir mais, mas era hora de voltar à minha seção e trabalhar.

— Obrigada pela visita, Felicia, e não se preocupe com nada. Fico feliz que esteja trabalhando para Eric – falei.

Felicia sorriu para mim, uma experiência deslumbrante e dentuça.

— Fico feliz que você não esteja planejando me matar – ela disse.

Retribui o sorriso, um pouco hesitante. – Eu lhe asseguro, agora que sei quem é, você não terá chance de me pegar de surpresa – Felicia continuou.

De repente, a verdadeira vampira surgiu nos olhos de Felicia, e eu estremeci. Poderia ser fatal subestimá-la. Esperta, não. Selvagem, sim.

— Eu não planejo pegar ninguém de surpresa, muito menos um vampiro – respondi.

Ela me deu um aceno agudo e então deslizou para a porta tão subitamente quanto chegou.

— O que foi tudo aquilo? – Arlene me perguntou, quando aconteceu de estarmos no balcão, esperando por pedidos ao mesmo tempo. Notei que Sam ouvia também. Eu dei de ombros.

— Ela está trabalhando no Fangtasia, em Shreveport, e só queria que eu a conhecesse.

Arlene me encarou. — Eles têm que se apresentar para você, agora?

Sookie, você precisa se afastar dos mortos e se envolver mais com os vivos.

Eu olhei de volta. — De onde você pegou essa ideia?

— Você age como se eu não conseguisse pensar por mim mesma.

Arlene nunca surgiu com um pensamento como aquele na vida. O nome do meio de Arlene era tolerância, principalmente porque era pacata demais para adotar uma posição moral.

— Bom, eu estou surpresa – respondi, agudamente consciente do quanto estava sendo dura ao avaliar alguém que sempre vi como amiga.

— Bom, eu tenho ido à igreja com Rafe Prudhomme.

Eu gostava de Rafe Prudhomme, um homem pacato na casa dos quarenta, que trabalhava para a Companhia de Títulos Estaduais Pelicano.

Mas nunca tive chance de conhecê-lo melhor, nunca ouvi seus pensamentos.

Talvez tenha sido um erro.— Que tipo de igreja ele freqüenta? – perguntei.

— Ele freqüenta a Sociedade do Sol, aquela igreja nova.

Meu coração afundou, quase literalmente. Não me incomodei em mencionar que a Sociedade era uma coleção de fanáticos unidos pelo ódio e pelo medo. — Não é uma igreja de verdade, você sabe. Existe uma filial da Sociedade aqui perto?

— Em Minden – Arlene desviou o olhar, a imagem perfeita da culpa.

– Eu sabia que você não ia gostar. Mas eu vi o padre católico lá, Padre Riordan. Então até as pessoas ordenadas acham que está tudo bem. Nós fomos aos dois últimos domingos à noite.

— E você acredita nesse negócio?

Mas um dos fregueses de Arlene a chamou, e ela ficou definitivamente contente por se afastar. Meus olhos encontraram os de Sam, e nos fitamos igualmente preocupados.

A Sociedade do Sol era uma organização antivampiro intolerante, e sua influência estava se espalhando. Alguns dos partidários da Sociedade não eram militantes, mas muitos pregavam o ódio e o medo na forma mais extremada. Se a Sociedade possuía uma lista de alvos secretos, com certeza eu estava nela. Os fundadores, Steve e Sarah Newlin, perderam sua igreja mais lucrativa, em Dallas, porque eu interferi com seus planos. Eu sobrevivi a algumas tentativas de assassinato desde então, mas

sempre havia chance de a Sociedade me rastrear e emboscar. Eles me viram em Dallas e em Jackson e, mais cedo ou mais tarde, descobririam quem eu era e onde morava.

Eu tinha um bocado com que me preocupar.

Capítulo 11

NA MANHÃ SEGUINTE, Tanya apareceu em minha casa. Era domingo, eu estava de folga e me sentia bem animada. Afinal, Crystal estava se curando, Quinn parecia gostar de mim e eu não tinha mais ouvido falar de Eric, portanto talvez ele me deixasse em paz. Eu tento ser otimista.

O ditado favorito de minha avó na Bíblia era “Suficiente para o dia é o mal advindo”. Ela explicara que o significado era não se preocupar com o amanhã, ou sobre coisas que você não pode mudar. Eu tentava praticar essa filosofia, apesar de ser difícil na maioria dos dias. Hoje era fácil.

Os pássaros piavam e chilreavam, os insetos zumbiam e o ar pesado de pólen estava cheio de paz, como se houvesse outra espécie de planta emissora. Eu estava sentada na varanda da frente em meu roupão cor-derosa, bebericando meu café, ouvindo Conversa de Carro na Rádio Red River, e me sentindo realmente bem, quando um pequeno Dodge Dart surgiu em minha entrada. Eu não reconheci o carro, mas reconheci a motorista. Toda minha tranqüilidade desapareceu numa rajada de suspeita.

Agora que eu sabia a respeito da proximidade de novos partidários da Sociedade, a presença intrometida de Tanya parecia ainda mais suspeita.

Eu não estava feliz por vê-la em minha casa.

A cortesia comum me proibiu de avisá-la, sem maiores provocações da parte dela, mas eu não estava lhe dando nenhum sorriso de boas-vindas quando fiquei de pé e desci a varanda.

— Bom dia, Sookie! – ela exclamou ao sair do carro.

— Tanya – respondi, apenas para reconhecer a saudação.

Ela se deteve a meio caminho das escadas. — Hmm, tudo bem?

Eu não respondi.

— Eu devia ter ligado primeiro, huh? – Ela tentou parecer cativante e pesarosa.

— Isso teria sido melhor. Eu não gosto de visitas inesperadas.

— Desculpe, prometo que ligo da próxima vez. – Ela retomou seu progresso sobre o cascalho até os degraus. – Tem um copo de café extra?

Eu violei uma das regras mais básicas da hospitalidade. — Não, não esta manhã – falei. Segui para o topo da escada para bloquear seu caminho até a varanda.

— Bom... Sookie – ela disse numa voz incerta. – Você realmente é mal-humorada pela manhã.

Olhei para ela firme.

— Não me admira Bill Compton estar saindo com outra pessoa – Tanya disse com uma pequena risadinha. Ela soube imediatamente que cometeu um erro. – Desculpe – acrescentou apressadamente – talvez eu mesma não tenha tomado café suficiente. Não devia ter dito isso. Aquela Selah Pumphrey é uma cadela, hein?

Tarde demais agora, Tanya. Falei, — Pelo menos você sabe em que pé está com Selah. – Aquilo foi claro o bastante, certo? – Eu a vejo no trabalho.

— Okay. Eu ligo da próxima vez, combinado? – Ela me deu um sorriso brilhante e vazio.

— Falou. – Observei-a voltar para o carrinho. Ela deu um aceno animado e, com um bocado de manobra extra, virou o Dart e seguiu de volta para a Rodovia Hummingbird.

Eu a observei partir, esperando até o som do motor morrer completamente à distância antes de voltar ao banco. Deixei meu livro sobre a mesa de plástico ao lado da cadeira e tomei o resto do café sem o prazer que acompanhava os primeiros goles.

Tanya estava tramando algo.

Ela praticamente tinha um sinal de néon piscando sobre a cabeça.

Desejei que o sinal fosse prestativo o suficiente para me dizer o que era ela, para quem trabalhava e qual seu objetivo, mas imaginei que teria de descobrir sozinha. Eu ia escutar sua mente em

qualquer oportunidade que tivesse e, se isso não funcionasse— e às vezes não funciona, porque ela não só era uma metamorfa, mas você não pode fazer as pessoas pensarem o que você precisa, de propósito— teria que tomar medidas mais drásticas. Não que eu tivesse certeza do que poderia ser.

Durante o último ano, de certa forma, assumi o papel de guardiã do esquisito em meu pequeno canto do nosso estado. Eu era a garotapropaganda para tolerância das subespécies. Aprendi um bocado a respeito de outro universo que rodeava a (na maioria das vezes, inconsciente) raça humana. Era meio que legal saber de coisas que outras pessoas não sabiam.

Mas complicava minha já difícil vida e me conduzia por caminhos perigosos entre seres que queriam desesperadamente manter suas existências secretas.

O telefone tocou dentro de casa, e eu afastei os pensamentos infelizes para atender.

— Oi, docinho – disse uma voz calorosa do outro lado.

— Quinn – eu disse, tentando não soar feliz demais. Não que eu tivesse investido emocionalmente neste homem, mas com certeza precisava que algo positivo acontecesse agora mesmo, e Quinn era tão formidável quanto atraente.

— O que está fazendo?

— Oh, sentada na varanda tomando café em meu roupão.

— Desejava poder estar aí para tomar um copo com você.

Hmmm. Desejo fantasioso ou um sério “me convide”?

— Tem bastante no bule – respondi cautelosamente.

— Estou em Dallas, senão já estaria aí num instante – ele disse.

Vazio. — Quando você foi embora? – perguntei, porque aquela parecia a pergunta mais segura e menos intrometida.

— Ontem. Eu recebi o telefonema da mãe de um sujeito que trabalha para mim de vez em quando. Ele largou no meio do serviço que estávamos realizando em Nova Orleans, semanas atrás. Fiquei bem aborrecido com ele, mas não estava exatamente preocupado. Ele era um cara do tipo livre, tinha um bocado de coisas na chapa que o levavam por todo o país. Mas a mãe dele diz que ainda não apareceu em lugar algum, e ela acha que algo aconteceu. Estou dando uma olhada na casa dele e verificando os arquivos para ajudá-la, mas estou alcançando um beco sem saída. O rastro parece ter acabado em Nova Orleans. Volto para Shreveport amanhã. Você vai trabalhar?

— Sim, turno do dia. Vou sair lá pelas cinco.

— Então posso me convidar para o jantar? Eu levo os filés. Você tem uma churrasqueira?

— Na verdade, eu tenho. É bem velha, mas funciona.

— Tem carvão?

— Tenho que verificar – Eu não cozinhava fora desde que minha avó morrera.— Sem problema. Eu levo.

— Okay – respondi. – Eu arrumo o resto.

— Temos um projeto.

— Te vejo às seis?

— Às seis está ótimo.

— Okay, então tchau.

Na verdade, eu teria gostado de conversar mais com ele, mas não tinha certeza do que dizer, já que nunca tive experiência em bater papo com rapazes. Minha carreira amorosa começou no ano passado, quando conheci Bill. Tinha muito que pôr em dia. Eu não era como, vamos dizer, Lindsay Popken, que foi Miss Bon Temps na época em que me formei no colegial.

Lindsay era capaz de reduzir os rapazes a idiotas babões e mantê-los atrás dela como hienas atordoadas. Eu a observava com freqü.ncia e ainda não consegui compreender o fenômeno.

Nunca me pareceu que ela conversava sobre algo em particular. Eu até escutei seu cérebro, mas na maioria das vezes estava cheio de ruído fantasma. A técnica de Linda, conclui, era instintiva e baseada em nunca dizer nada sério.

Oh, bem, chega de reminiscências. Entrei na casa para ver o que precisaria fazer para estar pronta para a visita de Quinn na noite seguinte, e fazer a lista de compras necessária. Era um modo feliz de passar a tarde de domingo. Eu faria compras. Entrei no chuveiro contemplando um dia prazeroso.

Uma batida na porta me interrompeu trinta minutos mais tarde, enquanto passava um pouco de batom. Dessa vez, eu olhei pelo olho mágico. Meu coração afundou. Contudo, me senti compelida a abrir a porta.

Uma comprida limusine preta familiar encontrava-se estacionada na entrada. Minha única experiência prévia com aquela limusine me conduziu a notícias desagradáveis esperadas e problemas.

O homem— o ser— parado em minha varanda era o representante pessoal e advogado da rainha vampira da Louisiana, e seu nome era Sr.

Cataliades, ênfase na segunda sílaba. Eu encontrei o Sr. Cataliades pela primeira vez quando ele veio me informar que minha prima Hadley havia morrido, deixando sua propriedade para mim. Não apenas Hadley morrera, fora assassinada, e o vampiro responsável foi punido bem diante dos meus olhos. A noite foi cheia de múltiplos choques: descobri não só que Hadley deixara este mundo, mas deixara como vampira, e foi a favorita da rainha, no sentido bíblico.

Hadley havia sido um dos poucos membros restantes de minha família e eu senti sua perda; ao mesmo tempo, tive que admitir que Hadley, durante a adolescência, causou muito desgosto para sua mãe e muita dor para minha avó. Se tivesse vivido, talvez ela tentasse compensar por isso— ou talvez não. Ela não teve chance.

Eu respirei fundo e abri a porta.

— Sr. Cataliades – falei, sentindo o sorriso ansioso se espalhar por meu rosto de modo pouco convincente. O advogado da rainha era um homem composto de círculos, o rosto redondo e a barriga ainda mais, olhos como contas, circulares e escuros. Eu não achava que fosse humano— ou talvez não completamente humano— mas não tinha certeza do que ele podia ser. Não vampiro; ali estava ele em plena luz do dia. Não era Lobi nem metamorfo; nenhum zumbido vermelho cercando seu cérebro.

— Srta. Stackhouse – ele disse, sorrindo radiante. – Que prazer vê-la novamente.

— Digo o mesmo – respondi, mentindo entre dentes. Eu hesitei, de repente me sentindo dolorida e sobressaltada. Tinha certeza que Cataliades, como todos os outros sobres que encontrei, sabia que eu estava no meu período do mês. Que ótimo. – Gostaria de entrar?

— Obrigado, minha querida – disse, e eu dei um passo para o lado, cheia de desconfiança por deixar essa criatura entrar em minha casa.

— Por favor, sente-se – continuei, determinada a ser educada. – Gostaria de uma bebida?

— Não, obrigado. Você parece estar saindo para algum lugar. – Ele estava franzindo o cenho para a bolsa que joguei sobre a cadeira a caminho da porta.

Okay, algo que eu não estava entendendo aqui. — Sim – respondi, levantando as sobrancelhas, questionadora. – Eu tinha planejado ir ao supermercado, mas posso adiar por uma hora ou mais.

— Você não fez as malas para voltar à Nova Orleans comigo?

— O quê?

— Você recebeu minha mensagem?

— Que mensagem?

Fitamo-nos, mutuamente consternados.

— Eu enviei uma mensageira com uma carta do meu escritório – disse o Sr. Cataliades. – Ela devia ter chegado aqui há quatro noites atrás.

A carta estava selada com magia. Ninguém, exceto você, poderia abri-la.

Eu sacudi a cabeça, minha expressão em branco lhe dizendo o que precisava saber.

— Você está dizendo que Gladiola não apareceu aqui? Eu esperava que ela tivesse chegado na quarta-feira à noite, o mais tardar. Ela não teria vindo de carro. Ela gosta de correr. – Ele sorriu indulgentemente só por um segundo. Mas então o sorriso desapareceu. Se eu piscasse, teria perdido. – Quarta à noite – ele me incitou.

— Foi a noite em que ouvi alguém do lado de fora da casa – respondi.

Estremeci, recordando o quanto fiquei tensa naquela noite. – Ninguém veio até a porta. Ninguém tentou entrar. Ninguém me chamou. Houve apenas a sensação de algo se movendo, e todos os animais ficaram em silêncio.

Era impossível alguém tão poderoso quanto o advogado sobrenatural parecer perplexo, mas ele pareceu muito pensativo. Após um instante, ele se levantou pesadamente e fez uma reverência, gesticulando para a porta.

Saímos para fora. Na varanda, ele virou-se para o carro e fez um sinal. Uma mulher bem magra deslizou de trás do volante. Ela era mais jovem do que eu, talvez no começo dos vinte. Como o Sr. Cataliades, era apenas parcialmente humana. Os cabelos ruivos escuros eram despontados, a maquiagem carregada. Mesmo o traje chocante da garota no Pelo do Cachorro empalidecia em comparação ao dessa moça. Ela usava meias listradas, faixas alternadas de rosa-choque e preto, e suas botas baixas eram pretas e extremamente altas. A saia era transparente, preta e desfiada, e a camiseta regata pink era a única peça na parte de cima.

Ela simplesmente me tirou o fôlego.

— Oi, comovai? – ela disse brilhantemente, o sorriso revelando dentes brancos e muito afiados pelas quais um dentista se apaixonaria, pouco antes de perder o dedo.

— Olá – respondi. Estendi a mão. – Sou Sookie Stackhouse.

Ela cobriu a distância entre nós muito rapidamente, mesmo sobre os saltos ridículos. Sua mão era pequena e ossuda. — Prazeremconhecê-la – disse. – Diantha.

— Belo nome – falei, depois que percebi que não foi outra frase corrida.— Obrigada.

— Diantha – disse o Sr. Cataliades. – Preciso que você conduza uma busca por mim.

— Para encontrar?

— Receio que estejamos procurando os restos de Glad.

O sorriso desapareceu do rosto da garota.

— Não brinca – disse ela claramente.

— Não, Diantha – disse o advogado. – Sem brincadeira.

Diantha sentou nos degraus, tirou os sapatos e as meias listradas.

Não parecia incomodá-la nem um pouco que, sem as meias, a saia transparente não deixasse nada para a imaginação. Já que a expressão do Sr.

Cataliades não mudou em nada, decidi que eu podia ser moderna o suficiente para ignorar também.

Assim que se desincumbiu, a garota partiu, movendo-se agachada no solo, farejando de um modo que me informou que ela era menos humana do que imaginei. Mas ela não se movia como os Lobis que observei, ou as panteras transmorfas. O corpo dela parecia se inclinar e virar de um jeito que simplesmente não era mamífero.

O Sr. Cataliades observou-a, as mãos apertadas diante dele. Ele estava silencioso, então eu fiquei também. A garota lançou-se ao redor do quintal como um beija-flor demente, vibrando quase visivelmente com energia fantasmagórica. Apesar de toda movimentação, não consegui ouvila fazer nenhum som.

Não demorou muito para ela parar diante de um grupo de arbustos bem na margem da floresta. Ela inclinou-se olhando para o chão, absolutamente imóvel. Então, não levantando a cabeça, ergueu a mão como se fosse uma estudante que descobriu a resposta correta.

— Vamos até lá ver – sugeriu o Sr. Cataliades e, com seu jeito deliberado, cruzou a entrada e o gramado até os arbustos no limite da floresta. Diantha não olhou quando nos aproximamos, mas permaneceu concentrada em algo no chão atrás dos arbustos. Seu

rosto estava molhado de lágrimas. Eu respirei fundo e olhei para o que lhe chamava a atenção.

Essa garota havia sido um pouco mais jovem que Diantha, mas também magra e franzina. Os cabelos eram tingidos de dourado brilhante, em agudo contraste com sua pele achocolatada. Seus lábios tinham recuado na morte, dando-lhe um rosnado que revelava dentes tão brancos e afiados quanto os de Diantha. Estranhamente, ela não parecia pior em aparência tanto quanto eu teria esperado, dado o fato de que esteve ali fora durante vários dias. Havia apenas algumas formigas caminhando sobre ela, nem um pouco da atividade normal de insetos... e não parecia tão ruim para uma pessoa que foi cortada em duas na altura da cintura.

Minha cabeça zumbiu por um minuto, e tive medo de cair de joelhos.

Eu tinha visto algumas coisas ruins, inclusive dois massacres, mas nunca vi alguém dividido como esta garota foi. Conseguia ver suas entranhas. Elas não pareciam humanas. E parecia que as duas metades tinham ressecado separadamente. Houve muito pouco vazamento.

— Cortada com uma espada de aço – O Sr. Cataliades disse. – Uma espada muito boa.

— O que devemos fazer com seus restos mortais? – indaguei. – Posso pegar um cobertor velho.

Eu sabia, sem nem perguntar, que não chamaríamos a polícia.

— Temos que queimá-la – disse o Sr. Cataliades. – Aqui, no cascalho de sua área de estacionamento, Srta. Stackhouse, seria mais seguro. Está esperando companhia?

— Não – respondi, chocada em vários níveis. – Sinto muito, por que ela deve ser... queimada?

— Ninguém irá devorar um demônio, ou mesmo uma metadedemônio como Glad ou Diantha – ele disse, como se estivesse explicando que o sol nasce no leste. – Nem mesmo os insetos, como você está vendo.

O solo não irá digeri-la, como faz com humanos.

— Vocês não querem levá-la para casa? Para o pessoal dela?

— Diantha e eu somos seu pessoal. Não é nosso costume levar os mortos de volta ao lugar onde viveram.

— Mas o que a matou?

O Sr. Cataliades levantou uma sobrancelha.

— Não, é claro que ela foi morta por algo que a cortou no meio, estou vendo isso! Mas o que empunhou a lâmina?

— Diantha, o que você acha? – disse o Sr. Cataliades, como se estivesse conduzindo uma aula.

— Algo realmente muito, muito forte e sorrateiro – disse Diantha. – Chegou perto de Gladiola e ela não era tola. Não somos fáceis de matar.

— Eu tampouco vi sinal da carta que ela carregava. – O Sr.

Cataliades inclinou-se e perscrutou o chão. Então se endireitou. – Você tem lenha, Srta. Stackhouse?

— Sim, senhor, há uma boa porção de lenha de carvalho nos fundos do galpão de ferramentas. – Jason havia cortado algumas árvores que a última tempestade de neve tinha derrubado.

— Você precisa fazer as malas, minha cara?

— Sim – falei, quase transtornada para responder. – O quê? Para quê?

— A viagem para Nova Orleans. Você pode ir agora, não pode?

— Eu... eu acho que sim. Vou ter que perguntar ao meu chefe.

— Então Diantha e eu cuidaremos disso, enquanto pede permissão e faz as malas – o Sr. Cataliades disse, e eu pisquei.

— Tudo bem – falei. Eu não parecia ser capaz de pensar claramente.

— Então precisamos partir para Nova Orleans – ele disse. – Pensei que a encontraria pronta. Achei que Glad tivesse ficado para ajudá-la.

Afastei meu olhar do corpo para fitar o advogado.

— Eu só não estou entendendo isso – falei. Mas lembrei de algo. – Meu amigo Bill gostaria de ir para Nova Orleans, quando eu

fosse limpar o apartamento de Hadley – disse. – Se ele puder, se conseguir arranjar, tudo bem para vocês?

— Você quer que Bill vá – ele disse, e houve um toque de surpresa em sua voz. – Bill desfruta das boas graças da rainha, então eu não me importaria se ele viesse.

— Okay, terei que entrar em contato com ele quando escurecer – falei. – Espero que ele esteja na cidade.

Eu podia ter ligado para Sam, mas queria me afastar do estranho funeral em minha entrada. Quando parti, o Sr. Cataliades tirava o pequeno corpo frouxo da floresta. Ele tinha a metade de baixo.

Uma silenciosa Diantha enchia um carrinho de mão com madeira.

Capítulo 12

— SAM – EU DISSE, mantendo a voz baixa. – Preciso de alguns dias de licença. – Quando bati na porta de seu trailer, fiquei surpresa ao descobrir que ele tinha convidados, apesar de ter visto os outros veículos estacionados ao lado da caminhonete de Sam. JB du Rone e Andy Bellefleur estavam empoleirados no sofá de Sam, com cervejas e batatas fritas ao alcance da mão sobre a mesa de café. Sam ocupava-se num ritual de vínculo masculino. – Assistindo esportes? – acrescentei, tentando não parecer surpresa. Acenei por sobre o ombro de Sam para JB e Andy, e eles retribuíram; JB entusiasticamente e Andy menos feliz. Se é que existe um aceno ambíguo, foi o que ele fez.

— Uh, é, basquete. A LSU está jogando com... ah, bom. Você precisa de licença agora?

— Sim – respondi. – É uma espécie de emergência.

— Pode me contar a respeito?

— Eu tenho que ir para Nova Orleans para limpar o apartamento de minha prima Hadley – falei.

— E isso tem que ser agora? Você sabe, Tanya ainda é nova, Charlsie acabou de se demitir e diz que é pra valer. Arlene não é tão confiável como costumava ser, e Holly e Danielle ainda estão bem abaladas desde o incidente da escola.

— Sinto muito – falei. – Se você quiser me deixar ir e arrumar outra pessoa, eu vou entender. – Partiu meu coração dizer isso, mas para ser justa com Sam, tinha que dizer.

Sam fechou a porta do trailer e saiu para a varanda. Ele parecia magoado. — Sookie – disse após um segundo – você tem sido totalmente confiável há pelo menos cinco anos. Só pediu licença talvez duas ou três vezes. Não vou demiti-la só porque precisa de alguns dias.

— Ah. Bom, ótimo. – Senti meu rosto avermelhar. Não estava acostumada com elogios. – A filha de Liz pode vir ajudar.

— Vou verificar a lista – ele disse suavemente. – Como você vai para Nova Orleans?

— Eu tenho uma carona.

— Com quem? – ele perguntou com voz gentil. Ele não queria que eu ficasse zangada por se intrometer (isso eu podia perceber).

— O advogado da rainha – respondi numa voz ainda mais baixa.

Apesar de serem tolerantes com vampiros em geral, os cidadãos de Bon Temps poderiam ficar meio nervosos se soubessem que seu estado possuía uma rainha vampira e que seu governo secreto os afetava de várias maneiras. Por outro lado, dado a má fama das políticas da Louisiana, eles poderiam achar que eram negócios como sempre.

— Você vai limpar o apartamento de Hadley?

Eu havia contado a Sam sobre a segunda morte final de minha prima.

— Sim. E preciso saber o que ela me deixou.

— Isso parece bem súbito. – Sam parecia preocupado. Passou a mão pelos cabelos ruivo-dourados e encaracolados, até que ficaram de pé numa auréola selvagem. Ele precisava de um corte.

— Sim, para mim também. O Sr. Cataliades tentou me avisar antes, mas a mensageira foi morta.

Ouvi Andy gritar para a televisão quando alguma grande jogada despertou seu entusiasmo. Estranho, eu nunca pensei em Andy como um cara que gostava de esportes, nem JB, para falar a verdade. Nunca somei todo o tempo em que ouvia os homens pensando em assistências e três pontos, enquanto as mulheres com eles falavam sobre a necessidade de cortinas novas para a cozinha ou a nota ruim de Rudy em álgebra. Quando somava, imaginava se o propósito dos esportes não era dar aos caras uma alternativa segura para as questões espinhosas.

— Você não devia ir – disse Sam, instantaneamente. – Parece perigoso.

Eu dei de ombros. — Tenho que ir – falei. – Hadley deixou para mim; tenho que fazer isso. – Eu estava longe de me sentir calma como tentava soar, mas não parecia que me faria algum bem chutar e gritar.

Sam começou a falar e então reconsiderou. Finalmente, ele disse, — Isso é sobre dinheiro, Sook? Você precisa do dinheiro que ela deixou?

— Sam, eu não sei se Hadley tinha um centavo sequer no nome. Ela era minha prima e eu tenho que fazer isso por ela. Além disso... – Eu estava prestes a lhe contar que a viagem para Nova Orleans tinha que ser importante de alguma forma, já que alguém estava tentando arduamente me impedir.Mas Sam tendia a ficar mais preocupado, especialmente se eu estava envolvida, e não queria que ele ficasse exaltado quando nada que pudesse dizer me faria mudar de ideia quanto a ir. Eu não penso em mim como alguém teimosa, mas já tinha botado na cabeça que este era o último ato que poderia realizar por minha prima.

— Que tal levar Jason? – Sam sugeriu, pegando minha mão. – Ele era primo de Hadley também.

— Evidentemente, ele e Hadley não estavam se entendendo perto do fim – eu disse. – Foi por isso que ela deixou as coisas para mim. Além disso, Jason já tem problemas suficientes por hora.

— O que, além de ficar mandando em Hoyt e transando com toda mulher que fique de pé por tempo suficiente?

Encarei Sam. Eu sabia que ele não era um grande fã do meu irmão, mas ignorava que sua aversão fosse tão profunda.

— Sim, de fato – respondi com voz tão fria e congelante quanto uma caneca de cerveja.

Eu não ia explicar sobre o aborto da namorada do meu irmão enquanto estava parada diante de uma porta, especialmente devido ao antagonismo de Sam. Sam desviou os olhos, sacudindo a cabeça, desgostoso consigo mesmo.

— Desculpe, Sookie, eu realmente sinto muito. Só acho que Jason devia prestar mais atenção à única irmã que tem. Você é tão leal com ele.

— Bom, ele não deixaria nada acontecer comigo – falei, perturbada.

– Jason ficaria ao meu lado.

Antes que Sam dissesse “Claro”, peguei um vislumbre de dúvida em sua mente.

— Tenho que fazer as malas – respondi. Eu detestei ir embora. Não importava o que ele sentia por Jason, Sam era importante para mim, e deixá-lo com essa infelicidade entre nós me afetava um pouco. Mas pude ouvir os homens gritando com alguma jogada dentro do trailer, e sabia que tinha que deixá-lo voltar para seus convidados e sua diversão de domingo à tarde. Ele me deu um beijo na bochecha.

— Ligue, se precisar de mim – disse, parecendo que queria dizer muito mais. Eu assenti, virei e desci os degraus até o meu carro.

— Bill, você disse que queria ir comigo para Nova Orleans, quando eu fosse fechar a propriedade de Hadley?

Finalmente havia escurecido e eu pude ligar para Bill. Selah Pumphrey atendeu ao telefone e chamou Bill para falar comigo numa voz bem fria.

— Sim.

— O Sr. Cataliades está aqui e quer partir logo.

— Você podia ter me avisado antes, quando soube que ele estava vindo. – Mas Bill não pareceu realmente zangado, ou mesmo surpreso.

— Ele mandou uma mensageira, mas ela foi morta em minha floresta.

— Você encontrou o corpo?

— Não, uma garota que veio com ele encontrou. O nome dela é Diantha.

— Então foi Gladiola quem morreu.

— Sim – respondi surpresa. – Como sabia?

Bill respondeu, — Quando você entra num Estado, é educado se apresentar para a rainha ou rei, se tiver que ficar por qualquer período de tempo. Eu via as garotas de vez em quando, já que trabalham como mensageiras da rainha.

Olhei para o telefone na minha mão com tanta atenção que era como se fosse o rosto de Bill. Não pude evitar ter todos esses pensamentos em rápida sucessão. Bill perambulava pela floresta...

Gladiola foi morta lá. Ela foi morta sem barulho, com precisão e eficiência, por alguém bem informado sobre as peculiaridades sobrenaturais, alguém que saberia que tinha que usar uma espada de aço e era forte o bastante para enfiar uma espada no corpo de Gladiola.

Essas eram características de um vampiro— mas qualquer outra criatura sobrenatural poderia fazer o mesmo. Para chegar perto o suficiente para usar a espada, o matador tinha que ser super-rápido ou ter aparência bem inofensiva. Gladiola não suspeitou que seria morta. Talvez ela conhecesse o assassino.

E o modo como o corpinho de Gladiola foi deixado, jogado nos arbustos descuidadamente... o assassino não se importou se eu encontraria o corpo dela ou não, apesar da óbvia falta de putrefação demoníaca ter cumprido um papel ali. O silêncio dela era tudo que o assassino queria. Por que ela foi morta? A mensagem, se eu entendi bem a história do advogado pesadão, tinha sido simplesmente para que eu me preparasse para a viagem à Nova Orleans. Eu iria de qualquer jeito, apesar de ela não ter tido chance de entregá-la. Então o que se ganhou por silenciá-la? Mais dois ou três dias de ignorância de minha parte? Não me parecia motivação suficiente.

Bill esperou que eu interrompesse a longa pausa em nossa conversa, uma das coisas que eu sempre gostei sobre ele. Ele não sentia necessidade de preencher as lacunas nas conversas.

— Eles a queimaram na minha entrada – falei.

— Claro. É o único modo de se desfazer de algo com sangue demoníaco – Bill disse, mas ausente, como se estivesse tendo pensamentos profundos sobre outra coisa.

— “Claro”? Como é que eu podia saber disso?

— Pelo menos agora você sabe. Insetos não vão mordê-la, seus corpos não se corrompem, e sexo com eles é corrosivo.

— Diantha parece tão disposta e obediente.

— Óbvio, ela está com o tio.

— O Sr. Cataliades é tio dela – falei. – Tio de Glad também?

— Ah, sim. Cataliades é parcialmente demônio, mas seu meio-irmão é um demônio puro. Nergal teve vários filhos meio-humanos. Todas com mães diferentes, obviamente.

Eu não tinha certeza do por que isso era tão óbvio, e não ia perguntar para ele. — Você está deixando Selah ouvir tudo isso?

— Não, ela está tomando banho.

Okay, ainda sentindo ciúmes. E inveja; Selah tinha o luxo da ignorância, enquanto eu não. Como o mundo era belo quando você não sabia sobre o lado sobrenatural da vida. Claro. Então você só tinha que se preocupar com fome, guerra, assassinos em série, AIDS, tsunamis, velhice e vírus Ebola.

— É para quem pode, Sookie – falei a mim mesma, e Bill disse, — Como?

Eu me recompus. — Escute, Bill, se você quer ir para Nova Orleans comigo e o advogado, esteja aqui na próxima meia hora. Do contrário, vou assumir que você tem outras coisas para fazer. – Desliguei. Eu teria uma viagem inteira até a Big Easy para pensar a respeito.

— Ele estará aqui ou não nos próximos trinta minutos – avisei o advogado na porta.

— Bom saber – o Sr. Cataliades respondeu. Ele estava parado ao lado de Diantha, enquanto ela enxaguava os restos enegrecidos no cascalho.

Voltei para o meu quarto e embalei minha escova de dentes. Conferi minha lista de coisas para fazer. Deixei uma mensagem na secretária eletrônica de Jason, perguntei a Tara se ela se importaria em vir pegar minha correspondência e os jornais todos os dias, reguei as poucas plantas (minha avó acreditava que plantas, assim como os pássaros e cães, pertenciam ao lado de fora; ironicamente, fiquei com alguns vasos de plantas quando ela morreu, e tentava com esforço mantê-las vivas).

Quinn!

Ele não estava com o celular, ou não estava atendendo, de qualquer forma. Deixei uma mensagem de voz. Apenas nosso segundo encontro e já tinha que cancelar. Achei difícil decidir o quanto exatamente devia lhe contar.

— Eu tenho que ir à Nova Orleans para limpar o apartamento de minha prima – falei. – Ela morava num lugar em Chloe Street, e não sei se há um telefone ou não. Então acho que só vou ligar quando voltar?

Desculpe-me por mudar nossos planos. – Esperava que ele pelo menos percebesse o quanto genuinamente lamentava por não poder jantar com ele.

Bill chegou quando eu carregava minha mala para o carro. Ele tinha uma mochila, o que eu achei engraçado. Reprimi o sorriso quando vi seu rosto. Mesmo para um vampiro, Bill parecia pálido e sem cor. Ele me ignorou.

— Cataliades – ele disse com um aceno. – Vou pegar uma carona com vocês, se lhes for conveniente. Sinto muito por sua perda. – Ele assentiu para Diantha, que alternava longos e furiosos monólogos numa língua que não entendi com o tipo de olhar congelado que eu associava a choque profundo.

— Minha sobrinha encontrou a morte final – Cataliades disse de seu jeito deliberado. – Ela será vingada.

— É claro – Bill disse com voz fria.

Enquanto Diantha se movia para abrir o porta-malas do carro, Bill seguiu para a traseira, para jogar a mochila em seu interior. Tranquei a porta da casa e desci apressadamente os degraus para colocar minha mala com a dele. Tive um vislumbre do rosto dele antes que registrasse minha aproximação, e aquilo me assustou.

Bill parecia desesperado.

Capítulo 13

HOUVE MOMENTOS, durante a viagem ao sul, em que achei estar compartilhando todos os meus pensamentos com minhas companhias. O Sr.

Cataliades dirigiu por algumas horas, e então Diantha pegou o volante. Bill e o advogado não tinham muito que conversar, e eu tinha coisas demais em mente para bate-papo social, então éramos um grupo silencioso.

Eu estava tão confortável quanto possível no carro. Tinha um banco todo só para mim, enquanto Bill e o advogado sentavam-se do lado oposto.

A limusine era a última palavra em luxo automotivo, pelo menos aos meus olhos. Estofado em couro e almofadado ao máximo, a limusine ostentava bastante espaço para as pernas, garrafas de água e sangue sintético, e uma pequena cesta de salgadinhos. O Sr. Cataliades adorava Cheetos.

Fechei meus olhos e pensei por algum tempo. Naturalmente, o cérebro de Bill era nulo para mim, e a cabeça do Sr. Cataliades era quase idêntica. Seu cérebro emitia um zumbido baixo que era quase relaxante, enquanto a mesma emissão do cérebro de Diantha vibrava em alta rotação.

Eu havia pensado em algo, quando estive conversando com Sam, e queria prosseguir enquanto podia pegar a ideia de jeito.

Assim que trabalhei nela, decidi compartilhá-la.

— Sr. Cataliades – falei, e o homenzarrão abriu os olhos. Bill já estava olhando para mim. Algo fervilhava na cabeça de Bill, algo estranho.

– Sabe que na quarta-feira, na noite em que sua garota devia ter aparecido em minha porta, eu ouvi algo na floresta.

O advogado assentiu. Bill assentiu.

— Então presumimos que foi a noite em que ela foi morta.

Novamente, acenos duplos.

— Mas por quê? Quem fez isso tinha de saber que, mais cedo ou mais tarde, você entraria em contato ou viria me ver para descobrir o que aconteceu. Mesmo que o assassino desconhecesse a mensagem que Gladiola trazia, ele saberia que a falta dela seria sentida cedo ou tarde.

— É lógico – o Sr. Cataliades disse.

— Mas, na sexta-feira à noite, eu fui atacada num estacionamento em Shreveport.

Se eu tivesse apostado meu dinheiro, teria valido a pena depois daquela afirmação, isso posso garantir. Se tivesse amarrado os dois homens em cadeiras elétricas e lhes dado um choque, a reação não teria sido mais dinâmica.

— Por que você não me contou? – Bill exigiu. Seus olhos brilhavam de raiva, e suas presas estavam à mostra.

— Por que deveria? Não estamos mais namorando. Não nos vemos regularmente.

— Então essa é sua punição por eu sair com outra pessoa, esconder algo tão sério de mim?

Mesmo em minhas fantasias mais selvagens (que incluíam cenas como Bill rompendo com Selah no Merlotte's, e sua subseqüente confissão pública de que Selah nunca chegou aos meus pés), eu nunca concebi tal reação. Apesar de estar bem escuro no interior do carro, achei ter visto o Sr.

Cataliades revirar os olhos. Talvez ele achasse que era demais também.

— Bill, eu nunca tramei para puni-lo – falei. Pelo menos, acho que não. – Nós só não compartilhamos mais detalhes de nossas vidas. Na verdade, eu estava num encontro quando o ataque ocorreu. Acredito que estou acostumada ao fato de não sermos parte do cenário.

— Quem era seu acompanhante?

— Não que isso seja da sua conta, mas é pertinente ao resto da história. Estou namorando Quinn. – Nós tivemos um encontro e planejamos outro. Isso contava como "namorar", certo?

— Quinn, o tigre – Bill disse, sem expressão.

— Tiro o meu chapéu, jovem senhorita! – disse o Sr. Cataliades. – Você é corajosa e perspicaz.

— Realmente não estou buscando aprovação – respondi, tão neutra quanto possível. – Ou desaprovação, de qualquer forma. – Acenei com a mão para mostrar que o tópico não estava em questão. – Isso é o que eu quero que saibam. Os agressores eram Lobis muito jovens.

— Lobis – Cataliades disse. Enquanto acelerávamos através da escuridão, não consegui decifrar sua expressão ou voz. – Que tipo de Lobis?

Boa pergunta. O advogado estava na pista certa. — Lobis mordidos – falei. – E acredito que estavam drogados também. – Aquilo lhes deu uma pausa.

— O que aconteceu durante o ataque e depois? – indagou Bill, interrompendo o longo silêncio. Eu descrevi o ataque e as conseqü.ncias.

— Então Quinn a levou ao Pelo do Cachorro? – disse Bill. – Ele achou que isso era uma resposta apropriada?

Pude perceber que Bill estava furioso, mas como sempre, eu não sabia por quê.

— Pode ter funcionado – disse Cataliades. – Considere. Nada aconteceu a ela, então aparentemente a ameaça de Quinn foi levada a sério.

Eu tentei não dizer “Hein?”, mas acho que os olhos de vampiro de Bill puderam ver isso em meu rosto.

— Ele os desafiou – Bill disse, soando ainda mais frio que o habitual.

– Disse-lhes que você estava sob a proteção dele e que a colocaram em risco. Acusou-os de estarem por trás do ataque, mas ao mesmo tempo os lembrou que, mesmo não sabendo a respeito, eram os responsáveis por levarem à justiça quem planejou.

— Eu entendi tudo isso – respondi pacientemente. – E acho que Quinn os avisou, não desafiou. Grande diferença. O que eu não entendi foi...

nada devia acontecer no bando sem o conhecimento de Patrick Furnan, certo? Já que ele é o grande chefe agora. Então por que não ir direto a Patrick? Por que ir ao esgoto local?

— Que pergunta interessante – Cataliades disse. – Qual seria sua resposta, Compton?

— O que me vem à cabeça... Quinn já deve saber que há uma rebelião fomentando contra Furnan. Ele colocou mais lenha na fogueira ao deixar os rebeldes saberem que Furnan está tentando matar uma amiga do bando.

Não estamos falando de um exército aqui. Pode haver uns trinta e cinco membros no bando, talvez um pouco mais, contando os militares da Base da Força Aérea Barksdale. Precisaria de apenas cinco pessoas para começar uma rebelião.

— Por que eles simplesmente não o derrubam? – perguntei. Não sou politicamente engajada, como vocês podem notar.

O Sr. Cataliades sorria para mim. Estava escuro no carro, mas eu simplesmente sabia. — Tão direto, tão clássico – disse. – Tão americano.

Bom, Srta. Stackhouse, é algo assim. Os Lobis podem ser selvagens, oh sim! Mas eles possuem regras. A penalidade por matar o líder do bando, exceto através de desafio aberto, é morte.

— Mas quem iria, hã, aplicar a pena se o bando mantivesse a morte em segredo?

— A não ser que o bando esteja disposto a matar toda a família Furnan, acho que a família ficaria encantada em informar a hierarquia Lobi sobre o assassinato de Patrick. Agora talvez você conheça os Lobis de Shreveport melhor do que a maioria. Existem matadores cruéis entre eles que não se importariam de chacinar a esposa e os filhos de Furnan?

Eu pensei em Amanda, Alcide e Maria-Star.

— É uma questão totalmente diferente. Entendi.

— Agora, vampiros, você encontraria vários dispostos a esse tipo de traição – disse o advogado. – Não acha, Sr. Compton?

Houve um curioso silêncio. — Vampiros têm de pagar um preço se matam outro vampiro – Bill respondeu rigidamente.

— Se forem afiliados a um clã – disse o Sr. Cataliades suavemente.

— Eu não sabia que vampiros possuíam clãs – falei. Aprendendo algo novo o tempo todo, essa era eu.

— É um conceito relativamente novo. Uma tentativa de regularizar o mundo vampiro para que pareça mais palatável aos humanos. Se o modelo americano pegar, o mundo vampiro se parecerá mais com uma enorme corporação multinacional do que com uma coleção livremente governada de sanguessugas depravados.

— Perca um pouco da cor e da tradição, e ganhe alguns lucros – murmurei. – Como Wal-Mart contra Armazém do Papai.

O Sr. Cataliades riu.

— Você está certa, Srta. Stackhouse. Exatamente. Existem aqueles em ambos os campos, e a conferência na qual iremos dentro de algumas semanas terá esse item bem no alto da agenda.

— Saindo do assunto sobre o que vai acontecer dentro de algumas semanas e voltando a um tópico um pouco mais pertinente, por que Patrick Furnan tentaria me matar? Ele não gosta de mim e sabe que eu ficaria do lado de Alcide se tivesse que escolher entre os dois, mas e daí? Não sou importante. Por que ele planejaria tudo isso— descobrir os dois garotos que fariam, mordê-los, mandá-los para pegar eu e Quinn— se não havia nenhuma grande recompensa?

— Você tem instinto para fazer boas perguntas, Srta. Stackhouse.

Desejava que minhas respostas fossem tão boas.

Bom, eu podia muito bem manter os pensamentos para mim mesma, se não ia conseguir nenhuma informação de minhas companhias. A única razão para matar Gladiola, pelo menos uma que esta humana em questão podia enxergar, era atrasar o recebimento da mensagem de que eu precisaria estar pronta para partir para Nova Orleans. Além disso, Gladiola teria fornecido alguma proteção contra qualquer coisa que viesse atrás de mim, ou pelo menos estaria mais alerta para o ataque.

Se foi como aconteceu, ela já estava morta na floresta quando saí para o meu encontro com Quinn. Ei. Como os jovens lobos souberam onde me encontrar? Shreveport não é assim uma cidade tão grande, mas seria impossível vigiar cada estrada na chance implausível de eu aparecer. Por outro lado, se um Lobi tivesse avistado Quinn e eu entrando no teatro, teria sabido que eu estaria lá por algumas horas, e era tempo suficiente para arranjar algo.

Se o cabeça tivesse descoberto ainda mais cedo, teria sido bem fácil...

se alguém, vamos dizer, soubesse de antemão que Quinn havia me convidado para ir ao teatro. Quem sabia que eu tinha um encontro com Quinn?

Bom, Tara; eu contei a ela quando comprei minha roupa. E mencionei a Jason, acho, quando liguei para perguntar sobre Crystal.

Contei a Pam que tinha um encontro, mas não lembro de ter dito onde estava indo.

E então havia o próprio Quinn.

Fiquei tão chateada com essa ideia que tive que reprimir lágrimas.

Não era como se eu conhecesse Quinn tão bem ou pudesse julgar seu caráter baseado no tempo que passei com ele... Aprendi nos últimos meses que você realmente não consegue conhecer alguém tão rápido, que descobrir sobre o verdadeiro caráter de uma pessoa pode levar anos. Isso me abalou profundamente, já que estou acostumada a conhecer as pessoas muito bem, muito rapidamente. Conheço-as melhor do que suspeitam. Mas cometer erros sobre o caráter de alguns sobrenaturais me surpreendeu emocionalmente. Acostumada à rápida avaliação que minha telepatia tornava possível, eu fui ingênua e descuidada.

Agora eu estava cercada de tais criaturas.

Aconcheguei-me num canto do assento espaçoso e fechei os olhos.

Eu tinha que estar em meu próprio mundo por um tempo, com ninguém mais por perto. Adormeci no carro escuro, com um

semidemônio e um vampiro sentados na minha frente e uma metade-demônio no assento do motorista.

Quando acordei, minha cabeça estava no colo de Bill. Sua mão acariciava gentilmente meus cabelos; o toque familiar dos dedos me trouxe paz e o estímulo daquele sentimento sensual que Bill sempre foi capaz de despertar em mim.

Levei um segundo para lembrar onde estávamos e o que fazíamos, e então me sentei, despenteada e piscando. O Sr. Cataliades encontrava-se imóvel no banco oposto e pensei que estivesse dormindo, mas era impossível ter certeza. Se ele fosse humano, eu teria sabido.

— Onde estamos? – perguntei.

— Quase lá – disse Bill. – Sookie...

— Hmm? – Eu bocejei e me espreguicei, desejando uma escova de dentes.— Eu te ajudo com o apartamento de Hadley, se você quiser.

Tive a sensação de que ele mudou de ideia sobre o que ia dizer no último minuto.

— Se precisar de ajuda, eu sei a quem pedir – respondi. Aquilo devia ser ambíguo o bastante.

Eu estava começando a ter um pressentimento bem ruim sobre o apartamento de Hadley. Talvez o legado dela para mim fosse mais da natureza de uma maldição do que benção. E ainda assim, ela

mordazmente excluiu Jason, porque ele a desapontou quando ela precisou de ajuda. Então Hadley provavelmente quis dizer que a herança era um benefício. Por outro lado, Hadley tinha sido uma vampira, não mais humana, e isso a teria mudado. Ah, sim.

Olhando pela janela, pude ver os postes de luz e alguns outros carros se movendo através da escuridão. Estava chovendo e eram quatro horas da manhã. Imaginei se havia um IHOP em algum lugar por perto. Eu fui a um, certa vez. Foi maravilhoso. Aquilo foi em minha única viagem anterior à Nova Orleans, quando estava no colegial. Fomos ao aquário, ao museu da escravidão e à igreja na Jackson Square, a Catedral de St. Louis. Foi maravilhoso ver algo novo, pensar em todas as pessoas que passaram pela mesma área, como teriam parecido nas roupas de sua época. Por outro lado, uma telepata com blindagem ruim não vai se divertir com um bando de adolescentes.

Agora minhas companhias eram muito menos fáceis de ler, e bem mais perigosas. Estávamos numa silenciosa rua residencial, quando a limusine estacionou junto a um meio-fio.

— O apartamento de sua prima – disse o Sr. Cataliades, enquanto Diantha abria a porta. Eu saí e fiquei na calçada enquanto o Sr. Cataliades se movia na posição correta para sair, com Bill preso atrás dele.

Eu estava de frente para um muro de um metro e oitenta de altura com uma abertura para garagem. Era difícil perceber, sob a luz incerta dos postes na rua, o que havia lá dentro, mas parecia existir um pequeno pátio com uma entrada circular bem estreita. No

meio da entrada, havia uma explosão de folhagens, apesar de eu não conseguir distinguir plantas individuais. No canto direito da frente havia um barracão de ferramentas.

Havia um prédio de dois andares em forma de L. Para tomar partido do comprimento do terreno, o prédio era orientado com o L invertido. Do lado, existia um prédio similar, ao menos pelo que eu podia dizer. O prédio de Hadley era pintado de branco, com venezianas verde-escuras.

— Quantos apartamentos existem aqui, e qual é o de Hadley? – perguntei ao Sr. Cataliades, soltando vapor atrás de mim.

— Existe o térreo, onde a proprietária vive, e o andar de cima que agora é seu por quanto tempo desejar. A rainha vem pagando o aluguel até o imóvel ser inventariado. Ela não achou a cobrança do imóvel de Hadley justa. – Até para o Sr. Cataliades, isso era um discurso formal.

Minha reação foi silenciada pela exaustão, então eu só pude dizer, — Não consigo imaginar por que ela simplesmente não colocou as coisas de Hadley num depósito. Eu podia ter verificado tudo num daqueles locais de aluguel.— Você se acostumará ao modo como a rainha faz as coisas – ele disse.

Não se eu tiver algo a dizer a respeito. — Por hora, você pode apenas me mostrar como entrar no apartamento de Hadley, para que eu possa me ajeitar e conseguir dormir um pouco?

— Claro, claro. E está amanhecendo, portanto o Sr. Compton precisa ir para o quartel-general da rainha e receber abrigo para o dia. – Diantha já tinha subido as escadas que eu só pude vislumbrar. Elas se curvavam na parte curta do L, que se abria para os fundos do terreno. – Aqui está sua chave, Srta. Stackhouse. Assim que Diantha descer, nós partiremos. Pode conhecer a proprietária amanhã.

— Claro – respondi, e me arrastei pelas escadas, segurando o corrimão de ferro batido. Aquilo não era nem um pouco o que eu tinha imaginado. Achei que Hadley teria um lugar como daqueles apartamentos na Kingfisher Arms, o único prédio de apartamentos em Bon Temps. Isso era como uma mansão em miniatura.

Diantha havia deixado minha mala esportiva e a maleta junto de uma das duas portas no segundo andar. Havia uma espaçosa galeria coberta abaixo das janelas e portas do segundo andar, o que forneceria sombra para as pessoas sentadas no térreo. Magia tremulava sobre todas aquelas janelas francesas e as portas. Eu reconheci o cheiro e a sentia agora. O apartamento fora selado com mais do que trancas.

Eu hesitei com a chave na mão.

— Será reconhecida – gritou o advogado do pátio. Então destranquei a porta com mãos desajeitadas, e empurrei a porta.

O ar quente soprou para me encontrar. Aquele apartamento ficara fechado durante semanas. Imaginei se alguém tinha vindo arejá-lo. Não cheirava ativamente mal, só estagnado, então sabia

que o sistema de controle de temperatura fora deixado ligado. Vasculhei ao redor pelo interruptor mais próximo, um abajur sobre um pedestal de mármore à direita da porta. Ele lançou uma poça de luz dourada sobre o piso de madeira brilhante e mobília faux antique (ao menos presumi que fossem faux). Dei outro passo para dentro do apartamento, tentando imaginar Hadley ali, a Hadley que usou batom preto para fazer sua foto de formatura e comprou os sapatos na Payless.

— Sookie – Bill disse atrás de mim, para me fazer saber que estava parado do lado de fora da porta. Eu não disse que ele podia entrar.

— Tenho que ir para a cama agora, Bill. Vejo você amanhã. Eu tenho o número do telefone da rainha?

— Cataliades enfiou um cartão em sua bolsa, enquanto você dormia.

— Ah, ótimo. Bem, noite.

E fechei a porta em sua cara. Fui grosseira, mas ele estava rondando e eu não estava com cabeça para conversar. Fiquei abalada ao me descobrir com a cabeça no colo dele quando acordei; era como se ainda fôssemos um casal.

Após um minuto, ouvi seus passos descendo as escadas. Nunca fiquei tão aliviada na vida por ficar sozinha. Graças à noite passada no carro e o breve cochilo, eu me sentia desorientada, amarrotada e desesperadamente necessitada de uma escova de

dentes. Hora de explorar o lugar, com ênfase na descoberta de um banheiro.

Olhei ao redor cuidadosamente. O segmento mais curto do L de ponta-cabeça era a sala de estar, onde eu me encontrava agora. Seu projeto aberto incluía uma cozinha contra a parede direita mais distante. À minha esquerda, formando a longa lateral do L, havia um corredor com janelas francesas que abriam diretamente para a galeria. A parede que formava o outro lado do corredor era interrompida por portas.

Com as malas na mão, eu segui pelo corredor, explorando cada porta aberta. Eu não encontrei o interruptor que iluminaria o corredor, embora devesse ter um, já que havia lâmpadas fixadas a intervalos regulares no teto.

Mas havia luz da lua suficiente, entrando pelas janelas dos quartos, que me permitia ver tanto quanto necessitava. O primeiro aposento era um banheiro, graças a Deus, embora tenha percebido após um segundo que não era de Hadley. Era muito pequeno e limpo, com um espaço estreito para o chuveiro, vaso sanitário e pia; nada de artigos de toalete, nenhuma desordem pessoal. Passei direto e olhei na porta seguinte, descobrindo que abria para um quartinho que provavelmente pretendia ser um quarto de hóspedes. Hadley havia colocado uma mesa de computador cheia de equipamento, sem itens de grande interesse para mim.

Além de um sofá-cama estreito, havia uma prateleira abarrotada de caixas e livros, e prometi a mim mesma que verificaria aquilo amanhã. A porta seguinte estava fechada, mas abri

para espiar por um segundo seu interior. Essa porta dava para um armário estreito e fundo, forrado com prateleiras cheias de itens que eu não parei para identificar.

Para meu alívio, a porta seguinte era do banheiro principal, com chuveiro, banheira e uma larga pia com armário embutido. As superfícies ao redor estavam abarrotadas de cosméticos e um enrolador de cabelo elétrico, ainda na tomada. Cinco ou seis frascos de perfume encontravamse alinhados na prateleira, e havia toalhas usadas no cesto, manchadas de marcas escuras. Levei uma delas ao rosto; àquela distância, elas emanavam um alarmante fedor. Eu não conseguia entender por que o cheiro não tinha impregnado o apartamento inteiro. Peguei a cesta, destranquei a janela do outro lado do corredor e coloquei-a para fora. Deixei a luz do banheiro acesa, porque pretendia entrar novamente.

A última porta, alinhada em ângulo reto com todas as outras e compondo o fim do corredor, levava ao quarto de Hadley. Era grande o suficiente, apesar de não tão grande quanto meu quarto em casa. Possuía outro armário largo, abarrotado de roupas. A cama estava feita, o que não era marca registrada de Hadley, e imaginei quem esteve no apartamento desde que Hadley foi morta. Alguém havia entrado antes do lugar ser selado com magia. O quarto obviamente era completamente escurecido. As janelas tinham sido cobertas com painéis de madeira delicadamente pintados, e havia duas portas para o aposento. Havia espaço suficiente entre elas para uma pessoa ficar de pé.

Larguei minhas malas no chão ao lado da cômoda, no quarto de Hadley, e vasculhei até encontrar minha bolsa de cosméticos e meus absorventes internos. Arrastando-me de volta ao banheiro, livrei minha escova e pasta de dentes da bolsinha, tive o prazer de escovar os dentes e lavar meu rosto. Senti-me um pouco mais humana depois disso, mas não muito. Apaguei a luz do banheiro e afastei os cobertores da cama, que era baixa e espaçosa. Os lençóis me surpreenderam tanto que fiquei ali parada com os lábios torcidos. Eles eram horrendos: cetim preto, pelo amor de Deus! E nem mesmo era cetim de verdade, mas algo sintético. Dê-me tergal ou 100% algodão, todo dia. Contudo, eu não ia caçar outro conjunto de lençóis a esta hora da manhã. Além disso, e se isso fosse tudo que ela tinha?

Subi na cama king-size— bom, escorreguei na cama king-size — e, após uma ou duas mexidas inquietas para me acostumar à sensação, consegui cair pacificamente no sono entre aqueles lençóis.

Capítulo 14

ALGUÉM BELISCAVA MEU PÉ e dizia, — Acorde! Acorde! – Recobrei a consciência numa torrente aterrorizada, meus olhos se abrindo para o quarto desconhecido, iluminado pelo sol. Uma mulher que eu não conhecia estava parada ao pé da cama.

— Quem diabos é você? – Eu estava irritada, mas não com medo.

Ela não parecia perigosa. Tinha mais ou menos a minha idade e era muito bronzeada. Seus cabelos castanhos eram curtos, os olhos de um azul brilhante, e usava shorts caqui com uma camisa branca aberta sobre uma camiseta regata coral. Ela estava apressando um pouco a estação.

— Eu sou Amelia Broadway. Sou dona do prédio.

— Por que você está aqui me acordando?

— Ouvi Cataliades no pátio à noite passada, e imaginei que ele a trouxe para limpar o apartamento de Hadley. Eu queria falar com você.

— E não podia esperar até eu acordar? E usou uma chave para entrar, ao invés de tocar a campainha? Qual é o seu problema?

Ela estava definitivamente aturdida. Pela primeira vez, Amelia Broadway pareceu ter percebido que podia ter manejado melhor a

situação.

— Bom, veja, eu andei preocupada – disse, de modo submisso.

— É? Eu também – respondi. – Junte-se ao clube. Estou um bocado preocupada agora mesmo. Agora saia daqui e espere por mim na sala, okay?

— Claro – ela disse. – Posso fazer isso.

Deixei minha pulsação voltar ao normal antes de deslizar para fora da cama. Então a arrumei rapidamente, e tirei algumas roupas da mala.

Arrastei-me até o banheiro, pegando um rápido vislumbre de minha convidada inesperada no caminho. Ela tirava o pó da sala com um tecido que parecia suspeitosamente a camisa de flanela de um homem. O-kay.

Tomei banho tão rapidamente quanto possível, coloquei um pouco de maquiagem e saí com os pés descalços, mas com jeans e uma camiseta azul.

Amelia Broadway parou a limpeza e me encarou.

— Você não se parece nem um pouco com Hadley – ela disse, e eu não consegui decidir por seu tom de voz se ela achava aquilo uma coisa boa ou ruim.

— Eu não sou nem um pouco como Hadley, sem dúvida – respondi terminantemente.

— Bem, isso é ótimo. Hadley era terrível – Amelia disse inesperadamente. – Opa. Desculpe, não tenho muito tato.

— Mesmo? – Tentei manter a voz nivelada, mas um traço de sarcasmo deve ter escapado. – Então, se você sabe onde fica o café, pode me apontar naquela direção? – Eu estava olhando para a área da cozinha pela primeira vez à luz do dia. Tinha tijolos aparentes cor de bronze, um balcão de aço inoxidável e geladeira combinando, e pia com uma torneira que custava mais caro do que minhas roupas. Pequena, mas luxuosa, como o resto do lugar.

Tudo isso para uma vampira que nem precisava de uma cozinha em primeiro lugar.

— A cafeteira de Hadley está bem ali – disse Amelia, e eu a avistei.

Era preta e meio que combinava. Hadley sempre foi louca por café, então imaginei que, até como vampira, ela mantivesse um suprimento de sua bebida favorita. Abri o armário acima da cafeteira e contemplei duas latas de Community Coffee e alguns filtros. O selo prateado estava intacto no primeiro, mas a segunda lata estava aberta e pela metade. Inalei o maravilhoso cheiro de café com prazer silencioso. Parecia incrivelmente fresco.

Depois de preparar a cafeteira e apertar o botão para fazê-la funcionar, encontrei duas canecas e coloquei-as ao lado. O pote de açúcar estava bem ao lado da máquina, mas quando abri, encontrei só resíduos endurecidos. Joguei o conteúdo na lata de lixo que estava alinhada, mas vazia. Tinha sido limpa depois da morte de

Hadley. Talvez Hadley tivesse um pouco de creme em pó na geladeira? No sul, pessoas que não usam constantemente guardam ali.

Mas quando abri a brilhante geladeira de aço inoxidável, não encontrei nada exceto cinco garrafas de TrueBlood.

Nada me fez ter tanta consciência do fato de que minha prima Hadley havia morrido uma vampira como aquilo. Nunca conheci ninguém antes e depois. Era um choque. Eu tinha tantas memórias de Hadley, algumas felizes e outras desagradáveis— mas em todas aquelas memórias, minha prima estava respirando e seu coração batia. Fiquei imóvel com os lábios comprimidos, fitando as garrafas vermelhas, até que me recuperei o suficiente para fechar a porta gentilmente.

Após uma busca inútil nos armários por Cremora, eu disse a Amelia que esperava que ela tomasse café preto.

— Sim, para mim está ótimo – Amelia disse formalmente.

Obviamente, estava tentando se comportar bem e eu só podia agradecer por isso. A senhoria encontrava-se empoleirada numa das poltronas de pernas finas de Hadley. O estofamento realmente era bonito, de tecido sedoso amarelo estampado com flores vermelhas e azul-escuras, mas não gostei do estilo frágil da mobília. Gosto de cadeiras que pareçam poder agüentar pessoas grandes, pessoas pesadas, sem ranger ou gemer. Gosto de móveis que não ficarão arruinados se você derramar refrigerante em cima, ou se seu cachorro subir e tirar uma soneca. Tentei me acomodar no sofá do

lado oposto à senhoria. Bonito, sim. Confortável, não. Suspeita confirmada.

— Então, o que você é, Amelia?

— Perdão?

— O que você é?

— Ah, uma bruxa.

— Imaginei. – Eu não tinha sentido aquele algo sobrenatural que sentia nas criaturas cujas mesmas células foram transformadas pela natureza de seu ser. Amelia havia adquirido sua "peculiaridade". – Foi você quem lançou os feitiços para selar o apartamento?

— Sim – ela respondeu orgulhosamente. Ela me lançou um olhar de pura avaliação. Eu soube que o apartamento foi tratado com feitiços; soube que ela era um membro do outro mundo, o mundo oculto. Eu podia ser uma humana normal, mas estava informada. Li todos esses pensamentos tão facilmente quanto se Amelia os tivesse dito para mim. Ela era uma transmissora excepcional, tão clara e limpa quanto seu aspecto. – Na noite em que Hadley morreu, o advogado da rainha me telefonou. Claro, eu estava dormindo. Ele me disse para trancar esse negócio e que Hadley não voltaria, mas a rainha queria que o lugar permanecesse intacto para a herdeira. Eu subi e comecei a limpar na manhã seguinte bem cedo. – Ela usou luvas de borracha também; pude ver

isso na imagem mental dela mesma na manhã seguinte após a morte de Hadley.

— Você esvaziou o lixo e fez a cama?

Ela pareceu embaraçada. — Sim, eu fiz. Não percebi que “intacto”

queria dizer “intocado”. Cataliades veio aqui e me deixou fazer. Mas estou contente por ter tirado o lixo daqui, de qualquer modo. É estranho, porque alguém remexeu a lata de lixo naquela noite, antes de eu colocar para recolherem.

— Imagino que você não saiba se eles levaram alguma coisa?

Ela me lançou um olhar incrédulo. — Não é como se eu fizesse um inventário do lixo – disse. E acrescentou relutantemente, – Foi tratado com um feitiço, mas para quê eu não sei.

Okay, aquilo não eram boas notícias. Amelia nem mesmo admitia para si mesma; ela não queria pensar na casa como um alvo para assaltos sobrenaturais. Amelia estava orgulhosa porque sua magia funcionou, mas não pensou em tratar a lata de lixo.

— Oh, eu peguei todos os vasos de plantas dela e levei para o meu apartamento; ficou mais fácil de cuidar também. Então se quiser de volta para levar para o Fim do Mundo com você, fique à vontade.

— Bon Temps – corrigi. Amelia bufou. Ela tinha o desprezo que aqueles nascidos e criados na cidade tinham pelo interior.

— Então você é dona deste prédio e alugou o andar de cima para Hadley quando?

— Cerca de um ano atrás. Ela já era vampira – disse Amelia. – E era a namorada da rainha há um bom tempo. Então imaginei que fosse uma boa garantia, sabe? Ninguém vai atacar a queridinha da rainha, certo? E ninguém vai invadir sua moradia tampouco.

Eu quis perguntar como Amelia conseguia manter um lugar assim tão bom ela própria, mas era algo grosseiro demais para sair de meus lábios.

— Então, você se sustenta com negócios de bruxaria? – perguntei em vez disso, tentando parecer apenas levemente interessada.

Ela deu de ombros, mas pareceu satisfeita por eu perguntar. Apesar de a mãe ter lhe deixado bastante dinheiro, Amelia estava encantada por ser autossuficiente. Ouvi tão claramente quanto se ela tivesse dito em voz alta.

— É, eu me sustento – disse, visando um tom modesto e simplesmente falhando. Ela trabalhara duro para se tornar uma bruxa. Tinha orgulho de seu poder.

Isso era como ler um livro.

— Se a coisa fica devagar, eu ajudo uma amiga que tem uma loja de artigos esotéricos na Jackson Square. Leio o futuro lá – ela admitiu. – E às vezes faço uma turnê mágica de Nova Orleans para

os turistas. Pode ser divertido e, se eles ficam assustados o bastante, eu ganho boas gorjetas.

Então, entre uma coisa e outra, eu me viro.

— Você pratica magia séria – falei, e ela concordou alegremente. – Para quem? – indaguei. – Já que o mundo normal não admite que seja possível.

— Os sobres pagam muito bem – ela disse, surpresa porque tive de perguntar. Na verdade, eu não precisava, mas era mais fácil direcionar seus pensamentos para a informação certa, se perguntasse em voz alta. – Vampiros e Lobis, especialmente. Quero dizer, eles não gostam de bruxas, mas vampiros em particular querem cada pequena vantagem que podem conseguir. O resto não é tão organizado. – Com um aceno de mão, ela descartou os mais fracos do mundo sobrenatural, os lobi-morcegos, metamorfos e assim por diante. Ela subestimava o poder de outros sobres, o que era um erro.

— E quanto às fadas? – perguntei curiosa.

— Eles têm o suficiente da própria magia – disse, dando de ombros.

– Não precisam de mim. Eu sei que, para alguém como você, deve ser difícil aceitar que existe um talento invisível e natural, um que desafia tudo que aprendeu com sua família.

Sufoquei o ofego de descrença. Com certeza ela não sabia nada a meu respeito. Eu não sabia o que ela e Hadley andaram

conversando, mas não foi sobre a família de Hadley, obviamente. Quando essa ideia cruzou minha mente, um alarme soou bem lá no fundo, um que dizia que aquela linha de pensamento devia ser explorada. Mas deixei-a de lado para pensar nela mais tarde. Agora, eu precisava lidar com Amelia Broadway.

— Então você diria que possui uma habilidade sobrenatural forte? – perguntei. Pude senti-la reprimir a torrente de orgulho.

— Eu tenho alguma habilidade – disse modestamente. – Por exemplo, joguei uma magia de stasis neste apartamento quando não consegui terminar a limpeza. E apesar de estar fechado há meses, você não sente o cheiro de nada, sente?

Aquilo explicava a falta de odor flutuando das toalhas manchadas. — E você pratica bruxaria para sobrenaturais, lê futuros na Jackson Square, guia grupos de turnê às vezes. Não são exatamente empregos regulares – falei.

— Correto – Ela assentiu feliz e orgulhosa.

— Então você faz seu próprio horário – falei. Pude ouvir o alívio saltando na mente de Amelia, alívio por não ter mais que ir trabalhar num escritório, apesar de ter feito um bico no correio durante três anos até se tornar uma bruxa novata.

— Sim.

— Então, você pode me ajudar a limpar o apartamento de Hadley?

Ficarei feliz em pagar.

— Bem, claro que ajudo. Quanto mais cedo as coisas dela forem empacotadas, mais cedo vou poder alugar o local. Quanto a você me pagar, por que não esperamos para ver de quanto tempo posso dispor? Às vezes, eu tenho chamadas de emergência. – Amelia sorriu para mim, um sorriso digno de comercial de pasta de dente.

— A rainha não vem pagando o aluguel desde que Hadley faleceu?

— Sim, ela paga. Mas tenho sentido arrepios, pensando nas coisas de Hadley por aqui. E houve algumas tentativas de invasão. A última aconteceu há apenas alguns dias atrás. – Eu desisti de fingir que sorria. – No começo, eu pensei – Amelia balbuciou – que podia ser como quando alguém morre e o obituário sai no jornal, você tem invasões durante o funeral. Claro, eles não imprimem obituários para vampiros. Acho que é porque eles já estão mortos ou porque os outros vampiros não mandam para o jornal... isso seria interessante, ver como eles lidam com isso. Por que você não experimenta mandar algumas linhas sobre Hadley? Mas você sabe como os vampiros fofocam, então acho que algumas pessoas já ouviram que ela está definitivamente morta, morta pela segunda vez.

Especialmente depois que Waldo desapareceu da corte. Todos sabem que ele não se importa com Hadley. E então, vampiros não têm funerais também. Portanto, acho que a invasão não estava relacionada. Nova Orleans tem uma taxa de criminalidade bem alta.

— Ah, você conheceu Waldo – falei, para interromper o fluxo.

Waldo, outrora o favorito da rainha— não na cama, mas como lacaio, eu acho— ficou ressentido ao ser suplantado por minha prima Hadley.

Quando Hadley continuou sob as graças da rainha por um limite de tempo sem precedentes, Waldo a atraiu para o Cemitério Número Um de St. Louis, fingindo a desculpa de que despertaria o espírito de Marie Laveau, a notória rainha do vodu de Nova Orleans. Ao invés disso, ele matou Hadley e culpou a Sociedade do Sol. O Sr. Cataliades me acotovelou nessa direção até que entendi a culpa de Waldo, e a rainha me deu a oportunidade de executar Waldo pessoalmente— aquilo era a ideia da rainha de um grande favor. Eu declinei. Mas ele estava finalmente, definitivamente morto agora, como Hadley. Estremeci.

— Bem, eu o conheço melhor do que gostaria – ela disse, com a franqueza que parecia ser característica determinante de Amelia Broadway.

– Mas ouvi você usar o verbo passado. Ouso imaginar que Waldo encontrou seu destino final?

— Você pode – respondi. – Ousar, quero dizer.

— Uau – ela disse alegremente. – Ora, ora, ora.

Ao menos, iluminei o dia de alguém. Eu conseguia ver nos pensamentos de Amelia o quanto ela desgostava do vampiro mais velho, e não podia culpá-la. Ele foi odioso. Amelia era o tipo de

mulher com uma mente determinada, o que devia torná-la uma bruxa formidável. Mas agora mesmo ela devia estar pensando em outras possibilidades me envolvendo, e não estava. Havia desvantagem em ser focada num só objetivo.

— E você quer limpar o apartamento de Hadley porque acha que seu prédio não será mais um alvo? Desses ladrões que descobriram que Hadley está morta?

— Correto – disse, dando um último gole em seu café. – Gosto de saber que alguém está aqui também. Ter o apartamento vazio me dá arrepios. Pelo menos, vampiros não podem deixar fantasmas para trás.

— Eu não sabia disso – falei. E nunca pensei a respeito, tampouco.

— Nada de fantasmas vampiros – Amelia disse, alegremente. – Nenhum. Tem de ser humano para deixar um fantasma para trás. Ei, você quer que eu lhe faça uma leitura? Eu sei, eu sei, é meio assustador, mas eu prometo, sou boa nisso!

Ela estava pensando que seria divertido me dar o susto dado aos turistas, já que eu não ficaria em Nova Orleans por muito tempo; também acreditava que quanto mais legal fosse comigo, mais rápido eu limparia o apartamento de Hadley para que ela pudesse tê-lo de volta.

— Claro – respondi lentamente. – Você pode fazer uma leitura agora mesmo, se quiser. – Essa poderia ser uma boa medida para

avaliar o quanto Amelia era uma bruxa talentosa.

Ela certamente não tinha qualquer semelhança com o estereótipo de bruxa. Amelia parecia limpa, radiante e saudável, como uma feliz dona de casa suburbana com uma Ford Explorer e um setter irlandês. Mas num piscar de olhos, Amelia tirou um maço de cartas de tarô do bolso da calça e inclinou-se sobre a mesa de café para usá-las. Ela fez isso de um modo rápido e profissional que não fez nenhum sentido para mim.

Depois de examinar as figuras por um minuto, seu olhar parou de vagar sobre as cartas e fixou-se na mesa. Seu rosto enrubesceu e ela fechou os olhos como se estivesse se sentindo mortificada. É claro que estava.

— Okay – disse finalmente, a voz calma e nivelada. – O que você é?

— Telepata.

— Eu sempre estou fazendo suposições! Por que nunca aprendo?

— Ninguém me acha assustadora – falei, tentando soar gentil, e ela estremeceu.

— Bom, não vou cometer esse erro novamente – ela disse. – Você parece ser mais informada a respeito dos sobres do que uma pessoa comum.

— E aprendendo mais a cada dia. – Minha voz soava horrível até para mim.

— Agora vou ter que contar à minha conselheira que falhei – disse a senhoria. Ela parecia tão sombria quanto era possível parecer. Não muito.

— Você tem uma... mestra?

— É, uma bruxa mais velha que tipo monitora nosso progresso durante os três primeiros anos como profissional.

— Como você sabe quando se torna uma profissional?

— Oh, você tem que passar no teste – Amelia explicou, levantandose e indo até a pia. Num instante, ela lavou a cafeteira e o filtro, colocou-os alinhados na secadora e limpou a pia.

— Então começamos a empacotar as coisas amanhã? – perguntei.

— O que há de errado com agora mesmo?

— Primeiro, eu gostaria de olhar as coisas de Hadley sozinha – respondi, tentando não soar irritada.

— Ah. Bom, claro que deve. – Ela tentou soar como se já tivesse pensado nisso. – E imagino que você tenha que visitar a rainha esta noite, não?

— Eu não sei.

— Oh, aposto que eles estão esperando. Havia um vampiro alto, moreno e bonitão com você ontem à noite? Com certeza ele pareceu familiar.— Bill Compton – falei. – Sim, ele morou na Louisiana durante anos e fez alguns trabalhos para a rainha.

Ela olhou para mim, os olhos azuis-claros surpresos. — Oh, achei que ele conhecia sua prima.

— Não – respondi. – Obrigada por me acordar para poder começar o trabalho, e obrigada por estar disposta a me ajudar.

Ela estava satisfeita por estar partindo, porque eu não fui o que esperava, queria meditar a meu respeito e dar alguns telefonemas para as irmãs do clã na área de Bon Temps.

— Holly Cleary – falei. – Ela é quem eu conheço melhor.

Amelia ofegou e disse um trêmulo adeus. Ela se foi tão inesperadamente quanto chegara. Eu me senti velha de repente. Estava apenas me exibindo e reduzi uma confiante e alegre jovem bruxa numa mulher ansiosa, no espaço de uma hora.

Mas assim que arranjei um bloco de notas e um lápis— bem onde deviam estar, na gaveta perto do telefone— para decidir meu plano de ação, consolei-me com o pensamento de que Amelia precisava desesperadamente do tapa mental no rosto. Se não viesse de mim, podia vir de alguém que realmente lhe faria mal.

Capítulo 15

EU PRECISO DE CAIXAS, com certeza. Então também precisaria de um bocado de fita adesiva, canetas e, provavelmente, tesouras.

Finalmente, precisaria de uma caminhonete, para levar o que conseguisse salvar para Bon Temps. Eu poderia pedir uma carona a Jason, alugar uma caminhonete ou perguntar ao Sr. Cataliades se ele sabia de alguma caminhonete que eu pudesse emprestar. Se tivesse muita coisa, talvez eu alugasse um carro e um trailer. Eu nunca fiz algo assim, mas qual era a dificuldade? Já que eu não tinha uma carona no momento, não havia como obter os suprimentos. Mas era melhor começar a resolver, já que quanto antes terminasse, mais cedo poderia voltar ao trabalho e me afastar dos vampiros de Nova Orleans.

No fundo, eu estava contente por Bill ter vindo também. Apesar de às vezes eu ficar zangada com ele, era um rosto familiar. Afinal, ele foi o primeiro vampiro que conheci, e ainda parecia quase milagroso como isso aconteceu. Ele viera ao bar e eu fiquei fascinada com a descoberta de que não conseguia ouvir seus pensamentos. Então, mais tarde naquela mesma noite, eu o salvei de drenadores. Suspirei, pensando em como foi bom até que ele foi chamado de volta por sua criadora, Lorena, agora definitivamente morta também.

Me recompus. Não era hora para recordações. Era hora de ação e decisão. Decidi começar pelas roupas.

Após quinze minutos, percebi que as roupas seriam fáceis. Livrariame da maior parte. Não só meu gosto diferia radicalmente de minha prima, mas seus quadris e seios eram menores, e suas cores eram diferentes das minhas. Hadley gostava de roupas escuras e dramáticas, e eu era uma pessoa totalmente simples. Eu me imaginei em uma ou duas das blusas pretas e saias, mas quando experimentei, pareci uma daquelas tietes que se penduravam em Eric no bar. Não era uma imagem que eu apreciava.

Coloquei apenas algumas regatas e alguns pares de shorts e pijamas na pilha “manter”.

Encontrei uma caixa grande de sacos de lixo e usei para empacotar as roupas que seriam doadas. Assim que terminei com cada saco, deixei-os na galeria para manter o apartamento livre da desordem.

Era perto do meio-dia quando comecei a trabalhar, e as horas passaram rápidas após eu descobrir como operar o aparelho de CD de Hadley. Ela tinha um bocado de música de artistas que nunca foram os preferidos em minha lista, nenhuma grande surpresa nisso — mas era interessante ouvir. Ela possuía uma horda de CDs: No Doubt, Nine Inch Nails, Eminem, Usher.

Comecei com as gavetas no quarto, quando já estava escurecendo.

Parei por um instante na galeria, durante o suave anoitecer, observando a cidade acordar para as horas escuras adiante. Nova Orleans era uma cidade noturna agora. Sempre foi um lugar com vida noturna briguenta e descarada, mas agora era um centro para os morto-vivos e isso mudara completamente sua personalidade. Muito do jazz da Bourbon Street, hoje em dia, era tocado por mãos que viram a luz do sol há várias décadas atrás.

Pude notar um som leve de notas no ar, a música de prazeres distantes.

Sentei-me numa cadeira na galeria e ouvi por um momento, esperando poder ver um pouco da cidade enquanto estivesse ali. Nova Orleans era como nenhum outro lugar na América, mesmo antes e depois do afluxo de vampiros.

Suspirei e percebi que estava com fome. É claro que Hadley não tinha nenhuma comida no apartamento, mas eu não ia começar a beber sangue. Eu detestava ter que pedir algo mais a Amelia. Esta noite, quem viesse me buscar para me levar até a rainha poderia se dispor a me levar num supermercado. Talvez devesse tomar banho e me trocar?

Ao me virar para voltar para dentro do apartamento, avistei as toalhas mofadas que tinha colocado para fora na noite anterior.

Elas fediam ainda pior, o que me surpreendeu. Eu achava que o cheiro teria diminuído agora. Ao invés disso, meu fôlego ficou preso no fundo da garganta em repugnância, enquanto pegava a cesta para trazê-la para dentro. Eu pretendia lavá-las. Havia um conjunto

de lavadora/secadora num canto da cozinha com a secadora na parte de cima. Como uma torre de limpeza.

Tentei sacudir as toalhas, mas elas tinham secado numa massa dura amarrotada. Exasperada, puxei o canto pontudo de uma toalha e, com um pouco de resistência, o negócio grudado na dobra cedeu, com o tecido azulmédio se abrindo diante de meus olhos.

— Ah, merda – falei em voz alta no apartamento silencioso. – Ah, não.

O fluído que tinha secado e grudado nas toalhas era sangue.

— Ah, Hadley – falei. – O que você fez?

O cheiro era tão horrível quanto o choque. Sentei-me à pequena mesa de jantar na área da cozinha. Flocos de sangue seco salpicaram o chão e grudaram em meus braços. Eu não conseguiria ouvir os pensamentos de uma toalha, pelo amor de Deus. Minha condição era inútil agora, em absoluto. Eu precisava... de uma bruxa. Como aquela que eu castiguei e mandei embora. É, igualzinha àquela.

Mas primeiro eu precisava verificar todo o apartamento, ver se guardava mais surpresas.

Oh, sim. Guardava.

O corpo estava no armário do corredor.

Não tinha cheiro algum, apesar do cadáver, um rapaz, provavelmente ter ficado ali durante o tempo todo em que minha prima esteve morta.

Talvez esse rapaz fosse um demônio? Mas ele não se parecia nem um pouco com Diantha ou Gladiola, ou o Sr. Cataliades, para falar a verdade.

Se as toalhas tivessem começado a cheirar mal, talvez... oh bom, talvez eu só tenha tido sorte. Isso era algo que eu teria que descobrir a resposta, e suspeitei que ela estivesse no andar de baixo.

Bati na porta de Amelia. Ela atendeu imediatamente, e vi por sobre seu ombro que a casa dela, apesar de obviamente parecer exatamente com a de Hadley, era cheia de cores e energia. Ela gostava de amarelo, creme, coral e verde. Sua mobília era moderna e bem almofadada, e as partes em madeira eram polidas à enésima potência. Como suspeitei, a moradia de Amelia era imaculada.

— Sim? – ela indagou, de forma submissa.

— Okay – falei, como se fosse derrubar uma oliveira. – Eu tenho um problema, e suspeito que você também.

— Por que diz isso? – ela perguntou. O rosto acessível estava fechado agora, como se manter a expressão neutra me impedisse de entrar em sua mente.

— Você jogou uma magia de stasis no apartamento, certo? Para manter tudo exatamente como estava. Antes de protegê-la

contra intrusos?

— Sim – ela respondeu cautelosamente. – Eu te contei isso.

— Ninguém esteve no apartamento desde a noite em que Hadley morreu?

— Eu não posso jurar, porque imagino que qualquer bruxo ou mago bom o suficiente poderia ter quebrado meu feitiço – disse. – Mas pelo que eu saiba, ninguém esteve lá.

— Então você não sabe que selou um corpo lá dentro?

Eu não sei o que esperava como reação, mas Amelia foi bem calma a respeito.— Okay – respondeu firmemente. Ela pode ter engolido em seco. – Okay. Quem é? – Seus cílios piscaram algumas vezes. Talvez não estivesse tão calma.

— Eu realmente não sei – falei cuidadosamente. – Você terá que vir olhar. – Enquanto subíamos, eu disse, – Ele foi morto lá e a bagunça foi limpa com toalhas. Elas estavam no cesto de roupa suja. – Contei-lhe a respeito das condições das toalhas.

— Holly Cleary me contou que você salvou a vida do filho dela – disse Amelia.

Isso me surpreendeu. Fez-me sentir sem graça também. — A polícia o teria encontrado – respondi. – Eu só apressei um pouco.

— O médico disse a Holly que, se o garotinho não tivesse sido levado ao hospital naquele momento, o sangramento no cérebro

não teria sido impedido a tempo – Amelia disse.

— Que bom então – respondi, desconfortável ao extremo. – Como Cody está indo?

— Bem – disse a bruxa. – Ele vai ficar bem.

— Nesse meio tempo, nós temos um problema bem aqui – eu a lembrei.

— Okay, vamos lá ver o cadáver. – Amelia se esforçou para manter a voz nivelada. Eu meio que gostei dessa bruxa.

Guiei-a até o armário. Eu tinha deixado a porta aberta. Ela entrou.

Não fez nenhum ruído. Ela voltou com uma leve tonalidade verde sobre o bronzeado brilhante e inclinou-se contra a parede.

— Ele é um Lobi – disse, instantes depois. O feitiço que ela colocara no apartamento deixara tudo fresco, como planejado. O sangue tinha começado a exalar pouco antes de o feitiço ser lançado e, quando eu entrei no apartamento, o feitiço fora quebrado. Agora as toalhas fediam em deterioração. O corpo ainda não exalava, o que me surpreendeu um pouco, mas imaginei que começaria a qualquer minuto. Certamente o corpo iria se decompor rapidamente agora que foi libertado da magia de Amelia, e ela obviamente estava tentando não apontar como aquilo funcionara bem.

— Você o conhece?

— Sim, conheço – ela disse. – A comunidade sobrenatural, mesmo em Nova Orleans, não é tão grande. É Jake Purifoy. Ele fez parte da segurança no casamento da rainha.

Eu tive que me sentar. Saí do armário e deslizei pela parede até estar sentada e apoiada, encarando Amelia. Ela se sentou contra a parede oposta.

Eu mal sabia por onde começar com as perguntas.

— Isso foi quando ela se casou com o Rei do Arkansas? – Recordei o que Felicia havia dito, e a fotografia de casamento que vi no álbum de Al Cumberland. Aquela seria a rainha, debaixo do vestido elaborado? Quando Quinn mencionou que cuidara dos arranjos para um casamento em Nova Orleans, foi aquele casamento que quis dizer?

— A rainha, de acordo com Hadley, é bissexual – Amelia me contou.

– Então, sim, ela casou com um cara. Agora eles têm uma aliança.

— Eles não podem ter filhos – falei. Eu sei, isso é óbvio, mas não estava entendendo a coisa da aliança.

— Não, mas a não ser que alguém enfie uma estaca neles, eles vão viver para sempre, então legar coisas não é um grande problema – Amelia disse. – Tomam-se meses, até anos, de negociações para produzir as regras de tal casamento. O contrato pode demorar até mais. Então ambos têm que assinar. É uma

grande cerimônia, acontece pouco antes do casamento. Eles não têm que passar o resto da vida juntos de verdade, sabe, mas têm que se visitarem algumas vezes por ano. Visitas do tipo conjugal.

Fascinante, mas não era essa a questão agora.

— Então esse cara no armário, ele fazia parte da força de segurança – Ele trabalhava para Quinn? Quinn não havia dito que um de seus funcionários havia desaparecido em Nova Orleans?

— É, eu não fui convidada para o casamento, é claro, mas ajudei Hadley com o vestido dela. Ele veio buscá-la.

— Jake Purifoy veio buscar Hadley para o casamento.

— É. Ele estava todo produzido naquela noite.

— E aquela foi a noite do casamento.

— É, a noite antes de Hadley morrer.

— Você os viu saindo?

— Não, eu só... Não. Ouvi o carro estacionando. Olhei pela janela da minha sala e vi Jake entrando. Eu já o conhecia, tipo casualmente. Eu tinha uma amiga que costumava sair com ele. Voltei para o que eu estava fazendo, assistindo TV eu acho, e ouvi o carro partir logo depois.

— Então ele pode não ter saído afinal.

Ela me encarou, os olhos enormes. — Pode ser – disse por fim, soando como se estivesse com a boca seca.

— Hadley estava sozinha quando ele veio buscá-la... certo?

— Quando saí do apartamento dela, eu a deixei sozinha.

— Tudo que eu vim fazer – falei, principalmente para os meus pés descalços – foi limpar o apartamento de minha prima. – Eu nem gostava tanto dela assim. Agora, terminei com um corpo. – Na última vez em que me livrei de um corpo – contei à bruxa – eu tinha um ajudante bem forte, e nós o enrolamos na cortina do chuveiro.

— Você fez isso? – Amelia disse, debilmente. Ela não parecia muito feliz por ser a destinatária dessa informação.

— Sim – concordei. – Nós não o matamos. Só tivemos que nos livrar do corpo. Nós achamos que seríamos culpados pela morte, e tenho certeza que teria sido assim. – Fitei o esmalte das unhas de meu pé por mais algum tempo. Tinha sido um bom trabalho no começo, um belo pink cintilante, mas agora eu precisava pintar novamente ou removê-lo.

Parei de tentar pensar em outras coisas e retomei minha sombria contemplação do corpo. Ele estava deitado no armário, esticado no chão, empurrado para baixo da prateleira mais baixa. Ele fora coberto com um lençol. Jake Purifoy havia sido um belo homem, suspeitei. Ele tinha cabelos castanho-escuros e uma estatura musculosa. Um bocado de pelos no corpo. Apesar de ter se vestido para um casamento formal, e Amelia dizer que ele parecera

muito bem, agora ele estava nu. Uma pergunta de menor importância: onde estavam as roupas?

— Poderíamos ligar para a rainha – Amelia disse. – Afinal, o corpo estava aqui, e Hadley pode tê-lo matado ou escondido o corpo. De jeito nenhum ele pode ter morrido na noite em que ela saiu com Waldo para o cemitério.

— Por que não? – Tive um súbito e terrível pensamento. – Você tem um celular? – perguntei, levantando-me enquanto falava. Amelia assentiu.

– Ligue para o quartel da rainha. Diga-lhes para mandarem alguém para cá imediatamente.

— O quê? – Seus olhos se mostravam confusos, mesmo enquanto os dedos apertavam os botões.

Olhando para o armário, pude ver os dedos no corpo se contraindo.

— Ele está acordando – falei em voz baixa.

Ela levou um segundo para entender. — Aqui é Amelia Broadway na Chloe Street! Mandem um vampiro mais velho para cá agora – ela gritou ao telefone. – Novo vampiro acordando! – Ela estava de pé agora, e corremos para a porta.

Não conseguimos.

Jake Purifoy se encontrava atrás de nós, e estava faminto.

Já que Amelia estava atrás de mim (eu tinha corrido na frente), ele mergulhou para agarrá-la pelo tornozelo. Ela guinchou ao cair, e eu me virei para ajudá-la. Não pensei a respeito, porque se tivesse, teria continuado a correr para a porta. Os dedos do novo vampiro se curvaram como algemas ao redor do tornozelo nu de Amelia e ele a puxou para si pelo chão de madeira laminada. Ela engalfinhava o chão com os dedos, tentando encontrar algo para deter o progresso em direção à boca dele, que estava escancarada e com as presas estendidas no comprimento máximo, oh Deus! Agarrei os pulsos dela e comecei a puxar. Eu não tinha conhecido Jake Purifoy em vida, então não sabia como ele era. E não consegui encontrar nada humano que tenha restado em seu rosto, nada a qual eu pudesse apelar. — Jake! – gritei. – Jake Purifoy! Acorde! – É claro que aquilo não serviu para absolutamente nada.

Jake se transformara não em um pesadelo, mas outra coisa permanente, e não podia ser despertado; ele era aquilo. Ele fazia uma espécie de gnarr-gnarr-gnarr, o som mais faminto que já ouvi, e então mordeu a barriga da perna de Amelia. Ela gritou.

Era como se um tubarão a estivesse prendendo. Se eu a puxasse ainda mais, ele poderia arrancar o pedaço onde seus dentes tinham afundado. Agora ele sugava a ferida na perna, e eu chutei sua cabeça com meu calcanhar, praguejando por causa da falta de sapatos. Coloquei toda minha força no chute, e não perturbei nem um pouco o novo vampiro. Ele fez um ruído de protesto, mas continuou chupando, e a bruxa continuou gritando de dor e choque.

Havia um castiçal sobre a mesa atrás de um dos sofás, um castiçal de vidro comprido e bem robusto. Arranquei a vela do castiçal, agarrei-a com as duas mãos e acertei-a com toda força na cabeça de Jake. Sangue começou a escorrer da ferida, bem devagar; é assim que vampiros sangram.

O castiçal se partiu com o golpe, e eu fiquei com as mãos vazias e um vampiro furioso. Ele levantou o rosto coberto de sangue para me encarar e eu esperei nunca mais na vida ser o destinatário de outro olhar como aquele novamente. Seu rosto sustentava a fúria oca de um cachorro louco.

Mas ele soltou a perna de Amelia, e ela começou a se afastar para longe. Era óbvio que estava ferida e se afastava lentamente, mas ela fez o esforço. Lágrimas escorriam do rosto dela e sua respiração era ouvida no apartamento inteiro, áspera no silêncio da noite. Pude ouvir uma sirene se aproximando e esperava que viesse para cá. No entanto, seria tarde demais.

O vampiro lançou-se do chão para me nocautear, e eu não tive tempo de pensar em nada.

Ele mordeu meu braço e achei que seus dentes penetrariam o osso.

Se eu não tivesse levantado o braço, aqueles dentes teriam agarrado meu pescoço, e isso teria sido fatal. Era preferível o braço, mas nesse momento a dor foi tão intensa que eu quase desmaiei, e era melhor não fazer isso. O corpo de Jake Purifoy estava pesado

em cima de mim, e suas mãos pressionavam meu braço livre contra o chão, suas pernas sobre as minhas.

Outra fome estava despertando no novo vampiro, e eu senti a evidência pressionada contra minha coxa. Ele livrou uma mão para começar a puxar minha calça.

Oh, não... isso era mesmo ruim. Eu morreria nos próximos minutos, aqui em Nova Orleans no apartamento de minha prima, longe de meus amigos e de minha família.

Sangue cobria o rosto e as mãos do novo vampiro.

Amelia engatinhou desajeitadamente pelo chão até nós, sua perna deixando uma trilha de sangue para trás. Ela devia ter corrido, já que não podia me salvar. Não havia mais castiçais. Mas Amelia possuía outra arma, e ela estendeu uma mão violentamente trêmula para tocar o vampiro. — Utinam hie sanguis in ignem commutet! – ela gritou.

O vampiro recuou, gritando e arranhando o próprio rosto que, subitamente, se cobriu de minúsculas chamas azuis.

E a polícia entrou pela porta.

Eles eram vampiros também.

Por um interessante momento, os policiais acharam que nós havíamos atacado Jake Purifoy. Amelia e eu, sangrando e gritando, fomos jogadas contra a parede. Mas, nesse meio tempo, o feitiço que Amelia havia lançado no novo morto-vivo perdeu sua eficácia, e

ele pulou sobre o policial uniformizado mais próximo, uma mulher negra com uma orgulhosa postura reta e nariz comprido.

A policial sacou seu cassetete e usou-o com uma impetuosa desconsideração nos dentes do novo vampiro. Seu parceiro, um homem baixinho cuja pele tinha cor de caramelo, atrapalhou-se para abrir uma garrafa de TrueBlood, enfiada no cinto como outro acessório. Ele arrancou a tampa com os dentes e enfiou um bico na boca faminta de Jake Purifoy.

De repente, tudo ficou silencioso enquanto o novo vampiro sugava o conteúdo da garrafa. O resto de nós permaneceu ofegando e sangrando.

— Ele ficará quieto agora – disse a oficial feminina, a cadência em sua voz me deixando saber que ela era mais africana do que americana. – Acho que o dominamos.

Amelia e eu afundamos no chão, depois que o policial masculino nos deu um aceno para informar que estávamos fora de perigo.

— Desculpem por termos nos confundido sobre quem era o bandido – ele disse, numa voz tão calorosa quanto manteiga derretida. – As senhoritas estão bem? – Era uma coisa boa que sua voz fosse tão tranqüilizadora, já que suas presas estavam para fora. Acho que a excitação com o sangue e a violência desencadeou a reação, mas era meio desconcertante num oficial da polícia.

— Acho que não – respondi. – Amelia aqui está sangrando muito, e acho que eu também. – A mordida não estava doendo tanto quanto iria. A saliva dos vampiros secretava um pouco de anestésico, junto com um agente cicatrizante. Mas o cicatrizante servia para selar os buracos que as presas faziam, não para de fato curar grandes porções de carne humana rasgada. – Vamos precisar de um médico. – Eu conheci um vampiro no Mississippi que conseguia curar ferimentos grandes, mas era um talento raro.

— Vocês duas são humanas? – ele perguntou. A policial feminina murmurava numa língua estrangeira ao novo vampiro. Eu não sabia se o ex-lobisomem, Jake Purifoy, podia falar a língua, mas ele reconhecia segurança quando via. As queimaduras em seu rosto sararam enquanto estávamos sentadas ali.

— Sim – falei.

Enquanto esperávamos pelos paramédicos, Amelia e eu nos inclinamos uma contra a outra, sem palavras. Aquele era o segundo ou terceiro corpo que encontrei num armário? Imaginei por que me dava ao trabalho de abri-los.

— Devíamos ter sabido – Amelia disse, cansada. – Quando ele não cheirou mal, devíamos ter sabido.

— Na verdade, eu imaginei. Mas como foi trinta segundos antes de ele acordar, acho que não fez nenhum bem – falei. Minha voz soava tão frouxa quanto à dela.

Tudo ficou muito confuso depois disso. Fiquei pensando que seria uma boa hora para desmaiar, se fosse mesmo fazer isso, porque não era realmente um processo pela qual queria passar, mas eu não podia simplesmente apagar. Os paramédicos eram rapazes muito gentis que pareciam achar que estávamos fazendo uma festinha com um vampiro e as coisas saíram do controle. Acho que nenhum deles ia chamar Amelia ou eu para um encontro em breve.

— Vocês não deviam mexer com vampiros, cherie – disse o homem que estava cuidando de mim. O nome em seu crachá dizia DELAGARDIE.

– Eles podem parecer bem atraentes para as mulheres, mas você não acreditaria se visse quantas pobres mocinhas tivemos que consertar. E essas foram as sortudas – Delagardie disse, sombriamente. – Qual é o seu nome, senhorita?

— Sookie – respondi. – Sookie Stackhouse.

— Prazer em conhecê-la, Srta. Sookie. Você e sua amiga parecem ser garotas legais. Vocês precisam andar com pessoas melhores, pessoas vivas. Esta cidade está infestada de mortos, agora. Era melhor quando todos aqui respiravam, vou falar a verdade. Agora vamos levá-las ao hospital e dar alguns pontos. Eu apertaria sua mão se não estivesse toda sangrenta – disse. Ele me deu um súbito sorriso, charmoso e com dentes brancos. – Estou lhe dando um bom conselho de graça, minha jovem.

Eu sorri, mas era a última vez que faria isso por algum tempo. A dor estava começando a se fazer sentida. Muito rapidamente, fiquei preocupada em enfrentar.

Amelia era uma verdadeira guerreira. Ela apertou os dentes enquanto lutava para se manter firme, mas agüentou o caminho todo até o hospital. A sala de emergência parecia estar apinhada.

Com a combinação de sangramento, escolta policial e um amigável Delagardie e seu parceiro dando uma palavrinha por nós, Amelia e eu fomos colocadas em cubículos com cortinas imediatamente. Não ficamos ao lado uma da outra, mas estávamos na fila para ver um médico. Fiquei grata. Eu sabia que foi rápido para uma sala de emergência urbana.

Enquanto ouvia a movimentação ao meu redor, tentei não praguejar com a dor em meu braço. Nos momentos em que não senti pontadas, imaginei o que havia acontecido com Jake Purifoy. Os vampiros policiais o teriam levado para uma cela vampira na cadeia, ou tudo foi desculpado já que era um novo vampiro sem orientação? Houve uma lei aprovada a respeito, mas não consegui lembrar dos termos e censuras. Era difícil para mim ficar preocupada. Eu sabia que o rapaz era vítima de sua nova condição; que a vampira que o criara devia ter estado lá para guiá-lo através de seu primeiro despertar e da fome.

A vampira culpada provavelmente era minha prima Hadley, que dificilmente imaginou que seria assassinada. Somente o feitiço de stasis, que Amelia lançara no apartamento, evitou que Jake despertasse há meses atrás. Era uma situação estranha,

provavelmente sem precedentes até mesmo para as crônicas vampíricas. E um lobisomem que se transformara num vampiro! Eu nunca ouvi falar de tal coisa. Ele ainda podia se transformar? Eu tinha tempo para pensar nisso e em algumas outras coisas, já que Amelia estava longe demais para uma conversa, mesmo que ela estivesse disposta.

Após cerca de vinte minutos, durante as quais fui perturbada apenas por uma enfermeira que pegou algumas informações, fiquei surpresa ao ver Eric espiar pela cortina.

— Posso entrar? – perguntou ele, rigidamente. Seus olhos estavam enormes e ele falava cuidadosamente. Percebi que, para um vampiro, o cheiro de sangue na sala de emergência devia ser encantador, penetrante.

Peguei um vislumbre de suas presas.

— Sim – falei, perplexa com a presença de Eric em Nova Orleans.

Eu não estava com humor para Eric, mas não havia razão para dizer ao ex-

Viking que ele não podia entrar na área cortinada. Aquilo era um prédio público, e ele não estava limitado por minhas palavras. De qualquer forma, ele podia simplesmente ficar parado do lado de fora e conversar comigo através da cortina, até descobrir o que ele veio descobrir. Eric era nada menos que persistente. – Que diabos você está fazendo aqui na cidade, Eric?

— Eu vim para cá a fim de barganhar com a rainha por seus serviços durante a conferência. Além disso, Sua Majestade e eu temos que negociar quantas pessoas eu posso trazer comigo. – Ele sorriu para mim. O efeito era desconcertante, com as presas e tudo mais. – Quase alcançamos um acordo.

Eu posso trazer três, mas quero barganhar por quatro.

— Ah, pelo amor de Deus, Eric – interrompi. – É a desculpa mais pobre que eu já ouvi. Invenção moderna, conhecida como telefone? – Eu me movi inquieta sobre a cama estreita. Não conseguia encontrar uma posição confortável. Cada nervo em meu corpo pulsava em conseqü.ncia do medo de meu encontro com Jake Purifoy, nova criança da noite.

Esperava que, quando finalmente visse o médico, ele ou ela me desse um excelente analgésico. – Me deixe em paz, okay? Você não tem direitos sobre mim. Ou responsabilidade comigo.

— Mas eu tenho – Ele teve o descaramento de parecer surpreso. – Nós temos um vínculo. Eu tive seu sangue quando você precisou de força para libertar Bill em Jackson. E fizemos amor frequentemente, de acordo com você.

— Você me obrigou a contar – protestei. E se eu soei um pouco choramingona, bom, maldição, achava que estava tudo bem choramingar um pouco. Eric havia concordado em salvar minha amiga do perigo se eu despejasse a verdade para ele. Isso é chantagem? Sim, acho que sim. Mas não havia como voltar atrás. Suspirei. – Como chegou aqui, afinal?

— A rainha monitora bem de perto o que acontece aos vampiros em sua cidade, é claro. Pensei em vir para dar apoio moral. E, é claro, se precisar que eu limpe o seu sangue... – Seus olhos brilharam ao inspecionar meu braço. – Ficarei feliz em fazê-lo.

Eu quase sorri, muito relutantemente. Ele nunca desistia.

— Eric – disse a voz fria de Bill, e ele deslizou através da cortina para juntar-se a Eric na cabeceira de minha cama.

— Por que eu não estou surpreso por vê-lo aqui? – Eric disse num tom de voz que deixava claro que estava descontente.

A raiva de Eric não era algo que Bill podia ignorar. Eric sobrepujava Bill e olhava de cima de seu substancial nariz para o vampiro mais jovem.

Bill tinha cerca de 135 anos; Eric tinha talvez mais de mil (eu perguntei a ele certa vez, mas ele honestamente parecia não saber). Eric possuía personalidade para liderança. Bill era feliz em seu canto. A única coisa que ambos tinham em comum era que os dois fizeram amor comigo; e naquele exato momento, ambos eram um pé no saco.

— Ouvi na faixa de rádio da polícia, no quartel-general da rainha, que a polícia vampira foi chamada para dominar um novo vampiro e reconheci o endereço – Bill disse a propósito de explicação. – Naturalmente, descobri para onde Sookie foi trazida e vim aqui o mais rápido que pude. – Eu fechei os olhos. – Eric, você

está cansando-a – Bill disse, a voz ainda mais fria do que habitual. – Devia deixar Sookie em paz.

Houve um longo momento de silêncio. Estava repleto de alguma grande emoção. Meus olhos se abriram e foram de um rosto para outro.

Dessa vez, desejei poder ler mentes de vampiros. Tanto quanto pude ler de sua expressão, Bill estava se arrependendo profundamente das palavras, mas por quê? Eric fitava Bill com uma expressão complexa composta de resolução e algo menos definido; pesar, talvez.

— Eu compreendo totalmente por que você quer manter Sookie isolada, enquanto ela está em Nova Orleans – disse Eric. Seus “r” ficaram mais pronunciados, como acontecia quando ele estava zangado.

Bill desviou o olhar.

Apesar da dor pulsando em meu braço, apesar da exasperação geral com os dois, algo dentro de mim se sacudiu e prestou atenção. Havia um significado inconfundível no tom de Eric. A falta de resposta de Bill era curiosa e... agourenta.

— O quê? – falei, meus olhos pousando em ambos. Tentei me apoiar nos cotovelos e me decidi por um quando o outro braço, o mordido, lançou uma grande onda de dor. Apertei o botão para levantar a cabeceira da cama.

– O que significa toda essa grande insinuação, Eric? Bill?

— Eric não devia estar agitando-a quando você já tem tanto com que lidar – disse Bill, finalmente. Apesar de nunca ser conhecido por sua expressividade, o rosto de Bill parecia o que minha avó descreveria como “mais rígido que um tamborim”.

Eric cruzou os braços sobre o peito e olhou para baixo.

— Bill? – falei.

— Pergunte por que ele voltou para Bon Temps, Sookie – Eric disse, em voz bem baixa.

— Bom, o velho Sr. Compton morreu e ele queria reclamar sua... – Eu nem mesmo conseguia descrever a expressão no rosto de Bill. Meu coração começou a bater mais rápido. O medo formou um nó em meu estômago. – Bill?

Eric virou-se para esconder o rosto de mim, mas não antes que eu visse a sombra de pena cruzar sua expressão. Nada poderia ter me assustado mais. Posso não ser capaz de ler a mente dos vampiros, mas nesse caso sua linguagem corporal dizia tudo. Eric estava se virando porque não queria assistir a faca sendo cravada.

— Sookie, você descobriria quando visse a rainha... Talvez eu pudesse ter escondido, porque você não vai entender... mas Eric já cuidou disso. – Bill lançou um olhar para Eric que poderia ter aberto um buraco no coração de Eric. – Quando sua prima Hadley estava se tornando a favorita da rainha...

E, de repente, eu vi tudo, soube o que ele ia dizer, e levantei-me da cama do hospital com um gemido, uma mão no peito porque

sentia meu coração se despedaçar. Mas a voz de Bill continuou, mesmo enquanto eu sacudia a cabeça violentamente.

— Aparentemente, Hadley falou um bocado sobre você e seu dom, para impressionar a rainha e manter seu interesse. E a rainha sabia que eu era originalmente de Bon Temps. Algumas noites, eu imaginei se ela mandou alguém para matar o último Compton e apressar as coisas. Mas talvez ele realmente tenha morrido de velhice. – Bill olhava para o chão, e não viu minha mão esquerda estendida para impedi-lo. – Ela me ordenou que eu voltasse para meu lar humano, para me colocar em seu caminho, para seduzi-la se fosse necessário...

Eu não conseguia respirar. Não importava o quanto minha mão direita pressionasse meu peito, eu não conseguia parar a destruição de meu coração, o deslizar fundo da faca em minha carne.

— Ela queria o seu dom aproveitado em uso próprio – ele disse, e abriu a boca para falar mais. Meus olhos estavam tão nublados com as lágrimas que eu não conseguia enxergar bem, não conseguia ver a expressão do rosto dele e não me importava de qualquer forma. Mas eu não podia chorar enquanto ele estivesse em qualquer lugar perto de mim. Eu não faria isso.

— Saia – falei com um terrível esforço. O que quer que tivesse acontecido, eu não poderia suportar que ele visse a dor que me causou. Ele tentou me olhar direto nos olhos, mas os meus estavam cheios demais. O que ele queria exprimir estava perdido para mim.

— Por favor, me deixe terminar – disse.

— Eu nunca mais quero vê-lo novamente, jamais em minha vida – sussurrei. – Jamais.

Ele não falou. Seus lábios se moveram, como se ele estivesse tentando formar uma palavra ou frase, mas eu sacudi a cabeça.

— Saia – eu lhe disse, num tom de voz tão sufocado de ódio e angústia que não soava como a minha. Bill se virou e passou pela cortina, saindo da sala de emergência. Eric não se virou para ver meu rosto, graças a Deus. Ele também estendeu a mão para tocar minha perna antes de partir.

Eu queria gritar. Queria matar alguém com minhas próprias mãos.

Eu tinha que ficar sozinha. Não podia deixar ninguém me ver sofrer assim. A dor estava atada com uma raiva tão profunda que nunca senti nada parecido. Eu estava doente de ódio e mágoa. A mordida de Jake Purifoy não era nada comparada a isso.

Não consegui ficar parada. Com alguma dificuldade, eu saí da cama.

Meus pés ainda estavam nus, é claro, e notei com uma estranha e imparcial parte de minha mente que eles estavam extraordinariamente sujos.

Cambaleei para fora da área de triagem, avistei as portas da sala de espera e me lancei naquela direção. Caminhar era um problema.

Uma enfermeira se aproximou de mim, com uma prancheta na mão.

— Srta. Stackhouse, um médico estará com você em um minuto. Sei que teve que esperar e sinto muito, mas...

Eu me virei para encará-la e ela recuou, dando um passo para trás.

Eu continuei em direção às portas com meus passos incertos, mas o propósito claro. Eu queria sair dali. Depois disso, eu não sabia. Cheguei na porta e empurrei-a, me arrastando através da sala de espera abarrotada de pessoas. Misturei-me perfeitamente à multidão de pacientes e parentes esperando para ver o médico. Alguns estavam mais sujos e sangrentos do que eu, alguns eram mais velhos— outros bem jovens. Apoiei minha mão contra a parede e continuei me movendo para as portas, para o lado de fora.

Eu consegui.

Era muito mais tranqüilo do lado de fora, e estava quente. O vento soprava, só um pouco. Eu estava descalça e sem um centavo, parada sob as luzes brilhantes do prédio. Não tinha ideia de onde eu estava em relação à casa, e nem se era para onde estava indo, mas não me encontrava mais no hospital.

Um sem-teto parou na minha frente. — Tem um trocado, irmã? – ele perguntou. – Eu estou sem sorte também.

— Eu pareço ter alguma coisa? – perguntei-lhe, num tom de voz sensato.

Ele pareceu tão amedrontado quanto a enfermeira. Disse, — Desculpe – e se afastou. Dei um passo atrás dele.

— EU NÃO TENHO NADA! – gritei. E então, numa voz perfeitamente calma, acrescentei, — Vê, nunca tive nada para começar.

Ele resmungou e tremeu, e eu o ignorei. Comecei a caminhar. A ambulância virara à direita ao se aproximar, então virei à esquerda. Não consegui lembrar quanto tempo a viagem demorou. Fiquei conversando com Delagardie. Eu tinha sido uma pessoa diferente. Eu andei e andei.

Andei sob palmeiras, ouvi o ritmo rico da música, rocei contra as venezianas ásperas das casas ao longo da calçada.

Numa rua com alguns bares, um grupo de rapazes surgiu enquanto eu passava, e um deles agarrou meu braço. Virei-me para ele com um grito e, com um esforço galvânico, empurrei-o contra uma parede. Ele ficou ali parado, aturdido, esfregando a cabeça, e seus amigos o puxaram para longe.

— Ela é louca – um deles disse suavemente. – Deixe-a em paz. – Eles seguiram na outra direção.

Depois de um tempo, recuperei-me o suficiente para me perguntar por que estava fazendo isso. Mas a resposta era vaga. Quando caí sobre uma calçada quebrada, ralando o joelho o bastante para sangrar, a nova dor física fez com que eu voltasse a mim um pouco mais.

— Você está fazendo isso para que eles se sintam culpados por magoá-la? – indaguei-me em voz alta. – Oh, meu Deus, pobre Sookie! Ela saiu do hospital, sozinha e enlouquecida pela dor, e está vagando pelas ruas perigosas da Big Easy, porque Bill a deixou tão louca!

Eu não queria que meu nome cruzasse pelos lábios de Bill nunca mais. Quando me tornei um pouco mais eu mesma— só um pouco— a profundidade de minha reação começou a me surpreender. Se nós ainda fôssemos um casal, quando descobri o que descobri esta noite, eu o teria matado; sabia disso com a clareza de um cristal. Mas a razão que tive para sair do hospital era igualmente clara; eu não conseguiria suportar lidar com ninguém no mundo naquele momento. Tinha sido ofuscada pelo mais doloroso conhecimento: o primeiro homem que dizia me amar, nunca me amou afinal.

A paixão dele tinha sido artificial.

Seu tempo comigo foi coreografado.

Eu devo ter parecido tão fácil para ele, tão crédula, tão pronta para o primeiro homem que devotasse um pouco de tempo e esforço para me conquistar. Conquistar! A mesma frase me fez sentir ainda pior. Ele nunca pensara em mim como um prêmio.

Até a estrutura ter sido derrubada num único momento, eu não havia percebido o quanto minha vida no último ano tinha sido construída sobre a base falsa do amor e da consideração de Bill.

— Eu salvei a vida dele – falei, assombrada. – Fui para Jackson e arrisquei minha vida por ele, porque ele me amava.

Uma parte de meu cérebro sabia que isso não era totalmente exato.

Fiz porque eu tinha amado. E fiquei espantada no mesmo instante, por perceber que a influência de sua criadora, Lorena, foi ainda mais forte do que as ordens de sua rainha. Mas eu não estava disposta a arrancar cabelos emocionais. Quando pensei em Lorena, outra compreensão me socou no estômago. — Eu matei alguém por ele – disse, minhas palavras flutuando na noite densa e escura. – Oh, meu Deus. Eu matei alguém por ele.

Eu estava coberta de arranhões, machucados, sangue e sujeira quando levantei o rosto para ver uma placa que dizia CHLOE STREET.

Era onde ficava o apartamento de Hadley, percebi lentamente. Virei à direita e comecei a andar novamente.

A casa estava às escuras, nos dois andares. Talvez Amelia ainda estivesse no hospital. Eu não tinha ideia de que horas eram ou quanto tempo eu fiquei caminhando.

O apartamento de Hadley estava trancado. Desci para o andar de baixo e peguei um dos vasos de flores que Amelia havia colocado ao redor de sua porta. Carreguei-o pelas escadas e joguei-o contra o vidro da porta.

Estendi a mão, destranquei a porta e entrei. Nenhum alarme soou. Eu tinha certeza absoluta de que a polícia não saberia o código de ativação, quando partiram depois que fizeram o que quer que tenham feito.

Caminhei pelo apartamento, que ainda estava de ponta cabeça por causa da luta com Jake Purifoy. Eu tinha mais um pouco de limpeza a fazer pela manhã, ou quando... quando minha vida recomeçasse.

Entrei no banheiro e tirei as roupas que estava vestindo. Fiquei segurando e olhando para elas por um minuto, para o estado em que se encontravam. Então segui para o corredor, destranquei a janela francesa mais próxima, e joguei as roupas por sobre a balaustrada da galeria.

Desejava que todos os problemas fossem desfeitos assim tão facilmente, mas ao mesmo tempo minha verdadeira personalidade estava acordada o suficiente para desencadear um fio de culpa por deixar uma bagunça que outra pessoa teria que limpar. Aquela não era a maneira Stackhouse. Mas aquele fio não era forte o bastante para me fazer descer as escadas e recuperar os trajes imundos. Não agora.

Depois de calçar uma cadeira sob a porta quebrada e ativar o sistema de alarme com os números que Amelia me forneceu, eu entrei no chuveiro.

A água fez arder meus vários arranhões e cortes, e a mordida profunda em meu braço começou a sangrar novamente. Bem,

merda. Minha prima, a vampira, não precisava de kit de primeiros-socorros, é claro. Finalmente encontrei alguns chumaços de algodão que ela provavelmente usava para remover maquiagem e vasculhei uma de minhas malas de roupas até encontrar um lenço ridiculamente alegre com estampa de leopardo.

Desajeitadamente, coloquei o algodão sobre a mordida e prendi o lenço numa atadura apertada o suficiente.

Pelo menos, os lençóis infames eram a menor de minhas preocupações. Entrei dolorosamente em meu pijama e deitei na cama, rezando pelo esquecimento.

Capítulo 16

EU ACORDEI CANSADA, com a terrível sensação de que lembraria de coisas ruins num instante. A sensação foi certeira.

Mas as coisas ruins tiveram que esperar, porque eu tive uma surpresa para começar o dia. Claudine encontrava-se deitada ao meu lado na cama, apoiada sobre um cotovelo, olhando para mim compassivamente. E Amelia estava sentada aos pés da cama, numa espreguiçadeira, com a perna enfaixada sobre uma banqueta. Ela estava lendo.

— Como pode você estar aqui? – perguntei a Claudine. Após ver Eric e Bill na noite passada, imaginei se todos que eu conhecia ficavam me seguindo. Talvez Sam aparecesse em minha porta num minuto.

— Eu lhe disse, sou sua fada-madrinha – Claudine respondeu.

Claudine normalmente era a fada mais feliz que eu conhecia. Ela era tão adorável para uma mulher quanto seu gêmeo, Claude, era para um homem; talvez ainda mais adorável, porque sua personalidade afável brilhava através dos olhos. Seu colorido era o mesmo do irmão; cabelos pretos, pele branca. Hoje, ela vestia uma calça capri azul-pálido e túnica preta-e-azul combinando. Ela parecia etereamente adorável, ou pelo menos tão etérea quanto se pode parecer em calças capri.

— Você pode me explicar isso depois que eu for ao banheiro – respondi, lembrando de toda a água que tomei quando cheguei à pia na noite anterior. Toda aquela andança me deixara com sede. Claudine levantou-se graciosamente da cama, e eu a segui desajeitada.

— Cuidado – Amelia avisou, quando tentei levantar rápido demais.

— Como está sua perna? – perguntei-lhe, quando o mundo se endireitou. Claudine continuou segurando o meu braço, só para garantir.

Era bom ver Claudine e fiquei surpreendentemente feliz por ver Amelia, mesmo mancando.

— Bem dolorido – ela disse. – Mas, ao contrário de você, eu fiquei no hospital e tive o ferimento tratado apropriadamente. – Ela fechou o livro e colocou-o na mesinha ao lado da poltrona. Ela parecia um pouco melhor do que eu suspeitava quanto a mim, mas não era a bruxa radiante e feliz do dia anterior.

— Tivemos uma experiência esclarecedora, não? – falei, e então prendi o fôlego ao lembrar do quanto eu aprendi.

Claudine me ajudou a chegar ao banheiro e, quando a assegurei de que podia me virar, ela me deixou sozinha. Fiz as coisas necessárias e saí me sentindo melhor, quase humana. Claudine tirara algumas roupas da minha mala e havia uma caneca sobre a mesinha de cabeceira com vapor exalando dela. Recostei-

me cuidadosamente contra a cabeceira, as pernas cruzadas, segurando a caneca perto do rosto para poder inalar o cheiro.

— Explique o negócio da fada-madrinha – falei. Eu não queria conversar a respeito de nada mais urgente, ainda não.

— Fadas são seus seres sobrenaturais básicos – disse Claudine. – De nós, vieram os elfos, brownies, anjos e demônios. Duendes da água, homenzinhos verdes, todos os espíritos naturais... todos são alguma forma de fada.

— Então o que você é? – Amelia perguntou. Não ocorreu a Amelia ir embora, e Claudine pareceu aceitar aquilo também.

— Estou tentando me tornar um anjo – Claudine disse suavemente.

Seus enormes olhos castanhos pareciam luminosos. – Após anos sendo...

bem, uma boa cidadã, acho que se pode chamar assim, eu recebo uma pessoa para guardar. É a Sook aqui. E ela realmente me mantém ocupada. – Claudine parecia orgulhosa e feliz.

— Você não devia prevenir a dor? – perguntei. Se fosse assim, Claudine estava fazendo um serviço bem mal-feito.

— Não, eu desejava poder. – A expressão no rosto oval de Claudine era abatida. – Mas posso ajudá-la a se recuperar de desastres e, às vezes, evitá-los.

— As coisas seriam piores sem você por perto?

Ela assentiu vigorosamente.

— Vou aceitar sua palavra – respondi. – Como eu consegui uma fada-madrinha?

— Não tenho permissão para contar – disse Claudine, e Amelia revirou os olhos.

— Não estamos aprendendo muito aqui – ela disse. – E tendo em vista os problemas que tivemos na noite passada, talvez você não seja uma fada-madrinha tão competente, hein?

— Ah, claro, Srta. Eu-Selei-O-Apartamento-Para-Manter-Tudo Fresco – respondi, irracionalmente indignada pelo ataque à competência de minha madrinha.

Amelia saiu com dificuldade da poltrona, a pele rubra de raiva. — Bem, eu selei! Ele teria acordado mesmo assim, não importa quando! Eu só retardei um pouco!

— Teria ajudado se soubéssemos que ele estava lá!

— Teria ajudado se sua prima maluca não o tivesse matado em primeiro lugar!

Ambas interrompemos nosso diálogo. — Você tem certeza de que foi isso que aconteceu? – perguntei. – Claudine?

— Eu não sei – disse ela, a voz plácida. – Não sou onipotente ou onisciente. Eu só apareço para intervir quando posso. Lembra-se

daquela vez em que você adormeceu no volante e cheguei lá a tempo para salvá-la?

E ela quase causou um ataque do coração no processo, aparecendo dentro do carro no banco do carona, num piscar de olhos. — Sim – respondi, tentando soar grata e humilde. – Eu lembro.

— Realmente é muito, muito difícil conseguir chegar a um lugar assim tão rápido – ela disse. – Eu só consigo fazer isso numa verdadeira emergência. Quero dizer, emergência de vida-ou-morte. Felizmente, tive um pouco mais de tempo quando sua casa pegou fogo...

Claudine não ia nos contar quaisquer regras, ou mesmo explicar a natureza do criador de regras. Eu me saía bem em meu sistema de crenças, o que me ajudou durante toda a vida. Pensando bem, se eu estivesse completamente errada, não queria saber.

— Interessante – disse Amelia. – Mas temos mais algumas coisas para conversar. – Talvez ela estivesse sendo desdenhosa, porque não tinha sua própria fada-madrinha.

— Sobre o que você quer conversar primeiro? – perguntei.

— Por que deixou o hospital ontem à noite? – Seu rosto estava rígido de ressentimento. – Você devia ter me dito. Eu me arrastei por essas escadas na noite passada para procurar por você, e aí estava. E você colocou barricadas na porta. Então eu tive que descer as malditas escadas de novo para pegar minhas chaves,

entrar pela janela e correr— com essa perna— até o sistema de alarme para desligá-lo. E então essa perdição estava sentada junto à sua cama e podia ter feito todo o resto.

— Você não podia ter aberto as janelas com mágica? – perguntei.

— Eu estava cansada demais – ela disse com dignidade. – Eu tive que recarregar minhas baterias mágicas, por assim dizer.

— Por assim dizer – respondi, minha voz seca. – Bem, ontem à noite, eu descobri... – e parei no ato. Eu simplesmente não conseguia falar.

— Descobriu o quê? – Amelia estava exasperada, e eu não podia culpá-la.

— Bill, o primeiro amante dela, foi plantado em Bon Temps para seduzi-la e ganhar sua confiança – disse Claudine. – Ontem à noite, ele admitiu isso na cara dela, e na frente de seu outro único amante, outro vampiro.

Como sipnose, era impecável.

— Bem... que droga – Amelia respondeu, debilmente.

— É – falei. – Que droga.

— Ai.

— É.

— Eu não posso matá-lo por você – disse Claudine. – Teria que dar muitos passos para trás.

— Tudo bem – eu lhe disse. – Ele não vale você perder nenhum ponto brownie.

— Oh, eu não sou uma brownie – Claudine explicou gentilmente. – Achei que tivesse entendido. Sou uma fada puro-sangue.

Amelia estava tentando não rir, e eu a fuzilei com o olhar.

— Apenas deixe pra lá, bruxa – respondi.

— Sim, telepata.

— Então, o que fazemos agora? – perguntei, no geral. Eu não falaria mais a respeito de meu coração partido e minha autoestima demolida.

— Descobrimos o que aconteceu – disse a bruxa.

— Como? Chamando o CSI?

Claudine pareceu confusa, então acho que fadas não assistem televisão.

— Não – Amelia respondeu, com paciência elaborada. – Fazemos uma reconstrução ectoplásmica.

Eu tinha certeza que minha expressão combinava com a de Claudine agora.

— Okay, me deixe explicar – Amelia disse, sorrindo abertamente. – Isso é o que faremos.

Amelia, no sétimo céu com essa exibição de seus maravilhosos poderes de bruxa, afinal contou a mim e Claudine sobre o procedimento.

Consumia tempo e energia, ela disse, e por isso não era feito com mais freqü.ncia. E tinha que se reunir pelo menos quatro bruxas, calculou, para cobrir a distância envolvida no assassinato de Jake.

— E vou precisar de bruxos de verdade – disse Amelia. – Trabalhadores de qualidade, não alguma Wiccan de araque.

Amelia continuou desdenhando as Wiccans por um bom tempo. Ela as desprezava (injustamente) como pretensiosas abraça-árvores — aquilo surgiu nos pensamentos de Amelia claramente. Eu lamentei o preconceito de Amelia, já que conhecia algumas Wiccans impressionantes.

Claudine olhou para mim, sua expressão duvidosa. — Não tenho certeza se nós devíamos estar aqui para isso – ela disse.

— Você pode ir, Claudine. – Eu estava pronta para experimentar qualquer coisa, só para tirar da cabeça o grande buraco em meu coração. – Eu vou ficar para assistir. Tenho que saber o que aconteceu aqui. Existem muitos mistérios em minha vida, no momento.

— Mas você tem que ir ver a rainha esta noite – Claudine disse. – Você faltou ontem. Visitar a rainha é uma ocasião formal. Tenho que levála para fazer compras. Você não quer usar uma das roupas de sua prima.

— Não que meu traseiro sirva nelas – falei.

— Não que seu traseiro deva querer servir – ela disse, igualmente severa. – Pode parar agora mesmo, Sookie Stackhouse. – Eu a fitei, deixando-a ver a dor dentro de mim. – Sim, eu entendo – disse, dando gentis tapinhas em minha bochecha. – E isso é uma grande droga. Mas você tem que esquecer. Ele é só um cara.

Ele foi o primeiro cara. — Minha avó serviu limonada para ele – falei, e de algum modo isso desencadeou as lágrimas novamente.

— Ei – disse Amelia. – Ele que se foda, certo?

Olhei para a jovem bruxa. Ela era bonita, durona e louca de pedra, pensei. Ela era legal.

— É – respondi. – Quando você pode fazer a ecto-coisa?

— Tenho que dar alguns telefonemas, ver quem eu posso reunir. A noite é sempre melhor para magia, claro. Quando você vai retribuir a visita da rainha?

Pensei por um momento. — Só quando anoitecer – respondi. – Talvez lá pelas sete.

— Deve levar umas duas horas – Amelia disse, e Claudine concordou. – Okay, vou pedir para eles estarem aqui às dez, para um agito.

Sabe, seria ótimo se a rainha pagasse por isso.

— Quanto você quer cobrar?

— Eu faço de graça, para ter a experiência e poder dizer que fiz um – Amelia disse francamente. – Mas os outros vão precisar de alguns dólares.

Digamos, trezentos cada um, mais materiais.

— E você vai precisar de mais três bruxos?

— Eu gostaria de ter três, mas se eu conseguir aqueles que eu quero em tão pouco tempo... bom, vou fazer o melhor que puder. Dois podem servir. E o material deve ser... – Ela fez alguns rápidos cálculos mentais. – Algo em torno de sessenta dólares.

— O que eu preciso fazer? Quero dizer, qual é a minha parte?

— Observar. Eu faço o trabalho pesado.

— Vou pedir à rainha. – Respirei fundo. – Se ela não pagar, eu pago.

— Okay, então. Estamos combinadas. – Ela mancou alegremente para fora do quarto, contando coisas nos dedos. Eu a ouvi descer as escadas.

Claudine disse, — Eu tenho que tratar do seu braço. E então nós precisamos ir procurar algo para você usar.

— Eu não quero gastar dinheiro para uma visita de cortesia à rainha vampira. – Especialmente porque talvez tivesse que empurrar a conta das bruxas.— Você não precisa. É por minha conta.

— Você pode ser minha fada-madrinha, mas não tem que gastar dinheiro comigo. – Tive uma súbita revelação. – Foi você quem pagou minha conta do hospital em Clarice.

Claudine deu de ombros. — Ei, é dinheiro que veio do clube de strip, não do meu emprego normal.

Claudine era coproprietária de um clube de strip em Ruston, com Claude, que lidava com todas as coisas do dia a dia relacionadas à administração do lugar. Claudine era atendente do serviço ao cliente de uma loja de departamentos. As pessoas esqueciam das queixas quando eram confrontadas com o sorriso de Claudine. Era verdade que eu não me importava em gastar dinheiro do clube tanto quanto teria odiado drenar as economias pessoais de Claudine. Não era lógico, mas verdadeiro.

Claudine havia estacionado o carro no pátio da entrada circular, e estava lá sentada quando desci as escadas. Ela pegou um kit de primeirossocorros do carro, enfaixou meu braço e ajudou a me vestir. Meu braço estava doendo, mas não parecia estar infeccionado. Eu me sentia fraca, como se tivesse gripe ou alguma outra doença envolvendo febre alta e um bocado de fluídos. Então

estava me movendo devagar. Eu estava vestindo blue jeans, sandálias e camiseta, porque era o que tinha.

— Você definitivamente não pode encontrar a rainha assim – ela disse gentil, mas decisivamente.

Estando familiarizada com Nova Orleans ou só possuindo um bom karma para compras, Claudine dirigiu direto para uma loja no Garden District. Era o tipo de loja que eu descartaria como sendo para mulheres mais sofisticadas e com muito mais dinheiro, se eu estivesse sozinha fazendo compras. Claudine parou no estacionamento e, em quarenta e cinco minutos, nós tínhamos um vestido. Era de gaze com mangas curtas, e possuía um bocado de cores: turquesa, bronze, marrom, marfim. A sandália de tiras que eu usaria era marrom.

Tudo que eu precisava era de um cartão de sócio para membro do country club.

Claudine se apropriou da etiqueta de preço.

— Apenas use os cabelos soltos – Claudine aconselhou. – Você não precisa ter o cabelo enfeitado com aquele vestido.

— É, acho que seria demais – respondi. – Quem é Diane von Furstenburg? Não foi muito caro? Não é meio fresco para a estação?

— Você poderia sentir um pouco de frio se usasse em março – concedeu Claudine. – Mas vai ser bom usar no verão durante anos.

Você parecerá ótima. E a rainha saberá que você se deu ao trabalho de vestir algo especial para encontrá-la.

— Você não pode ir comigo? – perguntei, me sentindo um pouco melancólica. – Não, é claro que não pode. – Vampiros zumbem ao redor de fadas como beija-flores perto de água doce.

— Eu posso não sobreviver – ela disse, mostrando-se embaraçada por tal possibilidade impedi-la de ficar ao meu lado.

— Não se preocupe. Afinal, o pior já aconteceu, certo? – Estendi as mãos. – Eles costumavam me ameaçar, sabe? Se eu não fizesse isso ou aquilo, eles se vingariam em Bill. Ei, adivinha? Eu não ligo mais.

— Pense antes de falar – Claudine aconselhou. – Não pode ser descuidada com a rainha. Nem mesmo um duende a ofenderia.

— Prometo – respondi. – Eu realmente agradeço por você ter vindo até aqui, Claudine.

Claudine me deu um grande abraço. Era como abraçar uma árvore macia, já que ela era tão alta e esbelta.

— Eu desejava que você não precisasse – disse.

Capítulo 17

A RAINHA POSSUÍA um bloco de edifícios no centro de Nova Orleans, talvez três quarteirões de distância do French Quarter. Aquilo dizia que tipo de dinheiro ela possuía, de cara. Nós jantamos cedo— percebi que realmente estava com fome— e então Claudine me deixou a dois quarteirões de distância, porque o tráfego e o congestionamento de turistas eram intensos perto do quartel-general da rainha.

Apesar do público em geral não saber que Sophie-Anne Leclerq era uma rainha, eles sabiam que ela era uma vampira muito rica que possuía montanhas de imóveis e gastava um bocado de dinheiro na comunidade.

Além disso, seus guarda-costas eram vistosos e possuíam permissões especiais para carregarem armas nos limites da cidade. Isso significava que seu escritório/moradia estava na lista do que os turistas deviam ver, especialmente à noite. Apesar de o tráfego cercar o prédio durante o dia, à noite o bloco de ruas ao redor era aberto somente para pedestres. Ônibus estacionavam há um quarteirão de distância, e os guias de turismo levavam os visitantes para o edifício alterado. Turnês de passeio e grupos de turistas independentes incluíam o que os guias chamavam de “Quartel-General dos Vampiros” em seus planos.

A segurança era bem evidente. Esse quarteirão seria um alvo natural para os bombardeios da Sociedade do Sol. Alguns negócios,

dirigidos por vampiros em outras cidades, tinham sido atacados e a rainha não estava disposta a perder sua vida pós-morte desse jeito.

Os guardas vampiros estavam de serviço e eles pareciam assustadores como o inferno. A rainha tinha seu próprio time da SWAT vampiro. Apesar de vampiros serem simplesmente letais por conta própria, a rainha descobriu que humanos prestavam mais atenção se achassem silhuetas reconhecíveis. Os seguranças estavam não só bem armados como vestiam coletes à prova de balas sobre os uniformes pretos. Era letalmortífero chique.

Claudine tinha me preparado para tudo isso durante o jantar e, quando ela me deixou, eu me senti totalmente instruída. Também senti como se estivesse indo ao chá da Rainha da Inglaterra em toda minha elegância. Pelo menos não tinha que usar chapéu. Mas meus saltos altos marrons eram um risco proposital na calçada áspera.

— Contemplem o quartel-general da vampira mais famosa e visível de Nova Orleans, Sophie-Anne LeClerq – um guia turístico dizia ao seu grupo. Ele estava vestido de modo colorido numa espécie de traje colonial:

chapéu tricórnio, joelheiras, botas afiveladas. Meu Deus. Quando parei para ouvir, seus olhos pousaram em mim, perceberam meu traje e se aguçaram de interesse.

— Se você faz uma visita a Sophie-Anne, não pode ir com roupas casuais – ele disse ao grupo, gesticulando para mim. – Esta

jovem senhorita está usando vestimenta apropriada para uma entrevista com a vampira...

uma das mais proeminentes vampiras da América. – Ele sorriu para o grupo, convidando-os a desfrutar da referência.

Havia outros cinqüenta vampiros tão proeminentes quanto ela.

Talvez não tão orientados publicamente ou exuberantes quanto Sophie-

Anne Leclerq, mas o público não sabia disso.

Mais do que ser cercado pelo apropriado ar de exótica ameaça, o “castelo” da rainha era como uma Disneylândia macabra, graças aos camelôs de rua, os guias turísticos e observadores curiosos. Havia até mesmo um fotógrafo.

Assim que me aproximei do primeiro grupo de seguranças, um homem pulou na minha frente e tirou uma fotografia. Fiquei congelada pelo flash de luz e o fitei— ou o que pensei ser sua direção— enquanto meus olhos se ajustavam. Quando fui capaz de vê-lo claramente, descobri que era um sujeito pequeno e sujo, com uma câmera grande e expressão determinada. Ele imediatamente correu para o que eu imaginei ser seu posto habitual, uma esquina do outro lado da rua. Ele não se ofereceu para me vender a foto ou dizer onde eu poderia comprar uma, e não deu nenhuma explicação.

Tive um mau pressentimento a respeito desse incidente. Quando falei com um dos guardas, minha suspeita foi confirmada.

— Ele é um espião da Sociedade – disse o vampiro, acenando na direção do homenzinho. Ele localizou meu nome na lista de controle, presa a uma prancheta. O próprio guarda era um homem robusto com pele morena e nariz tão curvo quanto um arco-íris. Havia nascido em algum lugar do Oriente Médio, há muito tempo atrás. O crachá preso com velcro ao seu capacete dizia RASUL.

— Fomos proibidos de matá-lo – disse Rasul, como se estivesse explicando um costume local levemente embaraçoso. Ele sorriu para mim, o que era meio desconcertante também. O capacete preto cobria seu rosto e a correia do queixo era do tipo que realmente circundava o queixo, então só pude enxergar um pouco de seu rosto. No momento, aquele pouco era na maior parte afiado, branco e dentuço. – A Sociedade fotografa todos que entram e saem desse lugar, e parece não haver nada que possamos fazer a respeito, já que queremos manter a boa-vontade dos humanos.

Rasul assumiu corretamente que eu era uma aliada dos vampiros, já que estava na lista de visitantes, e me tratava com uma camaradagem que considerei relaxante.

— Seria ótimo se algo acontecesse com a câmera dele – sugeri. – A Sociedade já está me caçando. – Apesar de me sentir bem culpada por pedir a um vampiro que arranjasse um acidente para outro ser humano, eu gostava o suficiente da minha vida para querer salvá-la.

Seus olhos brilharam quando passamos por um poste. A luz incidiu sobre eles e, por um momento, ficaram vermelhos, como os

olhos das pessoas às vezes ficam quando o fotógrafo está usando flash.

— Curiosamente, algumas coisas já aconteceram com as câmeras dele – disse Rasul. – De fato, duas delas foram destruídas irreparavelmente.

O que é mais um acidente? Eu não estou garantindo nada, mas nos esforçaremos, adorável senhorita.

— Muito obrigada – falei. – O que puder fazer será muito apreciado.

Depois dessa noite, eu posso falar com uma bruxa que talvez possa cuidar desse pequeno problema para você. Talvez ela possa fazer todas as imagens saírem superexpostas ou algo assim. Você devia chamá-la.

— É uma excelente ideia. Aqui está Melanie – disse, assim que alcançamos a porta principal. – Será passada para ela e eu voltarei ao meu posto. Vejo-a quando sair, para pegar o nome e endereço da bruxa?

— Claro – respondi.

— Alguém já lhe disse que você cheira encantadoramente como uma fada? – Rasul disse.

— Oh, eu estive com minha fada-madrinha – expliquei. – Ela me levou para fazer compras.

— E o resultado foi maravilhoso – ele disse, galantemente.

— Seu galanteador. – Não pude evitar sorrir para ele. Meu ego havia recebido um soco no plexo solar na noite anterior (mas eu não estava pensando a respeito), e algo pequeno como a admiração do guarda era justamente do que eu precisava, mesmo que na verdade fosse o cheiro de Claudine que houvesse desencadeado a reação.

Melanie era uma mulher delicada, mesmo com o equipamento da SWAT. — Que delícia, você cheira mesmo como uma fada – disse. Ela consultou sua própria prancheta. – Você é a mulher Stackhouse? A rainha a esperava ontem à noite.

— Eu fui ferida. – Levantei o meu braço, mostrando a atadura.

Graças a um bocado de Advil, a dor diminuíra para uma leve palpitação.

— Sim, eu ouvi falar. O novato está tendo uma grande noite hoje.

Ele recebeu instruções, tem um mentor e um doador voluntário. Quando se sentir mais como ele mesmo, poderá nos contar como foi transformado.

— Oh? – Ouvi minha voz falhar quando percebi que ela falava sobre Jake Purifoy. – Ele pode não se lembrar?

— Se é um ataque surpresa, às vezes eles não se lembram por um tempo – ela disse, dando de ombros. – Mas sempre volta, mais cedo ou mais tarde. Nesse meio tempo, ele terá um lanche grátis. –

Ela riu ao perceber meu olhar inquiridor. – Eles se registram pelo privilégio, sabe.

Humanos estúpidos. – Deu de ombros novamente. – Não há diversão nisso, uma vez que tenha superado a emoção do alimento por si só. A diversão sempre foi a caçada. – Melanie realmente não estava feliz com a nova política vampira de alimentar-se apenas de humanos dispostos ou de sangue sintético. Ela claramente sentia falta de sua antiga dieta.

Eu tentei parecer polidamente interessada.

— Quando a presa faz o primeiro avanço, não é a mesma coisa – ela resmungou. – As pessoas de hoje em dia. – Ela sacudiu a pequena cabeça em exasperação aborrecida. Ela era tão pequena que seu capacete quase oscilava sobre a cabeça. Eu me senti sorrindo.

— Então, ele acorda e vocês todos arrebanham um voluntário? Como jogar um rato vivo no tanque das cobras? – Eu me esforcei para manter o rosto sério. Não queria que Melanie pensasse que eu estava zombando dela pessoalmente.

Após um instante de suspeita, Melanie disse, — Mais ou menos. Ele foi instruído. Existem outros vampiros presentes.

— E o voluntário sobrevive?

— Eles assinam um termo de responsabilidade – Melanie respondeu cuidadosamente.

Eu estremeci.

Rasul havia me escoltado do outro lado da rua até a entrada principal para os domínios da rainha. Era um edifício comercial de três andares, talvez datado dos anos 50, e que se estendia para um quarteirão inteiro da cidade. Em outros lugares, o subsolo teria sido o refúgio dos vampiros, mas em Nova Orleans, com suas enchentes, isso era impossível. Todas as janelas tinham recebido tratamento distinto. Os painéis que as cobriam eram decorados com temas do Mardi Gras, então o sóbrio prédio de tijolos foi revigorado com esboços rosa, púrpura e verde sobre um fundo branco ou preto. Havia pinturas arco-íris nas venezianas também, como contas de Mardi Gras. O efeito era desconcertante.

— O que ela faz quando oferece uma festa? – perguntei. Apesar das venezianas, o escritório retangular comum simplesmente não era festivo.

— Oh, ela é dona de um antigo monastério – Melanie disse. – Você pode pegar um panfleto informativo a respeito antes de ir embora. É onde todas as funções de estado são promovidas. Alguns dos mais velhos não podem entrar na antiga capela, mas de outro modo... possui um muro alto ao redor, então é fácil de patrulhar e é muito bem decorada. A rainha tem apartamentos por lá, mas é inseguro demais para viver durante o ano todo.

Eu não consegui pensar em nada para dizer. Duvidava que algum dia visse a residência oficial da rainha. Mas Melanie parecia entediada e inclinada a bater papo.

— Você era prima de Hadley, eu ouvi falar? – perguntou.

— Sim.

— Estranho pensar em ter parentes vivos. – Por um momento, ela pareceu distante e tão pensativa quanto um vampiro podia parecer. Então se recompôs mentalmente. – Hadley não era ruim para alguém tão jovem. Mas parecia considerar sua longevidade de vampira como algo garantido. – Melanie sacudiu a cabeça. – Ela nunca devia ter cruzado o caminho de alguém tão velho e astuto como Waldo.

— Com certeza – respondi.

— Chester – Melanie chamou. Chester era o próximo guarda na fila e estava parado ao lado de uma figura familiar vestindo (aquilo que eu estava começando a achar) a armadura habitual da SWAT.

— Bubba! – exclamei, enquanto o vampiro dizia, — Srta. Sookie!

Bubba e eu nos abraçamos, para o divertimento dos vampiros.

Vampiros não se apertam as mãos no curso normal das coisas, e abraços são tanto quanto ultrapassados em sua cultura.

Fiquei feliz por ver que eles não tinham lhe dado uma arma, somente o equipamento dos seguranças. Ele parecia ótimo no traje militar, e eu lhe disse isso. — Preto realmente combina com seus cabelos – falei, e Bubba deu seu famoso sorriso.

— É muita gentileza sua – ele disse. – Muito obrigado.

Antigamente, todo mundo conhecia o rosto e o sorriso de Bubba.

Quando foi levado para o necrotério em Memphis, um funcionário vampiro detectou uma minúscula fagulha de vida. Já que o funcionário era um grande fã, ele se responsabilizou por trazer o cantor de volta, e uma lenda nasceu. Infelizmente, o corpo de Bubba estava tão saturado de drogas e dores físicas que a conversão não foi totalmente bem-sucedida, e o mundo vampiro começou a passar Bubba adiante como o pesadelo de relaçõespúblicas que era.

— Há quanto tempo está aqui, Bubba? – perguntei.

— Oh, algumas semanas, mas estou gostando muito – disse. – Muitos gatos extraviados.

— Certo – respondi, tentando não pensar naquilo muito graficamente.

Eu realmente gosto de gatos. Assim como Bubba, mas não do mesmo jeito.

— Se um humano o avista, eles acham que é um imitador – Chester disse, em voz baixa. Melanie voltara ao seu posto e Chester, que foi um garoto louro do interior com dentição ruim quando foi levado, estava agora encarregado de mim. – Isso é bom, na maioria das vezes. Mas de vez em quando, eles o chamam pelo antigo nome. Ou pedem para que ele cante.

Bubba cantava muito raramente hoje em dia, embora de vez em quando pudesse ser convencido a soltar uma ou duas canções familiares.

Estas eram ocasiões memoráveis. Mas frequentemente negava que pudesse cantar uma única nota, e normalmente ficava muito agitado quando era chamado pelo nome original.

Ele nos seguiu enquanto Chester me guiava para dentro do prédio.

Entramos e subimos um andar, encontrando mais e mais vampiros— e alguns poucos humanos— andando de lá para cá com ares resolutos. Era como qualquer outro prédio comercial movimentado durante a semana, exceto que os funcionários eram vampiros e o céu do lado de fora estava tão escuro quanto o céu de Nova Orleans podia ser. Enquanto caminhávamos, notei que alguns vampiros pareciam mais à vontade do que outros. Observei que todos os vampiros preocupados usavam os mesmos alfinetes presos aos colarinhos, alfinetes no formato do estado do Arkansas.

Esses vampiros deviam fazer parte do s.qüito do marido da rainha, Peter Threadgill. Quando um dos vampiros da Louisiana colidiu com um vampiro do Arkansas, este último rosnou e, por um segundo, achei que haveria uma luta no corredor por causa de um pequeno acidente. Céus, eu ficaria contente por sair daqui. A atmosfera era tensa.

Chester parou diante de uma porta que não parecia muito diferente de todas as outras portas fechadas, exceto pelos dois

estonteantes e enormes vampiros do lado de fora. Os dois deviam ter sido considerados gigantes em sua época, já que tinham cerca de dois metros. Eles pareciam irmãos, mas talvez fosse apenas pelo tamanho e fisionomia, e a cor dos cabelos castanhos, que realçavam a comparação: grandes como pedras, barbudos, com rabos de cavalo que caíam pelas costas, os dois pareciam carne de primeira para o circuito de lutadores profissionais. Um deles tinha uma enorme cicatriz no rosto, adquirida antes da morte, é claro. O outro teve alguma doença de pele em sua vida anterior. Eles não eram itens de exposição; eram absolutamente letais (A propósito, um patrocinador teve a ideia de fazer um circuito de lutadores vampiros alguns anos atrás, mas foi pelo ralo imediatamente. Na primeira luta, um vampiro arrancou fora o braço do outro, na TV ao vivo. Vampiros não entendem o conceito de luta de exibição).

Esses dois vampiros estavam carregados com facas, e cada um tinha um machado no cinto. Eu acho que eles imaginaram que, se alguém invadisse o lugar até esse ponto, armas não fariam diferença. Além disso, seus próprios corpos eram armas.

— Bert, Bert – disse Chester, acenando para cada um. – Essa aqui é a mulher Stackhouse; a rainha quer vê-la.

Ele virou e se afastou, me deixando com os guarda-costas da rainha.

Gritar não parecia ser uma boa ideia, então eu disse, — Não posso acreditar que ambos tenham o mesmo nome. Certamente ele se enganou?

Dois pares de olhos castanhos me focalizaram atentamente.

— Eu sou Sigebert – disse o sujeito de cicatriz, com um pesado sotaque que não pude identificar. Ele disse seu nome como See-ya-bairt.

Chester usou uma bem americanizada versão do que devia ser um nome muito antigo. – Este meu irmão, Wybert.

Este é meu irmão, Way-bairt? — Olá – falei, tentando não piscar. – Sou Sookie Stackhouse.

Eles não pareceram impressionados. Nesse momento, um dos vampiros alfinetados passou, lançando um olhar mal-disfarçado de desprezo aos irmãos, e a atmosfera no corredor tornou-se letal. Sigebert e Wybert observaram o vampiro, uma mulher alta num terninho executivo, até ela virar no corredor. Então suas atenções se voltaram para mim.

— A rainha está... ocupada – disse Wybert. – Quando ela a quiser na sala, a luz vai acender. – Ele indicou uma lâmpada redonda na parede à direita da porta.

Então eu estava presa ali por tempo indefinido— até a luz se acender.

— Seus nomes têm um significado? Imagino que seja, hã, Inglês antigo? – minha voz se esgotou.

— Somos Saxões. Nosso pai veio da Alemanha para Inglaterra, vocês chamam agora – Wybert respondeu. – Meu nome significa

Brilhante Batalha.

— E o meu, Brilhante Vitória – Sigebert acrescentou.

Lembrei-me de um programa que assisti no Canal Histórico. Os Saxões por fim se tornaram Anglo-saxões e, mais tarde, foram conquistados pelos Normandos. — Então vocês foram criados para serem guerreiros – falei, tentando parecer inteligente.

Eles trocaram olhares. — Não havia mais nada – Sigebert disse. O canto de sua cicatriz repuxava quando ele falava, e eu tentei não encarar. – Éramos filhos do guerreiro líder.

Eu pude pensar em centenas de perguntas para fazer a respeito de suas vidas como humanos, mas parada no meio de um corredor num prédio comercial à noite não parecia ser o momento para isso. — Como aconteceu de vocês se tornarem vampiros? – perguntei. – Ou é uma pergunta indiscreta? Se for, apenas esqueçam que eu disse algo. Não quero pisar nos pés de ninguém.

Sigebert de fato olhou para os pés, então compreendi que inglês coloquial não era um ponto forte deles. — Esta mulher... muito bonita... ela vir até nós na noite antes da batalha – Wybert disse pausadamente. – Ela diz... nós sermos fortes se ela... nos ter.

Eles me olharam inquiridoramente, e eu assenti para mostrar que entendia quando Wybert disse que a vampira mostrara interesse em levá-los para a cama. Ou eles entenderam que ela quis dizer sangrá-los[1]? Eu não saberia dizer. Achei a vampira bem ambiciosa por pegar esses dois humanos ao mesmo tempo.

— Ela não disse nós só lutamos à noite depois disso – Sigebert disse, dando de ombros para mostrar que houve um ardil que eles não entenderam.

– Nós não fazemos muitas perguntas. Nós muito ávidos! – E sorriu.

Okay, nada mais assustador do que um vampiro com uma só presa.

Era possível que Sigebert tivesse mais dentes no fundo da boca, alguns que eu não podia ver de minha altura, mas os dentes abundantes-mas-tortos de Chester pareciam ótimos em comparação.

— Isso deve ter sido há muito tempo atrás – falei, já que não conseguia pensar em mais nada para dizer. – Há quanto tempo vocês trabalham para a rainha?

Sigebert e Wybert se olharam.

— Desde aquela noite – respondeu Wybert, espantado por eu não ter entendido. – Somos dela.

Meu respeito pela rainha, e talvez medo, aumentou. Sophie-Anne, se é que era seu verdadeiro nome, foi corajosa, estratégica, e ocupada em sua carreira como vampira líder. Ela os trouxera e manteve consigo, num vínculo que foi explicado— por aquele cujo nome eu não ia dizer nem para mim— como sendo mais forte do que qualquer outro elo emocional para um vampiro.

Para meu alívio, uma luz verde na parede se acendeu.

Sigebert disse, — Vá agora – e abriu a porta pesada. Ele e Wybert me deram acenos idênticos de adeus, enquanto eu entrava pelo limiar de uma sala igual a qualquer outro escritório executivo.

Sophie-Anne Leclerq, Rainha da Louisiana, e um vampiro encontravam-se sentados numa mesa redonda abarrotada de papéis. Eu encontrei a rainha uma vez, quando ela veio à minha casa para contar sobre a morte de minha prima. Não havia notado então o quanto ela deve ter sido jovem quando morreu; talvez não mais do que quinze anos de idade. Era uma mulher elegante, alguns centímetros mais baixa do que eu, de aparência bem cuidada até o último cílio. Maquiagem, vestido, cabelo, meias, joias— o pacote completo.

O vampiro à mesa com ela era seu sósia masculino. Usava um terno que teria pago minha conta de TV a cabo por um ano, estava barbeado, manicurado e perfumado quase até o ponto de não ser mais um cara. No meu canto do mundo, eu não via com freqü.ncia homens tão bem-cuidados.

Achei que fosse o novo rei. E imaginei se ele tinha morrido com aquela aparência; na verdade, imaginei se a funerária o teria arrumado daquele jeito para o velório, não sabendo que sua decente morada eterna no chão era apenas temporária. Se esse foi o caso, ele era mais jovem do que a rainha. Talvez idade não fosse o único requisito, se estivesse visando ser a realeza. Havia outras duas pessoas na sala. Um homem baixo estava de pé, há alguns metros atrás da cadeira da rainha, as pernas separadas e as mãos

afiveladas na frente dele. Tinha cabelos louros claros cortados bem curtos e brilhantes olhos azuis. Seu rosto carecia de maturidade; parecia uma criança grande, mas com os ombros de um homem. Ele usava um terno, e estava armado com um sabre e uma pistola.

Atrás do homem à mesa encontrava-se uma mulher, uma vampira, toda vestida de vermelho; moletom, camiseta, e tênis Converse. Sua preferência era infeliz, porque vermelho não era a cor dela. Ela era asiática, e achei que fosse do Vietnã— apesar de provavelmente ter sido chamado de outra coisa na época. Ela possuía unhas curtíssimas e não pintadas, e uma assustadora espada presa às costas. Aparentemente, seu cabelo foi cortado na altura do queixo por um par de tesouras enferrujadas. O rosto dela era do jeito que Deus lhe deu.

Já que não fui instruída sobre o protocolo correto, eu inclinei a cabeça para a rainha, dizendo, — É bom vê-la novamente, madame – e tentei parecer simpática com o rei enquanto me inclinava de novo. Os dois vampiros de pé, que deviam ser auxiliares ou guarda-costas, receberam pequenos acenos. Eu me senti uma idiota, mas não queria ignorá-los.

Contudo, eles não tiveram problemas para me ignorar, assim que me avaliaram ameaçadoramente.

— Você teve aventuras e tanto em Nova Orleans – disse a rainha, num começo seguro. Não estava sorrindo, mas eu tinha a impressão que ela não era uma garota do tipo sorridente.

— Sim, madame.

— Sookie, este é meu marido, Peter Threadgill, Rei do Arkansas. – Não havia traços de afeição em seu rosto. Ela podia muito bem estar me dizendo o nome de seu bichinho de estimação.

— Como vai? – falei, repetindo a inclinação de cabeça, e acrescentando, — Senhor – rapidamente. Okay, já estava cansada disso.

— Srta. Stackhouse – ele disse, voltando sua atenção para os papéis na frente dele. A mesa redonda era larga, completamente atulhada de cartas, folhas impressas de computador e um sortimento de outros papéis— balancetes bancários?

Enquanto me sentia aliviada por não ser objeto de interesse para o rei, eu imaginava exatamente por que estava ali. Descobri quando a rainha começou a me perguntar sobre a noite anterior. Contei-lhe o que aconteceu tão explicitamente quanto pude.

Ela pareceu muito séria quando falei a respeito do feitiço de stasis de Amelia e o que fez ao corpo.

— Você não acha que a bruxa sabia do corpo quando ela lançou o feitiço? – perguntou a rainha. Eu notei que, apesar do olhar do rei estar pousado nos papéis, ele não mexeu neles desde que comecei a falar. Claro, talvez ele fosse um leitor lento.

— Não, madame. Eu sei que Amelia não sabia que ele estava lá.

— Através de sua habilidade telepática?

— Sim, madame.

Peter Threadgill olhou para mim então, e notei que seus olhos eram de um raro cinza glacial. Seu rosto era cheio de ângulos agudos; nariz como lâmina, lábios retos finos, maçãs do rosto altas. O rei e a rainha possuíam boa aparência, mas não de um modo atraente para mim. Tive a impressão de que o sentimento era mútuo. Graças a Deus.

— Você é a telepata que minha querida Sophie quer levar à conferência – disse Peter Threadgill.

Como ele estava dizendo algo que eu já sabia, não senti a necessidade de responder. Mas a prudência venceu a pura irritação. — Sim, eu sou.

— Stan tem um – a rainha disse ao marido, como se vampiros colecionassem telepatas do modo como aficionados por cães colecionavam springer spaniels.

O único Stan que eu conhecia era um vampiro chefe em Dallas, e o único outro telepata que já conheci vivia lá. Pelas poucas palavras da rainha, eu imaginei que a vida de Barry, o Mensageiro, tinha mudado um bocado desde que o encontrei. Aparentemente, ele trabalhava para Stan Davis agora. Eu não sabia se Stan era o xerife ou mesmo um rei, já que na época eu desconhecia o fato de que vampiros tinham tal distinção.

— Então agora você está tentando igualar sua comitiva com a de Stan? – perguntou Peter Threadgill para a esposa, de um modo

distintamente rude. Pelos muitos sinais jogados em minha direção, entendi que aquele não era um casamento por amor. Se me pedissem para opinar, eu diria que não era nem por luxúria. Eu sabia que a rainha gostou de minha prima desse modo, e os dois irmãos em guarda haviam dito que ela abalara seus mundos.

Peter Threadgill não chegava nem perto desse espectro. Mas talvez isso provasse que a rainha era omnisexual, se é que isso era uma palavra.

Eu teria que procurar quando chegasse em casa. Se chegasse.

— Se Stan consegue ver vantagem em empregar tal pessoa, eu certamente posso considerar— especialmente desde que uma está facilmente disponível.

Eu estava em estoque.

O rei deu de ombros. Não que tivesse formado muitas expectativas, mas eu teria imaginado que o rei de um estado simpático, pobre e pitoresco como o Arkansas seria menos sofisticado e mais camarada, com senso de humor. Talvez Threadgill fosse um aproveitador de Nova York. Sotaques vampiros tendiam a estar em todo o mapa— literalmente— então era impossível dizer por seu linguajar.

— Então o que você acha que aconteceu no apartamento de Hadley?

– a rainha me perguntou, e percebi que tínhamos voltado ao tema original.

— Eu não sei quem atacou Jake Purifoy – falei. – Mas na noite em que Hadley foi ao cemitério com Waldo, o corpo drenado de Jake aterrissou no armário dela. Como ele foi parar lá, eu não saberia dizer. É por isso que Amelia está fazendo essa ecto-coisa hoje à noite.

A expressão da rainha mudou; ela de fato pareceu interessada. — Ela fará uma reconstrução ectoplásmica? Ouvi falar a respeito, mas nunca testemunhei uma.

O rei pareceu mais do que interessado. Por um segundo, ele pareceu extremamente zangado. Forcei-me a voltar a atenção para a rainha. — Amelia imaginou se você se importaria de, hã, custeá-la? – Imaginei se devia acrescentar “Milady”, mas não consegui fazê-lo.

— Seria um bom investimento, já que nosso vampiro novato pode ter nos trazido uma grande gama de problemas. Se ele ficasse solto entre a população... ficarei feliz em pagar.

Dei um grande suspiro de alívio.

— E acho que assistirei também – a rainha acrescentou, antes que eu pudesse me recuperar.

Aquilo soou como a pior ideia do mundo. Achei que a presença da rainha lisonjearia Amelia até que toda a mágica fosse espremida. Contudo, de jeito nenhum eu ia dizer à rainha que ela não era bem-vinda.

Peter Threadgill levantou a cabeça repentinamente quando a rainha anunciou que assistiria. — Eu não acho que deva ir – disse com voz suave e autoritária. – Será difícil para os gêmeos e Andre a protegerem na cidade, numa vizinhança como aquela.

Perguntei-me como o Rei do Arkansas sabia como era a vizinhança de Hadley. Na verdade, era uma região tranqüila de classe média, especialmente se comparada ao zoológico que era o quartel-general central dos vampiros, com seu constante fluxo de turistas, agitadores e fanáticos com câmeras.

Sophie-Anne já estava se preparando para sair. Esse preparo consistiu em olhar no espelho para se certificar de que a fachada impecável ainda era impecável e calçar os saltos altos, que estavam debaixo da mesa.

Ela esteve sentada ali descalça. Esse detalhe de repente tornou Sophie-

Anne Leclerq muito mais real para mim. Havia uma personalidade sob aquele exterior lustroso.

— Imagino que você queira que Bill nos acompanhe – a rainha disse para mim.

— Não – eu exclamei. Okay, havia uma personalidade— e era desagradável e cruel.

Mas a rainha pareceu genuinamente aturdida. Seu marido ficou ultrajado com minha grosseria— sua cabeça virou-se e os estranhos

olhos cinzentos me fixaram com uma raiva luminosa— mas a rainha simplesmente estava surpresa por minha reação.

— Achei que vocês fossem um casal – ela disse num tom de voz perfeitamente calmo.

Eu engoli minha primeira resposta, tentando lembrar com quem estava falando, e respondi, quase num sussurro, — Não, não somos. – Respirei fundo e fiz um grande esforço. – Peço desculpas por ser tão abrupta. Por favor, perdoe-me.

A rainha apenas me olhou por mais alguns segundos, e ainda assim eu não consegui ter a mínima indicação de seus pensamentos, emoções ou intenções. Era como olhar para uma bandeja de prata antiga— uma superfície brilhante, padrões elaborados e dura ao toque. Como Hadley pôde ser venturosa o suficiente para ir para a cama com essa mulher simplesmente estava além de minha compreensão.

— Está perdoada – ela disse finalmente.

— Você é indulgente demais – disse o marido, e sua superfície, pelo menos, começou a rachar um tanto. Seus lábios curvaram-se em algo próximo a um grunhido, e eu descobri que não queria ser o foco daqueles olhos luminosos por nem mais um segundo. Não gostei da forma como a garota asiática de vermelho me olhou, tampouco. E toda vez que eu olhava para seu corte de cabelo, sentia calafrios. Céus, até mesmo a senhora idosa que fazia o permanente de minha avó, três vezes por ano, teria feito um trabalho melhor do que a Cortadora Maluca.

— Estarei de volta dentro de uma ou duas horas, Peter – Sophie-

Anne disse, muito precisa, num tom que podia ter fatiado um diamante. O homem baixinho, com rosto infantil sem expressão, estava ao lado dela num instante, estendendo o braço para poder ajudá-la a se levantar.

Imaginei que fosse Andre.

A atmosfera era cortante. Oh, eu desejava mais do que tudo estar em outro lugar.

— Eu me sentiria mais tranqüilo se soubesse que Flor de Jade está com você – disse o rei. Ele moveu-se em direção à mulher de vermelho.

Flor de Jade, meu traseiro; ela parecia mais Matadora de Pedra. O rosto da mulher asiática não mudou nem um pouquinho com a oferta do rei.

— Mas isso o deixaria sem ninguém – a rainha respondeu.

— Dificilmente verdade. O edifício está cheio de guardas e vampiros leais – disse Peter Threadgill. Okay, até eu entendi aquilo. Os guardas, que pertenciam à rainha, eram separados dos vampiros leais que imaginei serem aqueles que Peter trouxera consigo.

— Então, obviamente, sentirei orgulho por ter uma lutadora como Flor de Jade me acompanhando.

Eca. Eu não sabia dizer se a rainha estava falando sério, tentando apaziguar seu novo marido ao aceitar o oferecimento, ou rindo por dentro com a estratégia pobre para assegurar que a espiã estivesse na reconstrução ectoplásmica.

A rainha usou o interfone para chamar o andar de baixo— ou de cima, pelo que eu sabia— e a câmara segura onde Jake Purifoy estava sendo educado na arte de ser vampiro. — Mantenham seguranças extras com Purifoy – disse. – E me informem imediatamente se ele lembrar de algo. – Uma voz servil assegurou Sophie-Anne de que ela seria a primeira a saber.

Eu imaginei por que Jake precisaria de segurança extra. Achava difícil ficar realmente preocupada com seu bem-estar, mas obviamente a rainha se preocupava.

Então aqui estávamos— a rainha, Flor de Jade, Andre, Sigebert, Wybert e eu. Acho que já estive em companhia bem mais variada, mas não saberia dizer quando. Após um bocado de corredores percorridos, entramos numa garagem segura e nos enfiamos numa limusine comprida. Andre acenou com o polegar para um dos seguranças, indicando que ele devia dirigir. Não ouvi o vampiro com cara de bebê proferir uma só palavra até então.

Para minha satisfação, o motorista era Rasul, que parecia um velho amigo comparado aos outros. Sigebert e Wybert estavam desconfortáveis no carro. Eles eram os mais inflexíveis vampiros que já conheci, e imaginei se a associação íntima com a rainha era algo contra as suas vontades. Eles não tinham mudado, e mudança de acordo com o período foi peça-chave para a sobrevivência de um

vampiro antes da Grande Revelação. Continuou assim em países que não aceitaram a existência de vampiros com a mesma tolerância que a América havia mostrado. Os dois vampiros teriam sido felizes usando peles e tecido cru, e teriam parecido perfeitamente à vontade com botas de couro feitas à mão, carregando escudos nos braços.

— Seu xerife, Eric, veio falar comigo ontem à noite – a rainha me contou.

— Eu o vi no hospital – respondi, esperando soar igualmente informal.

— Você compreende que o novo vampiro, aquele que foi um Lobi— não tinha escolha, não é?

— Entendo que seja assim com os vampiros – falei, lembrando de todas as vezes no passado em que Bill me explicou as coisas, dizendo que não podia evitar. Eu acreditei nele na época, mas agora não tinha tanta certeza. De fato, me sentia tão profundamente cansada e miserável que dificilmente tinha vontade de continuar tentando cuidar do apartamento e dos assuntos de Hadley. Percebi que, se voltasse para casa em Bon Temps deixando negócios inacabados por aqui, só ia ficar sentada meditando quando chegasse. Eu sabia disso, mas no momento, era difícil de encarar.

Era hora de uma de minhas conversas-fiadas interiores. Disse a mim mesma severamente que eu já tinha desfrutado um momento ou dois da noite, e desfrutaria mais alguns segundos de cada dia até reconstruir o antigo estado de contentamento. Eu sempre curti a

vida e sabia que o faria de novo. Mas teria que passar por um bocado de coisas ruins para chegar lá.

Eu não me considero uma pessoa com muitas ilusões. Se você consegue ler mentes, não tem muitas dúvidas a respeito do quanto as melhores pessoas podem ser ruins. Mas com certeza não vi isso chegando.

Para o meu horror, lágrimas começaram a descer pelo meu rosto.

Alcancei minha bolsinha, puxei um Kleenex e enxuguei as bochechas enquanto todos os vampiros me encaravam, Flor de Jade com a expressão mais identificável que já vi em seu rosto: desprezo.

— Você está sentindo dor? – a rainha perguntou, indicando meu braço.

Eu não achei que ela realmente se importasse; tinha certeza que se treinou para dar a resposta humana correta por tanto tempo que se tornou um reflexo.

— Dor do coração – respondi, e podia ter arrancado a própria língua.

— Oh – disse. – Bill?

— Sim – falei, engolindo em seco, esforçando-me para deter a manifestação de emoção.

— Eu chorei por Hadley – ela disse inesperadamente.

— Que bom que ela teve alguém para se importar – Depois de um minuto, continuei – Eu teria ficado feliz em saber mais cedo quando ela morreu – que foi o modo mais cauteloso com que pude me expressar. Eu não soube que minha prima havia falecido até semanas depois do fato.

— Houve razões para que eu esperasse antes de enviar Cataliades – disse Sophie-Anne. O rosto suave e os olhos claros eram tão impenetráveis quanto uma parede de gelo, mas tive a categórica impressão de que ela desejou que eu não tivesse tocado no assunto. Olhei para a rainha, tentando ter alguma pista, e ela lançou um olhar furtivo para Flor de Jade, sentada à sua direita. Eu não sabia como Flor de Jade conseguia ficar sentada naquela posição relaxada com uma espada comprida presa às costas. Mas eu definitivamente tive a sensação de que, por trás do rosto inexpressivo e dos olhos neutros, Flor de Jade escutava tudo que transpirava.

Para estar do lado seguro, decidi que não diria mais nada, e o resto da viagem transcorreu em silêncio.

Rasul não queria levar a limusine até o pátio, e eu lembrei que Diantha havia estacionado na rua também. Rasul voltou para abrir a porta para a rainha, e Andre saiu primeiro, olhando ao redor por um longo tempo, então concordou que era seguro para a rainha emergir. Rasul ficou de prontidão com um rifle nas mãos, varrendo a área visualmente atrás de agressores. Andre também estava vigilante.

Flor de Jade deslizou do banco de trás em seguida e acrescentou seus olhos à vigilância na área. Protegendo a rainha com seus corpos, eles se moveram para o pátio. Sigebert foi o próximo a sair, machado na mão, e esperou por mim. Assim que me juntei a ele na calçada, ele e Wybert me levaram através do portão aberto com menor cerimônia do que os outros tinham levado a rainha.

Eu tinha visto a rainha em minha própria casa, protegida apenas por Cataliades. Vi a rainha em seu próprio escritório, protegida por uma única pessoa. Acho que não percebi até aquele momento o quanto segurança era importante para Sophie-Anne, como devia ser precária sua posição de poder. Eu queria saber contra quem todos esses seguranças estavam a protegendo. Quem queria matar a rainha da Louisiana? Talvez todos os governantes vampiros estivessem em perigo— ou talvez fosse apenas Sophie-Anne. De repente, a conferência vampira no outono pareceu uma proposta muito mais assustadora do que antes.

O pátio estava bem iluminado, e Amelia encontrava-se na entrada circular com três amigos. Para registrar, nenhum se parecia com uma bruxa encarquilhada usando vassoura. Um deles era um garoto que parecia um missionário Mórmon: calças pretas, camisa branca, gravata escura, sapatos pretos polidos. Havia uma bicicleta apoiada contra a árvore no centro do círculo. Talvez ele fosse um missionário Mórmon. Parecia tão jovem que achei que ainda estava em fase de crescimento. A mulher alta parada ao lado dele tinha uns sessenta anos, mas possuía um corpo bem condicionado.

Ela vestia uma camiseta apertada, calças de malha, sandálias e um par de enormes brincos de argola. A terceira bruxa tinha mais ou menos a minha idade, vinte e poucos anos, e era hispânica. Possuía rosto cheio, lábios vermelhos brilhantes e cabelos pretos crespos; era mais baixa e tinha mais curvas do que um S. Sigebert admirou-a em particular (pude notar pelo olhar malicioso), mas ela ignorou todos os vampiros como se não os enxergasse.

Amelia pode ter ficado espantada pela quantidade de vampiros, mas deu instruções com confiança. Evidentemente, a rainha já havia se identificado antes de eu me aproximar. — Vossa Majestade – Amelia dizia – Estes são meus colegas. – Ela acenou com a mão para eles, como se exibisse um carro para uma plateia. – Bob Jessup, Patsy Sellers, Terencia Rodriguez— nós a chamamos de Terry.

Os bruxos trocaram olhares antes de acenarem brevemente para a rainha. Era difícil avaliar como ela aceitou aquela falta de deferência, seu rosto era tão neutro— mas ela retribuiu o aceno, e a atmosfera permaneceu tolerável.

— Estávamos nos preparando para a reconstrução – Amelia disse.

Ela soava absolutamente confiante, mas eu notei que suas mãos tremiam.

Seus pensamentos não estavam nem um pouco confiantes como a voz, tampouco. Amelia recapitulava os preparativos na cabeça, contando freneticamente os itens de magia que reuniu,

ansiosamente avaliando os colegas para ter certeza de que todos estavam prontos para o ritual, e assim por diante. Amelia, eu percebi tardiamente, era uma perfeccionista.

Imaginei onde estaria Claudine. Talvez ela tivesse visto os vampiros chegando e prudentemente sumiu para algum canto escuro. Enquanto procurava por ela, houve um momento em que a dor que eu repelia do coração simplesmente me emboscou. Foi como aqueles momentos que tive depois que minha avó morreu, quando fazia algo familiar como escovar os dentes e de repente a escuridão me dominava. Levei um tempo para me recompor e voltar à superfície novamente.

Seria assim por algum tempo, e eu só tinha que cerrar os dentes e suportar.

Forcei-me a prestar atenção ao redor. Os bruxos tinham assumido suas posições. Bob instalou-se numa cadeira no pátio, e eu observei com uma pequena chama de interesse enquanto ele tirava uma espécie de pó de um pequeno saquinho hermético e uma caixa de fósforos do bolso da camisa. Amelia subiu as escadas do apartamento, Terry colocou-se na metade do caminho das escadas, e a bruxa mais velha, Patsy, já esperava na galeria olhando para nós.

— Se vocês querem assistir, provavelmente daqui será melhor – Amelia chamou, e a rainha e eu subimos as escadas. Os guardas juntaramse num grupo perto do portão, para ficarem afastados o mais distante possível da mágica; até Flor de Jade parecia respeitar

o poder que estava prestes a ser usado, mesmo que não respeitasse os bruxos como pessoas.

Naturalmente, Andre seguiu a rainha pelas escadas, mas achei que havia menos do que entusiasmo em seus ombros.

Era bom focalizar algo novo ao invés de meditar sobre minhas tristezas e eu ouvi com interesse enquanto Amelia, que devia na realidade estar saindo para jogar vôlei na praia, dava instruções sobre o feitiço mágico que estava prestes a lançar.

— Estabelecemos o tempo para duas horas antes de eu ver Jake chegar – ela disse. – Então vocês podem ver um bocado de coisas chatas e irrelevantes. Se isso for aborrecido, eu posso tentar adiantar os eventos.

De repente, tive um pensamento que me cegou por sua total simplicidade. Eu pediria a Amelia que voltasse comigo para Bon Temps e repetisse o procedimento em meu quintal; então eu saberia o que havia acontecido à pobre Gladiola. Senti-me muito melhor depois que tive essa ideia, e voltei a prestar atenção ao aqui e agora.

Amelia gritou “Comecem!” e imediatamente começou a recitar palavras, acho que em Latim. Ouvi um leve eco vir das escadas e do pátio enquanto os outros bruxos a imitavam.

Nós não sabíamos o que esperar, e era curiosamente chato ouvir o cântico continuar depois de alguns minutos. Comecei a

imaginar o que aconteceria comigo se a rainha ficasse muito entediada.

Então minha prima Hadley entrou na sala de estar.

Eu estava tão chocada que quase falei com ela. Quando olhei por mais um segundo, pude notar que não era realmente Hadley. Era a figura dela, movia-se como ela, mas esse simulacro era somente pincelado de cor.

Seu cabelo não era preto de verdade, mas uma cintilante impressão de preto.

Ela parecia água tingida, caminhando. Podia se ver o reflexo da superfície.

Olhei-a avidamente: fazia tanto tempo desde que nos vimos pela última vez.

Hadley parecia mais velha, claro. Ela parecia mais dura também, com um toque sardônico na boca e um olhar cético.

Inconsciente da presença de todos na sala, a reconstrução seguiu para o sofá, pegou um controle remoto fantasma e ligou a televisão. Eu realmente olhei para a tela para ver se mostraria algo, mas é claro que não mostrou.

Senti um movimento ao meu lado e fitei a rainha. Se eu fiquei chocada, ela estava eletrizada. Eu nunca pensei realmente que a rainha pudesse ter amado Hadley de verdade, mas via agora que ela amou, tanto quanto era capaz.

Observamos Hadley olhar para a televisão de vez em quando enquanto pintava as unhas, bebia um copo fantasma de sangue e fazia um telefonema. Não podíamos ouvi-la. Podíamos só ver, e isso dentro de um perímetro limitado. O objeto que ela alcançava aparecia no minuto em que sua mão o tocava, mas não antes, então se podia ter certeza do que era apenas quando ela começava a usá-lo. Quando ela se inclinou para recolocar o copo de sangue sobre a mesa e sua mão ainda segurava o copo, nós vimos o copo, a mesa com seus outros objetos e Hadley, tudo ao mesmo tempo, tudo com aquela cintilante impressão. A mesa fantasma se impunha sobre a verdadeira mesa, que ainda estava quase exatamente no mesmo lugar, como naquela noite, só para tornar tudo mais estranho.

Quando Hadley largou o copo, o objeto e a mesa desapareceram da existência.

Os olhos de André estavam arregalados e fixos, quando olhei para ele, e foi a maior demonstração de expressividade que já vi em seu rosto.

Se a rainha estava sofrendo e eu fascinada e triste, André simplesmente encontrava-se estonteado.

Ficamos mais alguns minutos nisso até que Hadley evidentemente ouviu uma batida na porta (sua cabeça virou em direção à porta, e ela pareceu surpresa). Ela se levantou (o sofá fantasma, talvez uns dez centímetros à direita do verdadeiro, tornou-se inexistente) e cruzou a sala.

Ela atravessou meus tênis, que estavam lado a lado perto do sofá.

Certo, aquilo era esquisito. A coisa toda era esquisita, mas fascinante.

Provavelmente as pessoas no pátio viram o visitante subir pelas escadas do lado de fora, já que ouvi um palavrão vindo de um dos Berts— Wybert, eu acho. Quando Hadley abriu uma porta fantasma, Patsy, que estava do lado de fora na galeria, abriu a porta real para que pudéssemos ver. Pelo rosto mortificado de Amelia, pude perceber que ela não tinha pensando nisso antes.

Parado na porta encontrava-se Waldo (fantasma), um vampiro que esteve com a rainha durante anos. Ele foi bem punido nos anos antes de sua morte, e aquilo o deixou com a pele permanentemente enrugada. Já que Waldo foi um albino ultramagro antes de sua punição, ele pareceu horrível na primeira e única noite em que o conheci. Como criatura fantasma líquida, ele parecia melhor, de fato.

Hadley pareceu surpresa ao vê-lo. Aquela expressão foi forte o bastante para ser facilmente reconhecível. Então pareceu enojada. Mas afastou-se para deixá-lo entrar.

Quando ela se virou em direção à mesa para pegar seu copo, Waldo olhou ao redor, como para ver se havia mais alguém ali. A tentação de avisar Hadley era tão forte que foi quase irresistível.

Após uma conversa que obviamente não entendemos, Hadley deu de ombros e pareceu concordar com algum plano.

Provavelmente, essa era a ideia sobre a qual Waldo havia me contado na noite em que confessou ter matado minha prima. Ele contou que foi ideia de Hadley ir ao Cemitério Número Um de St. Louis para ressuscitar o fantasma vodu de Marie Laveau, mas pela evidência parecia ter sido Waldo a sugerir a excursão.

— O que é aquilo na mão dele? – Amelia perguntou, tão baixo quanto pôde, e Patsy saiu da galeria para verificar.

— Folheto – ela respondeu para Amelia, tentando usar tons igualmente baixos. – Sobre Marie Laveau.

Hadley olhou para o relógio em seu pulso e disse alguma coisa para Waldo. Foi algo indelicado, a julgar pela expressão de Hadley e a movimentação da cabeça ao indicar a porta. Ela dizia “Não”, tão claramente quanto sua linguagem corporal podia dizer.

E mesmo assim, ela saiu na noite seguinte com ele. O que aconteceu para que ela mudasse de ideia? Hadley voltou para o quarto e nós a seguimos. Olhando para trás, observamos Waldo deixar o apartamento, colocando o folheto sobre a mesa perto da porta antes de partir.

Parecia curiosamente voyeurístico ficar no quarto de Hadley com Amelia, a rainha e Andre, observando Hadley tirar o roupão e colocar um vestido elegante.

— Ela o usou na festa uma noite antes do casamento – a rainha disse em voz baixa. Era um vestido vermelho justo e decotado, com

lantejoulas da mesma cor escura e belíssimas sapatilhas. Hadley faria a rainha lamentar o que estava perdendo, evidentemente.

Vimos Hadley enfeitando-se diante do espelho, prendendo o cabelo de duas formas diferentes, e meditando sobre sua escolha de batom por um longo tempo. A novela estava saindo do trilho e eu estava disposta a acelerar, mas a rainha parecia não se cansar de ver sua amada novamente.

Com certeza eu não ia reclamar, especialmente quando a rainha estava pagando a conta.

Hadley virou-se de frente e de costas diante do espelho de corpo inteiro, pareceu satisfeita com o que viu, e então explodiu em lágrimas.

— Ah, minha querida – disse a rainha em voz baixa. – Eu sinto tanto.

Eu sabia exatamente como Hadley se sentiu, e pela primeira vez experimentei o vínculo que perdi com minha prima através de anos de separação. Essa reconstrução era na noite antes do casamento da rainha, e Hadley teria que ir a uma festa e assistir a rainha e seu noivo se tornar um casal. E na noite seguinte, ela teria que comparecer ao casamento; ou foi o que pensara. Ela não sabia que estaria morta então; finalmente, definitivamente morta.

— Alguém está subindo – avisou Bob o bruxo. Sua voz flutuou através das janelas francesas abertas até a galeria. No mundo fantasma, espectral, a campainha deve ter tocado, porque Hadley

enrijeceu, lançou um último olhar ao espelho (bem através de nós, já que estávamos parados na frente dele) e visivelmente recobrou o ânimo. Quando Hadley caminhou pelo corredor, ela tinha aquele balanço familiar dos quadris e seu rosto transparente estava fixado num meio-sorriso frio.

Ela abriu a porta. Já que a bruxa Patsy havia deixado a porta real aberta depois que Waldo “chegou”, nós conseguimos ver isso acontecendo.

Jake Purifoy estava vestido num smoking e parecia ótimo, como Amelia havia dito. Eu fitei Amelia quando ele entrou no apartamento, e ela olhava pesarosamente para o fantasma.

Ele não se importou por ser mandado para pegar a queridinha da rainha, era óbvio, mas era prudente e cortês demais para culpar Hadley. Ele esperou pacientemente enquanto ela pegava uma bolsinha e dava uma última escovada no cabelo, então os dois saíram pela porta.

— Descendo para cá – Bob avisou, e nós saímos pela porta, atravessando a galeria para olhar pelo parapeito.

Os dois fantasmas entraram num carro resplandecente e saíram do pátio. Foi onde a área afetada pelo feitiço chegou ao fim. Assim que o carro fantasma passou pela área do portão, ele deixou de existir para o grupo de vampiros reunidos na entrada. Sigebert e Wybert estavam solenes e de olhos arregalados, Flor de Jade parecia mal-humorada, e Rasul levemente divertido, como se

estivesse pensando nas boas histórias que contaria aos guardas na sala de descanso.

— Hora de avançar – disse Amelia. Ela parecia cansada agora, e imaginei o quanto a jovem bruxa estava sendo sobrecarregada ao coordenar esse ato de magia.

Patsy, Terry, Bob e Amelia começaram a entoar outro feitiço em uníssono. Se havia um elo fraco nesse trabalho conjunto, era Terry. A pequena bruxa de rosto redondo suava profusamente e tremia com o esforço por manter sua mágica estável. Senti-me um pouco preocupada ao ver o esforço em seu rosto.

— Vão com calma, calma! – Amelia exortava seu time, tendo notado os mesmos sinais. Então todos recomeçaram os cânticos, e Terry pareceu regular um pouco melhor os passos; não soava tão desesperada. Amelia disse – Bem... devagar... agora – e o canto diminuiu o ritmo.

O carro surgiu novamente no portão, dessa vez passando por Sigebert, que deu um passo à frente, para observar melhor Terry, eu suspeitei. O carro sacudiu numa parada abrupta, no meio da entrada.

Hedley lançou-se para fora do carro. Ela chorava, e pela aparência de seu rosto, esteve chorando por algum tempo. Jake Purifoy surgiu do outro lado do veículo e parou ali, as mãos contra a porta, falando por cima do teto com Hadley.

Pela primeira vez, o guarda-costas pessoal da rainha falou. Andre disse, — Hadley, você tem que parar com isso. As pessoas irão notar, e o novo rei fará algo a respeito. Ele é do tipo ciumento, sabe? Ele não liga para... – Aqui, Andre perdeu o fio da meada e sacudiu a cabeça. – Ele só liga para as aparências.

Todos nós o encaramos. Ele estava canalizando?

O guarda-costas da rainha transferiu o olhar para a Hadley ectoplásmica. Andre disse, — Mas, Jake, eu não posso suportar. Sei que ela tem que fazer isso politicamente, mas ela está me mandando embora! Não posso aceitar.

Andre podia ler lábios. Até lábios ectoplásmicos. Ele começou a falar novamente.

— Hadley, suba e vá dormir. Você não pode ir ao casamento se for criar uma cena. Sabe que isso embaraçaria a rainha e arruinaria a cerimônia.

Meu chefe vai me matar se isso acontecer. Este é o maior evento no qual já trabalhamos.

Percebi que ele falava sobre Quinn. Jake Purifoy era o empregado que Quinn dissera estar desaparecido.

— Não posso suportar – Hadley repetiu. Ela estava gritando, pude notar pelo modo como sua boca se movia, mas felizmente Andre não viu necessidade de imitar isso. Era sinistro o suficiente ouvir as palavras vindo da boca dele. – Eu fiz algo terrível! – As

palavras melodramáticas soaram muito estranhas no tom monótono de Andre.

Hadley correu para as escadas, e Terry automaticamente saiu do caminho para deixá-la passar. Hadley destrancou a porta (já aberta) e entrou como um furacão no apartamento. Nós voltamos a observar Jake.

Ele suspirou, endireitou-se e se afastou do carro, que desapareceu. Abriu um telefone celular e apertou um número. Ele falou ao telefone por menos de um minuto, sem pausa para uma resposta, então era seguro assumir que deixou uma mensagem de voz.

Andre disse, — Chefe, eu tenho que contar; acho que haverá problemas. A namorada não será capaz de se controlar no dia.

Oh, meu Deus, diga-me que Quinn não se envolveu na morte de Hadley!, pensei, sentindo-me absolutamente doente com o pensamento.

Mas enquanto a ideia se formava, Jake moveu-se para a traseira do carro, que apareceu de novo quando ele o tocou. Ele percorreu carinhosamente a lateral da caminhonete, aproximando-se mais e mais da área externa do portão, e subitamente uma mão se estendeu e o agarrou. A área das bruxas não se estendia para além do muro, então o resto do corpo ficou faltando, e o efeito de uma mão se materializando do nada e agarrando o confiante Lobi foi tão assustador quanto um filme de terror.

Isso era exatamente como um daqueles sonhos onde você via o perigo se aproximando, mas não conseguia falar. Nenhum aviso de nossa parte podia alterar o que já tinha acontecido. Mas todos nós ficamos chocados. Os irmãos Bert gritaram, Flor de Jade sacou a espada sem que eu visse sua mão se mover, e a rainha ficou de boca aberta.

Conseguimos ver somente as pernas de Jake, lutando. Então elas ficaram imóveis. Nós todos ficamos parados e olhando uns para os outros, até os bruxos, com sua concentração tremulando até o pátio começar a se encher de névoa.

— Bruxas! – Amelia gritou asperamente. – De volta ao trabalho!

Num instante, tudo ficou limpo. Mas os pés de Jake estavam imóveis, e seus contornos ainda mais fracos; ele estava desaparecendo de vista como todos os outros objetos sem vida. No entanto, em poucos segundos, minha prima apareceu na galeria, olhando para baixo.

A expressão dela era cautelosa e preocupada. Ela ouvira algo. Nós registramos o momento quando ela viu o corpo e desceu as escadas em velocidade vampírica. Ela atravessou o portão e desapareceu de vista, mas voltou num instante, arrastando o corpo pelos pés. Enquanto ela o tocava, o corpo era tão visível quanto uma mesa ou cadeira. Então ela se inclinou sobre o cadáver, e agora nós podíamos ver que Jake tinha um ferimento enorme no pescoço. A ferida era revoltante, embora eu tenha que dizer que os vampiros assistindo não pareciam enojados, mas encantados. A Hadley ectoplásmica olhou ao redor, desejando uma ajuda que não

viria. Ela parecia desesperadamente incerta. Seus dedos nunca deixaram o pescoço de Jake, enquanto sentia sua pulsação.

Finalmente, ela inclinou-se sobre ele e disse algo.

— É o único modo – Andre traduziu. – Você pode me odiar, mas é o único modo.

Nós observamos Hadley rasgar o pulso com suas próprias presas e então colocar o pulso sangrento sobre a boca de Jake, vendo o sangue gotejar para dentro, vendo-o acordar tempo suficiente para agarrar o braço dela e puxá-la. Quando Hadley fez Jake soltá-la, ela parecia exausta e ele parecia estar tendo convulsões.

— Um Lobi não se transforma num bom vampiro – Sigebert disse num sussurro. – Eu nunca tinha visto um Lobi ser trazido de volta.

Com certeza foi difícil para o pobre Jake Purifoy. Eu comecei a perdoá-lo pelo horror da noite passada, vendo seu sofrimento. Minha prima Hadley o levantou e carregou para as escadas, parando de vez em quando para olhar ao redor. Eu a segui mais uma vez, com a rainha bem ao meu lado. Observamos Hadley tirar as roupas rasgadas de Jake, enrolar uma toalha ao redor de seu pescoço até o sangramento parar e colocá-lo no armário, cobrindo-o cuidadosamente e fechando a porta para que o sol da manhã não queimasse o novo vampiro, que teria que ficar deitado no escuro por três dias. Hadley jogou a toalha sangrenta no cesto de roupas.

Então enfiou outra toalha no espaço aberto da soleira da porta, para se certificar de que Jake estava seguro.

Então ela sentou-se no corredor e pensou. Finalmente, pegou o celular e ligou para um número.

— Ela pergunta por Waldo – Andre disse. Quando os lábios de Hadley se moveram novamente, ele continuou – Ela marca o encontro para a noite seguinte. Diz que deve falar com o fantasma de Marie Laveau, se o fantasma realmente vier. Ela diz que precisa de conselho.

Após um pouco mais de conversa, Hadley desligou o telefone e se levantou. Ela juntou as roupas rasgadas e sangrentas do ex-Lobi e colocouas num saco.

— Você devia pegar a toalha também – avisei num sussurro, mas minha prima a deixou na cesta para eu encontrar quando chegasse. Hadley tirou as chaves do carro do bolso da calça e, quando desceu as escadas, entrou no veículo, se afastando com o saco de lixo.

Capítulo 18

— VOSSA MAJESTADE, NÓS temos que parar – disse Amelia, e a rainha deu um pequeno aceno com a mão que pode ter sido concordância.

Terry estava tão exausta que se apoiava pesadamente contra o corrimão das escadas, e Patsy parecia quase lívida na galeria. O nerd Bob parecia inalterado, mas ele esteve sabiamente sentado numa cadeira desde o início. Com um sinal mudo de Amelia, eles começaram a desfazer o feitiço que lançaram e gradualmente a atmosfera sinistra diminuiu. Havíamos nos transformado num bando indisposto de pessoas esquisitas num pátio em Nova Orleans, ao invés de testemunhas indefesas de uma encenação mágica.

Amelia foi ao alpendre num canto e trouxe algumas cadeiras dobráveis. Sigebert e Wybert não entenderam o mecanismo, então Amelia e Bob dispuseram as cadeiras. Depois que a rainha e as bruxas se sentaram, restou um assento que eu peguei após um instante de silêncio entre mim e os quatro vampiros.

— Então nós sabemos o que aconteceu na noite seguinte – falei cansada. Eu estava me sentindo um pouco tola num vestido elegante e sandálias de salto alto. Seria bom colocar minhas roupas normais.

— Hã, com licença, você pode saber, mas o resto de nós não e queremos saber – disse Bob. Ele parecia inconsciente do fato de

que devia estar tremendo nas bases na presença da rainha.

Havia alguma coisa de adorável a respeito do bruxo esquisito. E os quatro trabalharam tão duro; se eles queriam saber o resto da história, não havia razão para que não pudessem ouvir. A rainha não levantou objeção.

Até Flor de Jade, que guardara a espada, parecia levemente interessada.

— Na noite seguinte, Waldo atraiu Hadley ao cemitério com a história do túmulo de Marie Laveau e a tradição vampira de que os mortos podem ressuscitar os mortos— nesse caso, a sacerdotisa vodu Marie Laveau.

Hadley queria que Marie Laveau respondesse suas perguntas, que Waldo disse a Hadley que o fantasma podia, se o ritual correto fosse seguido.

Embora Waldo tenha me dado uma razão para Hadley concordar em fazer isso na noite em que o encontrei, agora sei que ele estava mentindo. Mas eu posso pensar em várias outras razões para ela ter concordado em ir com Waldo ao Cemitério de St. Louis – falei. A rainha concordou silenciosamente. – Acho que ela queria descobrir o que Jake seria quando acordasse – disse. – Acho que queria descobrir o que fazer com ele. Ela não podia deixá-lo morrer, vocês viram isso, mas não queria admitir a ninguém que criou um vampiro, especialmente um que foi um Lobi.

Eu tinha uma plateia cativa. Sigebert e Wybert acocoraram-se de ambos os lados da rainha e estavam envolvidos na história. Isso devia ser como ir ao cinema para eles.

Todos os bruxos estavam interessados em ouvir os bastidores dos acontecimentos que acabaram de testemunhar. Flor de Jade tinha os olhos fixos em mim. Somente Andre parecia imune, e ele estava ocupado fazendo seu trabalho de guarda-costas, constantemente checando o pátio e o céu por um ataque.

— Também é possível que Hadley tenha acreditado que o fantasma podia lhe dar conselhos sobre como reconquistar o afeto da rainha. Sem ofensa, madame – acrescentei, lembrando tarde demais que a rainha se encontrava sentada a alguns metros de mim, numa cadeira dobrável com a etiqueta de preço do Wal-Mart ainda pendurada no encosto de plástico.

A rainha acenou com a mão num gesto negligente. Ela estava afundada em pensamentos, tão profundamente que eu nem tinha certeza se teria me ouvido.

— Não foi Waldo quem drenou Jake Purifoy – disse a rainha, para meu espanto. – Waldo não poderia ter imaginado que, quando teve sucesso ao matar Hadley e me informou, culpando a Sociedade do Sol, esta bruxa esperta obedeceria à ordem para selar o apartamento literalmente, inclusive com um feitiço de stasis. Waldo já tinha um plano. Quem matou Jake possuía um plano separado— talvez culpar Hadley pela morte e o renascimento de Jake... o que a condenaria à prisão numa cela para vampiros. Talvez

o assassino tenha pensado que Jake mataria Hadley quando levantasse dentro de três dias... e provavelmente, ele o teria feito.

Amelia tentou parecer modesta, mas era uma batalha perdida. Devia ter sido fácil, já que a única razão para ela lançar o feitiço era para impedir que o apartamento cheirasse a lixo quando fosse finalmente reaberto. Ela sabia, e eu sabia disso. Mas fora um belo trabalho de magia, e eu não ia puxar o tapete dela.

Amelia puxou sozinha.

— Ou talvez – ela disse alegremente, – alguém tenha pago Waldo para tirar Hadley do caminho, de um jeito ou de outro.

Eu tive que levantar minhas barreiras imediatamente, porque todos os bruxos começaram a transmitir sinais de pânico tão fortes que estar perto deles era insuportável. Eles sabiam que o que Amelia dissera aborreceria a rainha, e quando a Rainha da Louisiana ficava agitada, aqueles ao redor dela tendiam a ficar ainda mais agitados.

A rainha pulou da cadeira, então todos nós ficamos de pé, rápidos e desajeitados. Amelia tinha sentado sobre as pernas, então ela estava especialmente desajeitada, o que foi bem feito. Flor de Jade se afastara do resto dos vampiros, mas talvez quisesse mais espaço no caso de ter que manejar sua espada. Andre foi o único quem notou isso, além de mim. Ele manteve o olhar fixo na guarda-costas do rei.

Eu não sei o que teria acontecido em seguida se Quinn não tivesse entrado pelo portão. Ele saiu do enorme carro preto, ignorou o quadro tenso como se nem existisse, e cruzou o pátio até mim. Ele casualmente lançou um braço ao redor de meus ombros e inclinou-se para me dar um beijo de leve. Eu não sei como comparar um beijo com outro. Todos os homens beijam de forma diferente, não é? E isso diz algo a respeito de suas naturezas. Quinn me beijou como se estivéssemos continuando uma conversa.

— Docinho – disse, quando fiquei sem palavras. – Eu cheguei numa hora boa? O que aconteceu com o seu braço?

A atmosfera relaxou um pouco. Eu o apresentei às pessoas paradas no pátio. Ele conhecia todos os vampiros, mas não encontrara os bruxos.

Ele se afastou de mim para encontrá-los e cumprimentá-los. Patsy e Amelia obviamente ouviram falar dele e tentaram muito não agirem impressionadas demais ao conhecê-lo.

Eu tive que tirar o resto das notícias da noite de meu peito. — Meu braço foi mordido, Quinn – comecei. Quinn esperou, os olhos atentos em meu rosto. – Fui mordido por um... receio que saibamos o que aconteceu com seu funcionário. O nome dele era Jake Purifoy, não é? – falei.

— O quê? – Sob as luzes brilhantes do pátio, vi que sua expressão era cautelosa. Ele sabia que algo ruim estava vindo; claro que, ao ver a companhia reunida, qualquer um teria adivinhado.

— Ele foi drenado e deixado aqui no pátio. Para salvar a vida dele, Hadley o transformou. Ele se tornou um vampiro.

Quinn não entendeu por alguns segundos. Eu observei enquanto a compreensão da enormidade do que acontecera a Jake Purifoy o atingia. O rosto de Quinn se transformou em pedra. Descobri-me desejando que ele nunca olhasse para mim desse jeito.

— A mudança foi sem o consentimento dos Lobis – disse a rainha. – Obviamente, um Lobi nunca concordaria em se tornar um de nós. – Se ela soou um pouco desdenhosa, eu não fiquei muito surpresa. Lobis e vampiros possuíam uma aversão mal disfarçada um pelo outro, e apenas o fato de que eram unidos contra o mundo normal evitava que aquela aversão se transformasse em guerra declarada.

— Eu fui até sua casa – Quinn disse para mim, inesperadamente. – Queria ver se você tinha voltado de Nova Orleans antes de vir para cá para procurar por Jake. Quem queimou um demônio em sua entrada?

— Alguém matou Gladiola, a mensageira da rainha, quando ela veio me entregar uma mensagem – respondi.

Houve comoção entre os vampiros ao redor. A rainha sabia a respeito da morte de Gladiola, é claro; o Sr. Cataliades com certeza contaria a ela.

Mas ninguém mais ouviu falar sobre isso.

— Muitas pessoas morrendo em seu quintal, docinho – Quinn disse, apesar do tom ausente, e eu não o culpava por isso preocupá-lo.

— Só duas – respondi defensivamente, após uma rápida contagem mental. – Eu dificilmente chamaria isso de muito. – Claro, se você contasse as pessoas que morreram na casa... eu rapidamente interrompi essa linha de pensamento.

— Querem saber? – Amelia disse numa voz alta e artificialmente social. – Acho que nós, bruxos, vamos descer a rua até aquela pizzaria na esquina da Chloe e Justine. Então se precisarem de nós, estaremos lá. Certo, pessoal? – Bob, Patsy e Terry se moveram mais rápido do que achei que eram capazes até o portão aberto, e quando os vampiros não perceberam nenhum sinal de sua rainha, abriram caminho e os deixaram passar. Já que Amelia não se incomodou em pegar a bolsa, eu esperava que ela tivesse dinheiro num bolso e as chaves no outro.

Oh, bem.

Eu quase desejei seguir atrás deles. Espere um minuto! Por que não?

Olhei desejosamente para o portão, mas Flor de Jade se colocou na entrada e me encarou, os olhos como buracos negros no rosto redondo.

Ali estava uma mulher que não gostava nem um pouco de mim.

Andre, Sigebert e Wybert podiam definitivamente me pegar ou largar, e Rasul até podia achar que eu não seria má companhia para uma hora na cidade— mas Flor de Jade adoraria acertar minha cabeça com sua espada, e isso era um fato. Eu não conseguia ler a mente dos vampiros (exceto por pequenos vislumbres de vez em quando, o que era um grande segredo), mas podia ler a linguagem corporal e a expressão nos olhos dela. Eu não sabia a razão dessa animosidade e, há essa hora, não acho que importava nem um pouco.

A rainha estava pensando. Disse, — Rasul, nós devemos voltar para casa daqui a pouco. – Ele se curvou e foi para o carro. – Srta. Stackhouse – ela disse, voltando os olhos para mim. Eles brilhavam como lâmpadas sombrias. Ela pegou minha mão e nós subimos as escadas até o apartamento de Hadley, com Andre nos seguindo como se fosse algo preso com corrente à perna de Sophie-Anne. Eu sentia o insensato impulso de arrancar minha mão sob a da rainha, que obviamente era fria, áspera e forte, apesar de ela ser cuidadosa em não apertar. Estar tão perto da antiga vampira me fazia vibrar como as cordas de um violino. Eu não entendia como Hadley suportou.

Ela me guiou para dentro do apartamento e fechou a porta atrás de nós. Acho que nem a excelente audição dos vampiros lá fora podia ouvir nossa conversa agora. Aquele era o objetivo dela, porque a primeira coisa que disse foi, — Você não irá mencionar a ninguém o que eu estou prestes a lhe contar.

Eu sacudi a cabeça, muda de apreensão.

— Comecei minha vida no que se tornou o norte da França, há cerca de... mil e cem anos atrás.

Eu engoli em seco.

— Eu não sabia onde estava, é claro, mas acho que era a Lotharingia.

No último século, tentei encontrar o lugar onde passei meus primeiros doze anos, mas não consegui, mesmo se minha vida dependesse disso. – Ela deu uma risada impetuosa ao fim da frase. – Minha mãe era a esposa do homem mais rico da cidade, o que significava que tínhamos dois porcos a mais do que os outros. Meu nome então era Judith.

Eu me esforcei para não parecer chocada, apenas interessada, mas era difícil.

— Quando eu tinha uns dez ou doze anos, acho, um mascate surgiu vindo da estrada. Não víamos um rosto novo há seis meses. Estávamos entusiasmados. – Mas ela não sorriu ou pareceu ter lembrado da sensação de entusiasmo, apenas do fato. Seus ombros subiram e desceram uma vez.

– Ele carregava uma doença que nunca vimos antes. Agora acho que era alguma forma de gripe. Após duas semanas de estadia na cidade, todos estavam mortos, exceto eu e um garoto um pouco mais velho.

Houve um momento de silêncio enquanto pensávamos a respeito.

Pelo menos, eu pensava, e imaginei que a rainha recordava. Andre podia estar pensando no preço das bananas na Guatemala.

— Clovis não gostava de mim – disse a rainha. – Eu esqueci por quê.

Nossos pais... não lembro. As coisas podiam ter sido diferentes se ele se importasse comigo. Mas como aconteceu, ele me estuprou e então levou para a cidade vizinha, onde começou a me oferecer. Por dinheiro, é claro, ou comida. Apesar de a gripe ter se espalhado por nossa região, nós nunca ficamos doentes.

Eu tentei olhar para qualquer lugar, exceto para ela.

— Por que não me olha nos olhos? – ela exigiu. Suas palavras e sotaque mudaram enquanto falava, como se acabasse de aprender inglês.

— Sinto-me tão mal por você – respondi.

Ela fez um som que envolvia encostar os dentes de cima sobre o lábio inferior e fazer um esforço extra para inspirar ar e poder soprá-lo.

Soou como “fffft!” — Não se incomode – disse a rainha. – Porque o que aconteceu em seguida, quando acampamos na floresta, foi que um vampiro o pegou. – Ela pareceu alegre com a lembrança. Uma viagem e tanto através das recordações. – O vampiro estava muito faminto e começou com Clovis primeiro porque era maior, mas quando acabou ele pôde tirar um minuto para olhar para mim e pensar que seria bom ter companhia. Seu nome

era Alain. Durante cerca de três anos, eu viajei com Alain. Vampiros eram discretos então, é claro. Suas existências eram apenas histórias contadas por velhas junto à fogueira. E Alain era bom em manter as coisas assim. Alain foi um sacerdote e gostava muito de surpreender os padres em suas camas. – Ela sorriu saudosamente.

Eu descobri minha simpatia diminuindo.

— Alain prometeu várias vezes que me transformaria, porque obviamente eu queria ser como ele. Eu queria a força. – Os olhos dela pousaram em mim.

Eu concordei sinceramente. Podia entender aquilo.

— Mas quando precisava de dinheiro, para roupas e comida para mim, ele fazia a mesma coisa que Clovis fez comigo, me vendia por dinheiro. Ele sabia que os homens perceberiam se eu fosse fria, e sabia que eu os morderia se me transformasse. Eu fiquei cansada das promessas.

Eu assenti para mostrar que prestava atenção. E estava prestando, mas no fundo de minha mente estava imaginando onde diabo esse monólogo ia parar, e por que eu era a recipiente daquela fascinante e deprimente história.

— Então, certa noite, nós entramos numa vila onde o chefe conhecia Alain pelo que ele era. Estúpido Alain esqueceu que já tinha passado por ali e drenado a esposa do chefe! Então os aldeãos o prenderam com uma corrente de prata, o que era algo surpreendente de se encontrar numa pequena vila, isso eu posso

dizer... e o jogaram numa choupana, planejando mantê-lo lá até o padre da vila voltar de viagem. Eles pretendiam colocá-lo sob o sol com alguma cerimônia religiosa. Era uma vila pobre, mas eles empilharam todas as peças de prata e todo alho que possuíam sobre ele, num esforço para mantê-lo subjugado. – A rainha riu. – Eles sabiam que eu era humana e que ele abusou de mim – disse. – Então não me prenderam. A família do chefe discutiu sobre me usarem como escrava, já que tinham perdido uma mulher para o vampiro. Eu sabia como seria aquilo.

A expressão no rosto dela era tão desoladora quanto absolutamente arrepiante. Eu permaneci imóvel.

— Naquela noite, eu puxei algumas tábuas soltas atrás da choupana e entrei me arrastando. Disse a Alain que, quando ele me transformasse, eu o libertaria. Nós barganhamos por um tempo, e então ele concordou. Cavei um buraco no chão, grande o suficiente para o meu corpo. Planejamos que Alain iria me drenar e enterrar sob o catre onde estava deitado, disfarçando o buraco da melhor forma possível. Ele podia se mexer o suficiente para isso. Na terceira noite, eu levantaria. Quebraria suas correntes e jogaria o alho, apesar de queimar as mãos. Fugiríamos na escuridão. – Ela riu alto. – Mas o padre voltou antes de três dias corridos. No momento em que saí debaixo da terra, Alain já se transformara em cinzas ao vento. O lugar onde Alain esteve preso era a cabana do padre. Foi o velho quem me contou o que aconteceu.

Tive a sensação de que conhecia o final daquela história. — Okay – falei rapidamente. – Acho que o padre foi sua primeira

refeição. – Sorri brilhantemente.

— Oh, não – disse Sophie-Anne, anteriormente Judith. – Eu disse a ele que era o anjo da morte e estava o poupando, já que foi tão virtuoso.

Considerando o estado de Jake Purifoy quando ele acordou pela primeira vez, pude apreciar o esforço supremo que deve ter sido para a nova vampira.

— O que fez depois? – perguntei.

— Após alguns anos, encontrei um órfão como eu, vagando pela floresta – ela disse, virando-se para fitar o guarda-costas. – Estamos juntos desde então.

E finalmente eu vi uma expressão no rosto sem rugas de Andre: total devoção.

— Ele estava sendo forçado, como eu fui – disse ela, gentilmente. – E cuidei disso.

Senti um arrepio gelado subir pela espinha. Eu não teria conseguido encontrar algo para dizer nem que me pagassem.

— A razão pela qual a entediei com minha antiga história, – disse a rainha, recompondo-se e endireitando-se na cadeira. – é para lhe dizer por que coloquei Hadley sob minhas asas. Ela também foi molestada, pelo tioavô.

Ele a molestou também?

Eu assenti. Não tinha ideia de que ele fora atrás de Hadley. Ele não progrediu para penetração de fato, apenas porque meus pais morreram e eu fui morar com minha avó. Meus pais não tinham acreditado em mim, mas eu convenci minha avó de que estava dizendo a verdade na época em que ele sentiu que eu estava madura, aos nove anos. Claro, Hadley era mais velha. Tínhamos mais coisas em comum do que eu imaginava.

— Sinto muito, eu não sabia – respondi. – Obrigada por me contar.

— Hadley falou com freqü.ncia a seu respeito – a rainha disse.

É, obrigada, Hadley. Obrigada por me deixar na pior... não, espere, isso era injusto. Descobrir sobre a traição maciça de Bill não foi a pior coisa que me aconteceu. Mas também não era tão distante em minha lista pessoal.— Foi o que eu descobri – falei, minha voz tão fria e dura quanto um talo de aipo.

— Você está aborrecida por eu ter mandando Bill para investigá-la e descobrir se poderia ser útil a mim – disse a rainha.

Respirei fundo e me forcei a diminuir a pressão nos dentes. — Não, eu não estou aborrecida com você. Você não pode evitar ser como é. E sequer me conhecia. – Outra tomada de fôlego. – Estou aborrecida com Bill, que me conhecia e seguiu em frente com o plano de um modo bem meticuloso e calculista. – Eu tive que conduzir a dor. – Além do mais, por que você se importaria? – Meu tom beirava à insolência, o que não era sábio quando se estava

lidando com uma vampira poderosa. Ela tocara num ponto muito dolorido.

— Porque você era querida por Hadley – Sophie-Anne disse inesperadamente.

— Você não saberia pelo modo como ela me tratava, depois que se tornou adolescente – respondi, aparentemente decidindo que honestidade imprudente era o curso a seguir.

— Ela se arrependia por isso, – a rainha disse – especialmente depois que se tornou vampira, e descobriu o que era ser uma minoria. Mesmo aqui em Nova Orleans, existe preconceito. Conversávamos frequentemente sobre a vida dela quando estávamos sozinhas.

Eu não sabia o que me deixava mais desconfortável, a ideia da rainha e minha prima tendo sexo, ou tendo conversa de travesseiro a meu respeito depois. Eu não ligo que adultos façam sexo consentido, não importa que tipo de sexo seja, contanto que ambos os lados concordem. Mas eu também não preciso necessariamente ouvir os detalhes. Qualquer interesse mórbido que eu possa ter sentido foi afogado após anos de imagens das mentes do pessoal no bar. Aquilo estava se transformando numa longa conversa. Eu queria que a rainha chegasse logo ao ponto.

— A questão é – disse a rainha – que estou grata por você— através das bruxas— ter me dado uma ideia melhor sobre como Hadley morreu. E também você me fez saber que existe uma trama maior contra mim do que apenas o coração ciumento de Waldo.

Eu fiz isso?

— Então, eu estou em débito. Diga-me o que posso fazer por você agora.

— Ah. Mandar um monte de caixas para que eu possa empacotar as coisas de Hadley e voltar para Bon Temps? Conseguir alguém para levar as coisas que eu não quero para caridade?

A rainha olhou para baixo e eu juro que ela estava reprimindo um sorriso. — Sim, acho que posso fazer isso – disse. – Mandarei um humano pela manhã, para fazer essas coisas.

— Se alguém puder colocar as coisas que eu quero numa van e levar para Bon Temps, seria muito bom – falei. – Talvez eu mesma possa voltar com a van?

— Também não é um problema – ela disse.

Agora, o grande favor. — Eu realmente tenho que ir com vocês a essa conferência? – perguntei, o que eu sabia que era forçar a barra.

— Sim – ela respondeu.

Okay, um muro ali.

Ela acrescentou, — Mas irei pagá-la substancialmente.

Eu me animei. Um pouco do dinheiro que ganhei do serviço anterior para os vampiros ainda estava em minha conta na poupança, e tive um grande alívio financeiro quando Tara “vendeu”

seu carro para mim por um dólar, mas eu estava tão acostumada a viver no limite que um pé-de-meia era sempre bem-vindo. Eu sempre ficava com medo de quebrar uma perna ou do carro ter problemas ou minha casa pegar fogo... espere, isso já aconteceu... bom, que algum desastre acontecesse, como um furacão levar embora o estúpido telhado de zinco que minha avó insistiu em colocar, ou outra coisa.

— Você quer algo de Hadley? – perguntei, minha linha de pensamento se distanciando do dinheiro. – Sabe, como uma lembrança?

Algo cintilou em seus olhos, algo que me surpreendeu.

— Você tirou as palavras da minha boca – disse a rainha, com um adorável toque de sotaque francês.

Oh-oh. Não podia ser bom se ela mudou para charme.

— Eu pedi que Hadley escondesse uma coisa para mim – ela disse.

Meu medidor de conversa fiada soava como o alarme de um relógio. – E se você encontrasse durante a mudança, eu gostaria de ter de volta.

— Com o que se parece?

— É uma joia – ela disse. – Meu marido me deu como presente de noivado. Eu acabei deixando aqui antes do casamento.

— Fique à vontade para olhar na caixa de joias de Hadley – respondi imediatamente. – Se pertence a você, é claro que pode ter de volta.

— É muito gentil de sua parte – disse ela, o rosto de volta à inexpressividade de vidro normal. – É um diamante, um grande diamante preso num bracelete de platina.

Eu não lembrava de nada parecido entre as coisas de Hadley, mas não tinha olhado com cuidado. Tinha planejado guardar a caixa de joias intacta para poder verificar em meu tempo livre, em Bon Temps.

— Por favor, olhe agora – sugeri. – Sei que seria uma gafe perder um presente de seu marido.

— Oh – ela disse gentilmente – você nem tem ideia. – Sophie-Anne fechou os olhos por um segundo, como se estivesse ansiosa demais para falar. – Andre – disse, e com isso ele seguiu para o quarto— não precisou perguntar onde ficava, notei— e enquanto estava afastado, a rainha parecia curiosamente incompleta. Indaguei-me por que ele não a acompanhou à Bon Temps e, num impulso, perguntei.

Ela me encarou, os olhos cristalinos enormes e sem expressão. — Supostamente, eu não devia estar lá – disse. – Sabia que, se Andre mostrasse estar em Nova Orleans, todos assumiriam que eu estava aqui também. – Imaginei se o contrário seria verdadeiro. Se a rainha estivesse aqui, todos assumiriam que André também

estava? E aquilo me fez pensar em algo, um pensamento que se foi antes que eu pudesse segurá-lo.

André voltou naquele momento, um minúsculo aceno de cabeça dizendo à rainha que não encontrou o que ela desejava recuperar. Por um instante, Sophie-Anne pareceu bem infeliz.

— Hadley fez isso num momento de raiva – a rainha disse, e achei que estivesse falando consigo mesma. – Mas poderia ter me trazido por baixo dos panos. – Então seu rosto relaxou naquele estado habitual de inexpressividade.

— Eu vou ficar de olho no bracelete – falei. Suspeitei que o valor da joia não se encontrasse no apreço. – Esse bracelete foi deixado aqui na noite antes do casamento? – perguntei cautelosamente.

Eu suspeitava que minha prima Hadley tivesse roubado o bracelete por puro ressentimento pela rainha estar se casando. Aquilo parecia algo que Hadley faria. Se tivesse sabido a respeito do bracelete que ela ocultara, eu teria pedido aos bruxos que voltassem no tempo durante a reconstrução ectoplásmica. Poderíamos ter visto Hadley escondendo a coisa.

A rainha deu um curto aceno – Eu devo tê-lo de volta – a rainha disse. – Você entende que não é o valor do diamante que me preocupa?

Que um casamento entre governantes vampiros não é um laço de amor, onde tudo pode ser perdoado? Perder um presente de seu

esposo é uma ofensa muito grave. E nosso baile de primavera está programado para daqui há duas noites. O rei espera me ver usando seus presentes. Se eu não estiver... – Sua voz falhou, e mesmo Andre pareceu quase preocupado.

— Estou entendendo a questão – respondi. Eu já havia notado a tensão vagando pelos corredores do quartel-general da rainha. Cabeças rolariam, e era a cabeça de Sophie-Anne que estaria na berlinda. – Se estiver aqui, você o terá de volta. Okay? – Estendi as mãos, perguntando se ela acreditava em mim.

— Está bem – ela disse. – Andre, não posso mais perder tempo aqui.

Flor de Jade irá relatar o fato de que subi com Sookie. Sookie, nós devemos fingir que fizemos sexo.

— Desculpe, qualquer um que me conheça sabe que eu não namoro mulheres. Não sei a quem você espera que Flor de Jade relate... – (Claro que sabia, e só podia ser o rei, mas não parecia diplomático dizer “Eu sei qual é a sua” no momento.) – Mas se eles fizeram o dever de casa, é um fato concreto a meu respeito.

— Talvez você tenha feito sexo com Andre, então – ela disse calmamente. – E me deixou assistir.

Eu pensei em várias perguntas, a primeira sendo, “Esse é o procedimento normal com você?” seguido por “Não é legal perder um bracelete, mas tudo bem colidir as pélvis com alguém?” Mas mantive a boca fechada. Se alguém estivesse apontando uma arma

para a minha cabeça, eu de fato escolheria ter sexo com a rainha ao invés de Andre, não importa qual seja minha preferência de gênero, porque Andre me assustava como o inferno. Mas se nós estávamos só fingindo...

De forma metódica, Andre tirou a gravata, dobrou-a, guardou-a no bolso e desabotoou alguns botões da camisa. Ele acenou com o dedo para que eu me aproximasse. Eu obedeci cautelosamente. Ele me tomou nos braços e segurou de perto, pressionando-me contra ele, depois inclinou a cabeça sobre meu pescoço. Por um segundo, achei que ele ia me morder, e senti uma fagulha de absoluto pânico, mas ele apenas me cheirou. É um ato intencional para um vampiro.

— Coloque sua boca em meu pescoço – ele disse, após outra longa fungada em mim. – Seu batom vai se transferir.

Eu fiz o que ele mandou. Ele era frio como gelo. Isso era como...

bom, era estranho demais. Pensei na sessão de fotos com Claude; ultimamente eu passava um bocado de tempo fingindo ter sexo.

— Adoro cheiro de fada. Você acha que ela sabe que tem sangue de fada? – ele perguntou para Sophie-Anne, enquanto eu estava no processo de transferir meu batom.

Minha cabeça levantou-se imediatamente. Fitei-o direto nos olhos, e ele retribuiu o olhar. Ele ainda me abraçava, e compreendi que estava se certificando de que eu cheirava como ele e vice-

versa, como se tivéssemos feito o negócio de fato. Andre definitivamente não estava a fim da coisa real, o que era um alívio.

— Eu o quê? – Não tinha ouvido corretamente, com certeza. – Eu tenho o quê?

— Ele tem faro para essas coisas – disse a rainha. – Meu Andre. –

Ela parecia levemente orgulhosa.

— Eu andei passeando com minha amiga Claudine mais cedo durante o dia – falei. – Ela é uma fada. É de onde vem o cheiro. – Eu realmente devia tomar um banho.

— Você me permite? – perguntou Andre e, sem esperar por uma resposta, cravou uma unha em meu braço ferido, bem em cima da atadura.

— Ei! – respondi em protesto.

Ele deixou um pouco de sangue escorrer para seu dedo e levou-o à boca. Experimentou-o como se estivesse provando um gole de vinho, e finalmente disse, — Não, esse cheiro de fada não é por associação. Está em seu sangue. – Andre olhou para mim de um modo que significava que suas palavras eram caso encerrado. – Você tem um leve traço de fada. Talvez sua avó ou avô fosse meio-fada?

— Eu não sei nada sobre isso – respondi, soando estúpida, mas não sabia mais o que dizer. – Se um de meus avós foi outra

coisa além de cem por cento humano, ele não passou a informação adiante.

— Não, eles não fariam isso – disse a rainha, sucinta. – A maioria dos humanos descendentes de fadas esconde o fato, porque não acreditam de verdade. Preferem achar que seus pais são loucos. – Ela deu de ombros.

Inexplicável! – Mas o sangue explicaria por que você possui pretendentes sobrenaturais e não admiradores humanos.

— Eu não tenho admiradores humanos porque não os quero – falei, definitivamente ressentida. – Posso ler suas mentes e o fato simplesmente os faz correr. Isso se não são desencorajados por minha reputação com as esquisitices – acrescentei, voltando ao tom de muita-honestidade.

— É um comentário triste sobre humanos, que nenhum deles é tolerável para alguém que pode ler suas mentes – a rainha disse.

Acho que era a palavra final sobre o valor da habilidade de se ler mentes. Decidi que seria melhor parar com a conversa. Eu tinha muito em que pensar.

Descemos as escadas com Andre liderando, a rainha atrás, e eu os seguindo. Andre insistira para que tirasse meus sapatos e os brincos para dar a entender que eu havia me despido e então voltado a colocar o vestido.

Os outros vampiros esperavam obedientemente no pátio e voltaram às posições de alerta quando começamos a descer. A

expressão de Flor de Jade não mudou quando leu todos os sinais do que estivemos fazendo na última meia hora, mas pelo menos não pareceu cética. Os Berts pareciam cientes, mas desinteressados, como se a imagem de Sophie-Anne observando seu guarda-costas engajado em sexo (com uma virtual estranha) fosse uma simples questão de rotina.

Parado no portão esperando por instruções, o rosto de Rasul expressava um leve ar pesaroso, como se desejasse ter sido incluído na ação. Quinn, por outro lado, pressionava a boca numa linha tão reta que não caberia nem um alfinete. Havia uma reparação a ser feita.

Mas enquanto deixávamos o apartamento de Hadley, a rainha havia dito especificamente que eu não compartilhasse sua história com ninguém, ênfase em ninguém. Eu simplesmente teria que pensar num modo de deixar Quinn saber, sem deixá-lo saber.

Sem discussão ou bate-papo social, os vampiros entraram no carro.

Meu cérebro estava tão cheio de ideias, conjeturas e tudo mais que eu me sentia com ressaca. Queria ligar para meu irmão, Jason, e contar que ele não era tão irresistível afinal, era o sangue de fada nele, só para ver o que tinha a dizer. Não, espere, Andre dera a entender que humanos não eram afetados pela proximidade das fadas como os vampiros. Isto é, humanos não queriam consumir fadas, mas considerava-os sexualmente atraentes (pensei na multidão que sempre cercava Claudine no Merlotte's). E Andre dissera que os outros sobrenaturais eram atraídos pelo sangue de

fada também, mas não do modo comestível como os vampiros. Eric não ficaria aliviado? Ele ficaria tão contente em saber que não me amava de verdade!

Foi o sangue de fada o tempo todo!

Eu observei a limusine real se afastar. Enquanto combatia uma onda composta por cerca de seis emoções diferentes, Quinn lutava contra apenas uma. Ele estava bem na minha frente, o rosto zangado.

— Como ela a convenceu, Sookie? – perguntou. – Se você tivesse gritado, eu estaria lá num instante. Ou talvez você quisesse fazer isso? Eu teria jurado que você não era o tipo.

— Eu não fui para a cama com ninguém esta noite – falei. Fitei-o diretamente nos olhos. Afinal, isso não era revelar nada do que a rainha me contou, era só... corrigir um erro. – Tudo bem se outros pensarem assim – disse cuidadosamente. – Só não você.

Ele me encarou por um longo tempo, seus olhos buscando os meus como se estivesse lendo algo escrito atrás de meus globos oculares.

— Você gostaria de ir para a cama com alguém esta noite? – ele perguntou.

Ele me beijou. Ele me beijou por um longo, longo tempo, enquanto permanecíamos colados no pátio. As bruxas não voltaram; os vampiros haviam partido. Somente um carro ocasional passando na rua ou uma sirene ouvida à distância me lembravam de que

estávamos no meio da cidade. Isso foi diferente de ser abraçada por Andre, mais do que eu pude imaginar. Quinn era quente, e eu podia sentir seus músculos movendo-se sob a pele. Podia ouvi-lo respirar e sentir sua pulsação. Podia sentir a agitação de seus pensamentos, que agora estavam focados principalmente na cama que ele sabia que devia estar em algum lugar no apartamento de Hadley. Ele adorava o meu cheiro, meu toque, a sensação de meus lábios...

e uma grande parte de Quinn atestava o fato. Essa grande parte estava pressionada entre nós nesse exato momento.

Eu fui para a cama com outros dois homens e, em ambas as ocasiões, não terminou bem. Eu não sabia o suficiente sobre eles. Agi por impulso.

Você deve aprender com seus erros. Por um segundo, não me senti especialmente esperta.

Felizmente para minha habilidade de tomar decisões, o telefone de Quinn escolheu aquele momento para tocar. Deus abençoe aquele telefone.

Eu estava prestes a jogar minhas boas resoluções pela janela, porque estive com medo e solitária por toda a noite, e Quinn parecia relativamente familiar e me queria muito.

Quinn, no entanto, não estava seguindo os mesmos processos de pensamento— longe disso— e praguejou quando o telefone tocou pela segunda vez.

— Com licença – ele disse, fúria em sua voz, e atendeu o maldito telefone. – Está bem – disse, após ouvir por um instante a voz do outro lado.

– Tudo bem, eu estarei lá.

Ele desligou o pequeno celular. — Jake está perguntando por mim – disse.

Eu estava tão mareada com uma estranha combinação de desejo e alívio que levei um tempo para ligar os pontos. Jake Purifoy, o empregado de Quinn, estava experimentando sua segunda noite como vampiro. Tendo se alimentado de algum voluntário, ele estava recomposto o suficiente para querer conversar com Quinn. Ele ficou em animação suspensa durante semanas, e havia um bocado de coisas que ele precisava entender.

— Então você tem que ir – falei, orgulhosa por minha voz estar praticamente firme como uma rocha. – Talvez ele se lembre de quem o atacou. Amanhã, tenho que lhe contar sobre o que eu vi esta noite.

— Você teria dito sim? – ele perguntou. – Se não tivéssemos sido interrompidos por outro minuto?

Eu considerei por um tempo. — Se tivesse dito sim, eu teria me arrependido – respondi. – Não porque eu não te quero. Eu quero. Mas tive os olhos abertos nos últimos dias. Sei que sou bem fácil de ser enganada. – Tentei soar objetiva, não lamentosa, quando disse aquilo. Ninguém gosta de uma mulher choramingona, muito menos

eu. – Não estou interessada em começar isso com alguém que só está com tesão de momento. Eu nunca fui o tipo de mulher de uma só noite. Quero ter certeza que, se fizer sexo com você, é porque você quer estar por perto durante algum tempo e gosta de mim por quem eu sou e não o que sou.

Talvez um milhão de mulheres aproximadamente tenha feito o mesmo discurso. Eu sinceramente falava a sério tanto quanto qualquer uma desse um milhão. E Quinn me deu uma resposta perfeita.

— Quem iria querer só uma noite com você? – disse, e então partiu.

Capítulo 19

EU DORMI O SONO dos mortos. Bem, provavelmente não, mas tão próximo quanto um humano poderia. Como se fosse um sonho, ouvi os bruxos voltando da farra no pátio. Eles ainda se congratulavam com o vigor fornecido pelo álcool. Encontrei alguns lençóis de algodão de verdade entre a roupa de cama (por que eles ainda eram chamados de roupa de cama?

Você já viu uma roupa de cama na vida?) e joguei os acetinados pretos na lavadora, então foi bem fácil voltar a dormir.

Quando levantei, passava das dez da manhã. Houve uma batida na porta e eu cambaleei pelo corredor para atender, depois de vestir um par de calças de exercício de Hadley e uma regata pink. Vi caixas através do olho mágico e abri a porta me sentindo realmente feliz.

— Srta. Stackhouse? – disse um jovem rapaz negro, que segurava as caixas desmontadas. Quando assenti, ele disse, – Tenho ordens para lhe trazer quantas caixas você quiser. Trinta servem para começar?

— Oh, sim – respondi. – Oh, isso será ótimo.

— Também tenho instruções – ele disse meticulosamente – para lhe trazer qualquer coisa relacionada à mudança que possa precisar. Tenho aqui fitas adesivas, algumas canetas, tesouras e etiquetas adesivas.

A rainha tinha me dado um fornecedor pessoal.

— Você quer pontos coloridos? Algumas pessoas gostam de colocar objetos da sala em caixas com um ponto laranja, objetos de quarto em caixas com pontos verdes, e assim por diante.

Eu nunca me mudei, a menos que conte levar algumas sacolas de roupas e toalhas para o apartamento mobiliado de Sam, depois que a cozinha queimou, então não sabia o melhor modo de proceder. Tive uma intoxicante visão de caixas enfileiradas com pontos coloridos de cada lado, para que não houvesse erros de qualquer ângulo.

Então voltei à realidade. Eu não levaria tanto assim para Bon Temps.

Era difícil fazer uma estimativa, já que isso era território desconhecido, mas sabia que não queria a mobília.

— Acho que não vou precisar dos pontos, mesmo assim obrigada – falei. – Vou começar trabalhando com essas caixas, e então posso chamá-lo se precisar de mais, certo?

— Vou montá-las para você – disse. Ele tinha cabelo bem curto e os cílios mais curvos que já vi numa pessoa. As vacas tinham cílios assim bonitos, às vezes. Ele vestia uma camisa do tipo para golfe e calças caqui bem acinturadas, junto com tênis.

— Desculpe, eu não perguntei seu nome – falei, enquanto ele sacava um rolo de fita adesiva de uma enorme sacola de compras. Estava preparado para trabalhar.

— Oh, perdão – disse, e foi a primeira vez que soou natural. – Meu nome é Everett O'Dell Smith.

— Prazer em conhecê-lo – eu disse, e ele parou o serviço para apertar minha mão. – Como você veio parar aqui?

— Oh, eu estou na Escola de Administração de Tulane e um dos meus professores recebeu um telefonema do Sr. Cataliades, que é tipo, o mais famoso advogado na área vampira. Meu professor é especialista em lei vampira. O Sr. Cataliades precisava de uma pessoa diurna; quero dizer, ele pode sair durante o dia, mas precisava de alguém para ser seu faz-tudo.

– Ele já tinha montado três caixas.

— E em retorno?

— Em retorno, eu vou me sentar à mesa do tribunal com ele nos próximos cinco casos e ganho uma grana que estou realmente precisando.

— Você tem tempo para me levar ao banco de minha prima esta tarde?

— Claro.

— Você não está perdendo uma aula agora, está?

— Oh, não, tenho duas horas antes de minha segunda aula.

Ele já teve uma aula e acumulou todas aquelas coisas antes mesmo de eu levantar. Bom, ele não ficou acordado metade da

noite assistindo sua prima morta andar por aí.

— Você pode levar esses sacos de lixo com roupas para o depósito mais próximo do Exercito da Salvação ou da Legião da Boa Vontade. – Isso desocuparia a galeria e me faria sentir produtiva tudo ao mesmo tempo.

Eu tinha vasculhado as peças de roupa cuidadosamente, para me certificar de que Hadley não tinha escondido nada, e imaginei o que o Exército da Salvação faria com elas. Hadley era do tipo Apertado e Sumário; é o melhor jeito de descrever.

— Sim, senhorita – ele disse, apanhando um bloco de notas e rabiscando. Então esperou atentamente. – Algo mais? – incitou.

— Sim, não há comida na casa. Quando você voltar esta tarde, pode me trazer algo para comer? – Eu podia beber água da torneira, mas não podia criar comida do nada.

Nesse momento, um chamado do pátio me fez olhar pelo parapeito.

Quinn estava ali com um saco de algo gorduroso. Minha boca começou a salivar.— Parece que o ângulo da comida foi resolvido – eu disse a Everett, acenando para que Quinn subisse.

— O que posso fazer para ajudar? – Quinn perguntou. – Me ocorreu que sua prima poderia não ter café e comida, então eu trouxe alguns pãezinhos e um café tão forte que vai fazer crescer cabelo em seu peito.

Eu já ouvi aquilo algumas vezes, mas ainda me fazia sorrir. — Oh, é meu objetivo – respondi. – Pode trazer. Na verdade tem café aqui, mas não tive chance de fazer porque Everett aqui é um cara do tipo toma-conta.

Everett sorriu por cima de sua décima caixa. — Você sabe que não é verdade, mas é bom ouvir falar – respondeu.

Apresentei os dois homens e, depois que Quinn me deu o saco de comida, ele começou a ajudar Everett a montar as caixas. Sentei-me à mesa de jantar, comi cada migalha dos pãezinhos na sacola e bebi cada gota de café. Eu fiquei coberta de açúcar, mas não liguei. Quinn virou-se para me olhar e tentou esconder o sorriso.

— Está vestindo sua comida, docinho – disse.

Olhei para minha regata. — Mas sem cabelo no peito – respondi, e ele disse, — Posso checar?

Eu ri, então fui escovar os dentes e os cabelos, tarefas essenciais.

Verifiquei as roupas de Hadley nas quais tinha me enfiado. A calça de ginástica preta vinha até a metade do joelho. Hadley provavelmente nunca as usou, porque seriam grandes demais para o seu gosto. Em mim, eram bem justas, mas não justas do tipo que Hadley gostava, onde você podia contar as... ah, não importa. A regata pink deixava à mostra a alça do meu sutiã cor-de-rosa, para não dizer nada sobre alguns centímetros embaixo, mas graças ao Peck's Tana-Lot[2] (localizado dentro do Peck's Bunch-o Flicks, uma

vídeo-locadora em Bom Temps), aquele embaixo estava bonito e bronzeado. Hadley teria colocado uma peça de joalheria no umbigo.

Olhei-me no espelho, tentando me imaginar com um botão dourado ou algo assim. Não. Calcei sandálias decoradas com contas de cristal e me senti bem charmosa por uns trinta segundos.

Comecei a falar com Quinn sobre o que planejei fazer naquele dia e, ao invés de gritar, eu saí do quarto para o corredor com minha escova e elástico de cabelo. Inclinei-me até a cintura, escovei o cabelo enquanto estava de ponta-cabeça e fiz um rabo de cavalo no topo. Eu tinha certeza de que estava centralizado, porque os movimentos eram automáticos depois de todos esses anos. Meu rabo de cavalo ficava na altura do ombro agora.

Prendi o elástico, puxei o cabelo e me endireitei, o rabo de cavalo voando por sobre os ombros para balançar no meio. Quinn e Everett tinham parado os afazeres para olhar. Quando olhei de volta, os dois homens rapidamente se inclinaram de volta às suas tarefas.

Okay, eu não sabia que tinha feito algo interessante, mas aparentemente fiz. Dei de ombros e desapareci no banheiro principal para colocar um pouco de maquiagem. Após outra olhada no espelho, me ocorreu que talvez qualquer coisa que eu fizesse naquele traje seria bem interessante, se você fosse um cara totalmente funcional.

Quando sai, Everett tinha ido embora e Quinn me deu um pedaço de papel com o número do celular de Everett.

— Ele disse para ligar quando precisar de mais caixas – Quinn disse.

– Ele levou todas as roupas ensacadas. Parece que você não precisa de mim.

— Sem comparação – respondi, sorrindo. – Everett não me trouxe gordura e cafeína esta manhã, você sim.

— Então, qual é o plano e como eu posso ajudar?

— Okay, o plano é... – Eu não tinha exatamente algo mais específico do que – vasculhar as coisas e escolher – e Quinn não podia fazer isso por mim. – Que tal isto? – perguntei. – Você tira tudo dos armários da cozinha e coloca onde eu possa ver, então faço a escolha entre “manter ou jogar”.

Você pode empacotar o que quero manter, e colocar o que quero jogar na galeria. Espero que não chova. – A manhã ensolarada estava ficando cheia de nuvens rapidamente. – Enquanto nós trabalhamos, eu lhe conto o que aconteceu aqui ontem à noite.

Apesar da ameaça de tempo ruim, nós trabalhamos a manhã toda, pedimos uma pizza no almoço e recomeçamos à tarde. As coisas que eu não queria foram para os sacos de lixo e Quinn usou seu acréscimo muscular ao carregar todos os sacos para o pátio, colocando-os no pequeno alpendre que continha as cadeiras de jardim, ainda armadas no gramado.

Eu tentei admirar seus músculos só quando ele não estava olhando, e acho que fui bem sucedida. Quinn ficou bem interessado em ouvir sobre a reconstrução ectoplásmica e conversamos a respeito do que tudo aquilo poderia significar sem chegar a quaisquer conclusões. Jake não possuía inimigos entre os vampiros que Quinn soubesse, e ele achava que Jake foi morto pelo embaraço que causaria a Hadley, ao invés de ser por qualquer pecado do próprio Jake.

Eu não vi sinal de vida por parte de Amelia, e imaginei se ela foi para casa com o Mórmon Bob. Ou talvez ele tenha ficado, e agora ambos estavam tendo horas fabulosas no apartamento de Amelia. Talvez ele fosse uma verdadeira bola de fogo sob aquela camisa branca e as calças pretas.

Olhei ao redor do pátio. Sim, a bicicleta de Bob ainda estava encostada contra o muro. Já que o céu estava escurecendo a cada minuto, eu coloquei a bicicleta no alpendre também.

Passar o dia todo com Quinn estava atiçando meu fogo a cada instante. Ele terminou de camiseta regata e jeans, e eu me descobri imaginando como ele ficaria sem eles. E não achava que era a única conjeturando a respeito de como as pessoas se pareciam nuas. Eu podia ter um vislumbre da mente de Quinn de vez em quando, enquanto carregava sacos pela escada ou guardava potes e panelas numa caixa, e aqueles flashes não eram sobre abrir sua correspondência ou fazer lavanderia.

Eu tive suficiente presença de espírito prático para entender quando ouvi o primeiro soar de trovões à distância. A Big Easy[3]

estava prestes a ser inundada.

Então voltei a flertar com Quinn sem palavras— certificando-me de que ele tivesse uma boa visão quando eu me esticava para pegar um copo no armário ou inclinava para enrolar aquele copo em folhas de jornal.

Talvez um quarto de mim estivesse embaraçada, mas o resto estava se divertindo. Diversão não foi um grande fator em minha vida recentemente— bom, nunca— e eu estava desfrutando minha pequena viagem pelo lado selvagem.

No andar de baixo, senti o cérebro de Amelia acordar, após um reajuste. Eu estava familiarizada com aquela sensação, por trabalhar no bar:

Amelia estava de ressaca. Sorri para mim mesma quando a bruxa pensou em Bob, que ainda dormia ao lado. Tirando o básico “Como eu pude?”, o pensamento mais coerente de Amelia foi de que precisava de café. E precisava muito. Ela nem mesmo podia acender a luz no apartamento, que estava escurecendo sem parar com a aproximação da tempestade. A luz machucaria demais seus olhos.

Eu me virei com um sorriso nos lábios, pronta para contar a Quinn que teríamos notícias de Amelia em breve, apenas para encontrá-lo atrás de mim, o rosto concentrado num olhar inconfundível. Ele estava pronto para algo inteiramente diferente.

— Diga que você não quer que a beije, e eu me afasto – disse, e então me beijou.

Eu não disse uma palavra.

Quando a diferença de altura se tornou um problema, Quinn apenas me levantou e colocou sobre o balcão da cozinha. O ribombar dos trovões soou do lado de fora enquanto eu afastava os joelhos para que ele se aproximasse de mim tanto quanto possível. Prendi-o com as pernas. Ele puxou o elástico de meus cabelos, um processo que não foi totalmente livre de dor, e correu os dedos através do emaranhado. Ele agarrou meus cabelos e aspirou fundo, como se estivesse extraindo o perfume de uma flor.

— Tudo bem? – ele perguntou com a respiração irregular, enquanto seus dedos procuravam uma abertura por trás de minha camiseta e escorregavam por baixo. Ele examinou meu sutiã com o tato, imaginando como abri-lo em tempo recorde.

— Bem? – respondi confusa. Não tinha certeza se queria dizer “Bem? Inferno, sim, depressa!” ou “Que parte de bem você quer saber?”, mas Quinn naturalmente entendeu isso como um sinal verde. Suas mãos empurraram o sutiã de lado e ele percorreu meus mamilos, que já estavam duros, com os polegares.

Achei que ia explodir e, apenas a antecipação segura de que coisas melhores estavam por vir, me impediram de ceder naquele instante.

Contorci-me ainda mais para a ponta do balcão, então a grande saliência no jeans de Quinn pressionou-se contra o vão de minha calça. Era incrível como se ajustavam. Ele se apertou contra mim, recuou, apertou novamente, a protuberância formada pelo tecido do jeans sobre seu pênis atingindo o local exato, tão fácil de alcançar através do tecido fino e elástico da malha.

Mais uma vez e eu gritei, me segurando a ele através do momento cego do orgasmo, quando podia jurar que fui catapultada para outro universo. Minha respiração era mais como um soluço, e abracei-o como se fosse meu herói. Naquele momento, ele certamente era.

Sua respiração ainda era irregular, e ele moveu-se contra mim novamente, buscando seu próprio alívio, já que tive o meu tão ruidosamente. Chupei seu pescoço enquanto minha mão descia, acariciando-o através do jeans, e então ele deu um grito tão desesperado quanto o meu, seus braços apertando-se ao meu redor convulsivamente.

— Oh, Deus – disse – oh, Deus. – Ele fechou os olhos com força ao gozar, beijando meu pescoço, meu rosto, os lábios, interminavelmente.

Quando sua respiração— e a minha— ficou um pouco mais firme, ele disse, — Docinho, eu não chegava assim desde que tinha dezessete anos, no banco traseiro do carro de meu pai com Ellie Hopper.

— Então, é uma coisa boa – murmurei.

— Pode apostar – disse.

Ficamos abraçados por um momento, e me dei conta da chuva batendo contra as janelas e as portas, e do trovejar se afastando. Meu cérebro pensava em apagar para uma soneca, e eu estava preguiçosamente consciente de que o cérebro de Quinn estava igualmente sonolento enquanto ele voltava a prender as costas de meu sutiã.

No andar de baixo, Amelia fazia café na cozinha escura e Bob o bruxo despertava com o cheiro maravilhoso, imaginando onde estavam suas calças. E no pátio, aglomerando-se silenciosamente nas escadas, inimigos se aproximavam.

— Quinn! – exclamei, no momento em que sua audição afiada percebeu o arrastar de passos.

Quinn entrou em modo de batalha. Desde que não estava em casa para checar os símbolos do calendário, eu esqueci que estávamos perto da lua cheia. Havia garras nas mãos de Quinn agora, garras com pelo menos dez centímetros, ao invés de dedos. Seus olhos contraíram e tornaram-se completamente dourados, com pupilas negras dilatadas. A mudança nos ossos em seu rosto o deixava alienígena. Eu tinha feito uma forma de amor com este homem dez minutos atrás, e agora mal o reconheceria se passasse por ele na rua.

Mas não havia tempo para pensar em nada, exceto nossa melhor defesa. Eu era o elo fraco e teria melhores chances se

dependesse da surpresa. Deslizei do balcão, corri até a porta, e peguei o abajur do pedestal.

Quando o primeiro Lobi irrompeu pela porta, eu o atingi em cheio na cabeça. Ele cambaleou, o seguinte atrás dele tropeçou sobre o predecessor, e Quinn estava mais do que pronto para o terceiro.

Infelizmente, havia mais seis.

Capítulo 20

FORAM NECESSÁRIOS APENAS dois para me subjugar, e eu chutei e gritei, mordi e golpeei com cada gota de energia que possuía.

Quinn precisou de quatro, mas eles só conseguiram porque usaram uma pistola atordoante. Do contrário, eu tenho certeza que ele poderia ter tirado de ação seis ou oito deles, ao invés dos três que derrubou antes que o pegassem.

Eu sabia que seria dominada e podia ter me poupado alguns hematomas e talvez um osso quebrado, se apenas consentisse em ser levada.

Mas eu tinha meu orgulho. E para ser mais prática, queria ter certeza de que Amelia ouviu o que estava acontecendo aqui em cima. Ela faria algo.

Não tinha certeza do quê, mas ela ia agir.

Fui empurrada pelas escadas, meus pés mal tocando o chão, por dois homens robustos que nunca vi antes. Esses mesmos homens prenderam meus pulsos com uma fita isolante. Fiz o melhor para deixá-la um pouco frouxa, mas temo que eles fizeram um bom trabalho.

— Hmm, cheira a sexo – o baixinho disse, beliscando meu traseiro.

Eu ignorei seu olhar malicioso e tive alguma satisfação ao ver o hematoma que causei em sua bochecha com meu punho (que, a propósito, doía e ardia sobre os nós; você não pode socar alguém sem pagar por isso).

Eles tiveram que carregar Quinn e não foram gentis ao fazê-lo. Ele foi jogado contra os degraus e, uma vez, o derrubaram. Ele era um sujeito grande. Agora era um sujeito grande sangrando, já que um dos golpes cortou a pele sobre seu olho esquerdo. Ele teve o tratamento com fita isolante também, e imaginei como o pelo reagiria à fita.

Fomos mantidos lado a lado no pátio, brevemente, e Quinn me olhou como se quisesse desesperadamente falar comigo. O sangue dos olhos corria por sua bochecha, e ele parecia grogue por causa da arma atordoante.

Suas mãos estavam voltando ao normal. Eu me joguei na direção dele, mas os Lobis nos mantiveram afastados.

Duas vans entraram no pátio circular, duas vans onde se liam BIG EASY ELETRICIDADE na lateral. Eram brancas, compridas e sem janelas traseiras, e os logotipos ao lado foram cobertos com lama, o que parecia altamente suspeito. Um motorista pulou da cabine de cada van, e o primeiro motorista abriu as portas traseiras de seu veículo.

Enquanto nossos seqüestradores empurravam Quinn e eu para dentro daquela van, o resto do grupo de assaltantes foi trazido pelas escadas. Os homens que Quinn conseguiu atingir estavam bem

mais feridos do que ele, eu estou feliz por dizer. Garras conseguem causar uma incrível quantidade de danos, especialmente se vierem com a força que um tigre pode exercer.

O cara que eu atingi com o abajur estava inconsciente, e quem alcançou Quinn primeiro provavelmente estava morto. Com certeza encontrava-se coberto de sangue e havia coisas expostas à luz que deviam estar dentro de sua barriga. Eu sorria de satisfação quando os homens me jogaram na traseira da van, que descobri estar coberta de lixo e absolutamente imunda.

Aquela era uma operação de alta classe. Havia uma tela de metal entre os bancos da frente e a parte de trás, e as prateleiras no fundo haviam sido esvaziadas, imagino que por nossa causa.

Eu fui arremessada num corredor estreito entre as prateleiras, e Quinn empurrado atrás de mim. Eles tiveram que se esforçar porque ele ainda estava atordoado. Meus dois acompanhantes fecharam as portas dos fundos sobre nós, enquanto os Lobis feridos de guerra eram colocados na outra van. Eu supunha que as vans tinham estacionado na rua por pouco tempo, então nós não ouviríamos os veículos parando na entrada. Quando ficaram prontos para nos atacar, nossos seqüestradores estacionaram no pátio. Mesmo as pessoas de uma cidade turbulenta como Nova Orleans notariam alguns corpos espancados sendo carregados em vans... na chuva.

Eu esperava que os Lobis não pensassem em agarrar Amelia e Bob, e rezei para que Amelia fosse esperta e se escondesse, ao invés de fazer algum feitiço de bruxa impulsivo e corajoso. Eu sei que é uma contradição, certo? Rezar por uma coisa (pedir um favor

a Deus) enquanto, ao mesmo tempo, espera que seus inimigos sejam mortos. Tudo que eu posso dizer é que tenho a sensação de que os Cristãos vinham fazendo isso desde o princípio— pelo menos os ruins, como eu.

— Vai, vai, vai – berrou o homem baixinho, pulando no banco da frente. O motorista obedeceu com um completamente desnecessário guinchar de pneus, e nós partimos do pátio como se o presidente acabasse de levar um tiro e tivéssemos que levá-lo ao Walter Reed[4].

Quinn recuperou-se completamente ao virarmos na Chloe Street, de onde seguiríamos para o nosso destino final, onde quer que fosse. Suas mãos estavam presas às costas, o que era doloroso; e o sangramento da cabeça não tinha parado. Eu tinha imaginado que ele permaneceria grogue e em estado de choque. Mas quando seus olhos focalizaram meu rosto, ele disse, — Docinho, eles te bateram com força.

Eu não devia estar parecendo muito bem. — É, bom, você parece estar no mesmo barco – respondi. Eu sabia que o motorista e seu companheiro podiam nos ouvir, e não dava à mínima.

Com uma tentativa sombria de sorriso, ele disse, — Tornei-me um defensor e tanto.

Na opinião dos Lobis, eu não era muito perigosa, então minhas mãos foram atadas na frente. Contorci-me até ser capaz de aplicar pressão sobre o corte na testa de Quinn. Aquilo devia doer ainda mais, mas ele não disse uma palavra de protesto. O movimento da

van, os efeitos da surra, e o constante balanço e cheiro de lixo ao nosso redor combinaram para tornar os próximos dez minutos bem desagradáveis. Se fosse esperta, eu podia ter imaginado para onde estávamos indo— mas não estava me sentindo esperta.

Fiquei espantada que, numa cidade como Nova Orleans com tantos restaurantes famosos, essa van estivesse abarrotada de embalagens de Burger King e copos do Taco Bell. Se tivesse a chance de vasculhar entre os escombros, eu podia encontrar algo útil.

— Quando estamos juntos, somos atacados por Lobis – disse Quinn.

— É minha culpa – falei. – Eu sinto tanto por tê-lo envolvido nisso.

— Ah, é – disse. – Sou conhecido por andar com gente desesperada.

Nós estávamos deitados de frente um para o outro, e Quinn meio que me acotovelou com o joelho. Ele estava tentando me dizer algo, e eu não estava entendendo. Os dois homens no banco da frente conversavam a respeito de uma garota bonita atravessando a rua no semáforo. Só ouvir a conversa era quase suficiente para se desejar renunciar aos homens, mas pelo menos eles não estavam nos ouvindo.

— Lembra quando conversamos sobre minha condição mental? – falei cuidadosamente. – Lembra quando eu lhe contei a respeito?

Levou um minuto porque estava dolorido, mas ele entendeu a dica.

Seu rosto se contraiu, como se ele estivesse prestes a partir tábuas no meio ou outra coisa que exigisse toda sua concentração, e então o pensamento se enfiou na minha cabeça. Celular no meu bolso, ele respondeu. O problema era que o telefone estava em seu bolso direito, e ele estava deitado daquele lado. Mal havia espaço para ele se virar.

Isso exigiria um bocado de manobra e eu não queria que nossos seqüestradores vissem. Mas finalmente dei um jeito de enfiar os dedos no bolso de Quinn, fazendo uma nota mental para avisá-lo que, sob esse tipo de circunstância, seus jeans eram apertados demais (sob outras circunstâncias, nenhum problema com o jeito como se ajustavam). Mas livrar aquele telefone, com a van sacudindo enquanto nossos atacantes Lobis verificavam a cada minuto ou menos, era difícil.

Quartel-general da rainha na discagem rápida, ele pensou, quando sentiu o telefone deixando seu bolso. Mas aquilo era inútil para mim. Eu não sabia como acessar a discagem rápida. Levei alguns instantes para fazer Quinn entender, e ainda não tenho certeza de como consegui, mas finalmente ele pensou o número do telefone para mim. Apertei os botões desajeitadamente e pressionei send. Talvez ele não tivesse pensado naquilo antes, porque quando uma vozinha disse “Alô?”, os Lobis ouviram.

— Você não o revistou? – o motorista perguntou, incrédulo, ao passageiro.

— Inferno, não, eu estava tentando colocá-lo lá atrás e sair da chuva – o homem que me beliscou resmungou de volta. – Estacione, maldição!

Alguém teve o seu sangue?, Quinn me perguntou em silêncio, embora dessa vez ele pudesse ter falado e, após um precioso segundo, meu cérebro engrenou.

— Eric – respondi, porque os Lobis estavam saindo pela porta e correndo para a traseira da van.

— Quinn e Sookie foram levados por alguns Lobis – Quinn disse ao telefone que eu segurava contra sua boca. – Eric Northman pode rastreá-la.

Eu esperava que Eric ainda estivesse em Nova Orleans e mais ainda que, quem tivesse atendido ao telefone no quartel-general da rainha, entendesse. Mas então os dois Lobis abriram as portas da van e nos arrastaram para fora, um deles me socando enquanto o outro atingia Quinn no estômago. Eles arrancaram o celular de meus dedos inchados e jogaram sobre a densa vegetação ao lado da estrada. O motorista estacionara num terreno vazio, mas de ambos os lados da estrada havia várias casas espalhadas sobre estacas num mar de grama. O céu estava nublado demais para que eu fixasse nossa direção, mas agora eu tinha certeza de que viajávamos para o sul, em direção aos pântanos. Consegui ver o relógio do motorista e fiquei surpresa ao descobrir que já passava das três da tarde.

— Seu idiota de merda, Clete! Para quem ele estava ligando? – gritou uma voz na segunda van, que estacionou ao lado da estrada quando nós paramos. Nossos dois seqüestradores trocaram um olhar com idênticas expressões de consternação, e eu teria rido se não estivesse com tanta dor.

Era como se fosse costume serem estúpidos.

Dessa vez, Quinn foi revistado minuciosamente e eu também, embora não tivesse bolsos ou lugar para esconder algo, a menos que eles quisessem fazer um exame de cavidade corporal. Achei que Clete— Sr.

Belisca-Traseiro— ia fazer isso, por um instante, enquanto seus dedos empurravam o tecido da malha em mim. Quinn achou também. Fiz um ruído horrível, um ofego sufocado de medo, mas o som que veio da garganta de Quinn foi mais do que um grunhido. Era um som profundo, áspero, tossido e absolutamente ameaçador.

— Deixe a garota em paz, Clete, e vamos voltar para a estrada – disse o motorista alto, e sua voz tinha aquele tom de “Estou de saco cheio de você”. – Eu não sei quem é esse cara, mas não acho que ele se transforme num roedor[5].

Imaginei se Quinn os ameaçaria com sua identidade— a maioria dos Lobis parecia conhecê-lo, ou saber dele— mas já que ele não ofereceu o nome, eu não falei.

Clete me jogou de volta na van com um bocado de resmungos como “Quem morreu e te fez Deus? Você não manda em mim”, e

assim por diante. O homem mais alto obviamente era o chefe de Clete, o que era algo bom. Eu queria alguém com cérebro e um pouco de decência entre mim e os dedos curiosos de Clete.

Eles tiveram um bocado de trabalho para colocar Quinn dentro da van novamente. Ele não queria ir e finalmente os dois homens da outra van vieram, muito relutantemente, para ajudar Clete e o motorista. Eles prenderam as pernas de Quinn com uma daquelas coisas plásticas, do tipo que se coloca a ponta através de um buraco e puxa para prender como um cinto. Nós usamos algo parecido para selar a embalagem de assar peru no Dia de Ação de Graças passado. A amarra que usaram em Quinn era preta e de plástico, e realmente se parecia com uma algema. Eles não prenderam minhas pernas.

Eu apreciei por Quinn ficar zangado com o tratamento que eles me dispensaram, zangado suficiente para lutar e se libertar, mas o resultado final foi que minhas pernas estavam livres e as dele não— porque eu ainda não representava ameaça, pelo menos em suas cabeças.

Provavelmente estavam certos. Eu não conseguia pensar em nada para impedi-los de nos levarem aonde quer que fossem. Não tinha uma arma e, apesar de me preocupar com a fita prendendo minhas mãos, meus dentes não pareciam fortes o suficiente para causar estrago. Descansei por um minuto, fechando os olhos, cansada.

O último golpe abrira um corte em minha bochecha. Uma grande língua tocou meu rosto ensangüentado. E de novo.

— Não chore – disse uma voz estranha e gutural, e eu abri os olhos para verificar que era, de fato, Quinn.

Quinn tinha tanto poder que conseguia parar a transformação assim que começava. Suspeitei que ele pudesse desencadeá-la também, embora eu tenha notado que lutar podia transformar qualquer metamorfo. Ele teve as garras durante a luta no apartamento de Hadley, e elas quase viraram a balança a nosso favor. Desde que se enfurecera com Clete durante o episódio ao lado da estrada, o nariz de Quinn estava achatado e largo. Eu tive uma visão minuciosa dos dentes em sua boca, dentes que se transformaram em pequenas adagas.

— Por que você não se transformou totalmente? – perguntei num pequeno sussurro.

Porque não haveria espaço suficiente aqui, docinho. Depois que me transformo, tenho dois metros e quinze de comprimento e cerca de duzentos quilos.

Aquilo faria qualquer garota engolir em seco. Só podia agradecer por ele ter pensado nisso antes. Olhei mais um pouco para ele.

Não está aborrecida?

Clete e o motorista trocavam recriminações a respeito do incidente com o telefone. — Ora, vovô, mas que dentes grandes você tem – sussurrei.

Os caninos superiores e inferiores eram tão compridos e afiados que eram realmente assustadores (eu os chamo de caninos; para os gatos isso pode ser um insulto).

Afiados... eles eram afiados. Aproximei minhas mãos da boca dele, implorando com os olhos para que compreendesse. Tanto quanto podia dizer do rosto alterado, Quinn estava preocupado. Assim como nossa situação estimulava seus instintos de defesa, a ideia que eu tentava lhe vender excitava outros instintos. Vou fazer suas mãos sangrarem, ele avisou, com grande esforço. Ele era parcialmente animal agora, e os processos de raciocínio de um animal não percorriam necessariamente os mesmos caminhos dos humanos.

Eu mordi o lábio superior para evitar fazer ruído enquanto os dentes de Quinn mordiam a fita adesiva. Ele tinha que exercer um bocado de pressão para que os caninos de dez centímetros perfurassem a fita, e isso significava que os incisos curtos e afiados mordiam minha pele também, não importava o quanto ele tomasse cuidado. Lágrimas começaram a rolar por minhas faces num fluxo incessante, e eu o senti vacilar. Sacudi as mãos atadas para incitá-lo, e relutantemente ele inclinou-se de volta à tarefa.

— Ei, George, ele está mordendo ela – disse Clete, do banco do passageiro. – Posso ver a mandíbula se mexendo.

Mas nós estávamos tão próximos e a luz era tão fraca que ele não conseguia ver que Quinn mordia a amarra de minhas mãos. Isso era bom.

Eu tentava duramente encontrar coisas boas na qual me agarrar, porque naquele momento o mundo parecia muito, muito desolador, deitada numa van viajando sob a chuva por uma estrada desconhecida em algum lugar no sul da Louisiana.

Eu estava zangada, sangrando, dolorida e deitada sobre meu braço esquerdo já machucado. O que eu queria, o que seria ideal, era me encontrar limpa e medicada numa bela cama com lençóis brancos. Okay, limpa e enfaixada num pijama limpo. E Quinn estaria na cama, completamente na forma humana, limpo e medicado também. E teria descansado e não estaria usando absolutamente nada. Mas a dor de meu corte e os braços sangrando estavam se tornando exigentes demais para serem ignorados, e eu não conseguia me concentrar o suficiente no adorável devaneio. Quando já estava a ponto de soluçar— ou talvez só gritar— eu senti meus pulsos soltos.

Por alguns segundos, eu só fiquei ali deitada, ofegante, tentando controlar minha reação à dor. Infelizmente, Quinn não podia roer as próprias amarras, já que estava preso com as mãos às costas. Ele finalmente conseguiu se virar para que eu pudesse ver seus pulsos.

George disse, — O que eles estão fazendo?

Clete nos lançou um olhar, mas eu estava com as mãos unidas. Já que o dia estava escuro, ele não conseguia enxergar com clareza. — Não estão fazendo nada. Ele parou de mordê-la – disse Clete, soando desapontado.

Quinn conseguiu prender uma garra contra a fita isolante prateada.

Suas garras não tinham bordas afiadas como uma cimitarra; seu poder se concentrava na ponta perfurante apoiada pela extrema força de um tigre.

Mas Quinn não conseguia encontrar apoio para exercitar aquela força.

Então isso levaria tempo, e eu suspeitava que a fita fizesse um som de rasgo, quando ele conseguisse cortá-la.

Nós não tínhamos muito tempo. A qualquer minuto, até um idiota como Clete perceberia que as coisas não estavam bem.

Comecei a difícil manobra de botar as mãos nos pés de Quinn sem revelar o fato de que já não estava mais presa. Clete olhava sempre que vislumbrava um movimento e eu me encolhi contra as prateleiras vazias, as mãos unidas em meu colo. Tentei parecer desesperada, o que era terrivelmente fácil. Clete ficou mais interessado em acender um cigarro após um ou dois segundos, me dando a chance de examinar a tira de plástico prendendo os tornozelos de Quinn. Apesar de lembrar o prendedor que usei no Dia de Ação de Graças, aquela amarra era preta, grossa e extradura, e eu não possuía uma faca para cortá-la ou chave para soltá-la. No entanto, achei que Clete cometera um erro ao colocá-la e me apressei a tentar tirar vantagem disso. Quinn ainda estava de sapatos, claro, e eu os desamarrei e tirei. Então segurei um pé apontado para baixo. Aquele pé começou a deslizar dentro do

círculo da amarra. Como eu suspeitei, os sapatos mantiveram os pés separados e permitiram alguma folga.

Apesar de meus pulsos e mãos estarem sangrando sobre as meias de Quinn (que deixei em seus pés para que o plástico não arranhasse), eu consegui me arranjar muito bem. Ele foi estoico a respeito do ajuste drástico em seus pés. Finalmente ouvi seus ossos protestarem ao serem torcidos numa posição estranha, mas seu pé deslizou para fora do laço. Oh, graças a Deus.

Havia levado mais tempo para pensar do que fazer. Pareciam ter se passado horas. Puxei a amarra para baixo, joguei-o no meio da sujeira, olhei para Quinn e assenti. A garra presa à fita isolante rasgou-a. Um buraco apareceu. O som não foi tão alto, e eu me estiquei totalmente ao lado de Quinn para camuflar a atividade. Enfiei os polegares no buraco da fita e puxei, avançando muito pouco. Existe uma razão para fitas isolantes serem tão populares. São substâncias confiáveis.

Tínhamos que sair da van antes de alcançarmos o destino, e fugir antes que a outra van parasse atrás da nossa. Vasculhei entre as embalagens vazias de comida mexicana e batatas fritas no chão da van e finalmente, num pequeno vão entre o assoalho e a lateral, encontrei uma chave de fenda esquecida. Era comprida e fina.

Olhei-a e respirei fundo. Sabia o que tinha que fazer. As mãos de Quinn estavam atadas e ele não poderia agir. Lágrimas rolaram por minha face. Eu estava agindo como um bebê chorão, mas não conseguia evitar.

Fitei Quinn por um momento e suas feições eram de aço. Ele sabia tão bem quanto eu o que precisava ser feito.

Nesse instante, a van diminuiu a velocidade e virou numa estrada vicinal razoavelmente bem pavimentada, que parecia ser uma trilha de cascalho para a floresta. Uma entrada, eu tinha certeza. Estávamos próximos de nosso destino. Aquela era a melhor chance, talvez a última que teríamos.

— Estenda os pulsos – murmurei, e enfiei a ponta da chave de fenda no buraco da fita. Ela se alargou. Enfiei de novo. Sentindo meus movimentos frenéticos, os dois homens se viraram no instante em que eu atingi a fita isolante uma última vez. Enquanto Quinn se esforçava para rasgar as amarras perfuradas, eu me coloquei de joelhos, agarrando a divisória telada com a mão esquerda, dizendo, — Clete!

Ele virou e se inclinou entre os assentos, perto da divisória, para ver melhor. Respirei fundo e, com a mão direita, apunhalei a chave de fenda contra a tela de metal. Atingi-o em cheio na bochecha.

Ele gritou e sangrou, e George mal conseguiu parar com rapidez suficiente. Com um rugido, Quinn soltou os pulsos. Então se moveu como um relâmpago e, no minuto em que a van parou bruscamente, ele e eu abrimos a porta dos fundos, correndo para a floresta. Graças a Deus ela ficava bem ao lado da estrada.

Sandálias com tiras de couro não são boas para correr no matagal, só quero comentar aqui, e Quinn estava só de meias. Mas

abrimos alguma distância e, no instante em que o motorista aturdido da segunda van conseguiu parar e os passageiros puderam saltar em perseguição, nós estávamos fora de vista da estrada. Continuamos correndo porque eles eram Lobis e podiam nos rastrear. Eu tinha arrancado a chave de fenda da bochecha de Clete e estava com ela na mão, e lembrei de pensar que era perigoso correr com um objeto pontudo. Pensei nos dedos finos de Clete entre minhas pernas, e não me senti tão mal por ter feito o que fiz. Nos segundos seguintes, ao pular por cima de uma árvore caída entre arbustos espinhentos, a chave escorregou de minha mão e eu não tive tempo para procurar.

Após correrrmos por um tempo, nós chegamos a um pântano.

Pântanos e brejos são abundantes na Louisiana, é claro. Eles também são ricos em vida selvagem, e pode ser lindo de olhar ou talvez excursionar numa canoa ou algo assim. Mas mergulhar num deles a pé, na chuva, é ruim. Talvez de um ponto de vista rastreável esse pântano fosse uma coisa boa porque, uma vez dentro da água, nós não deixaríamos qualquer cheiro.

Mas de um ponto de vista pessoal, o meu, o pântano era horrível, porque era sujo, tinha cobras, jacarés, e Deus sabe mais o quê.

Tive que tomar coragem para ir atrás de Quinn. A água estava escura e fria já que ainda era primavera. No verão, seria como chapinhar em sopa quente. Num dia tão nublado, debaixo das árvores, seríamos quase invisíveis para nossos perseguidores, o que era bom; mas as mesmas condições significavam que qualquer

animal selvagem à espreita seria visto só quando pisássemos ou fôssemos mordidos por ele. Não tão bom.

Quinn sorria amplamente, e lembrei que alguns tigres tinham um bocado de pântanos em seu habitat natural. Pelo menos um de nós estava feliz.

A água foi ficando cada vez mais profunda, e logo estávamos nadando. Ali, Quinn nadou com uma enorme elegância que foi meio desalentadora para mim. Eu estava tentando com todas as minhas forças só ficar quieta e invisível. Por um segundo, senti tanto frio e medo que comecei a pensar que... não, não seria melhor ainda estar na van... mas era algo próximo, só por um segundo.

Eu estava tão cansada. Meus músculos tremiam por causa das conseqü.ncias da onda de adrenalina durante a fuga, e então nossa corrida através da floresta, e antes disso a luta no apartamento, e antes... oh, meu Deus, eu tinha feito sexo com Quinn. Algo parecido. Sim, definitivamente sexo. Mais ou menos.

Nós não tínhamos conversado desde que saímos da van e, de repente, lembrei de ter visto o braço dele sangrando quando escapamos. Eu o atingi com a chave de fenda pelo menos uma vez, enquanto o libertava. E ali estava eu, choramingando.

— Quinn – falei. – Deixe-me ajudá-lo.

— Me ajudar? – ele indagou. Não entendi seu tom de voz e, já que ele estava abrindo caminho através da água escura na minha frente, não pude ver seu rosto. Mas sua mente, ah, essa estava

cheia de confusão rosnada e fúria que não conseguia achar lugar para colocar. – Eu ajudei você? Eu a libertei? Eu a protegi contra os malditos Lobis? Não, eu deixei aquele filho da puta enfiar um dedo em você, e assisti, e não pude fazer nada.

Oh. Orgulho masculino. — Você libertou minhas mãos – apontei. – E pode me ajudar agora.

— Como? – ele se virou para mim, e estava profundamente aborrecido. Percebi que ele era um sujeito que levava sua proteção bem a sério.

Era um dos misteriosos desequilíbrios de Deus, que homens fossem tão mais fortes do que as mulheres. Minha avó dizia que era seu modo de equilibrar a balança, já que mulheres eram mais duronas e resistentes. Não tenho certeza se é verdade, mas eu sabia que Quinn, talvez porque fosse um cara grande e formidável, e um lobi-tigre que podia se transformar nessa criatura fabulosamente bela e letal, estava apavorado porque não matou todos os nossos agressores e não me salvou de ser maculada pelo toque deles.

Eu mesma teria preferido bem mais esse cenário, especialmente considerando nossa situação atual. Mas os eventos não aconteceram desse modo. — Quinn – falei, e minha voz estava tão cansada quanto o resto. – Eles deviam estar seguindo para algum lugar aqui perto. Algum lugar nesse pântano.

— É por isso que nos desviamos – ele disse, concordando. Vi uma cobra enroscada num galho de árvore sobre a água à sua

frente, e meu rosto deve ter parecido tão chocado quanto eu me sentia, porque Quinn virou mais rápido do que pensei, pegou a cobra na mão e a partiu uma vez, duas, até o animal estar morto e flutuar para longe na água barrenta. Ele pareceu se sentir um bocado melhor depois disso. – Não sabemos para onde estamos indo, mas com certeza é longe deles. Certo? – perguntou.

— Não há cérebros em atividade por perto – falei, após um instante verificando. – Mas eu nunca medi o alcance de minha telepatia. É tudo que posso dizer. Vamos tentar sair da água por um minuto enquanto pensamos, okay? – Eu estava tremendo dos pés à cabeça.

Quinn atravessou a água e me pegou. — Prenda os braços ao redor do meu pescoço – disse.

Claro, se ele queria fazer aquela coisa de homem, tudo bem.

Coloquei os braços ao redor de seu pescoço e ele começou a se mover através da água.

— Isso seria melhor se você se transformasse num tigre? – perguntei.

— Posso precisar disso mais tarde, e hoje já mudei parcialmente duas vezes. É melhor conservar minha força.

— De que tipo você é?

— Bengala – ele respondeu, e então o chuviscar sobre a água parou.

Ouvimos vozes e nos detivemos na água, nossos rostos virados para a fonte do som. Enquanto permanecíamos ali congelados, ouvi algo grande deslizar para dentro da água à nossa direita. Virei os olhos naquela direção, aterrorizada com o que veria— mas a água estava quase parada, como se algo só tivesse passado. Eu sabia que havia excursões nos pântanos ao sul de Nova Orleans, e sabia que o pessoal local lucrava ao levar pessoas para a água escura e deixá-las verem os jacarés.

O lado bom era que esses nativos faziam dinheiro e os forasteiros viam algo que nunca veriam de outro modo. O ruim era que, às vezes, os locais jogavam iscas para atrair os jacarés. Imaginei que jacarés associassem humanos à comida.

Deitei minha cabeça no ombro de Quinn e fechei os olhos. Mas as vozes não se aproximaram, não ouvimos os latidos dos lobos, e nada mordeu minha perna para me arrastar.

— É isso que os jacarés fazem, sabe – falei para Quinn. – Eles te puxam para baixo e afogam, e levam para algum lugar onde podem comêlo.

— Docinho, os lobos não vão comer a gente hoje, nem os jacarés. – Ele riu, um ribombar baixo e profundo no peito. Fiquei tão feliz por ouvir aquele som. Após um momento, começamos a nos mover através da água novamente. As árvores e pedaços de terreno tornaram-se próximos, os canais estreitaram e, finalmente, saímos numa porção de terra grande o suficiente para conter uma cabana. Quinn me apoiava quando cambaleamos para fora da água.

Como abrigo, a cabana era bem pobre. Talvez a estrutura tenha sido um glorioso acampamento de caça, três paredes e um telhado, não mais do que isso. Agora eram ruínas, meio desmoronadas. A madeira tinha apodrecido e o telhado de metal se inclinara e torcera, enferrujando em alguns pontos. Eu me aproximei da pilha de material humano e revistei cuidadosamente, mas não parecia existir nada que pudéssemos usar como arma.

Quinn estava ocupado, arrancando os restos de fita isolante dos pulsos, nem mesmo piscando quando um pouco de pele vinha junto. Eu trabalhei no meu pulso mais gentilmente. Então acabei desistindo.

Desmoronei no chão, deprimida, contra uma árvore. As cascas imediatamente começaram a deixar marcas profundas em minhas costas.

Pensei em todos os germes na água, bactérias que com certeza invadiram meu sistema no momento em que ganharam entrada através dos cortes em meus pulsos. A mordida não curada, ainda coberta por uma atadura agora imunda, sem dúvida recebeu sua cota de partículas asquerosas. Meu rosto estava inchando por causa da surra que levei. Eu lembrei de ter olhado no espelho no dia anterior e perceber que as marcas deixadas pelos Lobis mordidos, em Shreveport, tinham finalmente quase desaparecido. Bela porcaria me adiantou.

— Amelia já deve ter feito algo – falei, tentando me sentir otimista. – Ela provavelmente ligou para o QG vampiro. Mesmo que

nossa ligação não tenha alcançado ninguém que possa fazer algo a respeito, talvez alguém esteja nos procurando agora.

— Eles teriam que mandar os empregados humanos. Tecnicamente ainda é dia, apesar de o céu estar tão escuro.

— Bom, pelo menos a chuva parou – falei. Nesse momento, começou a chover novamente. Pensei em dar um chilique, mas francamente, não parecia valer a pena gastar energia. E não havia nada que pudesse fazer a respeito. O céu continuaria a chover não importa quantos acessos eu tivesse. – Sinto muito por tê-lo envolvido nisso – falei, pensando que tinha um bocado pela qual pedir desculpas.

— Sookie, eu não sei se você devia me dizer que sente muito. – Quinn enfatizou o pronome. – Tudo aconteceu quando estávamos juntos.

Isso era verdade, e tentei acreditar que tudo aquilo não era minha culpa. Mas estava convencida que, de algum modo, realmente era.

De repente, Quinn disse, — Qual é o seu relacionamento com Alcide Herveaux? Nós o vimos no bar na semana passada com outra garota. Mas o policial, aquele em Shreveport, disse que você foi noiva dele.

— Era mentira – respondi, sentando na lama. Ali estava eu, mergulhada num pântano sulista na Louisiana, a chuva caindo sobre mim...

Ei, espera um minuto. Fitei a boca de Quinn se mexendo, percebendo que ele dizia algo, mas captando a trilha de um pensamento fugaz. Se houvesse uma lâmpada sobre minha cabeça, estaria piscando agora. – Jesus Cristo, Pastor da Judéia – respondi reverente. – É quem está fazendo isso.

Quinn se agachou na minha frente. — Você descobriu quem está fazendo isto? Quantos inimigos você tem?

— Pelo menos eu sei quem mandou os Lobis mordidos, e quem nos raptou – respondi, me recusando a ser distraída. Agachado comigo sob o aguaceiro, como a metade de um casal das cavernas, Quinn ouviu enquanto eu falava.

Então discutimos probabilidades. E formamos um plano.

Capítulo 21

ASSIM QUE SOUBE o que estava fazendo, Quinn foi implacável. E desde que não podíamos nos sentir mais miseráveis do que já estávamos, ele decidiu que era melhor seguirmos em frente. Enquanto eu me limitava a segui-lo e ficar fora do caminho, ele começou a percorrer a área atrás de cheiros. Finalmente, cansou-se de ficar agachado e disse, — Eu vou me transformar.

Desnudou-se rápida e eficientemente, enrolando as roupas numa trouxa compacta (mas encharcada) que me entregou para carregar. Cada suposição que fiz a respeito do corpo de Quinn foi absolutamente certeira, fiquei satisfeita em notar. Ele começou a tirar as roupas sem um único momento de hesitação, mas assim que percebeu meu olhar, ele parou e me fitou. Mesmo no escuro, debaixo da chuva, ele valia a pena. O corpo de Quinn era uma obra de arte, embora com cicatrizes. Ele era um grande bloco de músculos, das pernas até o pescoço.

— Você gosta do que vê? – ele perguntou.

— Oh, garoto – respondi. – Você parece melhor que um Lanche Feliz para uma criança de três anos.

Quinn me deu um sorriso largo e satisfeito. Ele se agachou no chão.

Eu sabia o que estava por vir. O ar ao redor de Quinn começou a cintilar e tremer, e dentro daquela esfera ele começou a se

transformar.

Músculos ondularam, fluíram e reconstruíram-se, ossos se reformularam, pelos surgiram de algum lugar dentro dele— embora soubesse que não podia ser, aquela era a ilusão. O som era terrível. Uma espécie de som pegajoso e borbulhante, mas com notas ásperas, como se alguém derramasse um pote de cola cheia de resíduos e pedras.

No final, o tigre surgiu diante de mim.

Se Quinn foi um belo homem nu, ele era um tigre igualmente formoso. Seu pelo era de um laranja brilhante, talhado com listras pretas e toques de branco em sua barriga e semblante. Seus olhos eram oblíquos e dourados. Talvez tivesse uns dois metros e quinze de comprimento e pelo menos um metro de altura até o ombro. Fiquei assombrada com seu tamanho. Suas patas eram totalmente desenvolvidas e grandes como pratos.

As orelhas redondas eram simplesmente lindas. Ele se aproximou de mim silenciosamente, com uma graça incomum numa figura tão corpulenta.

Esfregou a cabeça enorme contra mim, quase me derrubando, e ronronou.

Ele soava como um contador Geiger feliz.

O pelo denso era oleoso ao toque, então imaginei que fosse à prova d’água. Ele deu uma espécie de rosnado e o pântano ficou em silêncio.

Você não achou que a vida selvagem da Louisiana reconheceria o som de um tigre, certo? Mas reconheceu, e o fez calar a boca e se esconder.

Nós não temos as mesmas exigências especiais de espaço com animais que possuímos com as pessoas. Eu me ajoelhei ao lado do tigre que foi Quinn, e de algum modo mágico ainda era ele, e coloquei os braços ao redor de seu pescoço, abraçando-o. Era um pouco perturbador que ele cheirasse tanto como um verdadeiro tigre, então forcei minha mente a aceitar o fato de que ele era um, que Quinn estava dentro dele. E seguimos pelo pântano.

Era um pouco surpreendente ver o tigre marcar seu novo território— não é algo que você espera ver seu namorado fazendo— mas decidi que seria simplesmente ridículo me importar com a manifestação. Além disso, eu já tinha o suficiente no que pensar, quanto ao tigre. Ele buscava cheiros, e nós cobrimos um bocado de terreno. Eu estava ficando cada vez mais exausta. A sensação de assombro desapareceu, e eu estava simplesmente encharcada e congelada, faminta e mal-humorada. Se alguém estivesse pensando perto de mim, não tenho certeza se minha mente teria percebido os pensamentos.

Então o tigre parou, testando o ar com seu faro. A cabeça se moveu para procurar numa direção em particular, as orelhas se contraindo. Ele se virou para me olhar. Embora tigres não possam sorrir, senti uma onda de definitivo triunfo vindo do enorme felino. O tigre virou a cabeça na direção leste, girou a cabeça maciça para me olhar e virou para o leste novamente.

Siga-me, tão claro quanto um sino.

— Okay – respondi, colocando minha mão em seu ombro.

Partimos. A viagem através do pântano durou uma eternidade, embora mais tarde tenha calculado que “eternidade” nesse caso, provavelmente fosse cerca de trinta minutos. Gradualmente, o terreno ficou mais firme, a água escassa. Agora estávamos na floresta, não no pântano.

Imaginei que estivéssemos perto do destino de nossos seqüestradores quando a van virou na estrada secundária. E eu tinha acertado. Quando nos aproximamos da clareira que cercava a pequena casa, nos vimos do lado oeste. Podíamos ver o quintal da frente e dos fundos. A van que nos manteve prisioneiros estava estacionada nos fundos. Na pequena clareira em frente, havia um carro, uma espécie de sedan GMC.

A casinha por si só era como um milhão de outras casas na América rural. Era uma caixa: feita de madeira, pintura marrom-claro, com venezianas verdes nas janelas e estacas para apoiar o telhado sobre a pequena varanda frontal. Os dois homens da van, Clete e George, estavam aconchegados no quadrado de concreto em razão do pequeno abrigo, por mais inadequado que fosse. A estrutura combinada nos fundos da casa era uma pequena coberta sobre a porta traseira, larga o suficiente apenas para uma churrasqueira a gás e um esfregão. Estava exposta aos elementos. A propósito, os elementos com certeza iam para a cidade.

Guardei as roupas e sapatos de Quinn aos pés de uma árvore. Os lábios do tigre repuxaram quando sentiu o cheiro de Clete. Os dentes longos eram tão assustadores quanto os de um tubarão. A tarde de chuva baixara a temperatura. George e Clete tremiam no frio úmido da noite.

Ambos estavam fumando. Os dois Lobis, em formas humanas e fumantes, não teriam melhor sentido de olfato do que pessoas normais. Eles não mostraram sinais de estarem conscientes da presença de Quinn. Imaginei que reagiriam bem dramaticamente se sentissem o cheiro de tigre na Louisiana sulista.

Abri caminho através das árvores ao redor da clareira até me encontrar bem próxima da van. Dei a volta e me esgueirei para o lado do passageiro. A van estava destrancada e pude ver a pistola atordoante.

Aquele era meu objetivo. Respirei fundo e abri a porta, esperando que a luz que se acendeu não fosse interessante para ninguém que pudesse enxergá-la da janela dos fundos. Peguei a arma largada entre o amontoado de coisas no banco da frente. Fechei a porta tão silenciosamente quanto possível. Por sorte, a chuva pareceu abafar o ruído. Dei um suspiro trêmulo de alívio quando nada aconteceu. Então me arrastei de volta à margem da floresta e ajoelhei ao lado de Quinn.

Ele lambeu minha bochecha. Eu apreciei a afeição do gesto, se não o bafo de tigre, e cocei sua cabeça (de qualquer forma, beijar seu pelo não era atraente). Feito isso, apontei para a janela esquerda a oeste, que devia ser da sala de estar. Quinn não

assentiu ou deu um cumprimento de mão, o que seriam gestos atípicos de um tigre, mas acho que esperei que desse algum tipo de sinal verde. Ele apenas me olhou.

Levantando-me devagar, eu entrei no pequeno espaço aberto entre a floresta e a casa, e muito cuidadosamente abri caminho até a janela iluminada. Eu não queria aparecer como se viesse de uma caixinha de surpresas, então me segurei à lateral da casa e me aproximei de lado até poder perscrutar pelo canto da janela.

Os Pelts mais velhos, Barbara e Gordon, encontravam-se sentados num sofá dos anos 60 e a linguagem corporal anunciava claramente quanto estavam descontentes. A filha Sandra caminhava de um lado para o outro entre eles, apesar de não ter muito espaço para tal exibição. Era uma sala bem pequena, um aposento que seria confortável só se a família fosse de um único membro. Os Pelts mais velhos pareciam prontos para tirar uma foto de família, enquanto Sandra se arriscava mais em calças de malha apertadas e um brilhante suéter listrado de mangas curtas. Sandra estava vestida para correr atrás de rapazes bonitos no shopping, ao invés de torturar algumas pessoas. Mas tortura era o que ela esteve planejando fazer.

Havia uma cadeira de encosto reto naquela sala também, e já tinha amarras e algemas presas nela.

Numa nota familiar, havia um rolo de fita isolante pronto bem ao lado. Eu estive bem calma até ver a fita isolante.

Eu não sabia se tigres sabiam contar, mas levantei três dedos no caso de Quinn estar observando. Movendo-me lenta e cuidadosamente, me agachei e segui para o sul até estar debaixo da segunda janela. Estava me sentindo bem orgulhosa da habilidade de andar furtivamente, o que devia ter me alertado para o desastre em potencial. Orgulho antes da queda.

Apesar de a janela estar escura, quando me levantei em posição, eu olhei pelo vidro direto nos olhos de um homenzinho moreno com bigode e cavanhaque. Ele estava sentado numa mesa à direita da janela, segurando um copo de café na mão. Em seu choque, ele o derrubou na mesa e o líquido quente atingiu suas mãos, peito e queixo. Ele praguejou, apesar de eu não ter certeza se usou mesmo palavras. Ouvi um rebuliço na porta da frente e na sala.

Bom... droga.

Dobrei a esquina da casa e subi correndo os degraus até a pequena coberta num piscar de olhos. Abri a tela e empurrei a porta de madeira, pulando para a cozinha com a arma atordoante engatilhada. O homenzinho ainda limpava o rosto com uma toalha quando o atingi, e ele caiu como um saco de tijolos. Nossa!

Mas a arma atordoante tinha que recarregar, descobri, quando Sandra Pelt, que já tinha a vantagem de estar de pé, marchou pela cozinha com os dentes arreganhados. A arma não serviu de nada contra ela, que caiu em cima de mim como— bem, como uma loba enraivecida.

No entanto, ela ainda estava na forma de uma garota e eu desesperada e furiosa. Eu vi pelo menos duas dúzias de brigas de bar, variando entre socos indiferentes a mordidas de rolar no chão, e sei como lutar. Agora mesmo, eu estava disposta a fazer o que fosse necessário.

Sandra era cruel, mas mais leve e menos experiente, e após alguma luta, socos e puxões de cabelo que aconteceram num piscar de olhos, eu estava em cima dela e a tinha prendido no chão. Ela rosnava e se debatia, mas não conseguia alcançar meu pescoço, e eu estava preparada para nocauteá-la se tivesse que fazer isso.

Uma voz nos fundos gritou, — Deixe-me entrar! – e achei que fosse Quinn atrás de alguma porta.

— Pode entrar! – gritei em resposta. – Preciso de ajuda! – Ela se contorcia debaixo de mim, e eu não ousei me mexer. – Escute, Sandra – ofeguei – pare quieta, maldição!

— Foda-se – ela respondeu amargamente, e seus esforços redobraram.

— Isso de fato é meio excitante – disse uma voz familiar, e levantei o rosto para ver Eric nos encarando com grandes olhos azuis. Ele parecia perfeito: impecável em blue jeans vincados e uma camisa listrada azul e branca. O cabelo louro brilhava de limpeza e estava (a parte mais invejável)

seco. Eu o detestei. Sentia-me asquerosa à enésima potência.

— Um pouco de ajuda seria útil aqui – respondi, e ele disse, — Claro, Sookie, apesar de estar desfrutando da movimentação. Solte a garota e levante-se.

— Só se você estiver pronto para a ação – falei, a respiração ofegante pelo esforço de prender Sandra.

— Eu sempre estou pronto para ação – disse Eric, com um sorriso brilhante. – Sandra, olhe para mim.

Ela era esperta demais para isso. Sandra fechou os olhos e lutou ainda mais. Num segundo, ela libertou um dos braços e girou-o para preparar o soco. Mas Eric ajoelhou-se e pegou a mão antes que ela pudesse atingir minha cabeça.

— Já chega – ele disse num tom completamente diferente, e os olhos dela se abriram em surpresa. Apesar de ainda não conseguir dominá-la com os olhos, imaginei que estivesse com ela sob controle. Eu rolei de cima da Lobi para deitar de costas no que restou do chão da pequena cozinha. O Sr.

Baixinho Moreno (e Queimado e Atordoado), que imaginei ser o dono da casa, estava caído junto à mesa.

Eric, que estava tendo tanto problema com Sandra quanto eu tive, ocupou mais ainda o espaço disponível. Exasperado com a Lobi, ele adotou uma solução simples. Apertou o punho que tinha agarrado e ela gritou. E calou a boca— e parou de lutar.

— Isso não é justo – falei, combatendo uma onda de cansaço e dor.

— Tudo é justo – ele disse em voz baixa.

Eu não gostei daquilo. — Do que está falando? – perguntei. Ele sacudiu a cabeça. Tentei novamente. – Onde está Quinn?

— O tigre cuidou de seus dois seqüestradores – Eric disse com um sorriso descontente. – Você gostaria de ir ver?

— Não particularmente – falei, fechando os olhos de novo. – Imagino que estejam mortos?

— Tenho certeza que eles desejaram – disse Eric. – O que você fez com o homenzinho no chão?

— Você não acreditaria se eu lhe contasse – respondi.

— Experimente.

— Eu o assustei tanto que ele derramou café quente em si mesmo.

Então o atingi com uma pistola atordoante que tirei da van.

— Oh. – Houve uma espécie de som ofegante, e eu abri os olhos para ver Eric rindo silenciosamente.

— Os Pelts? – indaguei.

— Rasul está de olho neles – Eric disse. – Parece que você tem um outro fã.— Oh, é por causa do sangue de fada – respondi irritada. – Sabe, não é justo. Sujeitos humanos não gostam de mim. Eu conheço uns duzentos deles que não sairiam comigo nem que

eu aparecesse numa caminhonete Chevy. Mas porque sobrenaturais são atraídos pelo cheiro de fada, eu sou acusada de ser um ímã de homens. Não é uma injustiça?

— Você tem sangue de fada – Eric disse, como se sua própria lâmpada tivesse se acendido. – Isso explica um bocado.

Aquilo feriu meus sentimentos. — Oh, não, você não poderia simplesmente gostar de mim – eu disse, cansada e ferida além da coerência.

– Ah, não, céus, tinha que existir uma razão. E não seria minha brilhante personalidade, ah, não! É meu sangue, porque ele é especial. Eu não, eu não sou especial...

E teria continuado interminavelmente, se Quinn não tivesse dito, — Eu mesmo não ligo a mínima para fadas.

Qualquer espaço disponível na cozinha desapareceu.

Eu cambaleei de pé. — Você está bem? – perguntei com voz trêmula.

— Sim – disse, com um ribombar profundo. Ele estava totalmente humano de novo, e totalmente nu. Eu o teria abraçado, mas me sentia um pouco embaraçada por abraçá-lo na frente de Eric.

— Deixei suas roupas na floresta – falei. – Vou buscar.

— Eu posso.

— Não, eu sei onde estão e também não poderia ficar mais molhada.

– Além disso, não sou suficientemente sofisticada para estar confortável numa sala com um sujeito pelado, um sujeito inconsciente, uma garota realmente horrível e outro sujeito que foi meu amante.

— Foda-se, cadela – a charmosa Sandra gritou para mim, e gemeu, enquanto Eric deixava claro que não ligava para palavrões.

— Volto já – murmurei, me arrastando para a chuva.

Ah, sim, ainda estava chovendo.

Eu ainda meditava sobre o sangue de fada enquanto procurava pelas roupas encharcadas de Quinn. Seria fácil deslizar para um estado depressivo se achasse que a única razão para alguém gostar de mim fosse por causa do sangue de fada. Claro, sempre haveria o vampiro esquisito que recebeu ordens para me seduzir... eu tinha certeza de que o sangue foi só um bônus, nesse caso... não, não, não, nada de seguir por esse caminho.

Se olhasse para aquilo de modo racional, o sangue era somente parte de mim, tanto quanto a cor de meus olhos ou a densidade do cabelo. Não fizera nada por minha avó metade-fada, pressupondo que o gene veio dela e não de um dos outros avós. Ela se casou com um humano que não a tratou nem um pouco diferente, caso o sangue dela não tenha sido o velho e simples tipo A humano. E ela foi morta por um humano que não sabia nada a

respeito do sangue dela além da cor. Seguindo a mesma suposição, sangue de fada não fez a mínima diferença para o meu pai. Ele nunca na vida encontrou um vampiro que pudesse se interessar por ele por causa disso— ou se encontrou, manteve em absoluto segredo. Isso não parecia provável. E o sangue de fada não salvou meu pai da enchente que carregou correnteza abaixo a caminhonete de meus pais pela ponte. Se o sangue veio através de minha mãe, bom, ela morreu naquela caminhonete também. E Linda, a irmã de meu pai, morreu de câncer aos quarenta e poucos anos, não importa que tipo de herança tenha recebido.

Eu não acreditava que esse maravilhoso sangue de fada tivesse feito algo por mim, tampouco. Talvez alguns vampiros tenham ficado um pouco mais interessados em mim e mais amigáveis do que o normal, mas eu não diria que isso foi uma grande vantagem.

De fato, muitas pessoas diriam que a atenção dos vampiros foi um grande fator negativo em minha vida. Eu posso ser uma dessas pessoas.

Especialmente agora que estava parada ali sob a chuva, segurando as roupas molhadas de alguém e imaginando quê diabos fazer com elas.

Tendo completado o círculo, voltei para a casa. Pude ouvir um bocado de gemidos vindos do quintal da frente: Clete e George, provavelmente. Eu devia ter ido verificar, mas não consegui reunir energia para isso. De volta à cozinha, o homenzinho moreno se mexia um pouco, os olhos abrindo e fechando, a boca se

contorcendo. Suas mãos estavam presas às costas. Sandra estava presa com fita isolante, o que me alegrou bastante. Parecia uma bela peça de justiça poética. Ela até mesmo tinha um retângulo perfeito cobrindo a boca, que presumi ser trabalho de Eric. Quinn encontrara uma toalha para prender ao redor dos quadris, então parecia muito... preparado.

— Obrigado, docinho – ele disse. Pegou as roupas e começou a torcê-las sobre a pia. Eu estava pingando no chão. – Imagino se há uma secadora? – ele perguntou, e eu abri outra porta para encontrar uma pequena despensa/copa com prateleiras numa parede, aquecedor de água e uma pequena lavadora com secadora.

— Passe para cá – respondi, e Quinn veio com suas roupas.

— As suas também precisam ir para a secadora, docinho – disse, e notei que ele soava tão cansado quanto eu. Transformar-se num tigre sem a lua cheia, num espaço de tempo tão curto, devia ser bem difícil.

— Talvez possa encontrar uma toalha para mim? – perguntei, tirando as calças molhadas com grande esforço. Sem uma única piada ou olhar malicioso, ele foi ver o que podia encontrar. Ele voltou com algumas roupas, imaginei que fossem do quarto do homenzinho: camiseta, shorts, meias.

— Foi o melhor que pude conseguir – ele disse.

— É mais do que eu esperava – falei. Depois que usei a toalha e vesti as roupas limpas e secas, eu quase chorei de gratidão. Dei

um abraço em Quinn e sai para tentar descobrir o que fazer com nossos reféns.

Os Pelts estavam sentados no chão da sala de estar, seguramente algemados e vigiados por Rasul. Barbara e Gordon tinham parecido tão pacíficos quando foram ao Merlotte's para me encontrar no escritório de Sam. Eles não pareciam mais. Fúria e rancor cobriam estranhamente os rostos suburbanos. Eric trouxe Sandra também, largando-a perto dos pais, então colocou-se diante de uma porta e Quinn em outra (ao olhar, vi que conduzia para um quarto menor e mais escuro). Rasul, arma em punho, relaxou sua vigilância um pouco, agora que tinha um apoio tão formidável.

— Onde está o homenzinho? – ele perguntou. – Sookie, estou feliz por vê-la parecendo tão bem, apesar dos trajes ficarem abaixo de seus padrões habituais.

As bermudas eram folgadas, a camiseta grande e as meias brancas compridas. — Você sabe mesmo como fazer uma garota se sentir bonita, Rasul – respondi, juntando talvez meio sorriso para lhe oferecer. Sentei-me na cadeira de espaldar reto e perguntei a Barbara Pelt, – O que vocês iam fazer comigo?

— Trabalhar em você até que nos contasse a verdade, e Sandra ficasse satisfeita – ela disse. – Nossa família não poderia ficar em paz até sabermos da verdade. E a verdade se encontra em você, eu sei.

Eu estava preocupada. Bom, mais além. Porque não sabia o que dizer a ela ainda, olhei de Eric para Rasul. — Só vocês dois? –

indaguei.

— No dia em que dois vampiros não puderem lidar com um par de Lobis, eu me transformo num humano de novo – disse Rasul, com uma expressão tão arrogante que fiquei tentada a rir. Mas ele estava certo (apesar de obviamente ter tido a ajuda de um tigre). Quinn encontrava-se apoiado contra a porta parecendo pitoresco, apesar da grande extensão de pele lisa não me interessar no momento.

— Eric, – falei – o que devo fazer?

Eu não acho que algum dia tenha pedido conselhos para Eric. Ele ficou surpreso. Mas o segredo não era apenas meu. Após um instante, ele assentiu.— Eu conto o que aconteceu a Debbie – respondi aos Pelts. Não pedi a Rasul e Quinn que deixassem a sala. Eu estava me livrando daquilo agora, tanto da culpa persistente quanto do poder de Eric sobre mim. Pensei naquela noite tão frequentemente que as palavras vieram automaticamente.

Eu não chorei, porque todas as lágrimas tinham sido derramadas meses atrás, em particular.

Assim que terminei a história, os Pelts sentaram-se e me encararam, e eu retribuí o olhar.

— Isso soa como a nossa Debbie – disse Barbara Pelt. – Isso tem o eco da verdade.

— Ela tinha uma arma – continuou Gordon Pelt. – Eu dei a ela no Natal, dois anos atrás.

Os dois Lobis trocaram um olhar.

— Ela possuía... iniciativa – respondeu Barbara, após um momento.

Ela virou-se para Sandra. – Lembra-se quando tivemos que ir para o tribunal, quando ela estava no colegial, porque colocou supercola na escova de cabelo daquela líder de torcida? Aquela que estava saindo com o ex-namorado dela? Isso se parece com a Debbie, não?

Sandra concordou, mas a fita adesiva não lhe permitiu falar. Sandra tinha lágrimas rolando pelo rosto.

— Você ainda não se lembra de onde a colocou? – Gordon perguntou a Eric.

— Eu diria se lembrasse – Eric respondeu. Não que eu me importe, seu tom de voz subentendia.

— Vocês contrataram os dois garotos que nos atacaram em Shreveport – disse Quinn.

— Sandra contratou – admitiu Gordon. – Nós não soubemos a respeito até Sandra já tê-los mordido. Ela prometeu a eles... – Ele sacudiu a cabeça. – Ela os mandou para Shreveport na missão dela, mas teriam voltado para casa para buscar a recompensa. Nosso bando em Jackson os teria matado. O Mississippi não permite Lobis mordidos. Eles os matam imediatamente. Os garotos teriam dado o nome de Sandra como criadora. O bando a teria renegado. Barbara se interessou por feitiçaria, mas nada num nível

que pudesse fechar a boca dos garotos. Contratamos um Lobi de fora para rastreá-los, quando descobrimos. Ele não conseguiu detê-los, não pôde impedir as prisões, então teve que ser preso e entrar no sistema penal, para cuidar do problema. – Ele olhou para nós, sacudindo a cabeça austeramente.

– Ele subornou Cal Myers para colocá-lo na mesma cela com eles. É claro que punimos Sandra por isso.

— Oh, vocês tiraram o celular dela por uma semana? – Se eu parecia sarcástica, achei que tinha o direito de ser. Mesmo cooperativos, os Pelts eram terríveis. – Ambos fomos feridos – falei, acenando na direção de Quinn – e aqueles dois garotos estão mortos agora. Por causa de Sandra.

— Ela é nossa filha – disse Barbara. – E ela acreditava estar vingando a irmã assassinada.

— E então vocês contrataram todos os Lobis que estavam na segunda van, e os dois caídos no quintal da frente. Eles vão morrer, Quinn?

— Se os Pelts não os levarem a um médico Lobi, eles podem. Com certeza não podem ir para um hospital humano.

As garras de Quinn deixariam marcas distintas.

— Vocês farão isso? – perguntei ceticamente. – Levar Clete e George a um médico Lobi?

Os Pelts trocaram um olhar e deram de ombros. — Imaginamos que você ia nos matar – disse Gordon. – Você vai nos deixar ir embora? Com que garantias?

Eu nunca conheci ninguém como os Pelts antes, e era cada vez mais fácil perceber de onde Debbie herdou sua charmosa personalidade, adotada ou não.

— A garantia de que eu nunca mais ouça sobre isso de novo – respondi. – Nem eu ou Eric.

Quinn e Rasul ouviram silenciosamente.

— Sookie é amiga do bando de Shreveport – disse Quinn. – Eles estão bem aborrecidos por ela ter sido atacada na própria cidade, e agora sabemos que vocês são os responsáveis pelo ataque.

— Ouvimos falar que ela não era favorita do novo líder do bando – a voz de Barbara continha um traço de desprezo. Ela estava revertendo à personalidade habitual, já que não temia mais a própria morte. Eu gostava mais deles quando estavam assustados.

— Ele pode não ser o líder do bando por muito tempo – disse Quinn, num tom de ameaça silenciosa. – Mesmo que fique no cargo, ele não pode rescindir a proteção do bando, já que foi garantida pelo líder anterior. A honra do bando seria destruída.

— Nós faremos reparações ao bando de Shreveport – Gordon respondeu, cansado.

— Vocês mandaram Tanya para Bon Temps? – perguntei.

Barbara parecia orgulhosa de si mesma. — Sim, eu fiz isso. Sabia que nossa Debbie foi adotada? Ela era uma lobi-raposa.

Eu assenti. Eric parecia zombeteiro; não acho que ele tenha conhecido Tanya.

— Tanya é um membro da família biológica de Debbie e queria fazer algo para ajudar. Ela achou que se fosse para Bon Temps e começasse a trabalhar com você, você poderia deixar algo escapar. Ela disse que você ficou desconfiada demais para aceitar a oferta de amizade dela. Acho que ela pode ficar em Bon Temps. Entendi que achar o dono do bar tão atraente foi um bônus inesperado.

Era meio gratificante descobrir que Tanya era tão indigna de confiança quanto eu suspeitei. Imaginei se teria o direito de contar a Sam sobre toda aquela história, como alerta. Teria que pensar a respeito mais tarde.

— E o homem dono dessa casa? – Eu podia ouvi-lo resmungando e gemendo na cozinha.

— Ele é um antigo colega de escola de Debbie – disse Gordon. – Nós lhe pedimos a casa emprestada para essa tarde. E o pagamos. Ele não vai falar depois que formos embora.

— E quanto a Gladiola? – perguntei. Lembrei do corpo queimado em minha entrada. Lembrei do rosto do Sr. Cataliades e a dor de Diantha.

Os três me fitaram sem expressão. — Gladiola? A flor? – disse Barbara, parecendo genuinamente confusa. – Não é nem mesmo a época certa para gladíolas agora.

Aquele era um beco sem saída.

— Vocês concordam que estamos quites? – perguntei descaradamente. – Eu os feri, vocês me feriram. Quites?

Sandra sacudiu a cabeça de um lado para o outro, mas seus pais a ignoraram. Graças a Deus pela fita isolante. Gordon e Barbara assentiram um para o outro.

Gordon disse, — Você matou Debbie, mas acreditamos que a matou em defesa própria. E nossa filha sobrevivente usou de métodos extremos e injustos para atacá-la... Vai contra minha natureza dizer isso, mas acho que nós concordamos em deixá-la em paz, depois de hoje.

Sandra fez um bocado de ruídos estranhos.

— Com essa afirmação, – o rosto de Gordon de repente pareceu duro como rocha. O sujeito almofadinha deu lugar ao Lobi. – você não virá atrás de Sandra. E ficará longe do Mississippi.

— Feito – respondi instantaneamente. – Vocês podem controlar Sandra o suficiente para fazê-la manter o acordo? – Era uma pergunta rude, mas válida. Sandra tinha coragem o bastante para um exército, e duvidei que os Pelts tivessem conseguido controlar as filhas.

— Sandra – Gordon disse para a filha. Os olhos flamejaram no rosto forçosamente mudo. – Sandra, isso é lei. Estamos dando nossa palavra a esta mulher, e nossa palavra se aplica a você. Se você me desobedecer, eu a desafiarei na próxima lua cheia. Eu a derrotarei diante do bando.

Mãe e filha pareceram chocadas, Sandra mais do que a mãe. Os olhos dela se estreitaram e, após um longo instante, ela concordou. Eu esperava que Gordon vivesse por um bom tempo e desfrutasse de boa saúde enquanto isso. Se ele ficasse doente ou morresse, Sandra não se sentiria presa àquele acordo, disso eu tinha certeza.

Mas ao sair daquela casinha no meio do pântano, achei que tinha uma chance razoável de não ver os Pelts nunca mais na vida, e por mim estava absolutamente tudo bem.

Capítulo 22

AMELIA VASCULHAVA o armário. Era o anoitecer do dia seguinte. De repente, os cabides pararam de deslizar através da prateleira bem nos fundos do armário.

— Eu acho que tenho um – ela respondeu, soando surpresa. Esperei que ela saísse, sentada na beirada de sua cama. Eu havia tido pelo menos dez horas de sono, um cuidadoso banho de chuveiro, primeiros socorros e sentia-me cem vezes melhor.

Amelia brilhava de orgulho e felicidade. Bob, o bruxo Mórmon, não apenas era incrível na cama, como ambos acordaram a tempo de ver Quinn e eu sermos seqüestrados, e tiveram a brilhante ideia de ligar para a mansão da rainha vampira ao invés da polícia normal. Eu ainda não tinha contado que Quinn e eu fizemos nosso próprio telefonema, porque não sabia qual foi o mais eficaz, e apreciava ver Amelia tão feliz.

Eu não quis ir imediatamente até a rainha após minha ida ao banco com o Sr. Cataliades. Depois que voltei para o apartamento de Hadley, recomecei a empacotar as coisas de minha prima e ouvi um ruído estranho quando coloquei o café numa caixa. Agora, se quisesse impedir o desastre, eu teria que ir ao baile de primavera da rainha, o evento sobrenatural do ano. Eu havia tentado entrar em contato com Andre no quartel-general da rainha, mas uma voz me disse que ele não devia ser perturbado. Imaginei quem estaria atendendo aos telefonemas na Central Vampira aquele dia.

Poderia ser um dos vampiros de Peter Threadgill?

— Sim, eu tenho! – Amelia exclamou. – Ah, é bem ousado. Eu fui a dama de honra num casamento radical. – Ela saiu do armário com os cabelos despenteados e os olhos iluminados de triunfo. Ela girou o cabide para que eu pudesse ver o efeito total. Ela teve que prender o vestido ao cabide porque havia bem pouco para pendurar.

— Nossa – falei desconfortável. Feito principalmente de gaze verdelimão, o decote era um V profundo quase até a cintura. Uma única faixa estreita rodeava o pescoço.

— Era o casamento de uma estrela de cinema – disse Amelia, parecendo ter um bocado de memórias da cerimônia. Já que o vestido também tinha pouco tecido, eu imaginei como aquelas mulheres de Hollywood mantinham os peitos cobertos. Fita dupla-face? Algum tipo de cola? Como não vi Claudine desde que ela desaparecera do pátio antes da reconstrução ectoplásmica, eu tive de assumir que ela voltou para o trabalho e a vida em Monroe. Eu poderia ter empregado seus serviços especiais agora. Tinha que existir uma magia que fizesse o vestido permanecer no lugar.

— Pelo menos você não precisa de um sutiã especial para usar por baixo – Amelia disse prestativa. Isso era verdade; não era possível usar sutiã. – E eu tenho os sapatos, se você usar número sete.

— É uma grande ajuda – falei, tentando parecer feliz e grata. – Imagino que você não saiba fazer cabelo?

— Não – Amelia disse. Ela acenou com a mão para os próprios fios curtos. – Eu lavo, escovo e é tudo. Mas eu posso chamar o Bob – Seus olhos brilharam de alegria. – Ele é cabeleireiro.

Eu tentei não parecer espantada demais. Numa funerária?, pensei, mas era esperta o bastante para guardar isso para mim mesma. Bob não se parecia de jeito nenhum com nenhum cabeleireiro que eu já tivesse visto.

Após um par de horas, eu estava mais ou menos vestida e totalmente produzida. Bob fez um bom trabalho com meu cabelo, apesar de ter lembrado diversas vezes para que me mantivesse imóvel, de um modo que me deixou um pouco nervosa.

E Quinn apareceu pontualmente em seu carro. Quando Eric e Rasul me deixaram lá pelas duas da manhã, Quinn apenas entrou em seu carro e partiu para onde estava hospedado, apesar de ter me dado um beijo leve na testa antes de eu subir as escadas. Amelia saiu do apartamento dela toda feliz por eu estar de volta salva, e tive que retornar um telefonema do Sr.

Cataliades, que imaginava se eu estava bem e se queria ir ao banco com ele para concluir os assuntos financeiros de Hadley. Já que perdi a chance de ir com Everett, eu fiquei grata.

Mas quando voltei ao apartamento de Hadley, após a viagem ao banco, encontrei uma mensagem na secretária eletrônica informando que a rainha esperava me ver na festa do velho monastério aquela noite.

— Eu não quero que deixe a cidade sem me ver novamente – a secretária humana da rainha a citou, antes de me informar que a vestimenta seria formal. Após minha descoberta, quando percebi que teria que comparecer à festa, eu desci as escadas até o apartamento de Amelia em pânico.

O vestido causou outro tipo de pânico. Eu era mais bem-dotada que Amelia, apesar de um pouco mais baixa, e teria que andar realmente ereta.

— O suspense está me matando – disse Quinn, olhando meu peito.

Ele estava maravilhoso num smoking. As ataduras em meus pulsos se destacavam contra o bronzeado como estranhos braceletes; de fato, um deles era agudamente desconfortável, e eu estava ansiosa para tirá-lo. Mas o pulso teria que ficar coberto por um tempo, embora a mordida em meu braço esquerdo pudesse permanecer visível. Talvez o suspense quanto aos meus peitos distraísse os convidados do fato de que meu rosto estava inchado e descolorido de um lado.

Quinn, é claro, agia como se nada tivesse acontecido com ele. Não apenas possuía a cura rápida da maioria dos metamorfos, como também o smoking de um homem cobria um bocado de ferimentos.

— Não faça me sentir mais embaraçada do que já estou – falei. – Por um centavo, eu me arrastaria de volta para a cama e dormiria uma semana.

— Estou totalmente de acordo, embora eu reduzisse o tempo de sono – Quinn respondeu sinceramente. – Mas, para nossa paz de espírito, acho melhor nós fazermos isso primeiro. A propósito, meu suspense era sobre a viagem ao banco, não seu vestido. Imagino que com seu vestido é uma situação ganha. Se você ficar com ele, ótimo. Se não, melhor ainda.

Eu desviei o olhar, tentando controlar um sorriso involuntário. — A viagem ao banco. – Aquilo parecia ser um assunto seguro. – Bom, a conta bancária não tinha muito, o que já imaginava que seria o caso. Hadley não tinha muito bom senso a respeito de dinheiro. Ela não tinha bom senso, ponto final. Mas o cofre...

O cofre de Hadley continha sua certidão de nascimento, uma licença de casamento e um decreto de divórcio datado de mais de três anos atrás— ambos nomeando o mesmo homem, fiquei feliz em notar— e uma cópia laminada do obituário de minha tia. Hadley soubera quando a mãe morreu, e se importou o suficiente para manter o recorte. Havia fotografias de nossa infância compartilhada também; minha mãe e a irmã; minha mãe, Jason, eu e Hadley; minha avó e o marido. Havia um belo colar de safiras e diamantes (que o Sr. Cataliades disse que a rainha dera a Hadley), e um par de brincos combinando. Havia mais algumas coisas sobre as quais eu queria pensar a respeito.

Mas o bracelete da rainha não estava lá. Foi por isso que o Sr.

Cataliades quis me acompanhar, eu acho; ele meio que esperava que o bracelete estivesse lá, e pareceu bem ansioso

quando mostrei a caixa para que ele pudesse ver o conteúdo por si mesmo.

— Eu terminei de empacotar as coisas da cozinha esta tarde, depois que o Sr. Cataliades me trouxe de volta ao apartamento de Hadley – falei a Quinn, observando sua reação. Eu nunca mais subestimaria o desinteresse de minhas companhias. Descobri-me suficientemente convencida de que Quinn não me ajudou na mudança no dia anterior a fim de procurar por algo, depois que vi sua reação perfeitamente calma.

— Que bom – ele disse. – Desculpe por não ter aparecido para ajudála hoje. Eu estava resolvendo os negócios de Jake com a Eventos Especiais.

Tive que ligar para os meus sócios e informá-los. Tive que ligar para a namorada de Jake. Ele não estava firme o suficiente para ficar perto dela, mesmo se ela quisesse vê-lo novamente. Ela não é uma adoradora de vampiros, para dizer o mínimo.

No momento, eu também não era. Não conseguia compreender a verdadeira razão para que a rainha me quisesse na festa, mas havia encontrado outro motivo para vê-la. Quinn sorriu para mim e eu retribuí, desejando que algo bom resultasse dessa noite. Tinha que admitir a mim mesma que estava um pouco curiosa para ver o celeiro de festas da rainha, por assim dizer— e também estava contente por me vestir e estar bonita após toda aquela andança pelo pântano.

Enquanto viajávamos, eu quase toquei no assunto com Quinn pelo menos umas três vezes— mas em cada oportunidade, quando chegava ao ponto, eu mantinha a boca fechada.

— Estamos chegando – ele disse, quando alcançamos uma das mais antigas vizinhanças de Nova Orleans, o Garden District.

As casas, construídas em belos terrenos, custavam muitas vezes mais do que uma mansão Bellefleur atingia. No meio daquelas maravilhosas mansões, chegamos a um muro alto que se estendia por um quarteirão inteiro. Aquele era o monastério restaurado que a rainha usava para entreter.

Deviam existir outros portões nos fundos da propriedade, mas esta noite todo o tráfego estava se movendo através da entrada frontal principal.

Ela estava maciçamente protegida com os mais eficientes seguranças de todos: vampiros. Imaginei se Sophie-Anne Leclerq era paranoica, sábia, ou simplesmente não se sentia amada (ou segura) em sua cidade adotada. Eu tinha certeza que a rainha também possuía as medidas de segurança habituais— câmeras, detectores infravermelhos de movimento, arame farpado, talvez até cães de guarda. Havia segurança máxima aqui, onde os vampiros de elite ocasionalmente festejavam com a elite humana. Esta noite, a festa era somente para sobres, a primeira grande festa que os recém-casados dariam desde que se tornaram um casal.

Três vampiros da rainha se encontravam no portão, junto com três vampiros do Arkansas. Todos os vampiros de Peter Threadgill

vestiam uniformes, embora eu suspeitasse que o rei os chamasse de libré. Os sanguessugas do Arkansas, homens e mulheres, vestiam ternos brancos com camisas azuis e coletes vermelhos. Eu não sabia se o rei era ultrapatriota ou se as cores foram escolhidas porque elas estavam na bandeira do estado do Arkansas, bem como dos Estados Unidos. Qualquer que fosse o caso, os ternos estavam além do brega e em algum hall da vergonha fashion, por conta própria. E Threadgill se vestia tão conservadoramente!

Aquilo era alguma tradição da qual nunca ouvi falar? Céus, até mesmo eu tinha um gosto melhor do que aquele, e comprava a maioria das minhas roupas no Wal-Mart.

Quinn tinha o cartão da rainha para mostrar aos seguranças do portão, mas ainda assim eles ligaram para a casa principal. Quinn pareceu inquieto e eu esperava que ele estivesse tão preocupado quanto eu sobre a segurança extrema e o fato de que os vampiros de Threadgill se esforçaram para se distinguir dos partidários da rainha. Eu pensei muito na necessidade da rainha de oferecer aos vampiros do rei uma razão para subir comigo ao apartamento de Hadley. Pensei na ansiedade que ela demonstrou quando perguntou sobre o bracelete. Pensei na presença de vampiros de ambos os campos no portão principal. Nenhum dos monarcas confiava no cônjuge para fornecer proteção.

Pareceu se passar um longo tempo antes que recebêssemos permissão para entrar. Quinn ficou tão silencioso quanto eu enquanto esperávamos. O terreno parecia estar belamente decorado e mantido, e certamente se encontrava bem iluminado.

— Quinn, isso está tão errado – falei. – O que está acontecendo aqui?

Acha que eles vão nos deixar ir embora?

Infelizmente, parecia que todas as minhas suspeitas eram verdadeiras.

Quinn também não parecia nem um pouco feliz. — Eles não vão nos deixar sair – disse. – Temos que continuar agora.

Eu apertei minha pequena bolsa de noite, desejando que houvesse algo mais letal dentro dela do que alguns pequenos itens como pó compacto, batom e absorvente interno. Quinn guiou cuidadosamente pela entrada sinuosa até a frente do monastério.

— O que você fez hoje, além de pensar em seu traje? – Quinn perguntou.

— Dei um bocado de telefonemas – respondi. – E um deles valeu a pena.

— Telefonemas? Para onde?

— Postos de gasolina, ao longo de toda a rota de Nova Orleans até Bon Temps.

Ele se virou para me encarar, mas eu só apontei a tempo de Quinn pisar no freio. Um leão atravessou o caminho.

— Certo, o que é aquilo? Animal? Ou metamorfo? – eu estava mais afiada a cada minuto.

— Animal – respondeu Quinn.

Esqueça a ideia de cães perambulando pela propriedade. Eu esperava que o muro fosse alto o bastante para manter o leão dentro.

Nós estacionamos diante do antigo monastério, que era um enorme prédio de dois andares. Não foi construído em prol da beleza, mas por utilidade, então era uma estrutura largamente disforme. Havia uma única portinhola no meio da fachada, e pequenas janelas dispostas regularmente.

Novamente, bem fácil de defender. Do lado de fora da pequena porta, havia mais seis vampiros, três em roupas elegantes, porém diferentes— com certeza sanguessugas da Louisiana— e mais três do Arkansas, em seus notórios trajes espalhafatosos.

— São simplesmente horrorosos – comentei.

— Mas fáceis de distinguir, mesmo no escuro – disse Quinn, como se estivesse tendo pensamentos profundos e significativos.

— Dãa – falei. – Não é essa a questão? Então eles imediatamente...

oh. – meditei. – É, ninguém vestiria nada parecido com aquilo, de propósito ou por acidente. Sob qualquer circunstância. A não ser que fosse realmente importante ser instantaneamente identificável.

— É possível que Peter Threadgill não seja devotado a Sophie-Anne – disse Quinn.

Soltei uma risadinha enquanto dois vampiros da Louisiana abriam as portas do carro num movimento tão coordenado que devia ter sido ensaiado.

Melanie, a segurança vampira que conheci no quartel-general da rainha, me ajudou a sair do carro, pegando minha mão e sorrindo. Ela parecia bem melhor sem aquele esmagador equipamento da SWAT. Usava um belo vestido amarelo com saltos baixos. Agora que não estava com o capacete, pude ver que seu cabelo era curto, intensamente cacheado e castanho claro.

Ela respirou fundo, dramaticamente, quando passei e então mostrou uma expressão extasiada. — Oh, o perfume das fadas! – exclamou. – Faz meu coração cantar!

Dei um tapinha nela de brincadeira. Dizer que eu estava surpresa era pouco. Vampiros, como um todo, não são conhecidos pelo senso de humor.

— Belo vestido – disse Rasul. – Do tipo ousado, hein?

Chester disse, — Não pode ser ousado demais para mim. Você parece realmente apetitosa.

Achei que não podia ser coincidência que os três vampiros que conheci no quartel-general da rainha fossem os mesmos encarregados da porta esta noite. No entanto, não conseguia entender o que aquilo significava. Os três vampiros do Arkansas estavam silenciosos, observando a troca de palavras entre nós com

olhares frios. Eles não estavam com a mesma disposição relaxada e sorridente de seus colegas.

Algo definitivamente fora de lugar aqui. Mas com a audição aguda dos vampiros ao redor, não havia nada que pudesse falar a respeito.

Quinn pegou meu braço. Atravessamos um longo corredor que parecia percorrer quase a distância do prédio. Um vampiro de Threadgill encontrava-se parado na porta da sala que parecia servir como área de recepção.

— Gostaria de deixar sua bolsa? – ela perguntou, obviamente incomodada por ser relegada a checar bolsas e capas.

— Não, obrigada – respondi, e achei que ela fosse arrancar a bolsa de minha mão.

— Posso revistá-la? – perguntou. – Estamos procurando por armas.

Eu a encarei, algo sempre arriscado com um vampiro. — É claro que não. Eu não tenho armas.

— Sookie – disse Quinn, tentando não soar alarmado. – Você tem que deixá-la olhar em sua bolsa. É o procedimento.

Eu o fuzilei com o olhar. — Você podia ter me dito – respondi bruscamente.

A segurança, uma jovem vampira com um perfil que desafiava o corte das calças brancas, confiscou minha bolsa com um ar de triunfo. Ela virou o conteúdo sobre uma bandeja, e os poucos objetos caíram ruidosamente sobre a superfície de metal: pó compacto, batom, um pequeno tubo de cola, um lenço, uma nota de dez dólares e um absorvente interno com aplicador de plástico rígido, totalmente enrolado na embalagem plástica.

Quinn não era tão provinciano para ficar vermelho, mas desviou o olhar discretamente. A vampira, que morreu muito antes das mulheres carregarem tais itens em suas bolsas, me perguntou seu propósito e assentiu quando eu expliquei. Ela arrumou minha bolsinha de noite e a devolveu, indicando com um gesto de mão que devíamos prosseguir pelo corredor.

Virou-se para as pessoas atrás de nós, um casal Lobi em seus sessenta anos, antes mesmo que saíssemos da sala.

— O que está tramando? – Quinn perguntou, na voz mais baixa possível, enquanto seguíamos pelo corredor.

— Nós temos que passar por mais seguranças? – perguntei, numa voz um tanto quanto abafada.

— Eu não sei. Não estou vendo nenhum à frente.

— Tenho que fazer uma coisa – respondi. – Com licença, vou procurar o toalete das senhoras mais próximo.

Tentei lhe dizer com os olhos e a pressão de minha mão em seu braço que tudo ficaria bem dentro de alguns minutos, e

sinceramente esperava que fosse verdade. Claramente, Quinn não estava feliz comigo, mas esperou do lado de fora do toalete (Deus sabe o que foi quando o prédio era um monastério) enquanto eu me enfiava numa das divisórias e fazia alguns ajustes. Quando sai, joguei a embalagem de absorvente na lata de lixo da cabine, e um de meus pulsos foi enfaixado novamente. Minha bolsa estava um pouco mais pesada.

A porta no fim do corredor conduzia a um grande aposento que foi o refeitório dos monges. Apesar de ainda ter paredes de pedra e largos pilares sustentando o teto, três à esquerda e três à direita, o resto da decoração da sala agora era consideravelmente diferente. O centro da sala estava vazio para dança e o piso era de madeira. Havia um tablado para os músicos perto da mesa de refrescos, e outro tablado do lado oposto da sala para a realeza.

Ao redor da sala, nos cantos, havia cadeiras em grupos de conversa.

A sala toda estava decorada em branco e azul, as cores da Louisiana. Uma das paredes possuía alguns murais representando cenários do estado: um pântano, que me fez estremecer; uma montagem do Bourbon Street; um campo sendo arado e madeira sendo cortada; e um pescador puxando uma rede na costa do Golfo. Aquelas eram cenas representando humanos, pensei, e imaginei qual era o pensamento por trás daquilo. Então me virei para olhar a parede cercando o acesso pela qual entramos, e notei o lado vampiro da vida na Louisiana: um grupo de felizes vampiros com violinos sob o queixo, tocando; um policial vampiro patrulhando o

Quarteirão Francês; um guia vampiro conduzindo turistas através de uma das Cidades dos Mortos. Sem vampiros lanchando humanos, sem vampiros bebendo nada, percebi. Aquilo era uma afirmação para relações públicas. Imaginei se realmente enganava alguém. Tudo que se tinha que fazer era sentar numa mesa de jantar com vampiros, e você seria lembrado de como eles eram diferentes, certo.

Bom, não foi por isso que eu tinha vindo. Procurei ao redor pela rainha, e finalmente a vi ao lado do marido. Ela usava um vestido de seda laranja de mangas compridas, e parecia fabulosa. Mangas longas talvez parecessem um pouco estranhas para a noite quente, mas vampiros não notam coisas assim. Peter Threadgill vestia um smoking e parecia igualmente impressionante. Flor de Jade estava parada atrás dele, a espada presa às costas apesar de estar usando um vestido drapeado vermelho (na qual, a propósito, ela parecia horrível). Andre, também completamente armado, encontrava-se posicionado atrás da rainha. Sigebert e Wybert não poderiam estar longe. Avistei-os guardando uma porta que assumi ser dos aposentos particulares da rainha. Os dois vampiros pareciam agudamente desconfortáveis em seus smokings; era como observar ursos obrigados a usarem sapatos.

Bill estava no salão. Tive um vislumbre dele no canto mais distante, oposto à rainha, e estremeci de ódio.

— Você tem muitos segredos – Quinn se queixou, seguindo a direção do meu olhar.

— Ficarei feliz em lhe contar alguns, breve – prometi, e nos juntamos ao fim da fila da recepção. – Quando alcançarmos a realeza, vá na minha frente. Enquanto falo com a rainha, você distrai o rei, está bem?

Então, eu lhe contarei tudo.

Nós alcançamos o Sr. Cataliades primeiro. Acho que ele era uma espécie de secretário de estado da rainha. Ou talvez conselheiro geral fosse mais apropriado?

— É bom vê-lo novamente, Sr. Cataliades – falei em meu tom social mais correto. – Tenho uma surpresa para você – acrescentei.

— Você pode ter que guardá-la – ele disse com uma espécie de cordialidade rígida. – A rainha está prestes a ter sua primeira dança com o novo rei. E estamos todos ansiosos para ver o presente que o rei deu a ela.

Olhei ao redor, mas não vi Diantha. — Como está a sua sobrinha? – perguntei.

— Minha sobrinha sobrevivente – ele disse sombriamente – está em casa com a mãe.

— É uma pena – falei. – Ela devia estar aqui essa noite.

Ele me encarou. Então pareceu interessado.

— De fato – respondeu.

— Ouvi falar que alguém aqui parou para abastecer na semana passada, quarta-feira, a caminho de Bon Temps – falei. – Alguém com uma longa espada. Aqui, deixe-me enfiar isto em seu bolso. Não preciso mais. – Quando me afastei dele e encarei a rainha, eu tinha uma mão cobrindo o pulso machucado. A atadura havia sumido.

Estendi a mão direita, e a rainha foi forçada a retribuir o cumprimento. Eu havia contado com obrigar a rainha a seguir o costume humano de apertar mãos e fiquei bem aliviada quando ela o fez.

Quinn havia passado da rainha para o rei, e disse, — Sua Majestade, eu tenho certeza que se lembra de mim. Fui o coordenador de eventos em seu casamento. As flores ficaram do seu agrado?

Um tanto aturdido, Peter Threadgill voltou os grandes olhos para Quinn, e Flor de Jade manteve os olhos no que seu rei fazia.

Tentando manter meus movimentos ágeis, mas não bruscos, pressionei minha mão esquerda, e o que havia nela, contra o pulso da rainha. Ela não se afastou, mas acho que pensou em fazer isso. Ela olhou para o próprio pulso para verificar o que coloquei, e seus olhos se fecharam de alívio.

— Sim, minha querida, nossa visita foi adorável – ela disse, ao acaso.

– Andre gostou muito, assim como eu. – Ela olhou por sobre o ombro e Andre pegou a deixa, inclinando a cabeça para mim em tributo aos meus supostos talentos na cama. Eu estava tão feliz pela provação ter acabado que sorri para ele, radiante, e ele pareceu meio divertido. A rainha ergueu levemente o braço para chamá-lo, e a manga do vestido deslizou. De repente, Andre tinha um sorriso tão largo quanto o meu.

Flor de Jade foi distraída pelo movimento de Andre, e seus olhos seguiram os dele. Eles se arregalaram, e ela não estava nem um pouco sorridente. De fato, parecia furiosa. O Sr. Cataliades olhava para a espada nas costas de Flor de Jade com um rosto completamente inexpressivo.

Então Quinn foi dispensado pelo rei, e foi minha vez de prestar homenagem a Peter Threadgill, Rei do Arkansas.

— Ouvi falar que você teve uma aventura nos pântanos, ontem – ele disse com voz fria e indiferente.

— Sim, senhor. Mas tudo terminou bem, eu acho – respondi.

— Que bom que você veio – ele disse. – Agora que resolveu o assunto quanto à propriedade de sua prima, imagino que esteja retornando para sua casa?

— Oh, sim, o mais rápido possível – falei. Era a absoluta verdade.

Eu iria para casa desde que conseguisse sobreviver a esta noite, embora no momento as chances não parecessem tão boas.

Calculei tão bem quanto fui capaz no meio daquela multidão. Havia pelo menos vinte vampiros no salão usando o brilhante traje do Arkansas, e talvez o mesmo número de partidários da rainha.

Eu me afastei e o casal Lobi, que entrou depois de nós, tomou o meu lugar. Acho que ele era o vice-governador da Louisiana, e esperava que tivesse um bom seguro de vida.

— E então? – Quinn exigiu.

Eu o conduzi até um canto contra a parede e gentilmente o manobrei para que se recostasse. Tinha que evitar qualquer leitor de lábios na sala.

— Você sabia que o bracelete da rainha estava desaparecido? – perguntei.

Ele sacudiu a cabeça. — Um dos braceletes de diamante que o rei deu a ela como presente de casamento? – perguntou, inclinando a cabeça para confundir algum observador.

— Sim, desaparecido – falei. – Desde que Hadley morreu.

— Se o rei soubesse que o bracelete estava desaparecido, e conseguisse forçar a rainha a admitir que o deu para uma amante, então ele teria motivos para divórcio.

— O que ele conseguiria então?

— O que ele não conseguiria! Foi um casamento vampiro hierárquico, e não se fica mais vinculado do que isso. Acho que o

contrato de casamento tinha trinta páginas.

Eu compreendia bem melhor agora. Uma vampira bem-vestida, usando um longo verde-acinzentado coberto de cintilantes flores prateadas, levantou o braço para chamar a atenção da multidão. Gradualmente, o pessoal reunido ficou em silêncio.

— Sophie-Anne e Peter lhes desejam boas-vindas à sua primeira festa conjunta – disse a vampira, a voz tão musical e melódica que você queria ouvi-la por horas. Eles deviam contratá-la para fazer o Oscar. Ou o concurso de Miss América. – Sophie-Anne e Peter convidam todos vocês a terem uma maravilhosa noite de dança, comida e bebida. Para abrir o baile, nosso anfitrião e anfitriã irão dançar uma valsa.

Apesar do semblante lustroso, achei que Peter se sentiria mais confortável dançando uma quadrilha, mas com uma esposa como Sophie-

Anne, era valsa ou nada. Ele avançou para a esposa, os braços prontos para recebê-la, e com sua voz carregada disse: — Querida, mostre-lhes os braceletes.

Sophie-Anne brindou a multidão com um sorriso e levantou os próprios braços para fazer as mangas deslizarem, mostrando aos convidados um par de braceletes em cada pulso, os dois enormes diamantes piscando e cintilando sob as luzes dos candelabros.

Por um instante, Peter Threadgill ficou absolutamente imóvel, como se alguém o tivesse atingido com uma pistola de choque. Ele

mudou a postura ao seguir em frente, depois disso, e pegou uma das mãos dela nas suas. Olhou para um bracelete, e então largou sua mão para pegar à outra.

Aquele bracelete também passou pelo silencioso exame.

— Maravilhoso – ele disse e, se fosse só pelas presas, você acharia que elas surgiram porque estava com tesão pela bela esposa. – Você está usando os dois.

— É claro – disse Sophie-Anne – Meu querido. – Seu sorriso era tão sincero quanto o dele.

E eles dançaram apesar de algo no modo como ele a conduzia me fazer achar que o rei estava deixando seu mau gênio levar a melhor. Ele armara um grande plano e agora eu tinha estragado tudo... mas, graças a Deus, não sabia do meu envolvimento. Ele sabia apenas que de algum modo Sophie-Anne conseguiu recuperar o bracelete e salvar as aparências, e ele não tinha nada para justificar o que planejou. Ele teria que recuar.

Depois disso, provavelmente pensaria em outra forma de subverter a rainha, mas pelo menos eu estaria fora da disputa.

Quinn e eu nos retiramos para a mesa de refrescos, localizada ao sul do enorme salão, ao lado de um dos grossos pilares. Os criados estavam ali com facas para destrinchar presunto ou rosbife. Havia panquecas de trigo para a carne. Cheiravam maravilhosamente, mas eu estava nervosa demais para pensar em comer. Quinn me trouxe uma taça de ginger ale do bar.

Fitei o casal dançando e esperei que o teto desabasse.

— Eles não parecem adoráveis juntos? – disse uma mulher bemvestida e de cabelos grisalhos. Percebi que era a mesma que estava atrás de mim na fila.

— Sim, parecem – concordei.

— Eu sou Genevieve Thrash – ela disse. – Este é meu marido, David.

— Prazer em conhecê-los – respondi. – Sou Sookie Stackhouse e este é meu amigo, John Quinn. – Quinn pareceu surpreso. Imaginei se de fato aquele era seu primeiro nome.

Os dois homens, tigre e Lobi, apertaram-se as mãos enquanto Genevieve e eu observávamos o casal dançando mais um pouco.

— Seu vestido é tão bonito – disse Genevieve, dando todas as indicações de que falava sinceramente. – É preciso um corpo jovem para exibir um vestido assim.

— Eu aprecio as palavras – falei. – Estou mostrando mais do que eu acho confortável desse corpo, então você me faz sentir muito melhor.

— Sei que sua companhia aprecia – ela disse. – Assim como o jovem rapaz logo ali. – Ela acenou sutilmente com a cabeça, e eu olhei na direção que ela indicava. Bill. Ele parecia muito bem em seu smoking, mas mesmo estarmos no mesmo aposento fazia com que algo dentro de mim se contorcesse de dor.

— Acredito que seu marido seja o vice-governador? – eu disse.

— Você está absolutamente correta.

— E como é ser a Sra. Vice? – perguntei.

Ela me contou algumas histórias divertidas sobre as pessoas que conheceu enquanto seguia a carreira política de David.

— E o que faz o seu homem? – ela perguntou com aquele interesse ávido que deve ter ajudado o marido a subir na carreira.

— Ele é coordenador de eventos – respondi, após um momento de hesitação.

— Que interessante – Genevieve disse. – E você, tem um emprego?

— Oh, sim, madame – respondi. – Sou uma garçonete.

Aquilo foi um pouco espantoso para a esposa do político, mas ela sorriu para mim. — Você é a primeira garçonete que eu conheço – disse alegremente.

— Você é a primeira Sra. Vice-Esposa que conheço – falei. Droga, agora que a conhecia e gostava dela, eu me sentia responsável. Quinn e David apenas batiam papo, e acho que pescaria era o assunto.

— Sra. Thrash – falei – sei que é uma Lobi e isso significa que é tão durona quanto pode ser, mas vou lhe dar um pequeno conselho.

Ela me fitou zombeteiramente.

— Esse conselho é ouro puro – eu disse.

Suas sobrancelhas se arquearam. — Okay – disse ela, lentamente. – Estou ouvindo.

— Algo muito ruim vai acontecer aqui na próxima hora. Vai ser tão ruim que pode haver um bocado de gente morta. Agora, você pode ficar e se divertir até que aconteça, e então vai se perguntar por que não me escutou, ou pode ir embora agora depois de fingir ficar doente, e evitar um bocado de infelicidade.

O olhar dela era atento. Pude ouvi-la imaginando se devia me levar a sério ou não. Eu não parecia alguém esquisita ou louca. Parecia uma mulher jovem, normal e atraente com um acompanhante danado de bonito.

— Você está me ameaçando? – ela perguntou.

— Não, madame. Estou tentando salvar seu traseiro.

— Vamos dançar primeiro – disse Genevieve Thrash, decidindo-se.

– David, querido, vamos dar um giro pela pista de dança e então pedirmos licença. Estou com a pior dor de cabeça que já senti.

David forçosamente interrompeu sua conversa com Quinn para levar a esposa ao espaço vazio, e começou a valsar junto com o

casal real vampiro, que parecia aliviado por ter companhia. Eu estava começando a relaxar minha postura novamente, mas um olhar de Quinn lembrou-me de ficar bem ereta.

— Eu amo o vestido – disse. – Vamos dançar?

— Sabe dançar valsa? – Esperava que meu queixo não estivesse muito caído.

— Sim – respondeu. Ele não perguntou se eu sabia, embora de fato tenha observado os passos da rainha atentamente. Eu posso dançar— não cantar, mas adoro uma pista de dança. Nunca valsei, mas achei que poderia.

Era maravilhoso ter os braços de Quinn ao meu redor, me mover tão graciosamente ao redor da pista. Por um momento, eu apenas esqueci de tudo e curti olhar para ele, me sentindo do modo como uma garota se sente quando está dançando com um cara com quem ela espera fazer amor, mais cedo ou mais tarde. Os dedos de Quinn tocando minhas costas nuas me deixavam arrepiada.

— Cedo ou tarde – ele disse – nós estaremos num quarto com uma cama, sem telefones, e uma porta com chave.

Eu sorri para ele e espiei os Thrash se retirando para a porta.

Esperava que o carro deles tivesse sido trazido para perto. E aquele foi o último pensamento normal que tive por um tempo.

Uma cabeça voou por sobre o ombro de Quinn. Foi rápido demais para que eu soubesse de quem era a cabeça, mas pareceu

familiar. Um borrifo de sangue criou uma nuvem avermelhada em sua passagem.

Eu fiz um som. Não foi um grito ou gemido; mais como um “Eeeeep.” Quinn se imobilizou apesar de a música continuar por um longo instante. Ele olhou em todas as direções, tentando analisar o que estava acontecendo e como poderíamos sobreviver. Achei que uma dança seria boa, mas devíamos ter ido com o casal Lobi. Quinn começou a me empurrar para a lateral do salão, e disse, — Fique de costas para a parede. – Nós saberíamos de que direção viria o perigo; boa ideia.

Mas alguém se lançou sobre nós e Quinn soltou minha mão. Houve um bocado de gritos e movimentação. Os gritos eram todos dos Lobis e outros sobrenaturais que foram convidados para a festa, e a movimentação era na maior parte dos vampiros, que procuravam por seus aliados em meio ao caos. Foi dali que veio os trajes horrorosos vestidos pelos seguidores do rei. Era instantaneamente fácil de ver quem pertencia ao rei. Claro, aquilo os tornava alvos fáceis também, se por acaso você não gostasse dele e de seus lacaios.

Um vampiro negro e magro com dreadlocks sacou do nada, aparentemente, uma espada com lâmina curva. A lâmina estava ensangüentada e achei que Dreadlocks fosse o arrancador de cabeças. Ele usava o terno horrível, então era alguém que eu queria evitar. Se eu tinha algum aliado aqui, não era ninguém trabalhando para Peter Threadgill.

Escondi-me atrás de um dos pilares que apoiavam o teto no canto oeste do refeitório, e estava tentando descobrir o caminho mais seguro para fora do salão quando meus pés tropeçaram em algo solto. Olhei para baixo e vi a cabeça. Pertencia a Wybert. Imaginei por uma fração de segundo se a cabeça se moveria ou falaria, mas decapitação é bem definitiva, não importa que espécie você seja.

— Oh – eu gemi, decidindo que era melhor me recompor ou pareceria igualzinha a Wybert, pelo menos num aspecto importante.

A briga se espalhou pelo salão. Eu não testemunhei o incidente que a precipitou, mas o vampiro negro devia ter atacado Wybert e cortado fora sua cabeça com uma desculpa qualquer. Já que Wybert era um dos guardacostas da rainha e Dreadlocks um dos serviçais de Peter, a decapitação foi um ato bem decisivo.

A rainha e Andre estavam de costas um para o outro no meio do salão. Andre segurava um revólver e uma longa faca nas mãos, e a rainha tinha se apropriado da faca de destrinchar do bufê. Havia um círculo de casacos brancos os cercando e, quando um caía, outro tomava seu lugar.

Aquilo era como a batalha final de Custer, com a rainha fazendo o papel de Custer. Sigebert estava igualmente sitiado no pequeno palco, e a orquestra (parte Lobi ou metamorfo e parte vampira) tinha se separado em vários componentes. Alguns se juntavam ao combate, enquanto outros tentavam fugir. Aqueles que se esforçavam para fugir entupiam a porta que conduzia ao longo corredor. O efeito era de um engarrafamento.

O rei estava sob o ataque de meus três amigos Rasul, Chester e Melanie. Eu tinha certeza que encontraria Flor de Jade atrás dele, mas ela estava tendo seus próprios problemas, fiquei feliz em notar. O Sr.

Cataliades fazia seu melhor para— bom, parecia que ele estava tentando apenas tocá-la. Ela desviava as tentativas com sua enorme espada, a espada que partiu Gladiola em duas, mas nenhum deles parecia querer desistir tão cedo.

Então eu fui derrubada no chão e perdi o fôlego por um minuto.

Ataquei, apenas para ter as mãos presas. Estava esmagada debaixo de um grande corpo. — Eu te peguei – Eric disse.

— Que diabos você está fazendo?

— Protegendo você – disse. Ele sorria com a alegria da batalha, e os olhos azuis brilhavam como safiras. Eric adorava uma briga.

— Eu não estou vendo ninguém atrás de mim – respondi. – Parece que a rainha precisa de você mais do que eu. Mas agradeço.

Levado pela onda de excitação, Eric me deu um beijo longo e impetuoso, e então pegou a cabeça de Wybert. — Boliche para vampiros – disse alegremente, atirando o repugnante objeto no vampiro negro com uma precisão e força que arrancou a espada da mão dele. Eric deu um grande salto e agarrou a espada, girando-a contra seu dono com força mortal. Com um grito de guerra que não

era ouvido há mil anos, Eric atacou o círculo ao redor da rainha e Andre com uma selvageria e abandono que eram quase belos a seu modo.

Um metamorfo tentando encontrar outra saída do aposento chocou-se contra mim com força suficiente para me arrancar de trás de minha posição comparativamente segura. De repente, havia pessoas demais entre mim e o pilar, e o caminho de volta estava bloqueado. Droga! Consegui ver a porta que Wybert e o irmão estiveram protegendo. A porta ficava do outro lado do salão, mas era a única passagem vazia. Qualquer lugar para fora dessa sala era um bom caminho. Comecei a deslizar pelas paredes para alcançá-la, então não teria que cruzar espaços abertos perigosos.

Um dos casacas-brancas pulou na minha frente.

— Nós devíamos encontrá-la! – ele berrou. Era um vampiro jovem; havia pistas mesmo nesse instante. Esse vampiro conheceu as amenidades da vida moderna. Ele possuía todos os sinais— dentes super-retos que usaram aparelhos, a estatura robusta da nutrição moderna, ossos grandes e ele era alto.

— Veja! – falei, afastando um lado do meu corpete. Ele olhou, Deus o abençoe, e eu o chutei com tanta força nos testículos que achei que sairiam pela sua boca. Isso derruba um homem, não importa qual seja sua natureza. Esse vampiro não foi exceção. Passei por ele correndo e alcancei a parede leste, aquela com a porta.

Tinha talvez menos de um metro a percorrer quando alguém agarrou meu pé e eu caí. Escorreguei numa poça de sangue e caí de joelhos. Era sangue de vampiro, pude notar pela cor.

— Cadela – disse Flor de Jade. – Prostituta. – Eu não acho que a tenha ouvido falar antes. Podia ter vivido muito bem sem isso até agora.

Ela começou a me puxar, pouco a pouco, na direção de suas presas expostas. Não se levantou para me matar, porque estava sem uma das pernas. Eu quase vomitei, mas fiquei mais preocupada em fugir do que dar vexame. Minhas mãos arranhavam o chão de madeira liso e meus joelhos tentavam buscar apoio para que pudesse me afastar da vampira. Eu não sabia se Flor de Jade morreria por causa de seu terrível ferimento ou não.

Vampiros sobreviviam a muitas coisas que matariam um humano, o que obviamente era grande parte da atração de... Pare, Sookie!, falei a mim mesma ferozmente. O choque devia estar me afetando.

Estendi a mão e consegui alcançar o batente da porta. Puxei várias vezes, mas não conseguia me libertar do domínio de Flor de Jade, e seus dedos se cravaram na carne do meu tornozelo. Logo ela quebraria os ossos, e então eu seria incapaz de andar.

Chutei o rosto da pequena mulher asiática com o pé livre. Chutei de novo e de novo. Seu nariz estava sangrando e os lábios também, mas ela não me soltou. Acho que ela nem sentiu.

Então Bill pulou nas costas dela, aterrissando com força suficiente para quebrar sua espinha, a mão em meu tornozelo relaxando. Eu cambaleei para longe enquanto ele erguia uma faca igual àquela que a rainha tinha. Ele a mergulhou no pescoço de Flor de Jade, repetidamente, até a cabeça separar-se do corpo; então ele me olhou. Ele não falou, apenas me lançou aquele olhar longo e sombrio. Então levantou e se foi, e eu tive que sair dali depressa.

Os aposentos da rainha estavam no escuro. Isso não era bom. Além do espaço onde a luz do salão penetrava quem sabe o que mais estaria à espreita? Tinha que existir uma porta externa por aqui. A rainha não se deixaria ficar encurralada. Ela teria um caminho para a saída. E se me recordava da orientação do prédio, eu precisava caminhar em linha reta para alcançar a parede correta. Eu me refiz e decidi que chegaria até lá.

Nada de ficar me arrastando contra as paredes. Para o inferno com aquilo.

E para minha surpresa, funcionou, até certo ponto. Entrei num aposento— uma sala de estar, imaginei— antes de terminar no que deve ter sido o quarto da rainha. Um leve movimento no quarto desencadeou meu medo, e vasculhei ao longo da parede pela luz. Quando acendi o interruptor, descobri que estava no quarto com Peter Threadgill. Ele encarava Andre.

Havia uma cama entre eles, e sobre a cama encontrava-se a rainha, gravemente ferida. Andre não estava com sua espada, mas tampouco Peter a tinha. Andre possuía uma arma e, quando acendi a luz, ele atirou bem no rosto do rei. Duas vezes.

Havia uma porta além do corpo de Peter Threadgill. Devia conduzir ao térreo. Comecei a seguir lentamente naquela direção, minhas costas pressionadas contra a parede. Ninguém prestou atenção em mim.

— Andre, se você matá-lo – a rainha dizia calmamente – terei que pagar uma multa enorme. – Ela tinha uma mão pressionada a lateral, o belo vestido laranja já escuro e molhado com seu próprio sangue.

— Mas não valeria a pena, milady?

Houve um silêncio pensativo por parte da rainha, enquanto eu abria cerca de seis trancas.

— Como um todo, sim – disse Sophie-Anne. – Afinal, dinheiro não é tudo.

— Oh, bom – disse Andre alegremente, levantando a arma. Ele tinha uma estaca na outra mão, eu vi. Não queria ficar por perto para ver como Andre faria o negócio.

Atravessei o gramado com meus sapatos de noite verdes.

Incrivelmente, eles ainda estavam intactos. De fato, os sapatos estavam bem melhores que meu tornozelo, que Flor de Jade machucou seriamente.

Comecei a mancar depois de dar os primeiros dez passos.

— Cuidado com o leão – exclamou a rainha, e eu olhei para trás para ver que Andre a carregava para fora do prédio. Imaginei de que lado o leão estaria. Então o enorme felino apareceu bem na minha frente. Num minuto, minha rota de fuga estava limpa, no seguinte era barrada por um leão. As luzes de segurança externas estavam apagadas e, sob a lua cheia, a criatura parecia tão formosa e mortífera que o medo arrancou o ar de meus pulmões.

O leão fez um som baixo, gutural.

— Vá embora – falei. Eu não possuía absolutamente nada para combater o leão, e estava no fim das forças. – Vá embora! – gritei. – Saia daqui!

E ele se enfiou nos arbustos.

Eu não acho que este seja o comportamento típico de um leão.

Talvez tenha farejado o tigre se aproximando, porque alguns segundos mais tarde, Quinn apareceu movendo-se como um silencioso e enorme sonho pela grama. Quinn esfregou a cabeça em mim, e fomos até o muro juntos.

Andre soltou a rainha e pulou no topo com graça e facilidade. Por sua rainha, ele afastou a cerca de arame farpado com as mãos nuas e a cobriu com o casaco rasgado. Então desceu e cuidadosamente levantou Sophie-

Anne. Ele se preparou e então atravessou o muro com um único salto.

— Bom, eu não consigo fazer isso – respondi e, mesmo para os meus ouvidos, soei rabugenta. – Posso me apoiar em suas costas? Vou tirar os saltos.

Quinn posicionou-se junto ao muro e eu prendi as tiras das sandálias no braço. Não queria machucar o tigre colocando peso demais em suas costas, mas queria sair dali também mais do que qualquer outra coisa, só isso. Então, tentando pensar em coisas leves, equilibrei-me nas costas do tigre e finalmente consegui alcançar o topo do muro. Olhei para baixo e pareceu uma longa distância até a calçada.

Depois de tudo que encarei naquela noite, parecia estúpido reclamar de uma queda de alguns metros. Mas sentei-me no muro, dizendo a mim mesma que era uma idiota, por uns instantes. Então me inclinei sobre a barriga, pendurei-me tanto quanto consegui para alcançar o chão, contei alto, “Um, dois, três!” E caí.

Fiquei ali no chão por alguns minutos, espantada com os acontecimentos da noite. Ali estava eu, deitada numa calçada da histórica Nova Orleans, com os peitos para fora do vestido, meu cabelo desabando, as sandálias num braço, e com um enorme tigre lambendo meu rosto.

Quinn havia pulado com relativa facilidade.

— Você acha que seria melhor voltar como um tigre ou um sujeito enorme pelado? – perguntei ao tigre. – Porque, seja como for, você vai atrair alguma atenção. Pessoalmente, eu acho que as chances de levar um tiro aumentariam se fosse um tigre.

— Isso não será necessário – disse uma voz, e Andre inclinou-se sobre mim. – Estou aqui com a rainha no carro dela, e levaremos vocês para onde quiserem ir.

— É muito gentil de sua parte – respondi, enquanto Quinn começava a mudar para humano.

— Sua Majestade sente que deve a você – disse Andre.

— Eu não vejo dessa forma – falei. Por que eu estava sendo tão franca agora? Será que simplesmente não conseguia manter a boca fechada? – Afinal, se eu não tivesse encontrado o bracelete e devolvido, o rei teria...

— Começado a guerra de qualquer forma esta noite – Andre disse, me ajudando a levantar. Ele estendeu a mão e, de modo bem impessoal, cobriu meu seio direito com o escasso tecido verde-limão. – Ele teria acusado a rainha de romper o lado dela do contrato, que diz que todos os presentes devem ser usados em honra à simbologia do casamento. Ele processaria a rainha e ela teria perdido quase tudo, além de ser desonrada.

Ele estava pronto para agir de qualquer modo, mas quando a rainha mostrou o segundo bracelete, ele partiu para a violência. Ra Shawn desencadeou-a, decapitando Wybert por ter colidido com ele. – Ra Shawn devia ser o nome de Dreadlock, assumi.

Eu não tinha certeza de ter entendido tudo, mas estava igualmente certa de que Quinn poderia me explicar num momento

em que eu tivesse mais células cerebrais disponíveis para a informação.

— Ele ficou tão desapontado quando viu que ela tinha o bracelete! E era o bracelete exato! – Andre disse alegremente. Estava se tornando um camarada falante, esse Andre. Ele me ajudou a entrar no carro.

— Onde estava? – perguntou a rainha, estendida sobre um dos bancos. O sangramento tinha parado, e apenas o modo como apertava os lábios indicava a dor que sentia.

— Estava na lata de café que parecia selada – respondi. – Hadley realmente possuía habilidades manuais; ela abriu a lata muito cuidadosamente, enfiou o bracelete lá dentro e fechou de novo com cola. – Havia muito mais para explicar, sobre o Sr. Cataliades, Gladiola e Flor de Jade, mas eu estava cansada demais para oferecer informação.

— Como você conseguiu passar pela revista? – perguntou a rainha. – Tenho certeza que os seguranças estavam verificando.

— Eu tinha parte do bracelete debaixo da atadura – falei. – Mas o diamante era algo bem diferente, então tive que improvisar. Coloquei-o dentro de um absorvente interno. A vampira que fez a busca não pensou em examinar o tampão e realmente não sabia como funcionava, já que não tinha menstruação há séculos.

— Mas foi remontado – disse a rainha.

— Oh, fui ao toalete das senhoras depois que tive minha bolsa revistada. Eu tinha um pequeno tubo de supercola também.

A rainha parecia não saber o que dizer. — Obrigada – ela falou, após uma longa pausa. Quinn havia embarcado no banco de trás conosco, nu, e eu me inclinei contra ele. Andre ocupou o banco do motorista, e nós partimos.

Ele nos deixou no pátio. Amelia encontrava-se sentada numa cadeira sobre a calçada, com um cálice de vinho na mão. Quando surgimos, ela largou o copo muito cuidadosamente no chão e nos olhou dos pés à cabeça.

— Okay, não sei como reagir – ela disse, por fim. O grande carro saiu do pátio com Andre levando a rainha para algum esconderijo seguro.

Eu não perguntei, porque não queria saber.

— Eu te conto amanhã – falei. – O caminhão de mudanças estará aqui amanhã à tarde, e a rainha me prometeu pessoal para carregar e dirigir.

Eu tenho que voltar para Bon Temps.

A perspectiva de voltar para casa parecia tão doce que eu podia sentila na língua.

— Então, você tem muito que fazer em casa? – perguntou Amelia, enquanto Quinn e eu começávamos a subir as escadas. Imaginei que ele pudesse dormir na mesma cama. Ambos

estávamos cansados demais para fazer algo; aquela não era a noite para iniciar um relacionamento, se é que já não tinha começado um. Talvez sim.

— Bom, tenho um bocado de casamentos para ir – respondi. – Tenho que voltar ao trabalho também.

— Tem um quarto de hóspedes vazio?

Eu parei na metade do caminho das escadas. — Posso ter. Você precisa de um?

Era difícil dizer sob a luz fraca, mas Amelia parecia embaraçada.

— Eu tentei algo novo com Bob – ela disse. – E não funcionou exatamente bem.

— Onde ele está? – perguntei. – No hospital?

— Não, bem aqui – disse. Ela estava apontando para um anão de jardim.— Me diga que você está brincando – falei.

— Estou brincando – ela respondeu. – Este é o Bob. – Ela pegou um enorme gato preto com peito branco que estava aconchegado num plantador vazio. Eu nem mesmo o tinha notado. – Ele não é lindo?

— Claro, traga-o junto – falei. – Eu sempre gostei de gatos.

— Docinho – disse Quinn. – Fico feliz por ouvi-la dizer isso. Eu estava cansado demais para mudar por completo.

Pela primeira vez, eu realmente olhei para Quinn. Agora ele tinha uma cauda.

— Você definitivamente vai dormir no chão – respondi.

— Ah, docinho.

— Estou falando sério. Amanhã você será capaz de voltar a ser humano, certo?

— Com certeza. Eu mudei várias vezes ultimamente. Só preciso de um descanso.

Amelia olhava para a cauda com olhos arregalados.

— Te vejo amanhã, Sookie – ela disse. – Vamos fazer uma pequena viagem. E então eu vou ficar com você por um tempo!

— Vamos nos divertir muito – respondi cansada, cambaleando pelo resto do caminho e me sentindo profundamente feliz por ter guardado a chave da porta dentro da calcinha. Quinn estava cansado demais para me assistir recuperá-la. Deixei os retalhos do vestido caírem de volta no lugar enquanto destrancava a porta. – Muita diversão.

Mais tarde, depois que tomei banho e enquanto Quinn estava no banheiro, eu ouvi uma batida fraca na porta. Eu estava suficientemente decente em minhas calças de pijama e regata. Apesar de querer ignorar mais do que tudo, eu atendi a porta.

Bill parecia muito bem para alguém que participou de uma guerra. O smoking nunca mais seria funcional de novo, mas ele não estava sangrando e quaisquer cortes que tivesse sofrido já tinham se curado.

— Eu tenho que falar com você – disse, e sua voz era tão baixa e fraca que eu saí do apartamento. Sentei-me no chão da galeria, e ele sentou comigo. – Você tem que me deixar falar isto, apenas dessa vez – continuou.

– Eu te amei. Eu te amo. – Levantei a mão para protestar, e ele disse: – Não, me deixe terminar. Ela me mandou para lá, verdade. Mas quando a conheci— depois que vim a conhecê-la— eu realmente... te amei.

Quanto tempo depois de ter me levado para a cama esse suposto amor surgiu? Como eu poderia simplesmente acreditar nele, já que mentiu tão convincentemente desde o primeiro momento em que o conheci— fingindo desinteresse porque percebia meu fascínio pelo primeiro vampiro que encontrei?

— Eu arrisquei minha vida por você – respondi, as palavras surgindo em seqü.ncia hesitante. – Dei poder a Eric sobre mim para sempre, por sua causa, quando aceitei o sangue dele. Eu matei alguém por você. Isso não é algo que considero leviano, mesmo que você pense assim... mesmo que seja experiência diária para você. Não é para mim. Não sei se posso não odiá-lo. Eu me levantei, lenta e dolorosamente, e para meu alívio ele não cometeu o erro de tentar me ajudar. — Você provavelmente salvou minha vida esta noite – eu disse, olhando para ele. – E o agradeço por isso. Mas não venha

mais ao Merlotte's, não fique perambulando em minha floresta e não faça mais nada por mim. Não quero vê-lo novamente.

— Eu te amo – ele disse obstinadamente, como se esse fato fosse tão incrível e uma verdade tão inegável que eu devia acreditar. Bom, eu acreditei, e veja onde aquilo me levou.

— Essas palavras não são uma fórmula mágica – respondi. – Elas não vão abrir meu coração para você.

Bill tinha mais de cento e trinta anos, mas naquele momento eu senti que poderia igualá-lo. Arrastei-me para dentro, fechei a porta e tranquei-a, forçando-me a seguir pelo corredor até o quarto.

Quinn estava se secando e virou-se para me mostrar o traseiro musculoso.

— Sem pelo – disse. – Posso compartilhar a cama?

— Sim – falei e subi. Ele deitou do outro lado e adormeceu trinta segundos depois. Após um minuto ou dois, eu deslizei pela cama e recostei minha cabeça em seu peito.

Ouvi as batidas de seu coração.

Capítulo 23

— QUAL FOI A HISTÓRIA com Flor de Jade? – Amelia perguntou no dia seguinte. Everett dirigia o trailer da U-Haul[6] , e eu e Amelia seguíamos no carrinho dela. Quinn já havia partido pela manhã quando acordei, e deixou um bilhete dizendo que telefonaria depois que contratasse alguém para o lugar de Jake Purifoy e depois do próximo serviço, que era em Huntsville, Alabama— um Rito de Ascensão, informou, apesar de eu não ter ideia do que seria. Ele encerrou o bilhete com um comentário bem pessoal sobre vestidos verde-limão que eu não vou repetir aqui.

Amelia já tinha as malas prontas no momento em que me vesti, e Everett comandava dois homens robustos que carregavam as caixas que eu queria levar de volta a Bon Temps. Quando voltasse, ele levaria a mobília que eu não queria para a caridade. Eu a ofereci para ele, mas ele olhou para as antiguidades falsas e educadamente disse que não eram do seu estilo. Eu joguei minhas coisas no porta-malas de Amelia e partimos. Bob o gato estava em sua própria gaiola no banco traseiro. Estava forrada com toalhas e também continha comida e tigela d'água, o que fazia um pouco de sujeira.

A caixa de dejetos de Bob se encontrava no assoalho.

— Minha conselheira descobriu o que eu fiz – Amelia disse desanimada. – Ela está muito, muito descontente comigo.

Eu não estava surpresa, mas não pareceu diplomático comentar já que Amelia foi de grande ajuda para mim.

— Ele está sentindo falta da própria vida agora – apontei tão levemente quanto possível.

— Bom, é verdade, mas ele está tendo uma experiência e tanto – disse Amelia no tom de voz de alguém determinada a olhar para o lado bom. – Eu vou compensá-lo. De algum modo.

Eu não tinha certeza se isso era algo que se podia "compensar". — Aposto que você consegue fazê-lo voltar ao normal logo – falei, tentando soar confiante. – Existem algumas bruxas bem legais que podem ajudar em Shreveport. – Se Amelia pudesse vencer seu preconceito contra as Wiccans.

— Ótimo – disse a bruxa, parecendo mais animada. – Nesse meio tempo, que diabos aconteceu ontem à noite? Conte-me em detalhes.

Percebi que só se falava nisso em toda a comunidade sobrenatural hoje, então achei melhor contar toda a história. Foi o que fiz para Amelia.

— Então como Cataliades soube que Flor de Jade matou Gladiola? – Amelia perguntou.

— Hm, eu contei a ele – respondi em voz baixa.

— Como você soube?

— Quando os Pelts me contaram que não contrataram ninguém para vigiar minha casa, eu imaginei que o assassino fosse alguém mandado por Peter Threadgill para atrasar a mensagem de Cataliades. Peter Threadgill soube o tempo todo que a rainha tinha perdido o bracelete para Hadley.

Talvez tivesse espiões entre o pessoal da rainha ou um dos seguidores estúpidos dela, como Wybert, tenha deixado escapar. Não seria difícil vigiar os movimentos das duas garotas duendes que a rainha usava como mensageiras. Quando uma delas veio entregar a mensagem da rainha para mim, Flor de Jade a seguiu e matou. O ferimento foi bem drástico e, depois que vi a espada de Flor de Jade e a observei manejá-la tão rápido que não podia ver o movimento, imaginei que fosse a provável candidata a assassina. Além disso, a rainha havia dito que se Andre estivesse em Nova Orleans, todos assumiriam que ela estaria também... então o contrário podia ser verdade, certo? Se o rei estivesse em Nova Orleans, todo mundo assumiria que Flor de Jade também estaria. Mas ela estava do lado de fora da minha casa, na floresta. – Estremeci com a lembrança. – Eu tive certeza depois que liguei para vários postos de gasolina e falei com um sujeito que definitivamente se lembrava de Flor de Jade.

— Então por que Hadley roubou o bracelete?

— Ciúmes, eu acho, e o desejo de colocar a rainha em apuros. Não acho que Hadley entendeu as implicações do que fez e, no momento que agiu, era tarde demais. O rei já tinha feito seus planos. Flor de Jade vigiou Hadley por um tempo, agarrou a

oportunidade para pegar Jake Purifoy e matá-lo. Eles esperavam que Hadley levasse a culpa. Qualquer coisa que desacreditasse Hadley desacreditaria a rainha. Eles não tinham como saber que ela o transformaria.

— O que acontecerá com Jake agora? – Amelia pareceu preocupada.

– Eu gostava dele. Ele era um sujeito legal.

— Ele ainda pode ser. Ele é só um sujeito legal vampiro.

— Não tenho certeza se existe tal coisa – minha companheira disse baixinho.

— Alguns dias, eu também não tenho certeza. – Rodamos em silêncio por algum tempo.

— Bom, fale-me sobre Bon Temps – disse Amelia, para nos tirar da conversa desanimadora.

Eu comecei a lhe contar sobre a cidade, o bar onde eu trabalhava, o chá de panela para o qual fui convidada e todos os casamentos por vir.

— Parece muito bom – Amelia disse. – Ei, eu sei que praticamente me convidei. Você não se importa, quero dizer, de verdade?

— Não – respondi com uma rapidez que surpreendeu até a mim. – Não, vai ser legal ter companhia... por um tempo –

acrescentei cautelosamente. – O que você vai fazer a respeito da casa em Nova Orleans enquanto estiver fora?

— Everett disse que não se importaria de morar no apartamento de cima, porque estava ficando meio difícil para ele suportar a mãe. Já que tem um bom emprego com Cataliades, ele pode bancar. Ele vai cuidar de minhas plantas e das coisas até eu voltar. Ele sempre pode me mandar um e-mail – Amelia tinha um laptop no porta-malas, então pela primeira vez haveria um computador no lar dos Stackhouse. Houve uma pausa, e então ela disse numa voz hesitante, – Como está se sentindo agora? Quero dizer, com o ex e tudo mais?

Eu meditei.

— Eu tenho um buraco enorme no coração – respondi. – Mas vai se fechar.

— Eu não quero soar como o Dr. Phil – ela disse. – Mas não deixe a cicatriz selar a dor lá dentro, okay?

— É um bom conselho – falei. – Espero conseguir lidar com isso.

Estive fora por alguns dias, e esses dias foram memoráveis. Ao nos aproximarmos de Bon Temps, eu imaginei se Tanya teve sucesso em conseguir que Sam a convidasse para sair. Imaginei se teria que contar a Sam sobre o papel dela como espiã. Eric não tinha mais que ficar confuso à meu respeito, já que nosso grande segredo foi revelado. Ele não tinha domínio sobre mim. Os Pelts

cumpririam a palavra? Talvez Bill fizesse uma longa viagem. Talvez uma estaca caísse acidentalmente em seu peito enquanto estivesse fora.

Não ouvi falar de Jason enquanto estive em Nova Orleans. Imaginei se ele ainda planejava se casar. Esperava que Crystal tivesse se recuperado.

Imaginei se a Dra. Ludwig aceitava pagamentos do seguro. E o casamento duplo dos Bellefleur seria um evento interessante, mesmo se eu trabalhasse enquanto estivesse lá.

Respirei fundo. Minha vida não era tão ruim, disse a mim mesma, e comecei a acreditar que fosse verdade. Eu tinha um novo namorado, talvez; tinha uma nova amiga, certamente; e eu tinha eventos pelas quais aguardar.

Isso tudo era bom e eu devia estar grata.

E daí se eu fosse obrigada a comparecer numa conferência vampira como parte da comitiva da rainha? Nós ficaríamos num hotel elegante, vestiríamos um bocado de roupas bonitas, compareceríamos a longas reuniões chatas, se tudo que as outras pessoas me contaram sobre conferências era verdade.

Céus, que mal haveria nisso?

Melhor não pensar a respeito.

Livros da Série

1 — Morto Até o Anoitecer — Dead Until Dark (2001)

2 — Vampiros em Dallas — Living Dead in Dallas (Março de 2002)

3 — Clube dos Mortos — Club Dead (Maio de 2003)

4 — Morto para o Mundo — Dead to the World (Maio de 2004)

4.1 — 'Fairy Dust' do livro Powers of Detection (Outubro de 2004)
4.2 — 'Dancers in the Dark' do livro Night's Edge (segue o universo dos livros mas sem a Sookie) (Outubro de 2004)
4.3 — 'One Word Answer' do livro Bite (Dezembro de 2004)

5 — Absolutamente Morto — Dead as a Doornail (Maio de 2005)

6 — Definitivamente Morto — Definitely Dead (Maio de 2006)

6.1 — 'Tacky' do livro My Big, Fat Supernatural Wedding (segue o universo dos livros mas sem a Sookie) (2006)

7 — Todos Mortos Juntos — All Together Dead (Maio de 2007)

7.1 — 'Dracula Night' do livro Many Bloody Returns (Setembro de 2007)

8 — Pior do que Morto — From Dead to Worse (Maio de 2008)

8.1 — 'Gift Wrap' do livro Wolfsbane and Mistletoe (Outubro de 2008)
8.2 — 'Lucky' do livro Unusual Suspects (Dezembro de 2008)

9 — Morto e Enterrado — Dead and Gone (Maio de 2009)

9.1 — 'Bacon' do livro Strange Brew (Julho de 2009)

9.2 — 'The Britlingens Go to Hell' do livro Must Love Hellhounds (Setembro de 2009)

9.2 — 'Dahlia Underground' do livro Crimes by Moonlight (Abril de 2010)

10 — Morte na família — Dead in the Family (Maio de 2010)

10.1 — Deadth's Exellent Vacation (Agosto de 2010)

11 — Dead Reckoning (Maio de 2011)

11.1 — 'If I Had A Hammer' do livro Home Improvement: Undead Edition (Agosto de 2011)

11.2 — 'Playing Possum' do livro An Apple for the Creature (Setembro de 2012)

12 — Deadlocked (Maio de 2012)

13 — Dead Ever After (Maio de 2013)

[1] No original “the vampire had implied her interest was in bedding them”, “bedding” – levar para cama. “Or had they understood she meant to bleed them”, “bleed” – sangrar. “Bedding” e “Bleeding” tem leitura semelhante, daí o engano na interpretação.

[2] No original, Tana-Lot significaria algo como Bem Bronzeado, um local com máquinas de bronzeamento artificial. Bunch-o-Flicks seria Um-Monte-de-Filmes. Sem muito sentido na tradução em português, então a opção foi deixar no original, já que no caso são nomes dos estabelecimentos do tal Peck.

[3] Big Easy, apelido carinhoso dado à cidade de Nova Orleans, como Big Apple para Nova York ou Frisco para San Francisco.

[4] Referência ao Walter Reed General Hospital, localizado em Washington, D.C.

[5] No original, nutria ou “coypu” em inglês – conhecido como ratão do banhado, uma espécie de roedor parecido com o castor.

[6] U-Haul é uma empresa que lida principalmente com aluguel de veículos para mudança e coisas relacionadas.